

ATAQUE E DEFESA ASTRAL

Marcelo Ramos Motta

ATAQUE E DEFESA ASTRAL

(sendo

O EQUINÓCIO NO BRASIL

Volume I, Nº 3)

Por

MARCELO MOTTA

(Frater Parzival XIº)

An LXXXIII Sol in Áries

Março, 1986 e.v.

A.'. A.'.

Publicação em Classes C e E

Imprimatur:

93	$10^{\circ}=1^{\circ}$	
666	$9^{\circ}=2^{\circ}$	Pro Coll.
216	$8^{\circ}=3^{\circ}$	Summum

O.M.	$7^{\circ}=4^{\circ}$	
33	$6^{\circ}=5^{\circ}$	Pro Coll.
0	$5^{\circ}=6^{\circ}$	Int.

A.	$3^{\circ}=8^{\circ}$	Pro Coll.
		Ext.

ATAQUE E DEFESA ASTRAL

NOTA EDITORIAL

Era nossa intenção publicar, como segundo número deste primeiro volume de *O Equinócio no Brasil*, partes I e II de Livro Quatro, de Frater Perdurabo, sob o título *Ioga e Magia*. Entretanto, a venda lenta de *O Equinócio dos Deuses*, a qual já fora prevista, levou-nos a modificar nossos planos, substituindo a obra prima de Aleister Crowley por um trabalho mais acessível ao público em geral.

Interessados nesta série, que podemos dizer única na história de publicações de ocultismo no Brasil, são convidados a consultar o *Plano de publicações* ao fim deste volume. Críticas e sugestões serão bem-vindas. Pedidos de reservas serão ~~mais~~ bem-vindos ainda!

Por motivos que serão óbvios para os experientes e os ponderados, aconselhamos correspondentes a nos enviarem suas cartas *registradas* e, caso não recebam resposta dentro de um período razoável, ou caso suas missivas lhes sejam devolvidas com notificações de que o destinatário não se encontrava naquele endereço, etc., escrevam novamente.

Quaisquer respostas que os leitores recebam e que contrariem os princípios de *Líber OZ*, também incluído neste volume como parte do Apêndice, ou que pareçam defender ou simpatizar com o catolicismo romano em geral, e com o Credo de Nicéia em particular, *não terão sido escritas por nós*. Tanto a O.T.O. quanto a A.'. A.'. encaram com o merecido desprezo quaisquer correntes de pensamento, quer religioso, econômico, ou político, que tentam se impor sobre a massa humana através de ameaças, chantagem emocional, ou mecanismos repressivos.

A bom entendedor meia palavra basta.

PREFÁCIO

Faze o que tu queres há de ser tudo da Lei.

A disseminação de conhecimento oculto é maior neste momento que em qualquer época anterior da história. Ao mesmo tempo, a Passagem dos Aeons, que ocorreu em abril de 1904 da era vulgar, mudou completamente as condições do desenvolvimento psíquico. As palavras de passe e os sinais religiosos das antigas fraternidades iniciáticas, e das religiões estabelecidas *perderam todo o seu poder mágico*. Isto é um fato de que pouca gente se tornou consciente ainda.

Livros de feitiçaria, de baixa magia, e de psiquismo passivo se aglomeram nas estantes das livrarias com tratados sobre “parapsicologia”. Charlatões inescrupulosos se arvoram em “doutores” dessa nova “ciência”. O fato é que não existe qualquer universidade séria no mundo que dê diplomas de doutorado em parapsicologia. O assunto é estudado em muitos centros de ensino, mas apenas como um ramo, ou especialidade, da psicologia ou da psiquiatria. Pessoas que alegam ser “parapsicologistas formados” são tão mentirosas quanto aquelas que alegam que existiu um homem chamado “Jesus Cristo”. Não existiu tal homem: *o moto mágico* “Jesus Cristo” foi uma fórmula de poder no Aeon passado, a qual, pronunciada com fé, protegia contra ataque; mas não protege mais. Pelo contrário, aqueles que usam este nome correm perigo de atrair a influência das correntes mortas que ainda circulam (por virtude do momentum adquirido durante séculos de imantação), mas que não têm mais qualquer elo com a Hierarquia espiritual que zela pelo destino da humanidade.

Quando o autor destas linhas tinha doze anos de idade ele já estudava ocultismo. Em certa ocasião sofreu um ataque mágico durante o sono: uma entidade maléfica procurou adquirir controle de seus plexos nervosos, ou “chacras”. Sentindo o ataque, mesmo dormindo eu reagi; a entidade percebendo que fora identificada, recuou em direção à janela do quarto, que estava aberta. Eu lhe bradei, conforme recomendavam os livros que estudava:

- Eu te exorcizo em nome de Jesus!

Ao dizer eu isto, a entidade (envolta em um manto negro e com um chapéu negro de abas) parou de fugir e soltou uma desafiadora gargalhada. Então, ainda rindo com desdém, saiu pela janela. Eu acordei, sentado na cama, com um pé para fora, a mão erguida no gesto de exorcismo que fizera ainda no sono, suando frio, voltado em direção à janela; e a memória daquela gargalhada chocou-me pela sua zombaria. Foi a primeira vez que percebi que as palavras rituais do cristianismo tinham perdido efeito sobre os seres do invisível. Somente onze anos mais tarde dei-me conta do motivo: a Passagem dos Aeons.

A disseminação do conhecimento oculto põe à disposição dos inescrupulosos armas e recursos para influenciar os inocentes sem que estes percebam que sua integridade está sendo atacada. A Lei espiritual da Nova Era é *Faze o que tu queres*. Ora, esta Lei é para todos. Aqueles que buscam influenciar indevidamente a liberdade de seus próximos estão procurando restringir a autonomia espiritual destes; e como está escrito; AL i 41, *a palavra de Pecado é Restrição*.(1)

No passado, as correntes espirituais das diversas religiões proviam seus crentes com alguma defesa; mas a modificação na polaridade terrestre, como já dissemos, tornou as palavras e sinais dessas religiões imponentes, ou até mesmo enganadores. Se você acredita que o nome “Jesus Cristo” tem força, e algum ente se aproxima de você quando você invoca esse nome, você naturalmente concluirá que se trata de um ente sincero e benfazejo, e não ficará em guarda contra ataque. Acontece, no entanto, que esse nome agora faz parte das forças mortas. Se você tentar utilizá-lo para se defender, não terá valor algum, e qualquer entidade maléfica pode utilizá-lo para lhe enganar. Como diz AL i 49: *Ab-rogados estão todos os rituais, todas as ordálias, todas as palavras e sinais.*

Este é um dos muitos pontos importantes que a maioria dos escritores sobre obsessão, ataques mágicos, etc., esquece ou evita (!) mencionar. Em nosso livro daremos numerosos exemplos práticos de defesa contra os mais diversos tipos de ataques ocultos. Esses exemplos serão tirados de nossa própria experiência, ou da experiência de nossos discípulos ou colegas. Evitaremos relatar qualquer fenômeno de que não tenhamos conhecimento pessoal. Todo mundo já ouviu falar de um amigo que tem um amigo que tem outro amigo que viu um disco voador, ou conversou com o Conde de São Germano pessoalmente! (2) As mentiras e os exageros mais incabíveis são descritos com sinceridade e até com fé na maioria dos livros de ocultismo, mas as normas disciplinares da Organização a que pertencemos nos impediriam de tais desatinos, mesmo se eles fossem de nosso feitio. Os exemplos que citamos estão documentados, e a origem será sempre mencionada. Em alguns casos, porém, principalmente aqueles que se originam da experiência de pessoas ainda vivas ou de discípulos nossos, tomamos a liberdade de mudar nomes ou locais, para proteger gente séria e dedicada contra a perseguição dos fanáticos ou a curiosidade ociosa dos falsos entusiastas.

Com a disseminação da literatura de falso ocultismo e “parapsicologia”, ataques contra a integridade psíquica de outras pessoas estão se tornando perigosamente comuns. O público médio, por enquanto, ainda não se tornou cômico do tipo de coisa que é tentado por gente inescrupulosa que conhece um pouco dos poderes da mente humana, e se dedica a utilizá-los para fins indignos. Por causa de nossos interesses especializados, entramos em contato com vítimas de tais ataques. Muitas vezes fomos consultados sobre a melhor maneira de se defender contra enfeitiçamentos, sugestão, hipnotismo e fascínio magnético doentio. Ainda devido a nossos interesses, entramos em contato com homens e mulheres que podemos chamar de iniciados, e até de Mestres: temos visto fenômenos que transcendem em profundidade e alcance aqueles obtidos em qualquer sessão espírita, ou aqueles que são gabados como “milagres” pelas mais diversas religiões. Temos participado em combates nos planos sutis, e obtido o apoio daquela força policial oculta que, sob a autoridade da Hierarquia espiritual, mantém guarda sobre todas as nações. Já houve ocasiões em que, como todos os iniciados em alguma etapa de suas vidas, fomos forçados àquela vigília mágica em que o aspirante não se atreve a dormir enquanto o sol está abaixo do horizonte; já afrontamos aquela pressão esmagadora que só se desfaz quando a fase da lua muda, e a força de um ataque magnético se desgasta e apaga.

Foi o contato com pessoas que conheciam os nossos interesses, e nos procuraram para consulta que nos levou a escrever este livro; mas é necessário que façamos uma cuidadosa distinção entre aquilo que é realmente uma experiência psíquica

e aquilo que é apenas auto-sugestão ou uma perturbação psicossomática de origem fisiológica. Não é fácil (para ocultistas prudentes!) ter certeza de que a pessoa que se queixa de um ataque sutil não está meramente sofrendo o tumultuar de seus próprios recalques, ou não está fisicamente enferma. Histeria, psicose e distúrbios glandulares em geral são, pelo menos por enquanto, bem mais comuns que um caso legítimo de – por exemplo – possessão ou obsessão demoníaca; nem sabe o público, e muito menos os teólogos, aquilo que um ocultista iniciado quer dizer quando fala dos “demônios”. Todos os fatores possíveis têm que ser considerados quando investigamos uma situação que alguém alega ter sido causada por um ataque astral; e nas páginas que seguem procuraremos descrever não só os métodos de defesa contra esse tipo de crime, como também a maneira de perceber aqueles casos que deveriam antes estar nas mãos de um neurologista, um psiquiatra, e às vezes até mesmo de um cirurgião.

Devemos ainda, por outro lado, prevenir as pessoas imaginativas ou sugestionáveis contra o estudo deste livro. Seria preferível para elas que não nos levassem a sério, e encarassem o que segue apenas como outro conto de horror fantástico, ou ficção científica. Esta obra está dirigida a estudantes sérios e aqueles que se sentem confrontados pelos problemas que ela descreve. É necessário, neste momento, psiquicamente turbulento da história da humanidade, abrir os olhos de homens e mulheres mais evoluídos quanto à natureza das forças com as quais vamos entrando mais e mais em contato à medida que a humanidade progride.

Amor é a lei, amor sob vontade.

(1) Esta e outras referências são a capítulo e versículo de Líber AL, O Livro da Lei. Veja-se O EQUINÓCIO DOS DEUSES para o texto completo.

(2) Franz hartmann, em certa ocasião, publicou um retrato que, segundo ele, lhe fora dado por Helena Blavatsky, com a declaração de que era um retrato dela em sua encarnação de Cagliostro. Acontece, entretanto, que se trata de uma cópia de um retrato de um dos reis da Prússia, e o original ainda se encontra dependurado num museu alemão! Ficamos sem saber se Franz hartmann mentiu despidoradamente, ou se a Mestra se divertiu á custa dele.

CAPÍTULO I

SINTOMAS DE ATAQUES OCULTOS

A ciência moderna avançou tanto que atingiu o limiar do ocultismo. Sabemos hoje em dia que a aparência material das coisas é pura aparência; que a solidez das substâncias físicas é uma ilusão dos nossos sentidos. Um bloco de granito é um conjunto de partículas elétricas de diferentes cargas, movendo-se em órbitas complexas em volta umas das outras: se fosse possível anular o sistema de forças que as mantém separadas, as partículas do bloco de granito poderiam ser comprimidas em um volume menor que o da cabeça de um alfinete (conservando, é claro, o mesmo peso). Uma parede de aço impenetrável não é, realmente, impenetrável: se pudéssemos neutralizar a carga de nossos corpos, passaríamos através do aço com a mesma facilidade com que a água escorre através dos buracos de uma peneira.

Nossos próprios corpos não são mais que universos em miniatura. As partículas de que se compõe nossa vida estão enfeixadas num sistema de órbitas incrivelmente complexo que nadam num campo magnético. Ocultistas falam do plano astral, do plano emocional, do plano mental, do plano etérico. Tudo isso nada mais é que campos de energia vibrando em velocidades diversas, todos se interpenetrando e se concentrando em focos infinitesimais que, para os nossos sentidos grosseiros, aparecem como a carne “sólida” de que somos compostos. O assim chamado materialismo científico nunca existiu. Não há diferença entre a matéria e a energia, e aquilo a que chamamos “morte” é apenas uma das modificações do infinito oceano da vida.

Nesse aspecto invisível das coisas (invisível para os nossos sentidos), por enquanto difícil de pesquisar até para os nossos mais precisos instrumentos científicos, ocorrem continuamente fenômenos de que não nos tornamos imediatamente conscientes, mas que no entanto podem produzir ecos naquilo que convencionalmente chamamos de “matéria”. Há seres compostos de energia mais sutil que aquelas que impressiona as nossas mentes através dos sentidos físicos: seres que deslizam numa gama vibratória tal como peixes nadam no oceano. Há, também, homens e mulheres cujas mentes foram especialmente treinadas, ou que possuem de nascença uma aptidão especial para entrar nesse oceano invisível de energia de uma maneira análoga àquela em que um mergulhador imita os peixes no mar físico. E há também ocasiões em que, assim como no mar físico um maremoto ocorre, ou um dique sobrecarregado arrebenta, as energias sutis invadem nossa consciência física e impregnam, inundam nossas vidas.

Normalmente, isto não acontece. A nossa própria incapacidade de perceber essas forças sutis nos protege contra elas; mas a proporção de seres humanos sensíveis a elas está aumentando, e continuará aumentando durante o Novo Aeon – um dos motivos por que este livro se faz necessário.

Há quatro condições principais sob as quais o véu que nos separa do Invisível pode ser rompido involuntariamente. Primeiro, há lugares na superfície da terra em que as forças astrais se concentram em massa. (Isto é, na maior parte das vezes, o resultado de uma combinação accidental entre certas estruturas geológicas e certas correntes do magnetismo terrestre; mas com igual frequência, tais locais são utilizados,

precisamente em virtude dessas características, como templos por diversas, e às vezes sucessivas, religiões, e isto resulta em um desses Portais raros, mas essencialmente naturais, entre o mundo material e o Invisível).

Segundo, podemos entrar em contato acidental com pessoas que estão, consciente ou inconsciente, lidando com essas forças. Esta, aliás, é a forma mais comum de “ataque” oculto: a que tem origem na ignorância ou na imprudência dos nossos semelhantes. Raramente tais situações são propositais, raramente a agressão é deliberada. Um carro pode derrapar e matar um transeunte: seria injusto chamar o motorista de assassino. Podemos dar a mão a uma pessoa, e nesse instante mesmo a pessoa pode tocar, acidentalmente, num fio elétrico exposto: será justo acusarmos essa pessoa do choque que através dela recebemos? É necessário sempre que evitemos automaticamente suspeitar de malignidade deliberada atrás de um “ataque” astral: a pessoa de quem a agressão parece emanar pode não tê-la originado; a agressão mesma pode ser o produto de um infeliz acaso. Por esta e outras razões (que exporemos mais tarde), não devemos jamais reagir a um ataque oculto com outro ataque: só é possível controlar uma força eficientemente se nos elevarmos acima do plano em que ela se manifesta.

Terceiro, nosso interesse em fenômenos ocultos pode nos levar a situações imprevistas em que nos tornamos, nós mesmos, o tipo de pessoa que mencionamos no parágrafo anterior (isto, aliás, é uma consequência inevitável do caminho iniciático!). Outro dos motivos por que escrevemos este livro foi para prover os inexperientes com alguns dados elementares de segurança. Se entramos em contato com forças sutis sem respeitar as leis que regem a sua ação, o resultado poderá ser desastroso, no senso em que desrespeitar qualquer fenômeno natural pode ser desastroso, sem que, em si mesmas, as forças de que nos tornamos vítimas estivessem procurando nos atacar. Por exemplo, se invadirmos o território de um leão selvagem sem tomarmos as precauções necessárias, é bem possível que o animal nos ataque e nos destrua; mas não será justo dizermos que o leão nos odeia pessoalmente, e que deseja prejudicar-nos. Afinal de contar, não é ele o invasor, nós somos.

Finalmente, há certas condições patológicas do corpo humano que produzem um enfraquecimento do véu que normalmente nos separa do Invisível, com o resultado de que as forças sutis invadem o nosso sistema nervoso.

Qualquer que seja a origem de um “ataque” oculto, um sentimento de medo sem causa consciente, e uma sensação de opressão e peso emocional ou moral são freqüentemente os primeiros sintomas. À medida que a situação progride, começa-se a sentir exaustão nervosa. Em certos casos, os tecidos corporais gradualmente se desgastam até que a pessoa se torna praticamente pele e osso, e jaz de cama o tempo todo, sentindo-se demasiado fraca para se mover. Esta última fase é, felizmente, muito rara. Caso medidas apropriadas não sejam tomadas, a deterioração progride até a morte física. Quase sempre o ataque é perpetrado por um vampiro. Citaremos exemplos mais adiante, e descreveremos os métodos de defesa.

Mais comumente, esgotamento nervoso e perturbações mentais são os efeitos de um ataque mágico. A vítima tem pesadelos de que não se recorda ao acordar, mas que a deixam com receio de dormir. Às vezes, a perturbação nos planos sutis se reflete de formas especiais no corpo físico. Um investigador conta ter visto a marca de

um casco de animal, como se a pessoa tivesse levado um coice violento; outra, arranhões profundos marcados sob a epiderme, sem quebrar a superfície cutânea, parecendo como se a vítima tivesse estado nas garras de um gato gigantesco. Tais marcas passam pelos estágios normais das equimoses, e vão esmaecendo até se apagarem ao fim de alguns dias.

Odores desagradáveis, sem qualquer origem física perceptível, são também um possível sintoma de ataque oculto. O cheiro mais descrito é o de carne podre, que vem e vai de sopetão, mas enquanto se manifesta, não há dúvida quanto à sua presença: qualquer pessoa, seja sensível ou não, pode sentir o fedor.

Deveria ser desnecessário insistir que a possibilidade de alguma explicação de ordem puramente material deve ser cuidadosamente pesquisada antes de atribuirmos tais ocorrências ao Invisível, e isto mesmo quando os elementos aparentemente sobrenaturais do fenômeno parecerem mais evidentes. Por exemplo: um aspirante de nosso conhecimento telefonou-nos um dia, assustadíssimo, anunciando que estava sob ataque. Corremos à sua casa, onde efetivamente se notava, na sala de estar, um desagradável cheiro de carne podre. Mas abrindo o sofá-cama, demos com o cadáver de um camundongo que, tendo ingerido veneno que a dona da casa botara num buraco, ali se refugiara para morrer.

Devemos também sempre manter em mente a possibilidade de uma fraude deliberada, mesmo onde isto parecer impossível. A ciência do ilusionismo, por exemplo, está tão aperfeiçoada em nossa época que pode produzir a aparência dos mais espantosos milagres. A multiplicidade de charlatões é tamanha que investigadores sérios, principalmente se têm treino científico, tendem a só considerar fenômenos parapsicológicos legítimos os que são obtidos sob condições de rígido controle, e na presença de um ilusionista profissional. Recentemente, um charlatão internacional se exibiu na televisão brasileira, alegando ser capaz de entortar objetos de metal e influenciar o funcionamento de relógios à distância. Pouca gente sabe que esse indivíduo (que iniciou carreira como ilusionista, de parceria com outro rapaz que ainda o acompanha até hoje, e auxilia as suas manipulações dos bastidores) foi condenado em seu país natal por tentar empregar a prestidigitação para se passar por vidente e taumaturgo, e recusa sempre efetuar seus “fenômenos miraculosos” na presença de mágicos profissionais. Ele tem sido desmascarado pela comunidade internacional de Ilusionistas onde quer que alardeie seus poderes.

Recentemente um pesquisador escreveu, numa publicação científica de fama internacional, que quando quer que ele encontre um caso de campainhas de porta que tocam sem causa aparente, batidas misteriosas, queda inexplicável de água, óleo ou sangue dos tetos das salas, e outros tais fenômenos aparentemente psíquicos, ele sai logo em busca de uma empregada ou pessoa da casa que exiba sintomas de histeria.

Padres católicos romanos, quando se encontram na presença de “possessos do diabo”, fariam bem em ponderar as restrições antinaturais que são impostas pela religião “cristã” a seus infelizes seguidores. Mas, como todo mundo sabe, sem o “diabo” não haveria o “Cristo”, e possessos do diabo católico romano, como veremos adiante, só aparecem para alardear a teologia do romanismo.

Iniciados não têm qualquer interesse em “provar” a existência do Invisível: eles não seriam *iniciados* se não tivessem tido experiência pessoal da experiência dos planos sutis, e daquelas partes da consciência humana que são da mesma gama vibratória que essas esferas de energia que a ciência oficial está começando finalmente a estudar. Nós *sabemos* que o Invisível existe. Portanto, quando um caso de extrusão indevida das forças sutis no mundo material nos é anunciado, nós procuramos investigar a situação com a maior objetividade possível. A solução de um pretenso caso de ataque mágico não deve ser procurada em nossos preconceitos, e sim na evidência disponível. O primeiro passo, em todo caso, é chamar o médico ou o psiquiatra em nosso auxílio. Se os fenômenos não podem ser curados em termos de doenças do sistema nervoso ou glandular, ou explicados em termos de repressão anormal dos instintos naturais do animal humano, então é tempo de considerarmos a nossa experiência e aplicarmos nos nossos testes especializados. É claro que há mais no homem que apenas corpo e mente. Somos seres espirituais manifestados sobre este plano, e corpo e mente são apenas as vestimentas de um viajor que atravessa uma terra estranha.

CAPÍTULO II

ANÁLISE DA NATUREZA DE UM ATAQUE OCULTO

Quando um ataque oculto é deliberado, sua forma mais comum é uma combinação de telepatia com sugestão. Antes de entrar em mais detalhes quanto ao mecanismo deste tipo de ataque, daremos um exemplo concreto.

Uma colega nossa, faz alguns anos, recém-saída da universidade, foi convidada a ocupar o cargo de diretora num estabelecimento de ensino no interior do país. Seu subordinado imediato era um homem alto, magro, moreno, extremamente católico, mas que pertencia a uma organização de origem holandesa chamada “Lectorium Rosicrucianum” e freqüentemente se referia, veladamente, aos conhecimentos “ocultos” que obtivera através dessa organização.⁽¹⁾ Este indivíduo, conforme foi verificado mais tarde, sentira-se preterido pela nomeação de nossa colega para o cargo de diretora, que ele ambicionava. Tinha como hábito controlar a equipe de professores pelo seu poder mental, e vários casos estranhos de esgotamento nervoso faziam parte do histórico do colégio desde que ele fora empregado. Entre estes casos estava incluída a antecessora de nossa colega, que se demitira do cargo por “motivos de saúde”.

Nossa colega, nessa época, ainda não estava interessada em ocultismo: de fato, suas experiências com esse senhor levaram-na ao estudo do assunto. Ela era extremamente jovem, inexperiente e sensível; o único motivo por que a posição de diretora lhe havia sido oferecida fora a sua brilhante carreira universitária. Embora admirando a eficiência do seu subordinado imediato, que se oferecera para cuidar de todos os detalhes administrativos, “poupando trabalho à chefe”, como ele dizia, ela sentia uma antipatia instintiva por ele. Esta antipatia se acentuava quando ele se referia à sua ligação com o tal “Lectorium Rosicrucianum”. Nossa colega procurava controlar essa repugnância, mas sentia que o seu assistente, de alguma maneira inexplicável, estava cômico dela. Na época, além do mais, nossa colega já tinha uma atitude positiva e científica para com assuntos religiosos, e se considerava uma agnóstica. O fato de que ela não ia à missa aos domingos, numa cidade pequena e extremamente católica, foi o primeiro (conforme ela só veio a saber mais tarde) a ser utilizado contra ela pelo seu ajudante”, que escreveu longas cartas aos proprietários do colégio insinuando que ela, por sua atitude, estava antagonizando os pais dos alunos para com a instituição.

Em seu segundo mês de gestão nossa colega teve o primeiro atrito sério com o seu lugar-tenente. Ele, um homem extremamente colérico e que não tolerava a mínima desobediência às suas ordens, fosse por que motivo, despedira uma faxineira sem aviso prévio e sem indenização. A mulher veio queixar-se à diretora, e nossa colega levou o caso à atenção de seu subordinado, apontando-lhe, bastante gentilmente aliás, que só ela tinha autoridade para despedir empregados da instituição.

Em vez de admitir este fato incontestável, o homem replicou que ela sabia perfeitamente que a faxineira era desonesta e displicente no serviço. Em seguida, fixando-a profundamente nos olhos, citou-lhe repetidamente as faltas da faxineira, em

voz clara e firme. “Isto, e isto, e isto aconteceu. Você sabe que aconteceu. Você sabe que ela fez isto”.

Felizmente para a faxineira, já nessa época nossa colega tinha o hábito de manter um diário em que anotava cuidadosamente as ocorrências no colégio. Não fosse isto, segundo seu próprio testemunho ela teria acreditado nas acusações, pois acabou fugindo de sua própria sala e da presença do acusador, sentindo-se tão atordoada e exausta que foi direto para seu quarto e dormiu até a manhã seguinte. Diz ela que dormiu mais de dez horas sem acordar. De manhã consultou seu diário, viu que as acusações do seu auxiliar não eram cabíveis e mandou chamar a faxineira.

- A bem da disciplina – disse-lhe – eu não quero contrariar a decisão do meu colega. Mas eu sei que as acusações dele são injustas. Você terá sua indenização, e uma carta de recomendações de meu próprio punho.

Este foi o primeiro erro que ela cometeu. Ao concordar em despedir a faxineira injustamente, estava se submetendo à vontade mágica perversa do seu subordinado. Mas como já dissemos, ela era jovem e inexperiente. Poucos dias depois o “assistente”, encorajado por esta primeira vitória, voltou à carga. Ele se desentendera com um dos professores mais conceituados do estabelecimento, a quem dera uma “ordem” e que reagira energicamente, dizendo-lhe que era um profissional e não um escravo, e que não recebia ordens dadas nesse tom de ninguém, nem mesmo da diretora...

O método de ação do subordinado foi exatamente o mesmo. Ele foi ao gabinete de nossa colega e exigiu que ela despedisse o professor. Em voz clara e firme, e com os olhos fixados nos de sua superiora, fez-lhe afirmações calmas e repetidas. Nossa colega contou-nos mais tarde que, para sua intensa surpresa, ela se percebeu concordando em voz alta com seu assistente quanto a uma série de gravíssimas acusações contra o professor. A mesma exaustão nervosa e o mesmo cansaço se apossaram dela, e eventualmente ela concordou apressadamente em despedir um homem inocente e retirou-se da sala, alegando uma forte dor de cabeça. Mas desta vez, ao sair da sala, ela sentiu pela primeira vez na vida uma sensação estranhíssima: ao caminhar, era como se seus pés não estivessem, nas palavras dela, “no lugar onde deviam estar”. (2)

Chegando a seu quarto, nossa colega novamente caiu num sono profundo que durou até a manhã seguinte. Ao acordar, ela se sentiu profundamente envergonhada de seu procedimento na noite anterior. Consultou, mais uma vez, seu diário, e verificou que todas as acusações que seu assistente fizera contra o professor eram totalmente infundadas. No entanto, ela havia concordado com todas após cinco minutos de repetições! Pode-se imaginar a sua confusão. Ela não conseguia compreender como fora capaz de concordar com tanta calúnia, mas sentia instintivamente que seu assistente era responsável pela sua fraqueza. Podemos imaginar sua revolta. Ela se vestiu, foi para a sua sala e mandou chamar o assistente. Assim que este entrou na sala ela lhe disse:

- Senhor N., eu estive revendo o caso que o senhor me apresentou ontem à noite. As suas acusações eram completamente sem fundamento. É a segunda vez que o senhor faz isto, e se houver uma terceira eu serei forçada a pedir a sua demissão.

O homem alto, magro, moreno, de olhos penetrantes, absolutamente não se perturbou. Olhando fixamente a moça, quinze anos mais jovem que ele, disse-lhe com voz firme e serena:

- Quem vai pedir demissão é você. Antes de sair deste escritório você vai admitir que é incompetente e que não tem confiança em si mesma.

Ora, muito poderia ser dito contra a competência de nossa colega, que mal atingira a maioridade, e estava ainda em seu primeiro emprego; mas autoconfiança é coisa que, podemos testemunhar, nunca lhe faltou. Ela respondeu imediatamente que se N. tinha dúvidas quanto à sua capacidade para o cargo poderia expressá-las por escrito diretamente aos proprietários do colégio, quando ela teria prazer em responder as acusações, e apresentar algumas por sua vez.

Em vez de replicar ou discutir, o homem olhou-a fixamente nos olhos e repetiu, em voz clara e firme:

- Você é incompetente, e você sabe disto. Você não tem confiança em si mesma, e você vai admitir que não tem.

- Isso não é verdade – nossa colega protestou. – Eu faço bem o meu trabalho, e o senhor sabe que eu o faço bem.

Este foi o segundo erro que ela cometeu. Se tivesse mais experiência da vida, ou um módico treino oculto, teria se retirado imediatamente. Em vez disto, ela ficou e procurou dialogar com seu oponente. Este meramente repetiu suas duas frases anteriores, e continuou repetindo-as como uma ladainha. Nossa colega entrara em seu escritório às dez horas da manhã; saiu às três da tarde. Durante este intervalo de tempo, segundo ela, o homem repetiu seu mantra venenoso várias centenas de vezes.⁽³⁾ Ela entrara uma jovem alerta e cheia de saúde; saiu em total estado de confusão mental e esgotamento físico, e esteve doente durante mais de um ano.

Longe de não ter autoconfiança, seu problema é que tinha autoconfiança demais. A pessoa que é autoconfiante ao ponto de se achar capaz de enfrentar um gorila desarmado é mais que autoconfiante, é temerária. A força mental do ambicioso assistente estava para a força mental de nossa pobre amiga como a força de um gorila está para a de um ser humano. Ela sentiu, instintivamente, que se admitisse ser incompetente e indecisa nunca mais faria algo de valor na vida mas ignorava totalmente a técnica para se defender contra este tipo de ataque, a qual consiste simplesmente em *não lhe dar atenção*. Ao discutir e argumentar com seu adversário, ela estava inconscientemente admitindo que dava valor à opinião deste e afirmando a existência de lealdade intelectual entre os dois. Este segundo erro agravou a vulnerabilidade estabelecida pelo primeiro, e antes que ela percebesse o que estava acontecendo já estava fascinada. Gradualmente, tudo em volta dela foi se tornando irreal, como em um sonho. Sua faculdade de visão pareceu se tornar cada vez mais estreita, até que somente o rosto moreno e magro e os olhos penetrantes do seu atacante eram visíveis. Novamente ela sentiu que seus pés não estavam tocando o chão na extremidade de suas pernas, e sim mais abaixo.

Neste momento, um fenômeno curioso ocorreu. Ela ouviu distintamente uma voz interna cobrir a voz do adversário e dizer-lhe:

- Finja que está derrotada. Então ele relaxará o ataque e você poderá escapar. (4)

Nossa colega seguiu imediatamente o conselho. Diz ela que pediu humildemente perdão ao seu subordinado, por tudo que já tinha feito na vida e por tudo que ainda poderia fazer. Isto, por si só, como explicaremos mais tarde, não era muito grave; mas na sua inexperiência e estado de fraqueza ela cometeu um terceiro e sério erro: ao pedir perdão, ajoelhou-se diante do atacante.(5) Este interrompeu finalmente a sugestão hipnótica, acariciou-lhe a cabeça e “perdoou-a”, muito satisfeito com o seu trabalho.

Nossa colega voltou ao seu quarto e atirou-se ao leito vestida mesmo. Sua mente estava num estado de completo atordoamento. Várias horas mais tarde uma professora, estranhando sua ausência à mesa de jantar, veio ao seu quarto e tentou reanima-la. Mas ela continuava atordoada, e recusou-se a descer ao refeitório. Trouxeram-lhe comida no quarto, mas ela não comeu. Vários colegas vieram visitá-la, mas o seu assistente não apareceu, embora tivesse sido avisado do seu estado.

Esta situação continuou durante três dias, ao fim dos quais a família, que havia sido prevenida pelo professor que ela defendera, compareceu ao colégio. Seus pais perguntaram-lhe o que tinha acontecido, mas nossa colega não soube explicar; sua mente estava em branco. Qualquer memória de sua sessão com seu subordinado tinha desaparecido completamente. (6) Tudo o que ela sabia é que sentia medo: um medo constante e sem motivo aparente. Não era medo de alguma coisa ou pessoa em particular, mas não era menos terrível que isto. Ela jazia na cama com todos os sintomas físicos de medo intenso, a boca seca, as palmas das mãos suando, o coração batendo e a respiração acelerada e rasa.

A família, é claro, ficou imensamente intrigada, mas como não podia descobrir os motivos da situação da moça foi forçada a atribuir os sintomas a um esgotamento nervoso. Ela foi desligada do estabelecimento por motivos de saúde, e o seu assistente foi colocado em seu lugar. (7) A conselho do médico da família, ela foi levada para a fazenda de um parente no campo, para repousar e se recuperar.

Mas a recuperação foi lenta. A intensidade dos sintomas de medo diminuiu, mas ela continuava a se fatigar com facilidade fora do normal, como se tivesse sido privada de sua vitalidade natural, e estava completamente apática e sem iniciativa.

Após seis meses na fazenda ela recebeu a visita de uma amiga de infância, estudante de ocultismo. Esta, percebendo a natureza do seu estado, submeteu-a a um interrogatório cauteloso mas persistente. Pouco a pouco as circunstâncias esquecidas afloraram à sua consciência. Foi uma experiência extremamente penosa para ela: de fato, a lembrança do ataque produziu um choque emocional quase tão grande quanto o ataque mesmo. Mas finalmente ela conseguiu se livrar da sensação de medo que a acompanhava durante meio ano. Seu estado físico, entretanto, só progressivamente melhorou, e ela levou mais seis meses para se recuperar. O médico da família havia receitado calmantes: estes são muito prejudiciais em casos de depressão nervosa produzida por ataques nos planos sutis, pois incrementam a letargia do corpo etérico. A amiga, que era uma Probacionista da A.'.A.', consultou seu superior imediato. A doente foi aconselhada a tomar regularmente dosas altas de vitaminas que fortificam o

sistema nervoso, e a se esforçar por se exercitar fisicamente com moderação mas persistência. Ela começou com passeios a pé, cada vez mais longos; daí passou à natação e à equitação. Em seis meses voltara ao normal. Uma explicação completa do mecanismo do ataque lhe foi dada, e isto ajudou muito a sua recuperação: foi um imenso alívio para ela saber que algo real, concreto, e até corriqueiro (para iniciados!) lhe acontecera. Um dos piores receios fora o de que tinha tudo sido produto de sua imaginação, e que estava ficando louca.

Tendo voltado ao normal, ela se afiliou à nossa Ordem onde seu progresso tem sido bastante rápido. Sua experiência de ataques ocultos tem-lhe proporcionado inúmeras oportunidades de socorrer pessoas em situações análogas, e vários dos casos relatados neste volume provêm dos seus registros de trabalho mágico.

O processo de ataque contra essa moça foi sugestão, pura e simples, mas sugestão emitida com tal concentração da vontade que seu impacto no sistema nervoso da vítima foi imediato e duradouro. Não há evidência de que o criminoso tenha tentado reforçar a sugestão à distância, em cujo caso haveria telepatia. É muito provável que nossa colega tivesse se recuperado mias rapidamente do ataque, se não houvesse se ajoelhado diante do atacante: esta postura mágica está relacionada no inconsciente coletivo como a idéia de submissão há milênios.

A sugestão mágica, seja dirigida a nós mesmos, seja dirigida a outras pessoas, funciona melhor visual e muscularmente que verbalmente.. Os centros cerebrais de visão humana estão intimamente ligados aos do movimento, e muito mais desenvolvidos que os centros da linguagem. Não é eficiente dar ordens verbais ao nosso subconsciente, a não ser que sejamos, como a moça que acabamos de mencionar, pessoas de um certo nível cultural, acostumadas a verbalizar nossas reações. Para a pessoa média, dizer “Faça isto”, ou “Faça aquilo” é muito menos produtivo do que *visualizar* a situação que resulta de fazermos o que é desejado que façamos.

Por exemplo, suponhamos que um rapaz tímido deseje dizer um galanteio a uma moça bonita e tenha receio de perder a fala na hora; se ele se visualizar gago, suando frio, e repetir a si mesmo mentalmente “Não faça isso”, ou “Seja autoconfiante”, de pouco adiantará, pois a imagem visual impressionará a mente subconsciente com muito mais força que a verbalização. Na maior parte das pessoas, a mente subconsciente absorverá a impressão de nervosismo e de ridículo e não prestará atenção suficiente à sugestão de não agir assim. Seria muito mais eficiente para o rapaz visualizar-se aproximando-se da moça sorrindo e confiante, e falando-lhe com voz clara e uma atitude positiva. De fato, não é necessário sequer dizer “faça isto” mentalmente, embora assim fazendo reforcemos, é claro, o processo inteiro.

Este fato psicológico é bem conhecido hoje em dia por especialistas em propaganda, que tomam o máximo cuidado com os detalhes visuais dos seus anúncios, quer em cartazes, na televisão ou no cinema; e foi no passado utilizado por diversos cultos religiosos na execução de dramas ou “mistérios” litúrgicos.

A auto-sugestão faz parte do treino mágico, ma ela só se torna realmente eficiente se for executada simultaneamente em ação, palavra e pensamento, e isto com persistência e tranqüilidade de espírito. Devemos, além do mais, selecionar com cuidado onde e como aplicar a sua força. Por exemplo, é ineficiente buscarmos nos livrar de

maus hábitos através de sugestões negativas: “Não faça isto”, ou “Não seja assim”, visualizando ao mesmo tempo o que fazemos de errado. É muito melhor utilizar sugestões *positivas* que cancelem o meu hábito ao estabelecerem em nossa psique o hábito contrário. Suponha-se que somos preguiçosos e não gostamos de ler: devemos procurar criar imagens mentais de nós mesmos que sejam alertar, ativas, aplicadas e estudiosas. Não precisamos ocupar demasiado de nosso tempo em tais imagens, basta reservarmos alguns minutos diários para elas; mas será de grande auxílio se executarmos nossas visualizações todo dia à *mesma hora*, não importa qual seja. O nosso ser instintivo é uma criatura de hábitos. De pingo em pingo encheremos uma piscina; ou, havendo tempo suficiente, um oceano. Também, faz parte da experiência das pessoas que manipulam suas mentes que, quanto mais tempo levar para um hábito novo se formar em nós, maior será a sua permanência. Não nos apressemos, portanto: no aperfeiçoamento de nosso próprio caráter, pelo menos, a pressa é inimiga da perfeição. (8)

Os mesmos métodos que são eficientes na criação de bons hábitos são eficientes na criação de maus hábitos, seja em nós mesmos, seja em outra pessoa. Suponha-se que desejamos atacar psiquicamente outra pessoa. Já que vivemos, todos nós, dentro dos mesmos diversos planos de energia, em cada um dos quais temos um veículo construído da própria substância daquele plano, (9) podemos, por treino ou acidente, estabelecer contato telepático com uma pessoa que desejamos influenciar. Isto é relativamente mais fácil se estamos em contato constante com essa pessoa; se não estamos, é de grande auxílio possuímos um elo magnético de algum tipo que nos permita nos sintonizarmos com ela.

Na maioria dos casos, sugestões feitas por este processo não são reconhecidas como vindo de outra pessoa, mas são aceitas pela vítima como se originadas em sua própria psique, a não ser que se trate de um ocultista treinado, com experiência em introspecção e em controle de seus próprios veículos. Um enfeitiçador hábil procura fazer com que suas sugestões se harmonizem com as tendências naturais da pessoa atacada. Uma vez que as sementes de pensamento tenham fincado raiz em solo fértil, elas se desenvolverão até que eventualmente a planta subirá acima do nível do subconsciente e crescerá na mente consciente. Supondo que queremos arruinar uma pessoa, e sabemos ser aquela pessoa extremamente orgulhosa por natureza: Ora, procuramos exacerbar o seu orgulho ao ponto em que ela agirá como uma megalomaniaca, alheando de si amigos, antagonizando conhecidos, provocando inimigos: a pessoa parecerá causar sua própria ruína, e ao cair em si não compreenderá como foi estúpida a ponto de arruinar a si própria.

Deveria ser desnecessário comentar aqui que verdadeiros iniciados, e iniciados telêmicos em particular, não utilizam jamais tais processos para influenciar outras pessoas, quer para o “bem, quer para o “mal”. O método telêmico de influenciar a conduta alheia consiste em mostrar, numa determinada situação, todas as alternativas possíveis á consciência de outros, e então esperar que eles mesmos escolham a alternativa que desejarem. Frequentemente, essa alternativa difere de qualquer daquelas que hes havíamos sugerido: como pode um homem abarcar o universo de seu próximo? “Assim com teu tudo: tu não tens direito a não ser fazer a tua vontade. Faze aquilo, e nenhum outro dirá não.”(10)

É este exatamente o processo que deve ser utilizado na educação de crianças. Não devemos tentar influenciá-las na direção dos nossos preconceitos; como podemos saber se elas não trazem, dentro da estrela interna, uma solução muito superior para os demais problemas que julgamos ter resolvido satisfatoriamente? E não devemos jamais impedi-las de tomar consciência de todos os fatores da vida, como o pretexto de que não tem idade suficiente; como sabermos se não são mais sábias na infância do que nós seremos em nossa velhice? Toda curiosidade espontânea deve ser encorajada; toda pergunta feita de moto-próprio deve ser lealmente respondida com a máxima objetividade e franqueza de que formos capazes; e toda interferência nas escolhas e interesses da criança, por mais evidentemente “bem-intencionadas” que seja, deve ser evitada.

Recordo-me de certa vez, na praia, quando um garotinho de uns dez meses de idade, tentando andar na areia, caía continuamente; a mãe, solícita, toda vez se apressava a levanta-lo. Finalmente, exasperado, eu lhe disse:

- Minha senhora, deixe seu filho se levantar sozinho! A senhora não quer que ele aprenda a andar?

A mulher, bastante surpresa, deixou a criança em paz. Esta me olhou com ar de quem partilha de uma pilhéria, levantou-se de forma muito rebolada e bamboeante, e recomeçou a andar. Pouco adiante caiu de novo, mas levantou-se imediatamente, e assim continuou seu treino para existir eficientemente no nosso universo.

É claro que há situações em que devemos restringir uma criança: deixa-la ingerir veneno, por exemplo, seria contra-senso; mas impedir que um adulto tome veneno *conscientemente* é contra-senso também.

Esta é a atitude telêmica. Procurar influenciar os outros para aquilo que consideramos o “bem” é a mais idiota das presunções de que somos capazes. Essencialmente, estamos tentando impor nossos valores a nossos próximos, e fazer deles fantoches de nós mesmos. Esta conduta está perigosamente próxima do complexo espiritual dos “irmãos negros”.

Telemitas só utilizam métodos de influência subliminal para se defenderem de ataques. Todo ser humano tem direito irretorquível de proteger sua própria integridade. Se, às vezes, os atacantes persistem a ponto de que a única solução é a dissolução dos seus veículos físicos, paciência. A morte também é uma iniciação.

Mas normalmente isto não é necessário.

(1) O “*Lectorium Rosicrucianum*” aparenta seguir a linha teológica “progressista” de um grupo de padres jesuítas holandeses que foi responsável por uma recente “modernização” de catecismo romano, muito possivelmente influenciado pelas críticas fulminantes em Carta a um Maçon (pedidos diretamente à O.T.O.). É claro que esse “*Lectorium*” não tem qualquer ligação com os antigos “rosa-cruzes”, cuja primeira regra era que ninguém jamais usasse publicamente o nome de sua Sociedade, nem admitisse ser membro. Ou membra.

(2) A sensação é semelhante àquela produzida quando pisamos num tapete muito espesso mal ajustado ao assoalho, e se ocorre quando os pés estão tocando uma

superfície firme indica que o corpo etérico, que é o invólucro imediato do corpo físico, está em defasagem com este.

(3) Para poder fazer isto durante tantas horas numa discussão com outra pessoa é necessário um alto grau de treino em concentração e uma vasta reserva de energia nervosa. Como pessoa humana, o assistente era um exemplo paupérrimo; mas como hipnotista, era notável. A diferença entre um verdadeiro e um falso iniciado é freqüentemente apenas uma questão de desenvolvimento do Corpo Moral, chamado Buddhi-Manas pelos hindus e de Neschamah pelos cabalistas. Veja-se os diagramas em O Equinócio dos Deuses.

(4) Nossa colega, embora ignorando este fato na época, está ligada ao trabalho iniciático há várias encarnações. A voz era a de um dos Vigilantes Invisíveis, cuja atenção fora atraída pela tentativa de destruir a mente de uma aspirante à Hierarquia.

(5) Esta posição mística nunca deve ser utilizada a não ser dentro de um círculo mágico, e em condições especialíssimas. Veja-se Livro Quatro, Parte III, a ser publicado nesta série.

(6) Esta perda de memória de acontecimentos que atacam a integridade do ego é um mecanismo de defesa interno, e bastante comum em casos de traumatismo psíquico.

(7) Esse homem ainda ocupa o cargo, muito apreciado pelos proprietários pela disciplina e economia com que o colégio é dirigido. A qualidade do ensino decaiu no estabelecimento, pois só professores de personalidade fraca e pouco preparo se resignam a trabalhar lá; mas isto não afeta os donos, a quem só os lucros obtidos interessam, nem preocupa à maioria dos pais daquela cidade, pois a linha moral adotada é a linha oficial do presente regime: um catolicismo romano escrupulosamente ortodoxo e intransigente.

(8) É o consenso das mais diversas escolas iniciáticas que o tempo mínimo que levamos para estabelecer um hábito novo em nossa psique é uma estação solar, ou três meses.

(9) Ultimamente, é possível que seja tudo um só veículo, manifestando-se em uma série de gamas vibratórias: ou pelo menos uma tal possibilidade é sugerida pela idéia de continuum, pelas equações de Einstein, e principalmente por AL i 26.

(10) Veja-se O Equinócio dos Deuses, AL i 42-43.

CAPÍTULO III

USO DO CORPO ASTRAL EM ATAQUES OCULTOS

A expressão “corpo astral” vem da Idade Média, e foi originalmente empregada pelos astrólogos da época, numa tentativa de explicar de que maneira a influência dos astros agia sobre a substância física. Segundo eles, o corpo físico continha dentro de si uma duplicata de matéria astral, isto é, de matéria sutil do mesmo tipo das influências irradiadas pela esfera celeste (da qual a Terra, naturalmente, era considerada o centro); e era através do impacto destas influências transmitido pelo corpo astral ao corpo mais grosseiro que os astros influenciavam a vida humana.

A astrologia caiu em descrédito durante o Século Dezenove, que foi o século de grande avanço do pensamento materialista; mas o desenvolvimento da física e da química tem levado os cientistas modernos a aceitarem a possibilidade de radiações muito sutis serem transmitidas continuamente através do espaço sideral. As experiências com fotografia áurica, iniciadas pelos russos, indicam que todo corpo vivo está rodeado de uma aura de energia de uma gama vibratória invisível ao olho físico; e modernos biólogos começam a admitir a influência do movimento aparente do sol, e do movimento real da lua, sobre a vida na superfície do nosso planeta, inclusive a vida humana.

Os iniciados, entretanto, nunca tiveram dúvidas quanto à existência do “corpo astral”; apenas, eles vão mais além: o assim chamado corpo astral compõe-se de diversas estruturas, cada qual de uma determinada gama vibratória, e cada qual com uma determinada função. Os hindus, e principalmente os budistas, têm feito uma análise muito aprofundada dos veículos de que se compõe o “corpo astral” dos místicos medievais do ocidente.

Certas pessoas têm um “corpo astral” mais desenvolvido que o normal, seja devido ao treino deliberado, seja devido a herança genética, seja devido às influências magnéticas do local onde vivem ou das pessoas com as quais entram em contato. Por exemplo, iniciados treinados, principalmente se são de um alto grau, mas não de um grau suficientemente elevado para terem aniquilado o Ego (1), possuem personalidades intensamente magnéticas, perturbadoras para pessoas sensíveis que não estão acostumadas à presença de força psíquica em alto estado de tensão. Em circunstâncias nas quais aspirantes já de certo desenvolvimento ampliam a consciência dos veículos internos mais facilmente, aqueles que não estão preparados podem ser extremamente perturbados pela vizinhança constante de um iniciado. Portanto, ocultistas avançados que, sem terem ainda alcançado total equilíbrio e aniquilação de seus poderes, permitem a profanos a entrada em seu círculo, estão sendo imprudentes e até indiscretos; mas não podem, com justiça, ser acusados de abusarem de suas faculdades. Eles emanam força involuntariamente, devido à sua alta carga interna. Os iniciados de maior adiantamento (2) sempre vivem afastados da multidão, pois eles não apenas necessitam de isolamento para seu trabalho, como sua influência produz uma reação psíquica violenta em profanos.

Faz algum tempo, aquela colega nossa a quem já nos referimos, tendo alcançado o Grau de Philosophus da A.'A.', estabeleceu uma abadia de Télema num local que não especificaremos, onde seus discípulos imediatos podiam ir para retiros e treino mágico. Um seu Neófito, muito bem intencionado, tendo conhecido um homem que se dizia interessado em psiquismo, solicitou permissão para trazê-lo em sua companhia para uma visita. Como já dissemos antes, nossa colega é extremamente autoconfiante, e consentiu na visita de um profano. As condições eram especiais, pois segundo o Neófito, seu conhecido estava à beira de um colapso nervoso, e talvez a atmosfera da Abadia o auxiliasse a se recuperar.

O profano era uma pessoa extremamente sensível, escrupulosamente limpa, e com uma acentuada repugnância por sujidade de qualquer tipo. Suas simpatias especiais em psiquismo eram a teosofia e as obras de Max heindel. Ele seguia uma dieta estritamente vegetariana e era extremamente meticoloso em seus hábitos. Sua obsessão pela limpeza pessoal e a de seu meio ambiente, seu vegetarianismo, que ele declarava decorrer de uma profunda repugnância pela violência e pelo sangue, e seu incessante interesse por misticismo haviam impressionado o neófito como sintomas de espiritualidade. Infelizmente, quando nossa colega consentiu na visita, ela ainda não sabia destas características do visitante, que teria reconhecido imediatamente como sintomas de um temperamento sadomasoquista extremamente reprimido.

Quando o visitante, a quem chamaremos de Sr. N., chegou à Abadia, ocorreu um curioso incidente. A Abadia possuía um jardineiro, o qual por sua vez possuía um cachorro, vira-lata extremamente amigável e pachorrento, cuja ocupação favorita além de coçar as pulgas era dormir em frente ao portão. N., tendo saltado do táxi que o trouxera da estação, e pago o preço da viagem, agachou-se ao lado do animal para acariciá-lo. O cachorro levantou-se de um pulo e saiu ganindo com o rabo entre as pernas para os fundos do quintal, de onde não saiu até a hora do almoço, para grande espanto do seu dono, que nunca vira o animal proceder assim. O jardineiro declarou mais tarde que desde o primeiro dia desconfiara de N., por causa da reação do seu cão ao contato do visitante.

Fora este incidente inicial, N. causou excelente impressão ao pessoal da Abadia, inclusive a nossa colega, a qual não estivera presente à chegada de N. e só soube do caso com o cachorro alguns dias mais tarde. Era um homem quieto, bem comportado, de palavras comedidas, inteligente e culto. Suas opiniões sobre ocultismo, em muitos pontos, diferiam radicalmente daquelas do pessoal da Abadia, mas não houve qualquer atrito durante o dia. O visitante declarou-se encantado com a Abadia e seus habitantes, e expressou desapontamento apenas pelo fato de que lhe haviam reservado um quarto separado: ele supusera que iria dormir no mesmo quarto que o neófito responsável pela sua vinda. Nossa colega explicou-lhe delicadamente que o neófito tinha que dormir sozinho, pois estava executando certas práticas que faziam parte do seu programa de treino, e N. pareceu ficar conformado com a explicação.

Naquela noite, o neófito acordou de um profundo pesadelo, sentindo, como escreveu em seu diário, “um peso que lhe oprimia o peito”. Mesmo depois de acordar e levantar-se, parecia-lhe como se a atmosfera do quarto estivesse impregnada de uma influência doentia. Ele executou os rituais de banição próprios do seu grau e voltou a adormecer sem mais incidentes.

Na manhã seguinte, entretanto, durante o café da manhã, ele mencionou seu pesadelo, e para seu espanto os outros membros da comunidade declararam em peso que eles, também, haviam experimentado pesadelos durante a noite, com exceção de nossa colega. É claro que, nas circunstâncias, começaram a comparar o que havia acontecido com cada um. Os pesadelos tinham todos sido do mesmo tipo, inclusive a sensação de opressão no peito. No auge da discussão, N., que se havia retorcido irrequieto em sua cadeira deste o primeiro instante em que se mencionara pesadelos, protestou muito nervoso:

- Por favor, não falem dessas coisas tão mórbidas que eu fico com mal estar!

Em deferência ao visitante, o assunto foi encerrado; mas nossa colega, para quem a paz da comunidade era muito importante, uma vez que estava sob a sua responsabilidade, sentiu que a Abadia estava sob alguma forma de ataque; não era normal que todos os seus estudantes tivessem tido o mesmo pesadelo, e isto na mesma noite. A única influência nova na casa era a de N., portanto ela resolveu ficar de olho nele. Conforme ela comentou mais tarde, não lhes ocorrera ainda que os acontecimentos pudessem ser causados por ele; era simplesmente que a entrada de um profano representava uma quebra no círculo.(3)

Naquela noite, uma das probacionistas da Abadia, sentindo uma premonição, percorreu a casa inteira na hora de dormir, experimentando portas e janelas para ver se estavam bem trancadas. Ela encontrou-se com N. (que vinha do banheiro) num corredor, e este perguntou-lhe o que estava fazendo.

- Estou com a impressão de que há uma influência hostil nos rondando – explicou a moça. – Um ladrão, ou alguma coisa assim.

N. deu uma risada.

- Sua bobinha! Não adianta trancar as vias de entrada, o perigo está dentro da casa. Vá para seu quarto e feche a *sua* porta à chave.

A probacionista, entretanto, continuou seu trabalho de verificar se estava tudo bem fechado, e ao retirar-se para seu quarto não trancou a porta: isto era coisa que nunca fora necessária na Abadia, onde a privacidade de cada um era respeitada com o máximo rigor. Apesar disto, ela passou uma noite normal, não experimentando qualquer pesadelo.

O mesmo, entretanto, não ocorreu com o neófito responsável pela vinda de N.. Por volta das duas da madrugada ele experimentou o mais terrível pesadelo que já tivera em sua vida, e acordou suando frio, como se alguém o estivesse forçando a se manter deitado, ou jazesse sobre ele. Ao sentar-se no leito ele viu distintamente a cabeça de N. flutuando no ar aos pés da cama, diminuindo rapidamente de tamanho, e arreganhando os dentes ferozmente como numa ânsia de morde-lo. “Foi a coisa mais maligna que já vi até hoje”, ele escreveu mais tarde em seu diário. Em vez de tentar pegar de novo no sono, ou de executar os rituais de banição, o neófito sentiu-se tão abalado que saiu do seu quarto e foi bater à porta de sua superiora, nossa colega, que também estava experimentando uma noite inquieta, embora não tão desagradável, e acordou facilmente de seu sono. Ela ouviu com atenção o relato do neófito e depois fez-

lhe diversas perguntas pertinentes. Como resultado, o neófito revelou que N. tinha recentemente lhe feito uma proposta homossexual, que fora polidamente recusada.

Entre telemitas, naturalmente, homossexualidade não é vergonha nem crime, apenas um ato de escolha pessoal. Nossa colega não ficou chocada pela revelação de que N. tinha tais apetites, mas a situação estava agora esclarecida.

- Vá dormir – ela disse ao seu discípulo – e deixe isso comigo.

O neófito voltou ao seu quarto, sentindo-se bastante aliviado. Nossa irmã esperou que ele fechasse a porta e traçou astralmente um pentagrama no centro do umbral, apontando para fora. Então retirou-se aos seus aposentos, onde executou uma prolongada adivinhação pelo Tarô.

O neófito passou um resto de noite tranqüilo, com um profundo sono reparador.

Na manhã seguinte, o aspecto de N. à mesa de café era chocante: estava profundamente pálido, suas mãos e lábios tremiam continuamente. Nossa colega, observando-o, perguntou aos circunstantes como haviam passado a noite. Desta vez, constataram que as mulheres, embora com sono inquieto, não haviam tido nenhum pesadelo; mas dois rapazes declararam que haviam novamente experimentando uma sensação de peso e desconforto sobre o peito.

- Apenas sobre o peito – disse nossa colega, não sem malícia – ou também sobre alguma outra parte do corpo?

Neste momento N. levantou-se tão bruscamente que sua cadeira foi arremessada ao chão.

- Parem com isso! – ele gritou, puxando os cabelos. – Parem de me torturar!

Enquanto os circunstantes, com exceção de nossa colega, o contemplavam boquiabertos, ele ejaculou uma série de acusações frenéticas e disparatadas contra a companhia. Eles o estavam perseguindo e insinuando coisas sobre ele. Voltou-se para o neófito responsável pela sua presença na Abadia e acusou-o de crueldade, frieza e zombaria. Finalmente, debulhando-se em lágrimas, saiu correndo da sala e foi trancar-se em seu quarto.

A situação seria cômica se não fosse patética. Os circunstantes se entreolharam consternados. Uma das moças começou a rir, e parou tão subitamente quanto começara. Os olhos se voltaram para a cabeça da comunidade.

- N. está passando por uma ordália iniciática – disse nossa colega. – Não se preocupem, deixem isso comigo.

Enquanto a congregação terminava o café da manhã com menos conversa e mais gravidade que de costume, nossa irmã foi à cozinha, encheu um vasilhame de água onde dissolveu um pouco de sabão, fez certos sinais e pronunciou certas palavras e foi

até o quarto ocupado por N., onde traçou no centro do limiar da porta um pentagrama apontando para dentro.

Normalmente, com a passagem do sol acima ou abaixo do horizonte, a força magnética desses sinais se dissolve e é necessário refaze-los. Mas a sensibilidade de N. era tal que ele não saiu do quarto até a manhã do dia seguinte, quando nossa irmã foi pessoalmente busca-lo.

É desnecessário dizer que a comunidade dormiu tranqüilamente aquela noite, sem quaisquer incidentes.

Durante o dia seguinte nossa irmã teve uma longa conversa com N.. Este fora educado numa cidadezinha de Minas Gerais como rigoroso católico, sua família sendo fanaticamente religiosa. Na adolescência, havia sido mandado para um seminário, onde, como é infelizmente comum, fora condicionado à homossexualidade por um dos seus preceptores. Embora a família tivesse desejado que N. seguisse o sacerdócio católico romano, tal não aconteceu porque quando o rapaz tinha dezoito anos foi descoberto em flagrante com o seu preceptor em atividade sexual. O preceptor, como acontece, acusou N. de tê-lo tentado e insistido na relação, e o infeliz seminarista foi forçado a sair do estabelecimento em desgraça.

Nossa colega, baseada em suas conversações com N., e na longa adivinhação pelo Tarô, chegou às seguintes conclusões: N. era um temperamento sensível e impressionável, que talvez não tivesse tido tendências ao homossexualismo de berço, mas fora condicionado a este tipo de atividade por um padre devasso. O choque ao ser expulso do seminário o antagonizara com a Igreja Romana, pelo que ele se ligara ao tipo de misticismo emocional e elementar que mais se assemelha ao Romanismo, isto é, a teosofia e Max Heindel, sem ser exatamente cristão. A atividade homossexual exacerba tendências ao sado-masiquismo e provoca um desenvolvimento anormal do corpo etérico. Na atmosfera altamente carregada da Abadia, o corpo astral de N. se exteriorizara inconscientemente durante o sono, e procurara satisfazer seus apetites frustrados pela recusa do neófito em ter relações com ele. Na primeira noite, todos haviam sido atacados, com exceção de nossa colega, cuja aura era demasiadamente forte para ser afetada; mas na segunda noite, tendo feito sua escolha magnética, o astral de N. atacara apenas homens, e os mais jovens entre estes, começando pelo neófito que tanto o atraía.

Quando a situação foi explicada a N. por nossa colega ele se sentiu extremamente consternado por sua conduta. Nossa colega tranqüilizou-o, apontando que ninguém é responsável por seus atos a não ser depois que se torna cômico deles.

N. ficou na Abadia durante mais uma semana, benquisto por todos; mas toda noite nossa colega tomou a precaução de selar o umbral da porta do visitante como pentagrama traçado com água e sabão, apontando para dentro, a fim de impedir que o astral de N. se exteriorizasse durante o sono e saísse para “assombrar” o resto dos habitantes. (4)

O exemplo que acabamos de dar é um exemplo de ataque astral inconsciente. É preciso que as pessoas compreendam que cada um dos nossos “veículos” – ou planos de consciência, se assim preferirmos – tem o seu próprio “quartel general” de controle,

análogo ao cérebro físico. Ponderemos, por exemplo, a maneira como as nossas funções fisiológicas são normalmente executadas sem qualquer necessidade de intervenção da mente consciente. O sistema nervoso reflexo se encarrega da manutenção da saúde física, deixando as faculdades volitivas conscientes livres para executarem outro tipo de trabalho. Pensemos, por exemplo, o que seria a nossa vida se tivéssemos de respirar conscientemente para viver! Este, aliás, é um fenômeno que às vezes ocorre na prática de Pranayama.

Há pessoas que tem um corpo astral extremamente desenvolvido, como resultado de herança genética, ou treino involuntário, ou treino deliberado. Se tais pessoas não mantêm o corpo astral sob controle, ele tenderá a divagar além do corpo físico, o que é bastante perigoso. Assim como no caso de N. seu corpo astral, estimulado pelas práticas homossexuais, depois dinamizado pela atmosfera magnética carregada da Abadia, exteriorizou-se para procurar satisfazer os apetites reprimidos de seu dono, pode acontecer que o corpo astral, divagando a esmo no astral, seja atacado, e até mesmo capturado, por uma influência hostil. Isto acontece freqüentemente com os praticantes do espiritismo, principalmente os kardecistas, que não tomam a mínima precaução mágica para testas ou selecionar as influências às quais permitem acesso a seus veículos e a seus locais de trabalho e moradia. A aura de certos médiuns espíritas, em conseqüência, é um poço de imundície astral. O que é pior, sua influência malsã é infecciosa. Sentimentalismo piegas, negativismo emocional, receptividade mórbida são apenas alguns dos seus efeitos. Doenças nervosas, da pele, lesões do sistema muscular e da espinha dorsal, falta de concentração mental, tendência ao exagero, ou à mentira, e até ao roubo são outros efeitos da mediunidade imprudente. As exceções são pouquíssimas. Homens e mulheres de um alto grau de verdadeira pureza pessoal e firmeza de caráter têm auras que inibem as entidades mais baixas, principalmente se eles selecionam seus associados, como ocorre no candomblé legítimo. Mas infelizmente, tais casos são a exceção, e não a regra.

Se a aura de um sensitivo faz parte de um corpo astral desenvolvido por herança genética, (5) e a pessoas não exercita nem domina seu veículo sutil, este tenderá a divagar no astral e a freqüentar as correntes magnéticas com que adquiriu afinidade em existências anteriores. Em certos casos, o corpo astral pode estar mais desenvolvido que as faculdades volitivas do corpo físico na existência presente, e fenômenos semelhantes ao de dupla personalidade podem ocorrer. Do ponto de vista iniciático isto é altamente indesejável, mas alguns médiuns e “psíquicos” se orgulham de uma tal situação.

Em certa ocasião, um indivíduo que desejava adquirir dominação psicológica sobre nós declarou-nos que conversava constantemente com o nosso Ente Mágico, o qual “lhe dava conselhos”.

- Talvez isso possa ocorrer – nós lhe replicamos – mas se meu “Ente Mágico” lhe disser para fazer coisas que contradigam o que eu lhe digo quando estou em meu corpo físico, você não estará falando com meu “Ente Mágico” coisa nenhuma, e sim com algum elemental ou demônio tentando me personificar.

O cavalheiro em questão, vendo o tiro lhe sair pela culatra, afastou-se de nós. Descobrimos mais tarde que se tratava de um hábil vigarista, especializado em explorar

a megalomania de pseudomísticos; usava um nome falso e já extorquirá enormes quantias em dinheiro de diversas “sociedades ocultas” brasileiras.

A técnica desta particular vigarice baseia-se em que a maioria dos ocultistas não tem a mínima concepção do que é, realmente, o Caminho Iniciático. Tais infelizes mais que depressa aceitam a idéia de que seus “Entes Mágicos” são capazes de aparecer a “seus discípulos” à sua revelia e sem seu conhecimento consciente. Ai, o “discípulo” começa a dizer ao “mestre” o que este supostamente lhe disse enquanto estava se manifestando magicamente. Antes que o “mestre” perceba, estará acatando as coisas que o “discípulo” lhe diz que ele lhe disse nas “visões”. Desse momento em diante, o verdadeiro “mestre” é o “discípulo”.

O que deve ser claramente compreendido é que as faculdades humanas que representam a Individualidade, a Volição, e a Compreensão espirituais estão completamente acima de qualquer manifestação astral. Elas estão além do Abismo, e o corpo astral não existe além do Abismo. Como diz o Livro da Lei, Cap. I, vv. 8-9:

“O Khabs está no Khu, não o Khu no Khabs. Identificai-vos pois como Khabs, e vede minha luz derramada sobre vós!”

O Khabs é a “Estrela”, isto é, a centelha do Fogo Divino em cada ser humano, seja homem ou mulher. O “Khu” é o termo que os antigos egípcios usavam para descrever o Ente Mágico do iniciado. Este Ente Mágico, que corresponde ao “Corpo de Glória” do místico cristão, consiste na purificação e harmonização de todos os veículos inferiores. É este Ente Mágico que é dissolvido voluntariamente pelo Adepto Exempto ao cruzar o Abismo.

Identificando-se com o Khabs, o Iniciado ativa o Ajna Chakra, que corresponde a Hadit no sistema hindu. Como resultado, a Energia Cósmica se concentra no Sahasrara, que corresponde a Nuit, e a Luz das Estrelas se derrama sobre o Iniciado.

Até a etimologia dos termos hindus para os “éteres” mais sutis, Adhi e Anupadaka, se assemelha aos termos egípcios correspondentes, Had e Nu. Isto sugere que ambas as correntes iniciáticas tiveram a mesma origem num passado mais longínquo, talvez na legendária Atlântida ou na legendária Mu.

Isto é um assunto que só pode ser de interesse aos historiadores. O que nos concerne, na prática, é a absoluta necessidade de controlar o corpo astral, e mantê-lo sempre sob o domínio daquelas faculdades em nós que representam a nossa Verdadeira Vontade.

Iniciados de corpo astral muito desenvolvido, mas de baixa ética, podem ser muito perigosos, não só para os profanos como para outros iniciados. Os leitores não devem julgar que um corpo astral bem desenvolvido é sinal automático de alta espiritualidade; isto seria o equivalente de supor que um halterofilista de enormes músculos é necessariamente uma pessoa de elevados sentimentos e nobres intenções. Citaremos um caso bastante ilustrativo, da experiência de uma iniciada da antiga Aurora Dourada, atualmente reformulada como a Ordem Externa da A.’A.’.

No primeiro ano deste século, Aleister Crowley, que subira rapidamente nos graus da Aurora Dourada, instituiu um exame mágico da Ordem e seus “chefes” e, tendo chegado à conclusão de que a organização perdera seus laços com os planos espirituais, destruiu-a ocultamente. (6) Uma das poucas pessoas de valor que ainda estavam ligadas à Aurora Dourada na ocasião era Violet M. Firth, mais conhecida de ocultistas pelo seu pseudônimo de Dion Fortune. A Sra. Firth escreveu uma série de artigos para uma conceituada revista de ocultismo inglesa, descrevendo as manobras espúrias de falsos iniciados, mas sem se referir diretamente à Aurora Dourada, a qual era seu único contato com magia e misticismo naquela época.

Infelizmente para a Sra. Firth, seu grau era muito abaixo do de Crowley, e ela começou a experimentar estranhas sensações de ameaça e de pressão oculta. A seguir, começou a ter experiências de clarividência involuntária. Isto era alarmante, pois iniciados treinados não tem experiências psíquicas involuntárias a não ser em circunstâncias muito fora do normal. Um médium kardecista pode se alegrar de ver, subitamente, a fisionomia de um “falecido” lhe aparecer à frente; um ocultista treinado interpretará o fenômeno como uma quebra naquela separação que sempre deve ser mantida entre os diversos planos de consciência. Como disse a própria Sra. Firth, ao relatar sua experiência: “No método pelo qual fui treinada somos ensinados a manter os diversos planos de consciência estritamente separados, e usamos uma técnica específica para abrir e fechar os portais. Em consequência, a gente raramente experimenta um psiquismo espontâneo: nossas visões se assemelham às de um cientista usando um microscópio para examinar materiais previamente escolhidos”.

As experiências animais da Sra. Firth se avolumaram ao ponto em que, no seu estado normal de vigília, ela começou a ver faces demoníacas aparecerem e desaparecerem de relance, a qualquer momento, e quando ocupada com qualquer assunto. Neste ponto, ela já começara a suspeitar que estava sob ataque, e corretamente atribuiu o ataque à série de artigos que havia publicado denunciando abusos em fraternidades pseudo-ocultistas; mas ela não identificara ainda o atacante, e mais tarde escreveu: “Qual a minha surpresa, então, ao receber uma carta de uma pessoa que eu considerava minha amiga, e pela qual eu sentia o máximo respeito, uma carta que não me deixou em qualquer dúvida quanto à fonte do ataque que eu estava sofrendo, e quanto àquilo que eu poderia esperar se continuasse a escrever meus artigos!”

A pessoa em questão, cujo nome a Sra. Firth não revelou em seu relato, era a esposa do pretenso “chefe” da Aurora dourada, denunciado por Crowley, o qual usava, indevidamente, o nome de “McGregor Mathers”. (7) Moina Mathers, irmã do filósofo francês Henri Bérghson, tomara as dores do marido no conflito deste com Crowley. Tanto ela quanto Mathers pouco podiam fazer contra Crowley, um iniciado de grau muitíssimo mais elevado que o deles; (8) mas o caso de Dion Fortune era outro. Como ela mesma escreveu: “Posso dizer com toda honestidade que até receber essa carta eu não tinha a mínima suspeita de que esta pessoa estava envolvida nos escândalos que eu estava denunciando. Evidentemente eu tinha me metido em assuntos bem mais graves do que pensara”.

Muitas críticas podem ser feitas a Dion Fortune, mas coragem de brigar (exceto com Crowley, a quem ela nunca compreendeu, mas cujas obras copiou descaradamente, e a quem ela instintivamente respeitava) nunca lhe faltou. Meditando sobre a situação, ela chegou à conclusão de que a publicação dos seus artigos era

necessária, e lhe fora inspirada pelos Vigilantes Invisíveis. A série de artigos já estava completa, mas havia sido apenas parcialmente publicada; ela poderia ter impedido que a publicação continuasse. Ela decidiu permitir que a série se completasse. (9) Continuando a citar o seu relato:

“O Equinócio de Primavera tinha chegado. Devo explicar que esta é a mais importante época do ano para ocultistas. (10) Grandes marés de força estão fluindo nos Planos Internos, e são muito difíceis de manipular. Se vai haver perigo astral, usualmente a situação eclode nesta época. Há também certas reuniões que ocorrem no Plano Astral, e muitos ocultistas a elas comparecem fora do corpo físico. A fim de fazer isto, temos de nos colocar numa espécie de transe, e então a mente fica livre para viajar. É costumeiro pedir a alguém que entende destes assuntos para ficar de guarda ao lado de nosso corpo físico enquanto este está vazio, a fim de impedir que ele sofra algum dano. (11)

“Em via de regra, quando estamos sofrendo um ataque oculto a gente se conserva a qualquer custo no estado normal de consciência, e dorme durante o dia e permanece desperta e meditando quando o sol está abaixo do horizonte. Mas, como o azar ocasionalmente impõe, eu estava obrigada a sair numa viagem astral nessa ocasião. (12) Minha atacante sabia disto tão bem quanto eu. Portanto, executei meus preparativos com todas as precauções de que pude lançar mão: reuni um grupo de discípulos cuidadosamente selecionado para formar o círculo de guarda, e selei o local da operação com o cerimonial costumeiro. Eu não tinha muita fé nesta última precaução nas circunstâncias, pois minha atacante era de um grau muito mais alto que o meu, (13) e poderia passar por quaisquer selos que eu sabia impor. Mas ao menos, os selos me protegeriam contra forças mais baixas.

“O método de executar estas viagens astrais é altamente técnico, (14) e não posso aqui me estender sobre o assunto. Na linguagem da psicologia, trata-se de auto-hipnose através de um símbolo. (15) De acordo com o símbolo escolhido, nós obtemos acesso a diferentes seções do Invisível. O iniciado treinado, portanto, não vagueia pelo astral como um fantasma perturbado, mas vem e vai através de corredores definidos.

“A tarefa da minha inimiga, portanto, não era difícil, pois ela sabia a que horas eu teria de fazer esta viagem, e o símbolo que eu teria de usar para deixar o corpo. (16) Por isto eu sabia que teria que enfrentar oposição, embora não soubesse de que forma esta oposição apareceria.

“Essas viagens astrais são na realidade sonhos lúcidos em que nós retemos todas as nossas faculdades de escolha, poder de vontade, e discernimento. As minhas sempre começam com uma cortina de cor simbólica (17), através de cujas dobras eu passo. Assim que eu passei pela cortina nessa ocasião, vi a minha inimiga esperando por mim, ou se outra terminologia for preferida, comeci a sonhar com ela. Ela me apareceu nas vestimentas completas do seu Grau, que são magníficas (18), e barrou minha entrada, dizendo que pro virtude de sua autoridade ela me proibia de utilizar esses corredores mágicos (19). Repliquei que não admitia o direito dela de me barrar apenas porque estava pessoalmente zangada comigo, e que eu apelava para os Chefes Internos, aos quais tanto ela quanto eu estávamos obrigadas. Então começou uma batalha de vontades na qual experimentei a sensação de ser arremessada pelo ar e de cair de uma grande altura, e me percebi de volta ao meu corpo. Mas meu corpo não estava onde eu o

havia deixado, e sim num amontoado no canto mais afastado da sala, onde tudo estava derrubado e espalhado como se lá tivesse explodido uma bomba. Através do fenômeno de repercussão, a luta astral aparentemente se comunicara ao meu corpo físico, o qual dera cambalhotas em volta do aposento enquanto o agitado grupo de guardiões retirava a mobília de sua passagem!

“A experiência me deixara um pouco intimidada, pois não havia sido agradável. Admiti para mim mesma que fora derrotada, e que havia sido expulsa com sucesso dos caminhos astrais; mas compreendi também que se eu aceitasse esta derrota minha carreira oculta estaria terminada. Assim como uma criança que acaba de cair de um cavalo deve ser recolocada imediatamente na sela, ou jamais terá coragem de cavalgar de novo, senti que eu tinha que encetar novamente minha viagem astral a qualquer custo. Assim, disse aos meus discípulos que se acalmassem e reformulassem o círculo, porque nós tínhamos que tentar de novo; invoquei os Chefes Secretos, e exteriorizei-me novamente. Desta feita houve um combate rápido e duro, e atravessei a barreira. Tive a Visão dos Chefes Internos, e regressei. A luta estava terminada. Nunca mais experimentei qualquer problema. Mas quando tirei minhas roupas a fim de ir dormir naquela noite, minhas costas estavam muito doloridas, e com uma lente examinei a pele num espelho. Do pescoço à cintura eu estava coberta de arranhões, como se tivesse estado nas garras de um gato gigantesco.

“Contei esta história a alguns amigos, ocultistas experientes, que no passado haviam estado associados à pessoa com a qual eu tive este problema, e eles me disseram que ela era bem conhecida por este tipo de ataque astral: um amigo deles, após uma alteração com ela, tivera uma experiência similar: ele também ficara coberto de marcas de unhas afiadas. Mas neste caso, porém, a pessoa ficara doente durante seis meses, e tinha se afastado completamente do ocultismo”.

Dion Fortune, ou Violet M. Firth, prosseguiu seu relatório destas experiências mencionando a morte misteriosa de uma moça, encontrada nua nos rochedos de uma praia irlandesa em circunstâncias que indicavam que estivera fazendo uma invocação mágica. Seu corpo estava coberto de marcas semelhantes, e ela também estivera associada a Moina Mathers.

Mas aí já saímos do terreno do ocultismo para entrar no das fofocas. Tanto a Sra. Mathers quanto a Sra. Firth já morreram faz tempo, e tais marcas continuam a ocorrer. O autor destas linhas já as descobriu sobre seu corpo após ataques mágicos. Elas decorrem da dilatação excessiva, com conseqüente hemorragia, dos vasos capilares periféricos. A hemorragia deixa marcas semelhantes e arranhões. Não precisamos, portanto, atribuir ataques astrais à alma de Moina Mathers, ou à infeliz família dos felinos. As marcas são, realmente, o resultado de repercussão de pressão etérica sobre o corpo físico; mas decorrem normalmente de qualquer tipo de luta psíquica, a qual produz o fenômeno de “stress” no organismo carnal.

(1) Um paradoxo aparente do trabalho iniciático é que nós começamos por nos fortificarmos e desenvolvermos ao máximo possível, e terminamos por destruir o castelo fortificado que erigimos.

(2) De Dominus Liminis a Adeptus Minor principalmente.

(3) *Explique-se: uma comunidade mágica está normalmente defendida, não só pelos rituais de banição que são feitos diariamente, como também pelos rituais de invocação. A atmosfera psíquica atinge portanto um estado de alta tensão: a defasagem entre a vida anímica da comunidade e a gama vibratória normal fora da comunidade é muito grande. Nestas circunstâncias, uma influência discordante só pode se manifestar vinda de fora se tiver algum foco de afinidade dentro do círculo. Esta é a origem da lenda de que um vampiro só pode penetrar numa casa com o consentimento de alguma pessoa que se encontra lá dentro.*

(4) *A finalidade do sabão era prover um fixador para o magnetismo: a água pura é excelente condutor, e pro isto não acumula. Ela poderia ter usado sal, ou alguma outra substância; mas o sabão serve tanto quanto qualquer outra, e é mais barato. Como já dissemos, se se tenciona que a proteção seja constante, é necessário renova-la após o pôr e após o nascer do sol, ocasiões em que a atmosfera magnética de qualquer local sofre radical alteração.*

(5) *Usamos a expressão “herança genética” onde outros poderiam dizer “trabalho em encarnações passadas”. Não vem ao caso aqui qual das duas expressões descreve melhor os fatos, pois na prática o resultado é o mesmo. Não estamos interessados no problema – se é que é problema – da sobrevivência da alma. Estamos bastante interessados, porém, no que a “alma” faz em sua presente existência.*

(6) *O iniciado que assim procede tem que assumir o karma da organização destruída e criar, no plano físico, uma nova organização que preencha a lacuna deixada pela outra e não sofra dos vícios e defeitos dela.*

(7) *Mencionado em Liber LXI, “A lição de História”, sob o Moto S.R.M.D.*

(8) *Embora Mathers se gabasse de ser Adeptus Major, e reclamasse igual dignidade para a esposa, ambos não haviam ultrapassado o Grau de Practicus, enquanto Crowley já era Dominus Liminis, mesmo antes de receber Liber AL.*

(9) *Esta decisão, em face de uma ameaça pessoal cuja gravidade ela não subestimava, foi que possibilitou sua passagem ao Grau de Zeladora.*

(10) *Este tipo de asserção categórica demonstra o pouco desenvolvimento oculto de Dion Fortune, que naquela existência nunca passou à Ordem Interna. Tanto os equinócios quanto os solstícios são importantes. Mas ocorre que as estações do ano são opostas nos dois hemisférios. Por exemplo, o dia de “Corpus Christi” do catolicismo romano é um antiqüíssimo festival pagão do hemisfério norte, e corresponde à primeira luação que segue o Equinócio de Primavera naquele hemisfério. Mas no hemisfério sul, o Equinócio de Outono cai na época que corresponde ao Equinócio de Primavera no hemisfério norte, e vice-versa. O “Natal”, que corresponde ao Solstício de Inverno, deveria ser celebrado em junho no hemisfério sul, e não em dezembro, e “Corpus Christi” no sul deveria seguir setembro, para que esses festivais pudessem realmente corresponder às forças mágicas que eles deveriam comemorar.*

(11) *Esta precaução é desnecessária para iniciados que alcançaram o Adeptado, mas é útil nos graus mais baixos, e principalmente aos principiantes.*

(12) *Novamente, esta cautela só parece útil nos graus mais baixos. Nos graus mais elevados, a pressão hostil é bem-vinda, pois depura o astral de seus elementos mais grosseiros; e acima do Abismo, a concepção de “mal” ou “bem” perde todo significado. A pessoa que tenta “atacar” um Mestre do Templo, por exemplo, vê sua corrente repercutir sobre si mesma, por motivos que lhe seriam claros se ela apenas ponderasse o simbolismo cabalístico do Grau.*

(13) *Esta asserção totalmente errônea comprova o baixo grau de desenvolvimento de Dion Fortune. É simplesmente inconcebível que uma membra do*

Grau de Adepto, que a Sra. Mathers afirmava (com seu marido) possuir, agisse da forma como a Sra. Mathers agiu nesta ocasião. Moina Mathers era, como a Sra. Firth mesma, apenas uma neófito; porém mais forte e mais experiente magicamente do que a colega.

Não se deve jamais confundir aptidão mágica com progresso espiritual. Os Graus da A.'.A.'. marcam estágios de perspectivas na evolução da raça: poderes mágicos ou místicos são apenas detalhes do processo. É por isto que está declarado que qualquer ser humano pode, a qualquer momento, reclamar o Grau de Magister. Mas quem faz isto imediatamente atrai para si aquela ordália que é chamada de Segunda Morte.

Toda Esfera da Árvore da Vida dos cabalistas contém em si uma espécie de projeção da árvore inteira, assim como todo ser humano contém em si o potencial genético da humanidade inteira. O progresso em cada Grau, portanto, reflete e amplia o progresso na Árvore inteira. A visão central do Neófito chama-se a Visão do Sagrado Anjo Guardião. A pessoa que experimenta esta visão, que corresponde a Tiphereth de Malkuth (isto é, reflete a experiência de Tiphereth na Esfera de Malkuth), pode confundi-la, se se deixar afetar pelo Ego anormalmente estimulado pelas práticas, com a Visão de Tiphereth de Tiphereth, que é chamada de Conhecimento e Conversação do Sagrado Anjo Guardião e é tão belamente descrita em Zanoní, de Bulwer-Lytton.

Quem experimenta a Visão Central de Malkuth e se deixa iludir com a idéia de que experimentou a Visão Central de Tiphereth, naturalmente deixa de progredir. Tenta executar as Operações do Adeptado, em vez de se dedicar mais às Operações do Neófito, que levam à passagem ao Grau de Zelador. Tal era o caso de Moina Mathers e seu marido: a vaidade egóica levou-os a se perderem nas esferas ilusórias do Baixo Astral, onde as Sephiroth estão refletidas em formas demoníacas.

Arriscando sua via, sua saúde psíquica, e até sua razão humana, para atingir o Centro Vibratório da organização a que aspirava, Violet M. Firth, sem saber, estava executando justamente o tipo de operação que a levaria ao Grau de Zelador – com o involuntário auxílio da sua inimiga e ex-colega.

(14) Na realidade, é extremamente simples, e Dion Fortune está apenas se dando ares esotéricos. A única condição sine qua non é que a pessoa obtenha um legítimo contato mágico com a corrente cujos símbolos está manipulando.

(15) Esta asserção errônea é outro fruto do baixo grau iniciático da autora. Hipnose é um fenômeno do Manas Rupa, ou Corpo Mental, e pode ocorrer sem que outros veículos sejam afetados. Esta confusão quanto aos diversos planos de consciência é muito comum em quem nunca praticou Ioga e Magia de forma sistemática.

(16) Isto quer dizer que o encontro seria feito através de um símbolo provido por Mathers, e a uma hora determinada por este para “visitar” os Chefes Secretos em um Templo Astral. Ora, já que Mathers não tinha mais acesso aos “Chefes”, tendo se perdido no Astral, as imagens dos “Chefes” presentes a essas reuniões eram apenas imagens astrais formuladas pelo próprio Mathers, com o auxílio inconsciente dos que acreditavam nele.

A formação de imagens astrais é facilíma: daí o perigo de nos iludirmos nesse plano. Nossos piores inimigos ali são os nossos preconceitos e a nossa vaidade.

Por outro lado, a pureza de intenção e uma aspiração genuína podem elevar uma mera imagem astral à categoria de um laço mágico com os verdadeiros Chefes Secretos. Este foi o caso de Dion Fortune nessa ocasião.

(17) Isto é, uma cor magicamente em harmonia com o símbolo ou símbolos invocados. Veja-se Livro Quatro Parte III.

(18) Realmente, é uma infelicidade que, para a maioria dos mortais, o hábito faça o monge!

(19) Presunção de Neófito. Nada há que proíba uma Estrela humana de ir aonde quiser, a não ser o seu próprio desenvolvimento interno. Em verdadeiro ocultismo não há “segredos”: há apenas verdades que, por mais simplesmente que sejam explicadas, não podem ser compreendidas sem vivência e preparo.

CAPÍTULO IV

O VAMPIRISMO

A tradição de todos os povos da terra inclui o vampiro: contos de vampirismo são encontrados entre os mais antigos fragmentos da literatura da humanidade.

No século dezenove um escritor inglês, Bram Stoker, publicou um romance fantástico chamado *Drácula*: neste romance ele inclui dados folclóricos cuidadosamente coligidos em torno do fenômeno do vampirismo. Embora o enredo do romance fosse inosso e pueril, a figura central do vampiro, o “Conde Drácula”(1), fascinou de tal forma o subconsciente de pessoas que se consideravam racionais e civilizadas que hoje o nome “Drácula” é imediatamente associado com vampirismo. Centenas – literalmente – de filmes e peças teatrais têm sido produzidos, com sucesso, em torno do tema; romances imitando a obra de Stoker ainda são editados em todos os países.

Talvez a maior fascinação da obra do romancista inglês, que nunca mais escreveu coisa alguma tão bem sucedida, seja a riqueza de dados folclóricos do interior europeu sobre o vampiro. Os “fatos” de Stoker quanto ao vampiro, sua conduta, sua manifestação, estão extremamente bem descritos. A tradição de que o alho afugenta o vampiro; de que este não pode entrar numa residência sem convite de alguém que lá se encontre; de que o vampirismo é infeccioso; de que o vampiro pode assumir diversas formas animais; de que a única maneira de matar um vampiro é destruir o corpo, ou pelo menos inutiliza-lo para as funções biológicas; tudo isto está fundamentado no folclore de diversas nações da Europa.

Até que ponto se trata de fatos, no senso científico da palavra, e até que ponto se trata de superstição? Vejamos, ponto por ponto.

Que o alho é repelente para certos tipos de entidade do mundo sutil é um fato conhecido de ocultistas; mas não decorre disto, absolutamente, que deva ser repugnante aos vampiros. Suponhamos, por exemplo, que o vampiro seja de origem italiana: poderemos sequer pensar que o alho lhe seja repelente, quando a cozinha do seu país usa tão liberalmente este tempero?

Não se deve julgar que o parágrafo acima foi escrito como pilhéria: o condicionamento cultural de um indivíduo é sempre um fator em sua forma de manifestação em qualquer plano, mesmo no caso de um vampiro. Um cineasta de talento, Roman Polanski, recentemente fez um filme sobre vampiros. Em uma das cenas, uma donzela amedrontada ergue um crucifixo em frente a um vampiro. Este ri deliciado e lhe diz: “Você está com o vampiro errado!” Este vampiro, no filme, era de origem judaica.

Embora a cena seja uma pilhéria – o filme é uma comédia de humor negro – o cineasta tocou num ponto de grande importância oculta: os símbolos de uma determinada religião só amedrontam àqueles que acreditam na validade daquela religião. Portanto, é totalmente inútil tentar usar símbolos cristãos para afugentar

entidades que pertencem a outras correntes religiosas, principalmente os judeus, que estão cansados de saber que nunca existiu nenhum Jesus Cristo, e que a carreira inteira do catolicismo romano está baseada numa hábil vigarice.

Quanto à impossibilidade de um vampiro penetrar em uma residência sem o consentimento de alguém que lá resida, isto, como já dissemos anteriormente, é uma superstição cuja base se encontra no fato de que ninguém pode ser magicamente atacado sem que haja um ponto de afinidade entre sua estrutura anímica e a entidade atacante. Mas é claro que um vampiro – ou qualquer outro tipo de entidade – pode penetrar em qualquer ambiente que não esteja magicamente defendido. Para a entidade *permanecer* ali, entretanto, é necessário que encontre um ponto de apoio, uma afinidade, e a superstição quanto à entrada do vampiro está baseada nisto.

De todas as superstições em torno do vampiro, só três são importantes do ponto de vista científico:

1. A idéia de que é necessário destruir o corpo físico do vampiro, ou inutiliza-lo para as possibilidades de funções fisiológicas.
2. A idéia de que o vampiro pode assumir diversas formas animais.
3. A idéia de que o vampirismo é contagioso.

A importância destas superstições consiste em que elas não são superstições, mas sim fatos verificáveis pelo trabalho oculto.

Antes de entrarmos em detalhes quanto aos três pontos acima seria conveniente observar que o vampirismo é um fenômeno que se manifesta com diversos graus de gravidade. Todos estamos familiarizados com a experiência de que a aura de determinadas pessoas nos exaure de energia; e diga-se de passagem que mesmo esta ocorrência tão corriqueira não é invariável. Por exemplo, uma pessoa nossa amiga pode, em determinada ocasião, estar deprimida ou magneticamente enfraquecida, e em tal ocasião tenderá a absorver nossa energia enquanto em outra ocasião talvez se dê justamente o contrário, e nós absorvamos a sua. Este tipo de intercâmbio magnético deve ser considerado normal. Faz parte das flutuações normais das forças vitais na sociedade humana.

Também, uma pessoa que sofreu um esgotamento nervoso, ou que está se recuperando de uma grave moléstia, pode ocasionalmente estar tão enfraquecida que absorve o prana de outras pessoas como uma esponja seca atrai a água. E não só de pessoas, como de animais e plantas. (As plantas, principalmente, são extremamente sensíveis ao intercâmbio de energia vital, e tanto são capazes de fornecer-las quanto de absorvê-la. Daí, dependendo de nosso temperamento, a influência vitalizante de florestas e bosques, ou a influência deprimente de regiões pantanosas e insalubres).

Tais casos, se bem que tecnicamente caiam na definição de vampirismo, não chegam a ser patológicos no sentido exato da palavra. O verdadeiro vampirismo consiste na absorção *proposital* de energia vital de seres humanos para prolongar a existência de entidades que, sem esse parasitismo, se dissolveriam como parte do processo evolutivo normal.

Torna-se evidente agora que o vampirismo é um fenômeno astral, e relacionado principalmente com aquelas subcamadas do astral que os hindus chamaram de Linga Sharira, ou *corpo etérico*.

É por este motivo que é conveniente destruir o corpo de um vampiro. O cadáver de uma alma apegada à terra (e isto, essencialmente, um vampiro sempre é) torna-se um foco magnético, uma espécie de base de operações da entidade astral. Por estranho que pareça aos profanos, não é o corpo astral que é a base de manifestação do corpo físico, mas justamente o contrário. O corpo astral é como um carro, e o corpo físico a sua garagem. Por isto, o vampiro sempre busca ficar em contato com o corpo físico; e se possível, evitar a decomposição deste.

Os antigos egípcios, sabedores desta relação íntima entre o astral e o material, procuravam preservar o mais possível o cadáver dos mortos, principalmente dos sacerdotes e nobres.(2) A mumificação tinha como finalidade preservar, ou auxiliar a preservar, a integridade do corpo astral dos falecidos, durante o maior espaço de tempo possível.(3)

Não temos aqui espaço para entrar a fundo neste assunto; e o propósito dos egípcios não era absolutamente encorajar o vampirismo. Entretanto, as lendas dos vampiros estão relacionadas com casos lamentáveis de baixos iniciados egípcios que, uma vez esgotados os recursos naturais de preservação do astral, lançavam mão das energias vitais de homens e mulheres vivos.(4)

A idéia, portanto, de que a destruição do corpo do vampiro é uma maneira eficaz de destruir seus poderes não deixa de ter sua validade; mas é tolice acreditar que a destruição do cadáver é imediatamente seguida pela morte do vampiro. O corpo astral sobreviverá, embora sem base material que o estabilizava. Entretanto, uma vez esgotada a sua carga de energia, ele se dissipará lentamente na Segunda Morte. É este destino que apavora a entidade que se manifesta como o vampiro, e se puder adia-lo através da absorção da energia vital de outros seres humanos, ela assim fará.

Do que foi escrito acima deduz-se que é mais seguro, diremos até mais higiênico, acelerar a dissolução do corpo físico dos mortos do que procurar preservá-lo. O hábito de enterrar cadáveres dentro de caixotes (e freqüentemente embalsamados!) é uma estupidez mesmo do ponto de vista da ecologia. A carne em decomposição se subdivide em diversas sub-estruturas organo-químicas que (por exemplo) tornam o solo mais fecundo e mais propício à vegetação. Os cadáveres deveriam ser enterrados em campos de plantio, ou em jardins. Poderiam ser primeiramente ligados a hospitais, para fins científicos ou de transplante de órgãos; e após assim utilizados para auxiliar os vivos, poderiam ser convertidos em proteína e adubo. A reciclagem é um processo normal da natureza, e um cemitério é um crime contra a alma e contra o mundo. Se as pirâmides do Egito tivessem realmente sido erigidas como túmulos, seriam um monumento à estupidez humana.(5)

A idéia de que o vampiro pode assumir diversas formas animais é fruto da experiência de séculos. É claro que um corpo astral pode assumir as mais variadas formas, e o que é preciso compreender é que o vampiro é uma manifestação astral. (6) A ingênua credence popular pensa que as formas que o vampiro assume são sempre desagradáveis: morcegos, logos, etc. Mas um vampiro que assumisse formas que

desagradam ou atemorizam a massa da humanidade pouco duraria; como diz o ditado, não é com vinagre que se apanha as moscas! Pelo contrário, vampiros sempre assumem formas que possam fascinar as emoções de suas vítimas, buscando formar um laço de empatia com estas. Esta empatia pode ser sexual, religiosa, ou puramente afetiva; uma vez formado o laço, o vampiro pode drenar a vitalidade dos que caíram sob o seu fascínio. Daremos alguns exemplos concretos para esclarecer este ponto muito importante.

Em janeiro de 1903 Aleister Crowley estava em Paris, onde encontrou um ex-colega de universidade que lhe pareceu consideravelmente perturbado. Crowley perguntou se havia algo de errado. Seu conhecido, que sabia do interesse de Crowley por ocultismo, suplicou-lhe:

- Ajude-me a livrar minha namorada de uma feiticeira!

Era um convite pouco usual e bastante interessante. Indagando a identidade da feiticeira, Crowley foi informado de que se tratava (segundo o colega) de uma vampira que possuía alguns dotes artísticos e estava modelando uma esfinge à qual ela tencionava imantar com energia mágica a fim de realizar seus desejos.(7)

Crowley nem pestanejou ao ouvir isto: na sua peregrinação através da Aurora Dourada, encontrara mentecaptos capazes de absurdos ainda maiores. Ele tentou acalmar seu conhecido, apontando a este que uma mulher com um plano tão idiota poderia quando muito ser uma doente, mas não um perigo.

- Mas ela está morando na casa da minha namorada – insistiu o outro – e está drenando energia dela, tenho certeza! Por favor, ajude-me!

Crowley concordou em ir com o outro até a residência da namorada, fazer uma visita. A moça, cuja aparência era muito sensível, recebeu-os de maneira tal que demonstrou ser ela sem dúvida encantadora e generosa.

- Meu colega disse que há uma artista de talento morando consigo – disse Crowley. – Eu gostaria de conhece-la.

A namorada, como boa inglesa (mesmo habituada em Paris), convidou imediatamente o visitante para tomar chá com ela e a sua hóspede. O namorado, que tinha um compromisso de negócios, despediu-se, deitando uma última olhadela suplicante ao magista.

A namorada (que chamaremos de Srta. Q.) apresentou a escultora a Crowley. A pretensa vampira era uma senhora de meia idade, embora saudável; e à primeira vista totalmente insignificante. A Srta. Q. Deixou os dois à sós na sala e foi preparar o chá.

Crowley, convencido de que seu ex-colega estava obcecado por um ciúme excessivo, e de que a hóspede, que chamaremos de Sra. M., era uma pessoa totalmente inofensiva, embora talvez meio doida, viu sobre um console uma reprodução em bronze da cabeça de Balzac, escritor que ele admirava. Tomando-a nas mãos, sentou-se numa cadeira um pouco afastado da Sra. M., a qual se acomodara num sofá, e começou a contemplar a escultura.

Aos poucos ele sentiu uma estranha sensação de devaneio, muito agradável, como se estivesse sonhando acordado. (8)

Alguma coisa veludosa, muito acalmante, mas ao mesmo tempo erótica, moveu-se ao longo das costas da mão dele, subindo em direção ao pulso. Levantando a cabeça, ele percebeu que a Sra. M. deixara o sofá sem fazer qualquer ruído, e estava agora inclinada sobre ele: os cabelos dela estavam soltos em uma nuvem de cachos sobre seus ombros, e era a ponta dos dedos dela que estava acariciando o seu pulso.(9)

A Sra. M. não era mais a mulher de meia idade, insignificante e apagada: era agora uma jovem cheia de vitalidade e de extraordinária beleza.(10)

Nesse momento Crowley percebeu que seu colega tinha razão, e que ele estava na presença de uma influência hostil de grande poder oculto. Se ele se permitisse por um instante apreciar aquela beleza, mesmo cômico de que ela era fictícia, todo o seu poder mágico seria neutralizado pelo vampiro: totalmente envolvido na teia magnética dela, ele se tornaria um boneco em suas mãos, um brinquedo a ser manipulado e eventualmente abandonado quando não mais interessasse à dona.

Calmamente ele se ergueu da cadeira, agindo como se nada de extraordinário tivesse ocorrido; (11) e colocando o bronze de Balzac de volta sobre o console, voltou-se para a Sra M. e, reclinando-se contra o mármore, encetou uma conversação mágica com ela; isto é, uma conversação que superficialmente era a forma mais polida e impecável de trato social, mas que interiormente lacerava o coração maligno do vampiro, e queimava suas negras entranhas como se cada palavra fosse uma gota de ácido.(12)

A Sra. M. cambaleou para trás; mas após seu primeiro instante de penosa surpresa voltou à carga e avançou novamente em direção à ele, mais linda e fascinante ainda. Ela estava agora lutando por sua sobrevivência, não mais apenas pela energia vital de uma nova vítima. Se perdesse, um abismo se abriria diante dela, o abismo que toda mulher que já foi bela e cuja personalidade está apegada à carne sente diante de si quando está chegando à meia-idade: o abismo da beleza física perdida, da decrepitude, das rugas e das banhas. O cheiro de homem (13) parecia encher-lhe o corpo etérico inteiro de uma agilidade felina, de uma beleza irresistível. Gemendo uma palavra obscena, buscou colar seus lábios escarlates aos dele.

Crowley segurou-a pelos braços e, mantendo-a afastada do seu corpo, golpeou o vampiro com sua própria corrente maligna, da mesma forma como um assassino em prospecto às vezes é morto com a própria arma com que atacou sua vítima.

Uma luz azul-esverdeada pareceu brilhar em volta da cabeça da Sra. M.; (14) e então o cabelo sedoso perdeu a cor e a textura e tornou-se de um cinzento sujo: a pele macia encheu-se de rugas; os olhos faiscantes se apagaram em covas remelas. A moça de vinte anos desaparecera, e diante dele não estava mais a saudável mulher de meia-idade, e sim uma velha de uns sessenta anos, curvada, decrepita, corrupta. (15) Balbuciando maldições, a Sra. M. fugiu da presença do magista.

Tendo meditado sobre esta tentativa de ataque, Crowley chegou à conclusão de que a Sra. M. era insignificante demais para exibir poderes suficiente para quase

fascina-lo, e que ela, embora realmente um vampiro, fora utilizada por forças do mal mais poderosas que ela mesma, que a haviam tomado como foco de manifestação. Como resultado, ele encetou certas investigações ocultas que o levaram a descobrir uma poderosa quadrilha de falsos esoteristas, a qual combateu durante anos até destruí-la por completo; mas a história desse combate foge ao tema deste capítulo.

Acabamos de dar um exemplo de um vampiro utilizando (ou tentando utilizar!) o fascínio sexual a fim de formular um laço magnético com sua vítima. A Sra. M. era, também, um exemplo de vampiro que forma um laço de amizade com sua vítima – no caso, a Srta. Q.. Após seu encontro com Crowley, a Sra. M. perdeu todo o seu poder doentio e tornou-se apenas uma velhota excêntrica.

O número de casos de vampirismo com origem n devoção religiosa é praticamente incontável. O processo é muito simples: o corpo astral do vampiro assume uma forma que pareça o objeto da devoção de uma determinada pessoa, ou grupo de pessoas, e através dessa imagem astral forma um laço magnético com suas vítimas. A seguir passa a drena-las aos poucos de suas forças vitais através da devoção que elas lhe dedicam.

Este processo é impossível quando os sentimentos religiosos de uma pessoa se manifestam num nível de consciência suficientemente elevado para transcender as vibrações do corpo de desejos (O Kama-Rupa dos hindus). Se a veneração religiosa é de um alto nível de espiritualidade, não há possibilidade de manifestação de um vampiro, porque essas entidades só existem nos planos mias grosseiros do astral. Pessoas de uma religiosa elevada e pura, portanto, estão a salvo do vampirismo. Mas o tipo mais baixo de religiosidade está à mercê dos vampiros. Pessoas cujos sentimentos religiosos são apenas uma forma de sexualidade frustrada ou sentimentalismo doentio são as vítimas naturais deste tipo de vampirismo.

Mesmo ocultistas podem cair numa armadilha. Daremos um exemplo de interesse mais imediato a candidatos sérios à iniciação telêmica. Existe uma operação oculta muito séria, denominada em certos sistemas de “Invocação do Sagrado Anjo Guardião”. Uma Aspirante nossa conhecida lançou-se à execução dessa operação mágica sem estar suficientemente preparada para tanto. A invocação, de acordo com o método usado por ela, deveria durar seis meses; mas aproximadamente dois meses após ter iniciado a série de invocações esta Aspirante viu aparecer em seu laboratório mágico um homem imponente e venerável, cuja aura, segundo a descrição dela, “era tão santa que ela se sentiu compelida a ajoelhar-se diante dele.” Esta personagem declarou-lhe afavelmente que era Abramelin o Magista, (16) e que fora designado para seu Instrutor espiritual.

Essa Aspirante fora treinada inicialmente por um verdadeiro Adepto telêmico; mas com a morte desse, recusara escutar os conselhos do sucessor hierárquico do falecido. Ela acatou avidamente a visão que obtivera, e passou a seguir as “instruções” da entidade que se manifestara a ela. Como resultado, usurpou o título de iniciada da O.T.O., abriu uma “loja” sem permissão, mandou membros dessa “loja” assaltarem a residência da viúva de seu falecido Instrutor para roubar livros e manuscritos que ele, ao falecer, legara à O.T.O., e dos quais a viúva era a zeladora, e atualmente está em vias de ser processada por cumplicidade em roubo, plágio, e apropriação indébita.

É fato que uma das formas do “conhecimento e Conversação do Sagrado Anjo Guardião” ocorre no plano relacionado com o Corpo de Desejos, e que uma forma (Rupa) simbólica do “Anjo” pode então aparecer ao aspirante. Mas, como está escrito, “Conhecê-los-eis pelos seus frutos”: a validade de qualquer experiência mística ou mágica está no efeito evolutivo que produz na personalidade da pessoa que obtém a experiência.

Pouco importa, do ponto de vista da humanidade (ou do ponto de vista do Universo), se o nosso arroubo espiritual foi lindo ou gostoso. O que importa é se foi *ecológico*. Os iniciados definem o avanço espiritual do ser humano como maior eficiência na promoção da harmonia universal. (17) Se o seu arroubo não traz benefícios ao universo em que você vive, a fórmula que o compõe não é o Amor, que pressupõe interação e comunicação, e sim o Ódio, que pressupõe separatividade. (18)

Visões “místicas” ou “mágicas” de “Santos” e “santas” ocorrem constantemente em todos os sistemas religiosos. Na nomenclatura dos iogues, tais visões são formas de Dhyana, que é a experiência mística que *antecede* Samadhi, o que é a verdadeira experiência mística à qual o iogue aspira.. Em Samadhi há perfeita identidade entre você e a experiência; portanto a manifestação de *forma*, ou de uma Entidade separada de você mesmo, é impossível. Como diz o Bagh-i-Muattar: “Alá é ateísta: Ele não adora Alá!”

Os cristãos que experimentaram visões de “Jesus Cristo”, ou da “Virgem Maria”, por exemplo, estão experimentando projeções no plano astral da intensidade do seu próprio desejo. Se eles se apegam a tais visões, correm grande perigo de serem obcecados por entidades de uma baixa natureza. As incríveis perseguições religiosas dos cristãos uns contra os outros e contra membros de outros cultos, as espantosas crueldades da Inquisição romana e protestante, tiveram sua origem no apego por parte de crentes a visões deste tipo.

Como disse Eliphas Levi (a encarnação anterior de Aleister Crowley) em certa ocasião a um renitente obcecado:

- Quem é que o senhor quer ver?
- Adonai.(19)
- O senhor sabe quem é Adonai?
- Não, mas eu quero ver ele de novo.
- Adonai é invisível.
- Eu vi ele.
- Adonai não tem forma.
- Eu toquei ele com meus dedos.
- Ele é infinito.
- Ele é quase da minha altura.
- Os profetas hebraicos diziam d’Ele que a fímbria do Seu manto, do oriente ao ocidente, varre as estrelas da manhã.
- Ele estava de gravata e paletó.
- As escrituras dizem que ninguém pode vê-Lo e continuar vivo.(20)
- A cara dele era bondosa e jovial.

Que se pode fazer num caso destes? Como podemos convencer uma alma simples de que o Jesus Cristo dos Evangelhos é apenas um símbolo do Adepto, ou de que a Virgem Universal é demasiado sublime para ser concentrada em uma simples forma humana?(21) Principalmente quando sabemos que tanto o Cristo quanto a Virgem são arquétipos que existem, em uma forma ou em outra, em todo e cada subconsciente humano?

Ainda como diz o Livro da Lei: “Não sejas animal; refina tua raptura!”

O iniciado só passa além da Visão do Anjo a uma verdadeira comunhão com o Anjo quando percebe que é justamente a Visão que o separa d’Ele.

Qual o iogue que alcançará Samadhi enquanto se sentir satisfeito com Dhyana?

É necessário tomar o máximo cuidado com visões astrais. O plano astral é infinitamente plástico: a substância que o compõe está sempre pronta a assumir as formas do nosso desejo ou do nosso medo. Por este motivo, o Astral (como tudo mais neste mundo) é uma arma de dois gumes. Nós podemos utiliza-lo para uma auto-análise muito mais ampla que aquela que podemos obter através do mais talentoso dos psicanalistas; mas também podemos utiliza-lo para aumentar nossas ilusões e nosso autismo ao ponto de nos tornarmos loucos malignos.

Tudo é função do meio em que vivemos. As almas simples que se apegam a visões astrais não poderiam ser obcecadas ao ponto de causar mal à sociedade se a tônica emocional média da sociedade fosse estatisticamente mais elevada. Isto lembra o axioma: Todo povo tem o governo que merece. Da mesma forma, toda massa humana tem a religião que merece.

Estamos no Brasil desde 1961 e.v. Empregando toda a nossa força mágica, levamos dezesseis anos para impregnar a massa brasileira com a percepção de que o amor deve ser livre, e de que o divórcio é um bem, necessário em qualquer sociedade.

Quanto tempo mais levaremos para impressionar a mente coletiva com a necessidade de uma *verdadeira* democracia?...

O vampirismo com origem em laços afetivos é ainda mais insidioso que o vampirismo de origem religiosa, porque a afetividade puramente humana é uma tendência mais generalizada que a religião. Uma das manifestações mais comuns deste tipo de vampirismo é encontrado na relação entre parentes, principalmente pais e filhos. A Sra. Violet M. Firth, já citada, declarou em um livro seu tratando de ataques ocultos (infelizmente já muito desatualizado): “No curso de minha experiência psicanalítica encontrei um grupo de casos em que havia uma dependência mórbida entre duas pessoas, mais freqüentemente mãe e filha, ou entre duas mulheres; em alguns casos também entre mãe e filho. Sou da opinião de que aquilo que Freud chama de “Complexo de Édipo” ao é um fenômeno unilateral, e de que a ‘alma’ da mãe absorve a vitalidade psíquica da criança. É curioso notar quão envelhecida é sempre a fisionomia de crianças vítimas deste complexo, e como a personalidade é prematuramente amadurecida. Eu convenci vários pacientes a me mostrarem fotografias suas quando

crianças, e fiquei impressionada com a expressão tensa e preocupada das fisionomias infantis, como se pesassem sobre elas todos os problemas da vida adulta.”

Deve-se fazer uma ressalva neste diagnóstico da Sra. Firth: vampirismo familiar só ocorre após a puberdade. Até alcançarem a puberdade, são as crianças que sempre absorvem a vitalidade nervosa dos pais.(22) O vampirismo materno ou paterno só pode ser diagnosticado após o desenvolvimento normal dos caracteres sexuais secundários de um filho ou filha.

Citaremos um exemplo de nossa própria experiência. Em uma daquelas épocas, tão comuns na vida iniciática, em que as circunstâncias materiais nos constringem, estávamos vivendo em uma pensão modesta no Rio de Janeiro onde conhecemos um casal, mãe e filho, que viviam juntos embora o filho tivesse mais de trinta anos de idade. A mãe era uma senhora calada, de aspecto amável, com olhos muito expressivos que irradiavam uma impressão de grande afeto, não só pelo filho como pelo mundo em geral. O filho era fisicamente um homem de aspecto normal, com uma personalidade bastante positiva, bom conversador. Tanto quanto podíamos perceber, no contato forçado de pessoas que são vizinhas em quartos de pensão, eles viviam na maior harmonia e nos pareciam perfeitamente normais.

Mas no segundo ano de nossa estadia na pensão o filho pediu para nos falar em particular e contou-nos uma história estranha. Segundo ele, toda vez que começava a estabelecer relações sentimentais com alguma mulher, a mãe se ajoelhava a rezar constantemente diante de uma imagem, que tinham no quarto, da “Imaculada Conceição”; e mais cedo ou mais tarde alguma coisa acontecia para romper o relacionamento do filho com “a outra”.

A princípio nós presumimos que esta inusitada consulta era outra das muitas armadilhas que nos eram armadas pelos órgãos de vigilância incitados contra nós pela hierarquia católica.

- Por que você está me contando tudo isto? – Perguntamos-lhe.

- Não sei. É que o senhor tem um ar de pessoa que pode dar conselhos. Eu conheci outra moça recentemente, muito boa pessoa, ela gosta muito da mamãe, sabe? Mas a mamãe já está rezando... Estou com medo de perder esta moça, eu gosto mesmo dela. E sabe, eu já não sou nenhuma criança...

Após algumas perguntas discretas, concluímos que o rapaz estava de boa fé, e fora levado a nos consultar por intuição. O histórico do caso era bastante curioso. Mãe e filho viviam juntos desde a morte do pai, quinze anos antes, e dormiam na mesma cama. A mãe nunca criticava diretamente as moças que lhe eram apresentadas pelo filho, tratando-as com a máxima cortesia; apenas, sempre que uma nova candidata aparecia, rezava diante de imagens horas a fio todo dia. Mais de uma vez o filho acordara à noite e vira a mãe de joelhos diante da imagem, rezando.

- Eu não sei exatamente o que acontece – disse ele, - Eu conheço uma moça, me entusiasmo, apresento ela à mamãe... Passam alguns dias e meu entusiasmo vai enfraquecendo. Perco a vontade de sair com a moça, perco interesse em vê-la. É sempre assim.

- Seu problema é muito simples – nós lhe dissemos. – Se você quer realmente conservar essa moça, dê um jeito de destruir a imagem diante d qual sua mãe reza.

Ele arregalou os olhos.

- Mas eu não posso fazer isto! Mamãe tem aquela Imaculada Conceição desde o tempo de mocinha, quando era aluna de colégio de freira!

- Se você não destruir a imagem – replicamos – duvido muito que se case algum dia. Sua mãe está usando aquilo como um foco de vontade para manter você preso.

- Mas se a imagem da Imaculada tem esse poder – ele ponderou incertamente – não será porque Deus não quer que eu me case?

- Se Deus não quer que você se case, que diferença faz a imagem? Mesmo que seja destruída, você não casará nunca. Mas se, como eu penso, sua mãe está utilizando a imagem para realizar o desejo dela de manter você preso, ela está abusando de um símbolo religioso para fins materiais e egoístas.

- Mas porque ela está fazendo isto? – ele se lamentou.

Há ocasiões em que é necessário sermos diplomáticos.

- Não duvido que ela tenha a melhor das intenções – dissemos. Você sabe, para as mães nós somos crianças a vida inteira. – Percebemos que ele ainda hesitava, acrescentamos: - Olhe, a decisão é sua. Eu não vou destruir a imagem para você. Mesmo porque, se eu destruísse a imagem, não adiantaria nada. O gesto tem que partir do enfeitiçado, ou o feitiço não se quebrará.

Novamente ele arregalou os olhos; cremos que a idéia de uma imagem católica poder ser utilizada como feitiço nunca lhe ocorrera. Após um momento, perguntou:

- Como é que eu destruo a imagem?

- Da maneira mais simples. Você tem que inutiliza-la para fins de oração. Quebre-a em pedaços e jogue-a numa lata de lixo. Mas tome cuidado para que a lata de lixo não seja uma a que sua mãe tenha acesso; se ela conseguir colar os pedaços da imagem, o feitiço ficará ainda mais forte do que antes.

Dois dias depôs ele nos procurou novamente e confiou-nos que retirara a imagem do quarto, quebrara-a em diversos pedaços, e a caminho do trabalho jogara os pedaços num receptáculo de lixo público.

- E o mais esquisito – cochichou – é que a mamãe não disse uma palavra quando entrou no quarto e não viu a imagem!

O namoro desse rapaz com aquela particular moça (sentimos desapontar os nossos leitores mais românticos) não durou, por motivos que explicaremos adiante; mas alguns meses depois da destruição da imagem a mãe desenvolveu sintomas de câncer e antes do fim do ano faleceu. A corrente de força, perdendo seu ponto de apoio, repercutira contra ela.

Esta é uma possibilidade que sempre existe em casos de vampirismo: que o vampirismo, desprovido de sua presa, perca as forças e morra. Não mencionáramos a possibilidade ao nosso consulente porque tínhamos certeza de que não teria destruído a imagem em tal caso.

Mentalidades superficiais ou pessoas de moralidade pouco desenvolvida ponderarão aqui, talvez, que encorajamos um filho a praticar um matricídio mágico. Este absolutamente não foi o caso. Se as forças vitais que a mãe estava utilizando para conservar sua vida e energia fossem naturais de seu próprio organismo, a destruição da imagem não teria lhe causado qualquer dano físico. Nenhum ser humano tem o direito de se conservar vivo à custa do prana dos seus semelhantes. Para os iniciados, a morte é uma etapa da vida.

Já mencionamos que o vampirismo é contagioso: o namoro desse rapaz com a moça que o levou a destruir a imagem não continuou porque (conforme pudemos averiguar) ele começou a demonstrar para com ela o mesmo tipo de ciúme doentio (23) que a mãe tivera para com ele.

“Dize-me com quem andas, e te direi quem és” é um desses truísmos que todo mundo repete sem lhes prestar atenção; no entanto é um formidável aviso no que se refere à magia e ao misticismo. Uma pessoa vampirizada, perdendo sua energia, tende a absorver energia dos outros, e é encorajada a assim fazer pelo próprio vampiro, que deseja aumentar suas fontes de alimentação. Aprendendo os truques do vampiro à custa de sua própria experiência como vítima, ela começa (na maioria das vezes sem se tornar cônica do fato) a utilizar as mesmas técnicas que seu algoz. Usando ainda outro truísmo, a prática leva à perfeição: em muito menos tempo do que julgaríamos possível, a vítima se torna outro malfeitor.

George Cecil Jones, um dos dois únicos membros da Aurora Dourada, além de Aleister Crowley, que forma capazes de alcançar o Adeptado legítimo, (24) teve em certa ocasião uma experiência curiosa. A mesma Sra. Firth, Dion Fortune, pediu sua ajuda num caso raro de perturbação mental que viera a seu conhecimento. (A Sra. Firth foi uma das primeiras mulheres psicanalistas na Inglaterra).

Uma colega da Sra. Firth aceitara como paciente um certo jovem de família ilustre, o qual exibia sintomas periódicos muito semelhantes a ataques de epilepsia; e para poder fiscalizar o progresso de seu paciente com mais cuidado, consentira em hospedá-lo num apartamento que ela dividia com outra estudante, não de psicanálise.

Um fenômeno muito estranho começou a ocorrer assim que o paciente foi viver no apartamento: toda noite, quase à mesma hora, os cães da vizinhança começavam a latir e uivar furiosamente, e no mesmo instante uma janela de sacada, que dava para uma varanda, se abria e uma corrente de ar frio percorria o apartamento.

Imediatamente após, o paciente hospedado entrava em convulsões, e a seguir sofria um desmaio prolongado.

Embora a janela de sacada fosse fechada à chave, e até barricada, assim mesmo se abria; e foi este fato inusitado que levou a colega de Dion Fortune a recorrer a ela, que sabia interessada em casos dessa natureza.

A Sra. Firth indagou sobre os antecedentes do paciente, e ficou sabendo que este tinha um primo em segundo grau, também de família nobre, o qual tinha sido descoberto em flagrante na França, durante a guerra, praticando necrofilia com o cadáver de um alemão. (25) Graças à influência de sua família o jovem necrofilíaco não fora mandado para uma prisão militar, mas sim colocado sob a responsabilidade de sua família como um caso de loucura. O jovem exibia sintomas semelhantes aos do primo, com ataques nervosos periódicos seguidos de prolongada coma, e foi posto sob os cuidados de um enfermeiro. (26) Mas o enfermeiro, como todo mundo, tirou férias; e nessa ocasião o doente foi colocado sob os cuidados de seu primo.

Aconteceu que o primo também tinha tendências homossexuais, e o doente incitou-o à intimidade. Em certa ocasião, o necrofílico mordeu seu parceiro no pescoço durante o ato, com tanta força que chegou a tirar sangue.

Foi após esta particular ocasião que o primo começou a exhibir os mesmos sintomas de epilepsia que o doente, o que levou sua família a coloca-lo sob os cuidados da colega de Dion Fortune.

A Sra. Firth visitou o apartamento e examinou o jovem. Constatou que estava anêmico. Era como se estivesse resignado a morrer.

Aproximadamente às nove horas da noite, o mesmo fenômeno curioso se repetiu; os cães da vizinhança começaram a latir e a uivar, e a janela de sacada, embora barricada com uma poltrona, abriu-se e uma lufada de ar frio invadiu os aposentos. Ao chegar ao quarto do rapaz, este soltou um grito, curiosa mescla de prazer e medo, e após agitar-se de um lado para outro na cama, desfaleceu.

- Isto não é epilepsia – a Sra. Firth disse à sua colega – mas algo bem diverso.

- Você pode fazer alguma coisa? – perguntou a outra.

- Eu talvez não, mas conheço alguém que pode.

A Sra. Firth foi procurar George Cecil Jones, sob cuja supervisão ela se colocara após chegar à conclusão de que os Mathers haviam perdido contato com os Chefes Secretos. O Adepto ouviu com atenção os sintomas do caso e finalmente declarou que gostaria de estar presente durante um ataque de nervos do paciente da colega da Sra. Firth.

- Eles sempre ocorrem mais ou menos à mesma hora – Dion Fortune disse. – Entre as nove e meia e as dez da noite.

- A que hora, em geral, o primo dele vai dormir? – perguntou Jones.

A idéia não havia ocorrido à Sra. Firth. Ela se informou pelo telefone, e ficou sabendo que o primo em geral se recolhia ao leito às nove horas, ocasião em que seu enfermeiro se retirava a seu próprio quarto e ia dormir.

- Sem dúvida nenhuma, disse Jones – eu gostaria de estar presente durante o próximo ataque.

Jones, um farmacêutico conceituado e muito bem casado, (27) explicou à esposa que provavelmente passaria a noite fora; e às oito estava no apartamento da colega de Dion fortune.

Às nove e meia os cães começaram a latir; a janela de sacada abriu-se suavemente; uma corrente de ar frio percorreu a sala.

- Uma entidade muito desagradável acaba de entrar neste apartamento – declarou Jones. – Está ali no canto da sala.

- Eu não vejo nada – declarou a colega da Sra. Firth.

- Nem seu – confessou Dion fortune.

- Diminuam as luzes – disse o Adepto.

Duas lâmpadas foram apagadas e as mulheres puderam ver uma espécie de brilho muito fosco num canto indicado por ele.

- Ponham a mão naquilo – disse Jones.

Elas assim fizeram, e experimentaram um leve formigamento, semelhante àquele produzido por câibra num membro dormente.(28)

Jones dirigiu-se para a janela de sacada e, mergulhando os dedos num vasilhame de água com sabão que preparara de antemão, pronunciou certas palavras e selou a abertura em toda a sua extensão. No centro do piso ele traçou um pentagrama apontando para dentro, seguindo uma forma particular de traçado, (29) e pronunciou um Nome em voz baixa.

- Está saindo da sala! – Exclamou Dion Fortune, seguindo o clarão fosco com os olhos.

- Não conseguirá escapar – disse o Adepto. – Todas as vias de acesso estão seladas. Deixei a janela por último exatamente para que a entidade pudesse entrar.

- Como vamos destruí-la? – perguntou a Sra. Firth.

- Não vamos destruí-la – disse Jones. – Eu vou absorve-la.

- O brilho fosco – a única coisa que as duas mulheres podiam ver com os olhos físicos – recuou passo a passo através do apartamento inteiro, movimentando-se até portas e janelas apenas para fugir delas. No quarto do paciente, este, de olhos

arregalados, acompanhou a entrada de três pessoas (entre elas um quase desconhecido que viera previamente a seu quarto apenas para lhe molhar a janela e fazer gestos cabalísticos no ar) as quais pareciam seguir alguma coisa que apenas um deles podia “ver”, e a subsequente saída do trio, sempre em perseguição de alguma coisa impalpável. A Sra. Firth comentou mais tarde que a expressão do jovem tinha sido muito engraçada, e que era pena que na ocasião ela não tivesse tido nem tempo nem disposição para rir.(30)

A entidade finalmente foi encurralada no banheiro do apartamento, cuja basculante também havia sido selada por Jones; e quando tentou sair novamente, o Adepto colocou-se em frente à porta, recomendando às duas mulheres que ficassem de fora. Passo a passo, Jones avançou para o “brilho fosco” e finalmente “entrou” nele.

A Sra. Firth, numa versão altamente glamurizada deste incidente, declarou que, ao terminar de absorver o vampiro, Jones caiu desfalecido. Tal não aconteceu: o Adepto ficou apenas um pouco tonto, e após sentar-se e tomar um dedo de conhaque recuperou-se.(31)

O resultado desta aventura um pouco sensacional foi que não só o paciente da colega da Sra. Firth como o seu primo pararam de sofrer “ataques epiléticos” e recuperaram a saúde. O ex-combatente, entretanto, continuou a ser homossexual, e durante o resto da vida se tornou célebre na alta sociedade britânica por seus excessos. Estes, porém, foram sempre de ordem mundana, sem quaisquer sintomas de vampirismo ou outros fenômenos ocultos.

O paciente da colega da Sra. Firth confessou à sua psicanalista que sempre sentira que estava sendo atacada por algum “fantasma” quando tinha uma crise; mas não ousara dizer isto a ninguém, por medo de ser considerado louco e internado num manicômio.

Jones, quando interrogado por Dion Fortune quanto à origem do vampiro, declarou que não fora um ser humano encarnado, nem um corpo astral habitado por um ser humano, mas apenas um cascão abandonado por alguma pessoa de hábitos parasitas (como um gigolô, um proxeneta, ou certos tipos de padres católicos e mulheres casadas), o qual fora atraído ao campo de batalha pelo sangue derramado; talvez mesmo o corpo astral do morto com o qual o primo mantivera relações anormais. A origem da entidade pouco importava: nas circunstâncias, ela pudera formar um laço magnético com o soldado; e mais tarde fizera o mesmo com o primo deste, no momento em que a mordida no pescoço derramara sangue.(32)

Não deve ser concluído daí que uma mordida no pescoço ou em qualquer outra parte do corpo, com derrame de sangue, é indispensável à manifestação de um vampiro, ou resulta fatalmente em vampirismo! O fenômeno é de natureza eletromagnética, ou *etérica*, para usar a nomenclatura criada pelos teosofistas para traduzir os termos hindus.(33) A manifestação de vampirismo pode ocorrer sem qualquer marca aparente no corpo físico.

Em casos, porém, de anemia crescente e inexplicável pela medicina oficial, é possível que haja marcas matéricas, pois a entidade responsável existe no limiar do mundo físico, como aquela no caso que acabamos de relatar. Mas tais marcas nunca são

tão grosseiras como as tradicionais picadas gêmeas do romance de Bram Stoker ou dos filmes de vampiro! Quando suspeitamos que a emaciação orgânica é causada por um vampiro, devemos examinar a pele do paciente com uma lente de aumento. A lente tornará visíveis diminutos furos semelhantes a picadas de insetos. Segundo Dion Fortune, esses furos se concentram mais no pescoço, principalmente debaixo das orelhas, em volta da ponta dos artelhos, ou (no caso de uma mulher) nos seios. Mas a Sra. Firth viveu numa época muito pudica, e não mencionou que tais furos também devem ser procurados na parte interna das coxas, entre as nádegas, e na virilha ou no púbis. Caso sejam notados no corpo de pessoas cujo meio-ambiente ou asseio pessoal invalide a possibilidade de serem causados por pulgas, percevejos ou mosquitos, então será hora de considerar a possibilidade de um vampiro – o qual pode, inclusive, estar encarnado e bem vivo, e ir à praia em pleno sol aos domingos!

(1) Drácula é um nome histórico: existiu um Príncipe Drácula nos Bálcans, um homem de extraordinária crueldade; mas não era um vampiro. Se crueldade fosse sinônimo de vampirismo, metade da humanidade já teria esvaído a outra metade em sangue.

(2) No Egito antigo, nobreza e sacerdócio eram sinônimos. Os filhos de famílias nobres eram treinados nos templos, e o Faraó – a Grande Casa – era, em teoria, um Mestre do Templo. Enquanto estes requisitos foram (relativamente!) respeitados, o Egito se conservou grande. No momento em que foram relaxados, o país começou a se desintegrar. Mas já durara cinco mil anos.

(3) O assim chamado “Livro dos Mortos” não era realmente para os mortos: era o manual padrão de Viagem Astral, e supunha-se que todo egípcio ou egípcia de família nobre o utilizasse diariamente, para fortificar seu corpo astral ao ponto em que este resistiria à Segunda Morte. O livro era colocado nas tumbas porque se tratava de cópia pessoal do morto ou da morta, e supunha-se que o seu magnetismo natural, provindo do manuseio, seria um laço magnético adicional com o astral.

(4) Há, além de mais, um aspecto místico ou iniciático nas lendas dos vampiros, as quais neste sentido são reflexos qliphóticos de realidades hieráticas. A Tumba de Christian Rosenkreutz, por exemplo; ou a visão do Mestre como um vampiro poderoso que ameaça e destrói a estrutura psicossomática mundana dos seus discípulos.

(5) As pirâmides eram templos iniciáticos e acumuladores especiais de energia cósmica (os “beijos das estrelas”). Nenhuma foi erigida por “escravos debaixo do chicote”: os egiptologistas sabem agora que foram erigidas por turmas selecionadas de trabalhadores, em épocas de escassez de trabalho. Esses trabalhadores eram pagos pelo tesouro nacional e alimentados pelos armazéns da coroa, que assim contribuía para diminuir o desemprego ao mesmo tempo que estimulava a religião iniciática. As condições de trabalho foram descritas pelos próprios operários em inscrições brincalhonas talhadas por eles nas enormes pedras da construção. As lendas de escravos chicoteados e sacrificados foram espalhadas pelos judeus e, mais tarde, por Heródoto, que só conheceu o Egito quando este já se encontrava em decadência, e vinha da terra que inventou a “democracia”, isto é, a escravatura legalizada.

(6) Há casos documentados de pessoas vivas que matam para beber o sangue de suas vítimas, mas tais casos não são vampirismo, e sim loucura, a qual toma esta forma apenas em virtude do condicionamento de uma mente perturbada, quer por lendas ouvidas na infância, quer pela profusão mesma de literatura, filmes e peças teatrais sobre o tema do vampiro.

(7) É patética a maneira como pseudo-ocultistas confundem os planos. A maioria das pessoas busca na magia um meio de ganhar dinheiro, ou amor, ou glória e poder, sem fazer esforço; e nesta vã esperança, em pouco tempo tais preguiçosos começam a fazer mais esforço, em direções mais ineficientes, do que despenderiam e tomariam se buscassem realizar suas reais ambições jogando na Bolsa, ou aprimorando o físico, ou entrando na política.

(8) O devaneio é uma forma de semi-exteriorização astral. Pelo fato de ser um ato passivo, e bastante receptivo, pode ser muito perigoso em má companhia. Deve, em qualquer caso, ser evitado por ocultistas, por ser um ato involuntário e dispersivo.

(9) O devaneio do magista fora um poderoso e insidioso ataque magnético por parte do vampiro, aproveitando-se do estado contemplativo em que ele se encontrava.

(10) Tendo estabelecido um contato magnético com a aura de Crowley, o vampiro fizera seu corpo etérico, semi-exteriorizado e semi-materializado, assumir uma aparência que agradasse a ele.

(11) isto é uma atitude mágica, extremamente difícil para uma pessoa que não tenha praticado concentração mental. Compare-se com a reação da nossa colega diante do ataque do assistente, que descrevemos anteriormente.

(12) A conversação é conduzida em dois planos simultaneamente, as palavras físicas sendo escolhidas como símbolo da intenção mágica que é irradiada através delas. Esta é uma técnica praticamente impossível a uma pessoa que não tenha tido treino sistemático em ioga e magia.

(13) Cada sexo possui um aroma corporal básico, irradiado através da pele, que quando estamos em bom estado de saúde e temos bom equilíbrio hormonal age como atração para o sexo oposto.

(14) O magnetismo etérico em alta tensão tornou-se visível por causa de sua utilização para materializar a forma de fascínio. O processo de repercussão não é difícil para iniciados treinados. Crowley atraiu ao seu corpo etérico a energia toda do vampiro, e então golpeou-o com a própria força vital que a Sra. M. extraíra de suas vítimas.

(15) Como punição, o Adepto criara a imagem mental que a Sra. M. temia, e a implantou no corpo etérico do vampiro. O processo de envelhecimento foi acelerado por repercussão no corpo físico.

(16) “Abramelin o Magista” era o pseudônimo de um iniciado que viveu pouco antes da Renascença e foi responsável por muitos desenvolvimentos culturais e religiosos da época. Um livro baseado em seus ensinamentos, e em parte (supostamente) de sua autoria, será eventualmente publicado nesta série.

(17) Isto não quer absolutamente dizer que morte, guerra, dor, crime, violência, etc., são “inarmônicos”. Morte e vida, dor e prazer, amor e ódio são simples pólos do Aspir e Respir universal. Tanto o amor quanto o ódio são inecológicos quando não promovem o bem-estar universal. Este bem-estar deve ser definido como livre funcionamento de todas as unidades que compõem um sistema. Nas palavras do Livro da Lei: “Assim com teu tudo: tu não tens direito a não ser fazer a tua vontade. Faze aquilo, e nenhum outro dirá não. Pois vontade pura, desembaraçada de propósito, livre da ânsia de resultado, é toda via perfeita”.

Tanto o leão quanto o cordeiro são necessários ao universo. Não se conclui disto que os leões devam deixar de se alimentar de cordeiros, ou os cordeiros devam deixar de se alimentar da grama, a qual, num sistema ecológico, por sua vez se alimenta de leões mortos.

(18) Note-se que o ódio, quando dirigido a outra pessoa, é (do ponto de vista iniciático, e principalmente telêmico) uma forma de Amor, enquanto que o amor, quando dirigido exclusivamente a nós mesmos, é uma forma de ódio.

(19) Adonai é o título cabalístico do Sagrado Anjo Guardião. Veja-se o Zanoni, de Bulwer-Lytton.

(20) Compare-se com a tradição grega quanto à “Visão de Pã”. O “Sagrado Anjo Guardião” não é a mesma coisa que o “guru” hindu; trata-se de uma experiência muitíssimo mais elevada. Alguma forma do “Conhecimento e Conversação” ocorre a cada grau de iniciação telêmica, com a única exceção da Passagem do Abismo, em que o Anjo abandona seu cliente (“Senhor, senhor, por que me abandonas-te?”). Cada percepção que se tem do Anjo aumenta e amplia a percepção anterior; sua manifestação como uma Forma (Rupa) é apenas um dos passos no relacionamento. Veja-se LXV, um dos Livros Santos de Télema.

(21) Como diz o Livro da Lei: “Ó Nuit, continua mulher do Céu, que seja assim sempre: que os homens não falem de Ti como Uma, mas como Nenhuma; e que eles não falem de ti de todo, desde que tu és continua!” (Veja-se O Equinócio dos Deuses, página 3, verso 27.)

(22) Este é um dos motivos por que Adeptos dedicados a trabalhos que exigem um máximo de aproveitamento das energias vitais evitam engendrar filhos no plano físico.

(23) O ciúme, longe de ser uma “prova de amor”, conforme pensam os profanos, é uma das piores manifestações de egoísmo de que é capaz um ser humano.

(24) Ele é conhecido na A.’A.’ pelas iniciais do seu Nome Mágico, D.D.S. Veja-se “A Lição de História”.

(25) A Primeira Guerra Mundial. Relações sexuais com cadáveres, e até mesmo ataques sexuais contra feridos, ocorrem em todas as guerras; são um dos muitos aspectos desagradáveis desse tipo de diversão favorita dos governos.

(26) Note-se que embora o rapaz tivesse sido apanhado em flagrante praticando um ato homossexual com um cadáver, não ocorreu à sua nobre família que seria mais seguro, nas circunstâncias, coloca-lo sob os cuidados de uma enfermeira. É que na época “não ficava bem” ter uma mulher provendo um jovem de “cuidados íntimos”. Somos forçados à conclusão de que a hipocrisia social é uma forma de loucura coletiva.

(27) Ao contrário de Crowley, que na época tinha três amantes e uma péssima reputação!...

(28) Dormência muscular é produzida por exteriorização parcial ou completa do duplo etérico, e o formigamento resulta de seu retorno ao corpo físico, quando o contato elétrico com os centros nervosos é retomado gânglio por gânglio. O sistema terapêutico chinês da acupuntura se baseia nesses centros onde o duplo etérico está diretamente ligado ao corpo físico.

(29) Veja-se Líber O, uma das Instruções Oficiais da A.’A.’, a serem publicadas nesta série como apêndice a Livro Quatro Parte III.

(30) Deve-se observar que nesta particular ocasião o paciente não sofreu um “ataque epilético” nem desfaleceu; e que nunca mais apresentou tais sintomas depois disto.

(31) O processo de absorção consiste em sintonizar nosso corpo astral com a entidade. Para fazer isto é necessário “amá-la”. Normalmente, só um iniciado de um certo avanço está em condições de fazer isto sem sérios prejuízos para si mesmo, pois é necessário aceitar a entidade absorvida como parte de nosso carma.

(32) *Sangue (mas não o menstrual, que está livre de carma), sêmen e secreções vaginais forma os mais poderosos laços com o plano astral, através do sub-plano chamado “etérico”.*

(33) *Aqueles que julgam que os teosofistas (a começar por Blavatsky a genuína, e a terminar com aqueles dois inescrupulosos charlatões, Besant e Leadbeater) tiveram “acesso à sabedoria secreta dos Mestres do Himalaia” para produzirem suas obras, desiludam-se: a filosofia mística hindu sempre existiu abertamente em documentos que podem ser examinados por qualquer interessado; mas como estava escrita apenas em sânscrito, eram poucas as pessoas familiarizadas com ela. Crédito é devido a Blavatsky por chamar a atenção do mundo ocidental para a inegável riqueza psicológica do pensamento hindu, quer ligado ao bramismo, quer ao budismo. Mas Besant e Leadbeater tentaram utilizar a sociedade fundada pela Mestra russa para fins puramente mundanos e políticos. Krishnamurti que o diga.*

CAPÍTULO V

OS HABITANTES INUMANOS DO ASTRAL

Existem nos planos de energia sutil diversos tipos de seres em evolução, exatamente como neste plano. O folclore de todos os povos e de todos os tempos menciona esses seres sob diversos nomes: gnomos, silos, salamandras, ondinas, fadas, gigantes, ogres, anjos, demônios, etc...

A quantidade de nomes e descrições parece infindável, mas deve ser atribuída ao fato de que o Astral é tão plástico, e tão disposto a assumir as formas do nosso desejo ou do nosso medo. Os apetites e atitudes culturais das diversas nações humanas produzem modificações na maneira ou no aspecto com que as espécies vivas dos planos sutis se manifestam à imaginação das crianças, dos visionários, ou dos artistas dessas nações. Aquilo que os escandinavos chamam de “troll”, por exemplo, é o mesmo tipo de entidade que os alemães chamam de ogres, os franceses de gigantes, os árabes de “afrit”, os indígenas brasileiros de “curupira”, e os antigos escravos nas senzalas chamavam de “sacis”; fazem parte daquele tipo de entidade que o moderno candomblé denomina de exus.

Essas entidades eram chamadas de elementais pelos antigos “rosa-cruzes”, porque habitavam determinados sub-planos do astral correspondentes a um dos elementos místicos Fogo, Água, Ar e Terra.

Antes de entrarmos mais a fundo num estudo dessas criaturas e seu relacionamento com a humanidade, é preciso tocarmos rapidamente no assunto de “Mal” e “Bem”. Todo mundo interessado em ocultismo já deve ter ouvido dizer que o “Mal” não existe; todos os escritores sérios sobre o assunto são unânimes neste ponto, e esta é a maior causa de divergência entre religionários cristãos e os ocultistas, porque os religionários cristãos acreditam no “Diabo”, ou “Satanás”, como criatura hostil à humanidade, e dedicada à sua destruição. Recentemente, o “Papa” Paulo VI chegou ao ponto de afirmar publicamente a existência do “Diabo”, sem o que, naturalmente, não pode haver o “cristo”; pois, se não houve um pecado original provocado pela malícia do “Demônio”, que necessidade haveria do sacrifício de “Jesus” ?

O raciocínio do papa é sem dúvida razoável; mas os cristãos não ponderam que, se o “Filho Único de Deus Padre” foi sacrificado há dois mil anos para “salvar” a humanidade do “Demônio”, o sacrifício parece não ter tido o mínimo resultado: a maioria dos seres humanos continua tão burra, tão egoísta, e tão mesquinha quanto era; principalmente os cristãos! Há quem diga, até, que o procedimento dos cristãos tem sido bem pior que o dos romanos e gregos “pagãos” e nós hesitaríamos em contestar essa opinião.

Está muito bem negar a existência do “Mal”, e a maioria dos diletantes em ocultismo deve se sentir muito feliz em saber que não existe um poder maligno no Cosmo deliberadamente buscando oprimir a espécie humana; mas essas mesma maioria não reflete que, se o “Mal” não existe, tampouco existe o “Bem”, e não há um poder cósmico deliberadamente buscando salvar a espécie humana das conseqüências da

estupidez. A situação foi muito bem expressa em um curto mas profundo poema de um escritor norte-americano, Stephen Crane:

“Um homem disse ao Universo: Cavaleiro, eu existo!

- Sem dúvida – replicou o Universo. – Mas o fato Não desperta em mim qualquer senso de responsabilidade para consigo”.

Esta é a dura realidade iniciática: tanto o “Bem” quanto o “Mal” não existem no Universo a não ser em termos da conveniência pessoal de cada ser vivo. Para o tubarão, “Mal” é o arpão do pescador; para a aranha caranguejeira, “Mal” é o ferrão da vespa caçadora que faz dela, ainda viva mas paralisada, alimento para as larvas da vespa. Para os homens estúpidos, “Mal” são os homens de gênio que tentam fazê-los pensar.

Sem dúvida, na Judéia intolerante e irritada pelo domínio estrangeiro, o Jesus evangélico, se tivesse existido, poderia ter sido executado; aliás, na Judéia atual, ele provavelmente teria tido o mesmo fim. Mas na Rússia moderna ele seria colocado num manicômio ou, no pior dos casos, seria degredado para a Sibéria. Nos Estados Unidos da América ele provavelmente emigraria para a Califórnia, onde qualquer místico idiota arranja meios de fundar um culto (com tanto mais facilidade quanto mais idiota for o místico); no Brasil, com tantos milagres, milagreiros e mensagens, ele era bem capaz de passar despercebido.(1)

O “Diabo” representa aqueles aspectos do Universo que nos provocam apreensão, medo, repugnância, ou – sejamos francos – ódio. Existe, por exemplo, um axioma em antropologia: o deus de uma tribo conquistada sempre se torna o diabo da tribo conquistadora. Isto faz parte do processo de absorção da cultura vencida pela vencedora: desde que a religião de um povo exprime suas ambições de auto-expressão e autonomia, é necessário destruir-lhe a religião e substituí-la por aquela dos dias conquistadores.

Às vezes o tiro sai pela culatra, como aconteceu na Índia durante séculos seguidos, porque a religião dos conquistados é tão mais sofisticada que a dos conquistadores que estes acabam adotando-a e sendo, aos poucos, assimilados na cultura que haviam pensado derrotar. Tal foi também o caso da conquista da China pelos nômades mongóis.

Tomemos, por exemplo, Belzebu, um tradicional demônio na mitologia judaica. O nome vem da frase hebraica Ba'al Zebuh, que significa *Deus das moscas*, e fazia parte originalmente de uma invocação de Al, “deus” em hebraico, contra as moscas, que numa região quente e seca como o Oriente Médio podiam se tornar bastante incômodas.

Acontece que Ba'al era o nome de Deus entre uma das muitas outras tribos semitas do Oriente Médio. Nessa nação, os mortos não eram enterrados; eram cortados em pedaços e a carne era espalhada nos campos de plantio, (2) onde apodreciam e pululavam de moscas. Os Judeus, que ambicionavam – e eventualmente adquiriram, através do método usualmente recomendado pelos profetas de “Jeová”, o genocídio (3) – as terras dessa tribo, adotaram o nome desse deus, como um lembrete do ato que repudiavam, entre a sua hierarquia demoníaca, *Ba'al Zebuh* eram as palavras iniciais de

uma oração: *Ó Deus das moscas!* Entre os judeus, isto passou a significar *O deus das moscas*. Era uma forma sarcástica de se referirem à divindade da tribo derrotada e exterminada.

Examinemos, no entanto, a psicologia por trás dessa medida: significa que o “deus”, ou força, ou potência, que seja capaz de proteger um animal tão nojento e insignificante quanto é a mosca ao pode ser um “deus”, ou força, ou potência “respeitável”; tem que ser um “demônio”! ...

Há nisto uma decisão, por parte dos meros homens (e estes, fanáticos de mãos sujas de sangue), quanto às criaturas que são de Deus e as criaturas que “não são”. Mas se as moscas não são de “Jeová”, então existe algo na Criação que não pertence a “Jeová”; e se existe algo na Criação que não pertence a Deus, então existe mais de um Deus.

E assim, antes que percebamos o fato, caímos na religião simplista dos antigos persas, com Ormuz, o “deus da luz”, personificando o criador de todas as coisas, “agradáveis”, e Arimã, o “deus da escuridão”, personificando o criador de todas as coisas que ofendam os nossos preconceitos.

Muito prático, muito confortável: aquilo que nos agrada e afaga os nossos egos vem de “Deus”; aquilo que nos contraria, que nos incomoda, que nos irrita, que nos humilha, que nos torna ridículos ou fracassados, vem do “Diabo”.

Então vemos na Idade Média (e essa idade sombria perdura até hoje em certas partes do mundo) nações que vão à guerra invocando o mesmo Deus para que derrote seus adversários; que em nome de um Deus de amor e misericórdia queimam vivos os seus semelhantes, ou trucidam mulheres, velhos e crianças; que em nome de um Deus que consideram onipotente, onisciente e onipresente matam, condenam e perseguem aqueles pioneiros em seu próprio meio que descobrem algo novo, que tentam ampliar a concepção do Universo (e portanto do Criador do Universo) além dos limites do medo e da intolerância dos teólogos e dos padres.

Galileu é torturado e condenado por dizer que a terra não é o centro do Universo; será que o sábio não percebeu que ao dizer isto estava dizendo que o homem não é a criatura favorita nem a mais nobre das criações de Deus?

Satã é uma palavra que vem do hebraico *Satan*, que significa o opositor, aquele que discorda de nós; e esta palavra hebraica, *Satanás* no latim, não é mais que uma corrupção da palavra sânscrita *Sanatanas*, que significa *eterno*, e que até hoje, na tradição hindu, ainda é aplicada às três pessoas da Trimurti (Brama, Shiva e Vishnu) e às três divindades femininas que lhes correspondem.

Os antigos judeus tinham, é claro, contato cultural e comercial com os países do oriente; e procurando desesperadamente conservar a sua existência como tribo, a sua consciência cultural, através de suas peregrinações e vicissitudes, temiam acima de tudo as religiões das nações mais avançadas com que entravam em contato, pois sentiam instintivamente que eram mais nobres e mais amplas que a sua. (4) Daí a associação da palavra *Sanatanas* com a idéia de um adversário, ou inimigo.

A rejeição pelos judeus do conceito hindu da divindade foi um ato político; e a imposição do seu conceito muito mais grosseiro e solitário, sobre a cultura ocidental foi uma operação mágica através da qual o povo judeu até hoje domina moralmente a filosofia e a ética da Europa e das Américas.

O cristianismo, afinal de contas, não é mais que um ramo, ou extensão, do judaísmo.

Queremos dizer com isto que o Satã teológico não existe? Sim. Queremos dizer com isto que não existem demônios? Não.

Existem, é claro, entidades de outras linhas de evolução às quais podemos chamar de demônios; (5) mas é pueril e, em certos casos, até insultuoso, pensar que as criaturas que ocultistas chamam de *demônios* se manifestam conforme as teorias da teologia cristã, e principalmente as dos católicos romanos.

Os “demônios” que obcecaram os “possessos” do catolicismo romano, por exemplo, são elementais artificiais, ou cascões, e até mesmo projeções telepáticas (isto é, personificações) dos recalques dos “possessos” ou dos “exorcistas”; raramente são *demônios* no senso que ocultistas atribuem a esta palavra. E quando são, trata-se sempre das entidades menos evoluídas, em outras palavras, das *crianças* daquela determinada forma evolutiva que chamamos de *demônios*. Estão *brincando*. À nossa custa, claro. Mas não temos nós também crianças que brincam à custa de outras formas de vida? Ou há quem pense (fora das escolas e seminários do catolicismo romano) que pendurar uma lata velha no rabo de um gato ou de um cachorro é menos incômodo, para o infeliz animal, do que ter um demônio a tiracolo nos atazanando é para um assim chamado ser humano? ...

Talvez seja conveniente darmos aqui uma definição das principais formas de vida que podem ser encontradas no “Plano Astral”. Embora muitas destas definições tenham sido dadas antes, talvez possamos contribuir algum esclarecimento aos leitores além do que eles já possuem de outras fontes. Temos, porém, que fazer duas ressalvas: primeiro, nossa classificação absolutamente não é definitiva; à medida que nosso conhecimento se amplia, novos tipos de entidades são adicionados à lista; e à medida que nós mesmos, como seres humanos, evoluímos, nossa percepção dessas entidades, mesmo aquelas com as quais mantemos contato há milhares de anos, se amplia.

Segundo, a classificação será feita do ponto de vista iniciático, em ordem crescente de importância. Os iniciados definem a “importância” de uma forma de vida em termos da capacidade que essa forma de vida tem de compreender e controlar o seu meio-ambiente. Esta, aliás, é a definição de Darwin, que (na sua linha) foi um dos maiores Adeptos de nossa raça.

1. Elementais artificiais. Este tipo de entidade não foi, que nós saibamos, descrito anteriormente no Brasil. O elemental artificial é uma forma criada por um magista no plano astral. É criada pela vontade e imaginação do magista, e insuflada com uma parcela de energia vital de seu criador. Serve – dependendo da força, da intenção, e do grau de evolução espiritual (isto é, da maturidade moral) do magista – como arma de ataque, como espião, ou como vigilante ou protetor de alguma pessoa ou coisa em que o magista está pessoalmente interessado.

A formação de tais criaturas é perigosa para o magista, pois se forem absorvidas por outro magista, não só o criador perde energia como um laço mágico é formado com ele, através do qual ele pode ser identificado, e até atacado. Apesar das inconveniências do processo, muitos magistas criam tais formas no astral. O aspecto desses falsos elementais pode variar muito, e não devemos nos deixar enganar pelas aparências quando os encontramos. Frequentemente uma forma criada com propósitos hostis é moldada de acordo com os nossos preconceitos e parece “linda” ou “amigável”. Também, frequentemente uma forma tem um aspecto desagradável apenas para nos assustar e nos conservar afastados, mas não é realmente hostil. É um espantalho.

Entidades formadas desta maneira não tem existência individual: elas são parte do magista que as criou, da mesma forma como nossos olhos, braços, ou pernas, são parte de nós. É justamente este laço mágico com seu criador que as torna pontos vulneráveis na armadura deste; mas não há como negar que elas podem ser bastante úteis. Suponhamos que um magista tenha executado uma operação mágica e queira observar seus resultados, mas ao mesmo tempo tenha outros afazeres: ele cria um elemental artificial e o deixa vigiando os resultados da operação, com ordem de chamar a atenção do seu criador em caso de necessidade. Isto poupa muita energia que poderia, de outra forma, ser desperdiçada se o magista mesmo fosse forçado a manter sua atenção fixada em sua obra.

Uma sub-variante do elemental artificial é o *egrégora*. Este é um elemental artificial que, projetado no astral, é adotado por outros magistas (ou outros seres humanos em geral) como foco da imaginação e da vontade, e cresce em poder de geração a geração. As imagens astrais dos “deuses” dos homens são sempre egrégoras. São as egrégoras que se manifestam naquela experiência mística que os hindus chamam de Dhyana. Egrégoras estão sempre relacionados com a religião em que crescemos, ou com a cultura por cujos valores fomos direcionados. Místicos que se deixam obcecar por estas imagens passam a dinamizá-las com sua energia. Muitos egrégoras, atingindo um certo nível de concentração de força, se tornam vampiros.

Tais casos devem ser cuidadosamente diferenciados do verdadeiro vampirismo: o egrégora não “tenciona” vampirizar, porque o egrégora não tem vontade própria. Quando somos vampirizados por um egrégora, tornamo-nos vítimas de nossa própria imaturidade psíquica, de nosso próprio desejo por um “porto seguro” para a nossa existência. O caso é semelhante àquele do gato da fábula, que lambia uma lima apenas pelo prazer de sentir o gosto do próprio sangue. Nenhum gato seria tão estúpido na vida real! Mas muitos seres humanos o são. A masturbação (tanto masculina quanto feminina) não é provocada por egrégoras, que se alimentam normalmente de nossa energia devocional; mas se o ato masturbatório toma o egrégora como centro de concentração da mente, esta energia também pode ser absorvida pelo autômato, que assim expande sua existência em outros planos, e se torna ainda mais perigoso. Sacrifícios rituais de animais ou seres humanos têm exatamente o mesmo efeito. Neste senso, enfaticamente, todo ser humano tem a religião que merece, e seu “deus” é feito à sua própria imagem. (6)

2. Cascões. Em via de regra, os cascões são restos em decomposição dos corpos astrais de seres humanos desencarnados. Mas os cascões também podem ser vestígios, no astral, de entidades de outras linhas de evolução que atingiram o mesmo grau de coesão psíquica que o ser humano. A principal diferença entre um cascão e um

elemental artificial é que o cascão geralmente funciona em tantos planos quantos o ser humano a que ele pertenceu conhecia enquanto vivo. Um cascão pode, portanto, existir simultaneamente em diversos sub-planos do astral. O cascão é uma espécie de cadáver: ele conserva a forma do seu ex ocupante durante tanto tempo quanto a energia que o formou perdurar. Este espaço de tempo pode variar consideravelmente. Quanto mais apegada aos planos grosseiros tiver sido uma alma humana, tanto mais tempo o seu cascão persistirá em existência nos planos mais baixos após a morte. São os cascões que se manifestam em sessões espíritas como almas dos mortos. O cascão de uma pessoa de baixa moralidade é freqüentemente mais perigoso que qualquer demônio.

No caso de iniciados avançados, a força que vitalizava os veículos sutis é quase imediatamente absorvida e transmutada nos planos mais altos (relacionados com aquele sub-plano do Astral que os hindus chamam de Buddhi e os cabalistas hebreus chamavam de Neschamah). O iniciado avançado, portanto, não deixa vestígios no Astral inferior. As pessoas que alegam estarem em contato com as almas dos grandes gênios responsáveis pelo progresso da humanidade estão enganadas ou enganando. NO melhor dos casos (se enganadas!) estão em contato com algum elemental artificial criado pelo Adepto, ou com algum egrégora criado por adoradores da imagem lendária do Adepto. No pior dos casos, estão em contato com algum elemental brincalhão, que se divertem à custa de credulidade e da preguiça moral do ser humano.

A única forma de obter contato legítimo com a essência espiritual dos grandes iniciados é através de Samadhi. O perigo que um cascão representa depende, geralmente, da importância que atribuímos ao cascão, e da nossa afinidade com o tipo de apetites que o cascão expressava enquanto seu possuidor estava vivo. Pessoas de mentalidade baixa e de apetites grosseiros se tornam focos de atração para cascões, e se laços de empatia se formarem, tais cascões se tornam aquilo que ocultistas chamam de “larvas”, isto é, vampiros alimentando-se da energia vital dos seres humanos que os acolhem em suas auras.

Não existem no Universo uma entidade estranha à humanidade que esteja dedicada especificamente ao progresso humano; mas a Hierarquia espiritual da nossa espécie é formada por membros de nossa própria espécie que progrediram ao ponto de perceberem que seu avanço individual posterior depende do avanço da espécie como um todo. O propósito dos Mestres ao nos “auxiliarem” (e Eles efetivamente nos auxiliam!) é puramente egoísta: eles querem aperfeiçoar sua percepção e sabem que dependem, para esse fim, do aperfeiçoamento coletivo. Eles sabem que enquanto o ser humano médio não evoluir acima de uma certa gama vibratória, eles, os Mestres, não poderão passar ao Grau evolutivo seguinte. Em seu esforço por acelerar a evolução racial, eles estão apenas procurando acelerar a sua própria evolução. Aliás, eles seriam mais imbecis que um teólogo se tivesse qualquer outro motivo: por acaso é a espécie humana mais importante para o Movimento Universal do que, por exemplo, as saúvas?

Quem quiser, pois, entrar em contato legítimo com os Mestres, deverá fazê-lo naquelas mais elevadas esferas dos planos sutis, chamadas de Buddhi, Atmã e Nirvana pelos hindus, e de Binah, Chokhmah e Kether pelos antigos cabalistas hebreus. Qualquer coisa abaixo desse plano será fatalmente falsa e prejudicial a não ser que a concepção que ela desperta na mente humana seja imediatamente cancelada pelo seu oposto.

3. Elementais propriamente ditos. Estas entidades, que os “rosa-cruzes” medievais descreveram sob o nome de Salamandras (Fogo), Ondinas (Água), Silfos (Ar) e Gnomos (Terra), variam, como já dissemos, de aparência astral de país a país, e de núcleo cultural a núcleo cultural da raça humana.

Torna-se aqui conveniente fazermos um parêntese para explicar, ou tentar explicar, a concepção que os místicos medievais tinham dos Quatro Elementos. Eles associavam certas formas de manifestação de substâncias materiais com certas gamas vibratórias, ou sub-planos, do Astral. Por exemplo, um rio pertencia ao Elemento Água; mas o mesmo ocorria com qualquer outra forma de líquido. Substâncias sólidas eram associadas com o Elemento Terra; gases de qualquer tipo, inclusive vapor d’água e a fumaça, com o Elemento Ar; e qualquer forma de combustão, inclusive explosões, era atribuída ao Elemento Fogo.

Não havia nisto qualquer intuito de uma classificação científica dos elementos, no senso que a moderna química dá à palavra *elemento*: esses místicos estavam interessados na aparência material das coisas apenas como uma *assinatura* de certas forças sutis que eles percebiam em si mesmos e no seu meio-ambiente.

O paralelo entre os Quatro Elementos dos místicos medievais e os Tatwas dos hindus é perfeito: Agni ou Tejas corresponde ao Fogo, Apas à Água, Vayu ao Ar, e Prithvi à Terra. A classificação dos hindus, entretanto, ia mais longe, e eles admitiam mais três elementos místicos, Akasha, Adhi e Anupadaka. Destes, os místicos medievais revelaram apenas o Akasha, ao qual eles chamavam de Quintessência, ou Elemento do Espírito.

Na realidade, o Akasha não é o Elemento do Espírito. Sua principal função é servir de coordenador e (num certo senso) de fonte dos Quatro Elementos inferiores. Sua principal qualidade consiste em harmonizar as quatro forças “cegas” (isto é, puramente reflexas, ou automáticas) em uma rede energética. Nisto, sua propriedade é muito semelhante à do elemento químico que reflete a ação do Akasha no plano físico, o carbono.

Os verdadeiros elementos Espirituais são Adhi e Anupadaka. (7) Eles correspondem aos “chakras” (ou plexos nervosos) Ajna e Sahashara, enquanto Akasha corresponde a Visudhi, o plexo cervical.

Os elementais, existindo e movendo-se em gamas vibratórias específicas, têm a capacidade de estimular o ser humano na direção em que eles vibram. Isto é devido ao fato de que sua presença ou proximidade acelera a circulação das nossas energias através dos plexos que lhes correspondem. (8) O contato com os elementais, portanto, é fascinante: as salamandras estimulam nossa coragem e nossa sexualidade positiva; as ondinas estimulam os nossos sentimentos e a nossa sexualidade negativa (ou receptividade sensual); os silfos aguçam o nosso intelecto, e os gnomos desenvolvem o nosso senso da proporção relativa das coisas.

Há perigo no contato com os elementais para seres humanos cuja Vontade não está correspondente ao elemento do Espírito, ou Akasha: ela é a nossa capacidade de reunir as Forças “cegas” do nosso meio-ambiente e organiza-las em formas que nos sejam úteis como seres humanos.

Esse estímulo que o contato com os elementais provê é análogo ao estímulo provido por drogas psicotrópicas. As pessoas que não têm suficiente equilíbrio anímico para dominarem as reações puramente reflexas provocadas em seu sistema nervoso por tais substâncias correm grande risco de se tornarem viciadas em seu uso. O mesmo ocorre com o relacionamento com elementais. Como disse Elifas Levi, “o amor do mago por tais entidades é insensato, e pode destruí-lo”. Magistas que estabelecem “pactos” (isto é, formam laços magnéticos de natureza pessoa e íntima) com um elemental, só tem duas alternativas a partir desse momento: ou assimilar o elemental à sua estrutura anímica, ou perder a coesão das forças elementais em seu próprio ser, sendo pouco a pouco absorvidos na tônica vibratória do intruso. Em tais casos o elemental age de forma análoga à de um vampiro, mas não deve ser responsabilizado pelo processo, que é puramente automático. O elemental pode não ter qualquer intenção de destruir o ser humano, ao qual provavelmente até ama, na medida de sua capacidade de experimentar tal emoção; mas, pela natureza mesma do seu ser, ele terá um efeito desequilibrante sobre a constituição de um ser humano que a ele se abandone.

Existe uma enorme quantidade de elementais encarnados em forma humana; isto é devido ao fato de que raramente um casal mantém relações sexuais com o desejo consciente de engendrar um ser humano. As uniões puramente sensuais freqüentemente atraem apenas elementais à encarnação, pois seres humanos desenvolvidos necessitam de certas gamas vibratórias de ordem mais elevada para adquirirem forma. (9)

Tais pseudo-humanos formam a legião dos “bípedes implumes” de Diógenes. Não deve ser pensado que basta ter forma humana para sermos humanos. Os iniciados definem como seres humanos apenas aquelas criaturas suficientemente desenvolvidas para funcionarem como microcosmos, isto é, como estrelas (ou Pentagramas) encarnadas. Nos termos desta definição, qualquer “ser humano” abaixo do Grau de Adeptus Minor da A.'.A.'. (ou o seu equivalente em outro sistema) é humano, quando muito, apenas em potencial.

A principal diferença entre um elemental e um humano de baixo grau evolutivo é apenas que o humano contém em si uma capacidade de funcionar em outras gamas vibratórias além daquele sub-plano do Astral de que o elemental deriva sua forma e sua substância.

Por mais controle que um ser humano possa adquirir de um determinado elemento, qualquer elemental daquele elemento sempre terá mais capacidade para agir naquele elemento, e mais conhecimento daquele elemento, do que o ser humano. Poderíamos dizer, por analogia, que o ser humano está para o elemental assim como um mergulhador profissional está para um peixe. Isto não obsta a que o mergulhador, em que pese à sua incapacidade inerente de se mover no oceano como a mesma comodidade que o peixe, seja uma forma viva superior ao peixe, de acordo com a definição de Charles Darwin (e a nossa) da superioridade de uma forma viva sobre outra.

Certos autores classificam os elementais como mais adiantados ou mais atrasados na escala evolutiva em termos do elemento ao qual eles pertencem: dizem que os gnomo são os mais atrasados, porque pertencem ao Elemento Terra, que é tão denso; e as salamandras são os mais adiantados, porque pertencem ao Elemento Fogo, que é tão “sutil”. Isto é perfeita tolice: os elementais são mais ou menos adiantados *em*

si, da mesma forma que seres humanos. Há gnomos sovinas, grosseiros, brutais, que são atraídos à vizinhança de seres humanos que exibem os vícios correspondentes em sua própria aura. Por outro lado, há gnomos pacientes, prudentes, profundos e sábios, que gravitam para a vizinhança de geólogos, paleontólogos, pensadores e pessoas que exibam as qualidades morais correspondentes às desses gnomos. Há salamandras inquietas, sequiosas por uma sucessão de emoções e paixões intensas e efêmeras, que procuram afinidade com homens e mulheres superficiais, coléricos, impacientes, agitados; e há salamandras que anseiam por sentimentos e volições refinados, as quais naturalmente tendem a simpatizar com homens e mulheres de caráter nobre, sentimentos elevados, e aspirações puras.

Neste assunto, mais que em qualquer outro, diga-me com quem andas, e te direi quem és. Os elementais sentem instintivamente que são criaturas incompletas; e mesmo os mais grosseiros sempre aspiram a fazer parte de um microcosmo. Para eles, é natural gravitar para a atmosfera energética de seres que tenham a capacidade de funcionar como microcosmos. As pessoas que irradiam energia nos planos sutis tenderão a atrair a atenção e a colaboração espontânea de elementais; e o tipo de elementais que atrairão dependerá sempre do grau de desenvolvimento anímico da pessoa, e não do elemento a que o elemental pertença. Quanto mais adiantado o ser humano, maior será a delicadeza, a sensibilidade, a beleza plástica e anímica, e a profundidade do desejo por harmonia e saber dos elementais que buscarão entrar em contato com esse ser humano.

Seria errôneo da parte de Aspirantes, dar preferência sempre a elementais mais adiantados sobre os mais atrasados, entre aqueles que se oferecem para servi-los: para os trabalhos mais pesados, os elementais mais grosseiros estarão mais capacitados. Você não pede a um pianista de concerto que trabalhe na enxada, nem coloca um brutamonte pouco inteligente como embaixador. (10)

Existem certos rituais mágicos, chamados Rituais dos Elementos, que são utilizados por ocultistas para estabelecer contato com as forças elementais. Estes Rituais não são “melhores” ou “piores” que, por exemplo, os rituais do candomblé. O tipo de entidade que atende ao chamado dependerá sempre do grau de evolução da pessoa que está chamando. A vantagem de um ritual mágico sobre outros é que os Nomes e Sinais usados selecionam automaticamente o grau de desenvolvimento das entidades invocadas: elementais maliciosos ou perversos não ousarão se apresentar. Por outro lado, gente pouco desenvolvida espiritualmente que utilizar esses rituais provavelmente não obterá resultado algum, pois as forças invocadas, reconhecendo a aura de um profano, desdenharão de se aproximar. Para nos impormos a seres desenvolvidos é necessário provar que somos pelo menos tão desenvolvido quanto eles. Só os brutos se deixam impressionar moralmente pela força bruta.

Certos autores fazem questão de desaconselhar um contato sexual íntimo com elementais encarnados em forma humana: eles afirmam que o elemental é incapaz de proceder com “moralidade”. Dizem que o elemental não tem “consciência”, é incapaz de amor e dedicação, e exibe malícia à mínima oportunidade.

Tais afirmativas são muito relativas. O elemental é uma criatura altamente ética, se definirmos ética como consistência entre nossas palavras, nossos pensamentos, e nossos atos; mas a ética de um elemental não é a ética humana. Quando um elemental

se encarna em forma humana, ele precisa tentar controlar quatro formas de energia simultaneamente. Ele fica na situação de um cavaleiro montado simultaneamente em quatro cavalos, cada um dos quais tenta galopar uma direção diversa. O ser humano não tem preferência por nenhuma das quatro, e portanto, instintivamente busca equilibra-las em volta do Centro, (11) enquanto o elemental, devido à sua própria natureza, prefere uma direção particular. Conseqüentemente, nunca conseguirá equilibrar seus quatro cavalos em torno de um centro estável.

Não é justo, portanto, condenar um elemental encarnado por conduta “indecorosa”, “inética”, ou “imoral”. Um elemental tentando funcionar em forma humana está numa posição de tão grande desvantagem que merece nossa paciência, e até nossa simpatia.

Suponhamos, por exemplo, um caso muito comum: o casamento de um ser humano com um elemental encarnado em forma humana. Não é verdade dizer que o elemental não nos amará; mas é inútil esperar que ele nos seja “fiel” no senso romano-alexandrino da falsa pudicícia. O elemental é naturalmente atraído por todas as experiências intensas: a força mais importante para ele é sempre a que lhe está mais próxima. Um marido elemental virá dos braços da amante para os da esposa, e demonstrará tanto mais afeição por esta quanto mais tiver sido estimulado pelo seu contrato com a amante. Ele ficará extremamente perplexo, se a esposa o acusar de falsidade e desamor. Ele *ama* a esposa; a prova é que ele está com ela! Ele esteve com outra? Mas o que importa é que ele está com a esposa *agora*. Cada momento foi feito para ser vivido com toda a intensidade possível. A vida é tão curta!

Este ponto de vista é bastante semelhante ao de uma criança, e é assim que devemos encarar o elemental encarnado: como uma criança. Aliás, não existe uma certa poesia, uma certa beleza, e até mesmo uma lição de sabedoria, nesta atitude de agarrar a vida com mãos ambas enquanto ela dura? Seres humanos que assumem esta atitude têm a imensa vantagem sobre o elemental de poderem assumi-la nas quatro direções de força, em vez de só em uma; e podem adquirir muita experiência, e absorver muita vivência, no curto espaço de uma encarnação apenas.

4. Anjos e demônios. Pode parecer estranho aos profanos que classifiquemos juntos estes dois tipos de entidade; mas acontece que tanto anjos quanto demônios pertencem à mesma espécie astral, e as diferenças entre eles são ao mesmo tempo muito mais simples e complexas do que imagina a teologia cristã. É errôneo, e até perigoso, encarar os anjos automaticamente como “bons” e os demônios automaticamente como “maus”. A melhor descrição das características gerais de anjos e demônios e das diferenças entre eles está num poema em prosa de um grande místico, poeta e pintor inglês do Século XIX, William Blake, chamado “O Casamento do Céu e o Inferno”.(12)

Em geral, pode-se dizer que os anjos são convencionais, formalistas. Para um anjo, a letra da lei – qualquer que seja a lei – é sagrada. Já os demônios são criativos, críticos e pragmáticos. Os demônios estão sempre dispostos a interpretar a lei – qualquer que seja a lei – de acordo com a conveniência de cada particular ocasião.

Anjos não têm inteligência original: eles são dogmáticos, e escrupulosamente fiéis aos princípios adotados. Um anjo que aceitasse o dogma

romano-alexandrino (por exemplo) levaria a sua aceitação até a última consequência: aprovaria a Inquisição Romana, e encararia a tortura e imolação de seres humanos em praça pública como um ato necessário para satisfazer o enunciado do dogma.

Demônios são rebeldes e individualistas. Um demônio poderia aceitar a Inquisição Romana, e até colaborar com ela; mas faria isto apenas para se divertir. Muitos dos demônios têm prazer em destruir a estrutura física da existência humana, que eles consideram um distúrbio da ecologia terrestre; ou simplesmente gostam de ver um ser humano sofrer. Os anjos não gostam de causar sofrimento; mas não se perturbam em causa-lo, se assim fazendo puderem comprovar seus dogmas e crenças.

À medida que tanto anjos quanto demônios se desenvolverem e sobem na escala evolutiva, eles tendem (como qualquer entidade dotada da semente da inteligência) a absorver os pontos de vista de outras entidades, e a compreendê-las melhor; eventualmente, até a harmonizá-las com os seus. Consequentemente, tanto os anjos quanto os demônios mais evoluídos estão dedicados ao progresso espiritual da espécie humana, e se formam em certas Falanges (ou “Bandas”, na nomenclatura do candomblé) nos planos sutis a fim de cooperar com a Hierarquia humana na evolução de todas as espécies do sistema solar em termos das necessidades de nossa galáxia, a Via Láctea. Isto, é claro, sem detrimento das necessidades do Cosmos como um todo.

O Livro da Lei, *Liber AL vel Legis*, publicado em *O Equinócio dos Deuses*, chamado pelos demônios de “a bíblia do Inferno” (porque é a primeira Lei humana que os demônios consideram que podem aceitar juntamente com os anjos), é o primeiro passo para uma formulação, no plano físico, das leis que regem o Sistema Solar dentro do Cosmos. Nada do mesmo tipo foi anteriormente dado à humanidade: todas as leis prévias foram apenas uma preparação para o Livro da Lei, o qual será, naturalmente, seguido eventualmente por outras formulações ainda mais amplas e mais cogentes.

Num certo senso, e muito limitadamente (mas que talvez esclareça a alguns leitores a diferença principal entre anjos e demônios no presente momento evolutivo), os anjos podem ser relacionados com o processo anabólico de agregação de força, e os demônios com o processo catabólico de dispersão de força. Mas devemos nos lembrar de que tanto anabolismo quanto catabolismo são aspectos do metabolismo, e que todo organismo sadio necessita manter um equilíbrio entre ambos para se conservar saudável.

À medida que eles aumentam em compreensão e perspectiva, tanto os anjos quanto os demônios percebem a necessidade dos pares de opostos, e a essencial harmonia atrás do Princípio de Polaridade.

Vamos detalhar, a seguir, as Hierarquias chamadas “angélicas” pela cabala hebraica. Elas foram adotadas pelo cristianismo. Devemos lembrar aos leitores que, ao contrário do que pensam os cristãos, estas hierarquias incluem tanto entidades dedicadas à “construção” quanto à “destruição”; ou, na parlança vulgar dos teólogos, tanto “anjos” quanto “demônios”, e que a atividade dessas criaturas não deve ser automaticamente associada em nossas mentes quer ao conceito do “Bem”, quer ao conceito de “Mal”.

1. As Flamas. As Flamas, que correspondem à primeira esfera de consciência iniciática, ou Malkuth, são Elementais que atingiram suficiente percepção para compreenderem que sua aspiração a se tornarem Microcosmos pode ser melhor

(isto é, mais facilmente) realizada através de uma aliança com a espécie humana. São chamados de Flamas porque freqüentemente assumem este aspecto na percepção de videntes. É a forma mais rarefeita de cada elemento. (13)

2. **Anjos** (propriamente ditos). Estas entidades correspondem à Esfera de Jesod, ou o Fundamento. Em sua maioria, são estágios mais avançados de Elementais, porque se uniram à estrutura anímica de algum Ser Espiritual do nível dos Microcosmos; mas raramente se tornam microcosmos, eles mesmos, nesse estágio. A aparência que assumem varia muito, dependendo dos preconceitos dos seres humanos que entram em contato com eles. (14)

3. **Arcanjos**, que correspondem à Esfera de Hod. Mesmo os Arcanjos raramente são Microcosmos em si mesmos; a maioria está aliada à estrutura anímica de algum hierofante do passado. Aqueles entre os Arcanjos que conquistam autonomia anímica freqüentemente têm um nome tradicional, e um conjunto de tradições e lendas, relacionados com sua manifestação. Tal foi o caso do Gabriel que se manifestou a Maomé, o que não deve ser confundido com o Gabriel que normalmente aparece quando o magista realiza certos rituais. A diferença entre os dois, entretanto, só se torna aparente a iniciados de um certo desenvolvimento. (15)

Na Qabalah hebraica os Arcanjos são chamados de Filhos de Deus (Beni Elohim), ou “príncipes”. Isto porque Kether, a Coroa, é chamada de “Rei” e representa “Deus” – e os Filhos do Rei, naturalmente, são os príncipes...

4. **Os Elohim, ou Deuses**. Estas entidades são chamadas de “Príncipes” pelos teólogos cristãos (o que pode causar confusão com a classe anterior, que tem o mesmo nome em hebraico); também são chamadas de “Principidades” ou “Princípios”. Estão relacionadas com a Esfera de Netzach. Mesmo os Elohim raramente atingem a dignidade de Microcosmos, mas em sua esmagadora maioria são absolutamente leais e servis à evolução da espécie humana.

5. Os Reis, ou “Melachim”, estão relacionados com a Esfera de Tiphereth. São conhecidos na teologia cristã por dois nomes diversos: “Virtudes” e “Poderes”. As “Virtudes” são de natureza “Angélica”, isto é, conservadoras; os “Poderes” são de natureza “demoníaca”, isto é, criadores ou ativos. Em sua maioria os Melachins atingiram a dignidade de microcosmos. Eles se manifestam, em via de regra, diretamente na estrutura anímica das pessoas com quem entram em contato; e muito raramente entram em contato com qualquer ser humano que não tenham atingido o grau iniciático (ou plano de consciência) que em nomenclatura telêmica é chamado de Adeptado. A palavra “rei”, usada no Livro da Lei, refere-se ao tipo de entidade que atingiu o grau de evolução dessa Falange, e não aos ridículos “reis” criados por diversas religiões (principalmente a cristã!) a fim de manterem, por aliança ao poder político e econômico, controle sobre um determinado povo. (16)

6. A Falange relacionada com a Esfera de Geburah (que corresponde ao Grau de Adepto Maior no sistema telêmico) são os Domínios, chamados na cabala hebraica de Serpentes de Fogo. (A analogia com Kundalini não é coincidência). Estas entidades também, em sua grande maioria, atingiram a dignidade de microcosmos, e são de natureza “demoníaca”, isto é, ativa ou inovadora.

7. A Falange seguinte são os Tronos, que correspondem ao Grau de Adepto Isento e à Esfera de Chesed, cujo símbolo é um rei sentado em seu trono. (17) Estas entidades são de natureza “Angélica”, isto é, conservadoras e receptivas.

8. A classe seguinte de entidades é na cabala hebraica chamada de Esplendores, e atribuída a Binah; mas os Esplendores são entidades da mesma espécie que os Tronos, porém agindo de forma “demoníaca”, isto é, dinâmica; ou da mesma espécie que os Domínios, porém agindo de forma “Angélica”, isto é, conservadora, nessas Sephiroth respectivas. A confusão é, novamente, devida à pouca experiência prática da maioria, tanto de cabalistas, quanto de teólogos. É pura tolice atribuir “esplendores” a Binah, que sempre se manifesta sob a forma de Shivadarshana, isto é, Escuridão ou Aniquilação, e é sentida por místicos menos desenvolvidos como uma influência “opressora” e “maligna”.

9. Os Querubins, chamados de “Rodas Vivas” na cabala hebraica, (18) são a verdadeira Falange de Binah. Eles são descritos como criaturas de quatro cabeças, porque representam o equilíbrio completo no Akasha das Quatro Direções da Cruz; e são chamados de Rodas porque o seu equilíbrio é dinâmico: eles exercem as Quatro Forças em todas as direções. A tradição de que um Querubim guarda a entrada do Paraíso refere-se a um segredo iniciático. Veja-se o Selo da Ordem de Télema, que é o Selo da Besta 666.

As imagens hieráticas das divindades hindus e tibetanas têm freqüentemente uma multiplicidade de braços como raios de uma roda, e quatro cabeças, uma em cada direção do compasso. Novamente, não se trata de mera coincidência.

Os Querubins são normalmente atribuídos a Chokhmah, e não a Binah; mas isto é confusão devida a que (naturalmente) a força deles emana daquela Sephirah.

10. Os Serafins, ou Santas Criaturas Vivas, normalmente atribuídos a Kether na cabala hebraica, são na realidade a Falange de Chokhmah. Kether, indiferenciado, além de todos os pares de opostos, não é ainda suficientemente conhecido pela espécie humana para especularmos sobre a sua manifestação. A Entidade que lhe corresponde é sempre o Senhor (ou Senhora) do Aeon, a Divindade que ocupa, por uma estação, ou fase, do Movimento Universal, o “trono de Ra”. Neste Aeon, é Heru-ra-ha. Veja-se *Líber AL*, Capítulo I, v. 49; Capítulo III, v. 61, em *O EQUINÓCIO DOS DEUSES*. Quanto menos falarmos sobre Ele, melhor, pois assim diremos menos tolices! Um dos muitos aspectos de Sua manifestação é abordado no Oitavo Poema de *O GUARDADOR DE REBANHOS*, de Fernando Pessoa.

Antes de encerrarmos este capítulo, seria prudente fazer uma observação sobre o conceito de Microcosmo. Dissemos que certas entidades inumanas atingiram o mesmo grau de evolução da nossa espécie, e são microcosmos, da mesma forma que nós; mas muitos anjos e demônios atingiram a estruturalização do Akasha sem que possam ser considerados iguais dos seres humanos, pois (como já dissemos) a influência do Akasha é automática: ele coordena os Quatro Elementos porque este é o seu poder. Uma criatura dos mundos sutis pode, portanto, aparentar todos os sintomas de individualidade sem ser um indivíduo, no senso em que um ser humano é um indivíduo. Sem uma infusão dos dois elementos acima do Akasha, isto é, Adhi e Anupadaka, nenhuma entidade pode ser considerada como do nível de um ser humano. A percepção

da genuína existência espiritual das entidades com as quais entramos em contato faz parte das ordálias iniciáticas.

Outra ressalva deve ser feita: a classificação que acabamos de fazer dessas entidades “angélicas” e “demoníacas” se refere apenas ao mais baixo plano de manifestação, chamado de Assiah pelos cabalistas hebraicos. À medida que ampliamos a nossa percepção, compreendemos que certas entidades (que considerávamos adiantadíssimas) estão num estágio rudimentar de desenvolvimento; enquanto outras entidades (que considerávamos atrasadas) estavam expressando uma sabedoria e uma elevação além da nossa capacidade de percepção na época em que entramos em contato com elas pela primeira vez.

Assim, por exemplo, a tradição de que cada país da terra está sob a tutela de um “Arcanjo” não deve ser interpretada literalmente. Os místicos cristãos, naturalmente confusos por virtude da ineficiência do seu sistema de pesquisa, tendiam a chamar de “arcânjos” quaisquer entidades que eles percebessem ter autoridade sobre “anjos”. No caso do Brasil, Ishmael (‘ShMOAL em hebraico) tem a numeração 441, que soma 9, o número de Jesod, o Fundamento; mas é evidente que uma Entidade capacitada para representar espiritualmente as energias que criam e mantêm um país deverá estar num plano de consciência bastante acima de um “anjo” normal. Pode ser que Ishmael seja um Arcanjo; mas se assim for, não se trata de um arcanjo de Assiah, no senso em que o Gabriel que se manifesta em certos rituais é um arcanjo.

Mas estas subdivisões e minúcias são de valor puramente relativo. Como já dissemos, quanto mais adiantada é uma entidade – *qualquer* entidade – mais ela tende a ver “Deus” (ou, se preferirdes, o Espírito) manifestando-se em todas as coisas e em todos os seres. Faz parte do Juramento do Mestre do Templo interpretar todo fenômeno como “um trato particular entre Deus e a sua alma”. Existe um velho ditado em inglês que podemos traduzir por: “A beleza está no olho de quem a vê”. Por isto, tudo quanto existe é santo e divino para os verdadeiros santos. (19)

(1) *Talvez não: faz alguns anos, apareceu numa cidadezinha do norte um homem anunciando que era Jesus Cristo, voltado à terra; quando a polícia interveio, a população estava prestes a crucifica-lo pelos pecados do mundo, calorosamente encorajada por ele. Escrevemos uma peça para televisão baseada neste caso autêntico, a qual, é claro, não foi produzida até hoje!...*

(2) *Um hábito muito comum entre tribos que praticavam o sacrifício humano. Veja-se Carta a um Maçom. Os tibetanos, embora não praticassem sacrifícios humanos, também abandonavam os cadáveres aos processos ecológicos.*

(3) *Parece ironia, mas na realidade é um efeito de carma racial, que os judeus tenham sofrido às mãos dos nazistas exatamente o mesmo tipo de infâmias que impunham aos “gentios” na época em que estavam conquistando a Palestina a ferro e fogo.*

(4) *Toda aspiração religiosa é inicialmente uma projeção das frustrações do religionário numa forma em que seus desejos frustrados se realizam, ou em que uma consoladora explicação de seus fracassos é provida.*

(5) *A palavra “demônio”, aliás, vem do grego daimonium, e significava simplesmente aquilo que os cristãos mais tarde chamaram de Anjo da Guarda. Era uma entidade que inspirava os seres humanos, e tanto podiam ser “boa” quanto “má”.*

(6) *Veja-se Carta a um Maçom, onde a origem e desenvolvimento do egrégora de “Jesus Cristo” é claramente traçada.*

(7) *Isto é, no nível atual de nosso conhecimento. É bem provável que haja gamas vibratórias ainda mais sutis e profundas.*

(8) *É impossível, entretanto, atribuir cada um dos cakkram a um Elemento em particular com exclusividade, pois todos os Elementos estão presentes simultaneamente nos cakkram físicos, associados e harmonizados (o grau de harmonização depende do grau iniciático do ser humano individual) pela energia do Akasha. De uma forma muito geral, entretanto, podemos atribuir Manipura (o Plexo Solar) ao Fogo, Anahatta (o Plexo Cardíaco) ao Ar, Svadisthana (o Plano Umbilical) à Água e Muladhara (o Plexo Sacro) à Terra. O processo iniciático estimula a manifestação dos sub-elementos complementares em cada um desses vórtices de força: a Serpente Kundalini é o símbolo desta transmutação e interação dos elementos. O assunto foge aos limites deste tratado.*

(9) *isto absolutamente não quer dizer, como pretendem certos teólogos imbecis, que o ato sexual só deva ser praticado para a procriação da espécie, como é o caso entre os animais; a refinação do gozo físico só ocorre em sociedades onde o sexo é considerado como um apetite sadio, e digno de ser praticado até como uma forma de oração.*

(10) *Isto é, a não ser que você seja um marxista ou um “coronel” nordestino.*

(11) *Se as Quatro Forças “Cegas” se manifestam em igual intensidade e em direções diametralmente opostas, o Centro está em “Queda Livre”. É o “olho do ciclone”, ou a “voz do silêncio”.*

(12) *A ser publicado nesta série, com anotações de um Adepto. William Blake foi uma das encarnações de Aleister Crowley.*

(13) *Cada Elemento místico está subdividido em cinco sub-elementos. Por exemplo, o Elemento Terra está subdividido em Terra de Terra, Ar de Terra, Água de Terra, Fogo de Terra e Espírito de Terra. O Elemento do Espírito é “negro”, isto é, absorve toda manifestação em si mesmo; a forma mais rarefeita em que a substância elemental pode se manifestar é como uma Flama, a qual varia de cor de acordo com a energia elemental básica. A confusão entre o Elemento Fogo e o Elemento Espírito decorre disso, e a letra Shin, a tríplice língua de fogo, em hebraico, acumula as correspondências mágicas de Fogo e Espírito. A fonte espiritual de todo elemento mais baixo que o Akasha é de natureza akásica – e invisível. Veja-se AL i 60 e AL ii 49-51 em O EQUINÓCIO DOS DEUSES. A verdadeira Luz dos iniciados é a escuridão dos profanos.*

(14) *O desejo de se comunicar pressupõe a adoção de um veículo, ou símbolo inteligível, que facilite a comunicação. Um anjo, portanto, se manifestará como uma criatura refulgente e de asas brancas, ou como uma criatura de asas de morcego, chifres, e rabo de ponta, a uma pessoa que tenha os preconceitos próprios dos cristãos; mas assumirá formas inteiramente diversas ao se comunicar com seres humanos de outras religiões. Também, em certos casos eles se manifestam diretamente à consciência da pessoa com quem entram em contato, sem assumir qualquer forma (Rupa), porque essa pessoa não tem idéias preconcebidas quanto à forma em que eles “devam” se manifestar.*

(15) *Quanto maior a nossa compreensão espiritual, mais profunda a nossa percepção, e mais ampla a nossa perspectiva. As entidades mais evoluídas vêem “Deus” em todas as coisas, mesmo as que são coisas “feias” ou “malignas”.*

(16) *Tiphereth, a Consciência Humana, é o Centro do Ruach, e as Entidades Angélicas que correspondem a essa esfera de consciência são chamadas de Reis porque Tiphereth recebe um raio direto da Coroa, Kether, através da influência chamada a Grã-Sacerdotisa, a qual representa o Sagrado Anjo Guardião, ou Adonai (veja-se os diagramas em O EQUINÓCIO DOS DEUSES). Mas do ponto de vista das Supernas, estes “Reis” não deveriam ser chamados de reis e sim de príncipes, está claro; e assim são denominados em certos sistemas de simbolismo. A confusão decorre de que poucos seres humanos até agora atingiram suficiente adiantamento para lidarem com essas entidades; mas a experiência prática evita enganos. O assunto, novamente, está além dos limites deste tratado.*

(17) *Chesed é o “Deus-Pai” cristão: é a imagem simbólica desta Sephira que os místicos cristãos obtinham em seus Dhyanas. Já Geburah representa em rei combatendo: seu título em trechos do Velho Testamento é “Senhor dos Exércitos”. (Os diversos “nomes” ou “títulos” de “Deus” utilizados no Velhos Testamento estão sempre relacionados com as Esferas de Consciência da cabala hebraica). Chesed, também chamado de Gedulah, é a “Misericórdia Divina”. Tradicionalmente, pedia-se clemência ou favores a um rei quando este estava sentado na sala do trono, concedendo audiências. Geburah é a “Severidade” ou “Cólera” de “Deus”; e não se considerava prudente pedir favores ou clemência a um rei no fragor de uma batalha!... A Visão do “Amen”, no Apocalipse, é uma tentativa de unir os dois Dhyanas, Geburah e Gedulah, em um só símbolo.*

(18) *Veja-se Líber AL, o Livro da Lei, Capítulo III, verso 55, em O EQUINÓCIO DOS DEUSES: “Que Maria inviolada seja despedaçada sobre rodas: por causa dela que todas as mulheres castas sejam completamente desprezadas entre vós”! “Maria inviolada” é uma egrégora criado pelo medo psíquico do Amor (o qual significa entregar-se a uma influência externa, não-egóica). Longe de simbolizar, como pretendem os cristãos, o “puro amor espiritual”), “Maria inviolada” simboliza ódio e rejeição. A “castidade” cristã, tal como é interpretada por teólogos católicos romanos, é uma trincheira contra o Universo: uma tentativa de manter o ego intacto, “imaculado”, “intocado”. Esse egrégora tem que ser destruído, na mente do verdadeiro místico, pela influência das Rodas, ou Querubins, antes que a verdadeira Visão de Binah possa ser obtida. Esta visão une aqueles dois arquétipos aparentemente “opostos” e “hostis”: a Virgem Imaculada e a Diana dos Efésios, a Grande Puta Universal. Juntas elas se manifestam como a “Mulher vestida de Sol” do Apocalipse.*

Este é um assunto de muito difícil compreensão, naturalmente, para místicos treinados no catolicismo romano ou em certas seitas protestantes, budistas, hindus, e até maometanas. O amor, no senso místico, mágico e espiritual da palavra, é uma virtude positiva: consiste na união, e não em rejeição de união, como a consciência de outros seres vivos. Para existirmos como Egos (coisa por enquanto absolutamente necessária enquanto estamos encarnados) é necessário estarmos sempre cômicos de nós mesmos como entidades separadas. Mas para ampliarmos os nossos Egos, isto é, para evoluirmos, é necessário que incorporemos sempre novas experiências ao nosso armazém psíquico; e isto só é possível através do Amor. A Grande Puta representa aquela parte da alma iniciada que está aberta à influência de Todo; mas para que a consciência individual possa ser mantida, o Ahamkhara tem que continuar ativo: isto é a “Virgem”. Como em todo processo vivo, a Puta e a Virgem devem se alternar na consciência humana comum, e devem ser unidas em um só símbolo na consciência iniciada.

A Puta de Babilônia, embriagada com o sangue dos santos, cavalgando a Besta 666 (seiscentos e sessenta e seis é o número cabalístico da Inteligência do Sol, ou

Binah de Tiphereth), é a mesma Virgem Inviolada: é a Diana dos Efésios e a Ártemis que se entregou apenas a Pã, isto é, ao Todo, e por isto continuou virgem; a Taça que ela leva nas mãos é o Santo Graal.

(19) Sem confundirmos os planos, claro. O valor espiritual da dor de dentes ou a santidade intrínseca do arsênico não significa que não devemos consultar um dentista no caso de uma, ou evitar uma ingestão altamente concentrada no caso do outro!...

Capítulo VI

MAGIA NEGRA E FEITIÇARIA EM ATAQUES ASTRAIS

Antes de entrarmos no assunto deste capítulo seria conveniente definir os nossos termos. Já dissemos que existe um axioma em antropologia: o deus de uma tribo conquistada sempre se torna o diabo da tribo vencedora. Se não mantivermos este axioma firmemente em nossa memória, tenderemos a cometer os piores enganos em matéria do que é comumente chamado de “magia negra” e “feitiçaria”.

A concepção que os iniciados têm destas duas coisas é bem diversa das superstições dos profanos. Nós definimos como magia negra qualquer atividade mística ou mágica que contrarie a evolução da espécie humana; e definimos evolução como expansão e aprofundamento de nossa consciência cósmica.

Isto quer dizer que o uso de forças sutis para a produção de efeitos materiais é quase sempre magia negra. Se o “Jesus” evangélico tivesse existido, e tivesse realizado os “milagres” descritos nas falsificações romano-alexandrinas, ele teria sido o que iniciados chamam um “magista negro”.

Absolutamente não queremos dizer que tais “milagres” não sejam possíveis. Eles são realizados diariamente em muitas partes do mundo, principalmente por espíritas. Mas do ponto de vista iniciático são fenômenos indesejáveis. As forças dos planos sutis devem ser utilizadas para aumentar o nosso conhecimento e capacidade *naqueles planos*; não para nos restituir a saúde física, ou prolongar a nossa existência material, ou nos angariar a chamada “boa sorte” em termos de fama, “amor” e fortuna. Ao utilizar nossas forças dos planos mais elevados para “melhorar” as condições de nossa existência num plano de consciência mais grosseiro, estamos regredindo, e não progredindo: estamos descendo a escala evolutiva, em vez de subi-la.

Existe, é claro, uma harmonia e interação entre os planos: podemos utilizar nossa ampliação de consciência nos planos sutis para melhorar as condições de nossa existência neste e noutros planos de existência mais grosseira; mas as forças utilizadas devem sempre ser aquelas de que dispomos no próprio plano em que desejamos causar mudanças, e os processos devem sempre seguir a linha natural e biológica da nossa estrutura psicossomática.

Quando um filho ou filha resolve deixar a religião católica romana, freqüentemente a família manda rezar missa pela alma desse filho ou filha. Isto é o que iniciados chamam de magia negra ou feitiçaria: é uma tentativa de utilizar forças psíquicas num ataque telepático contra uma consciência humana, a fim de forçá-la a adotar normas de conduta ou pensamento que não são as suas.

Este tipo de feitiçaria é comuníssimo, e ainda não ouvimos uma voz sequer erguer-se no Brasil para apontá-la como o crime que é.

Quando, por outro lado, um macumbeiro faz uma mandinga para que você obtenha o amor (?) de alguma pessoa, ou o favor de alguma autoridade, isto também é

magia negra ou feitiçaria; mas do ponto de vista ético existe uma importantíssima diferença: o mandingueiro sabe, e admite, que está executando um enfeitiçamento, enquanto o padre (e a família) alegam que estão pedindo ajuda a “Deus” para trazer uma “ovelha desgarrada” de volta ao aprisco!

Há uma diferença muito grande entre a preparação de um talismã para – digamos – atrair o favor das mulheres, e a administração de um “filtro de amor” a uma mulher em especial!. No primeiro caso, produzimos uma concentração na energia astral que tenderá a atrair para nós mulheres que estejam dispostas a serem atraídas; não há invasão da privacidade anímica de tais mulheres. Mas no segundo caso trata-se de um envenenamento criminoso. O primeiro caso é magia elementar, de baixo nível, mas admissível. O segundo caso é magia negra.

Tentar impedir, ou subverter, a livre expressão da vontade espiritual de qualquer ser vivo é uma forma de magia negra. Diz o Livro da Lei: “tu não tens direito a não ser fazer a tua vontade. Faze aquilo, e nenhum outro dirá não”.

Sabe-se que faz parte da Tarefa do Adepto Maior da A.’A.’. (ou o seu equivalente em outro sistema) conquistar o perfeito controle de seus poderes mágicos e utiliza-los. Mas o Adepto só os utiliza sob a orientação do seu Anjo, que está capacitado para mostrar-lhe onde a utilização de tais poderes serve à execução da Verdadeira Vontade do Adepto, e onde a utilização deles significaria interferência com a Verdadeira Vontade de outro ser vivo.

Há operações mágicas que parecem muito inocentes, e que o profano, ou até mesmo um Neófito da A.’A.’., executa sem se perturbar; mas as quais um iniciado de grau mais alto se absteria de sequer considerar. “Mas sempre para me, “diz Nossa Senhora Nuit (O Livro da Lei, Capítulo I, v.51). Isto é: nosso progresso não deve interferir com o movimento universal. A ecologia tem que ser respeitada.

Quanto mais adiantado é um iniciado, mais indeciso ele parecerá no agir, mais tempo ele levará para chegar a uma conclusão. Não é ele um dos Guardiões do carma do Mundo? Você acha que ele precisa considerar apenas os apetites ou as aversões de você; mas, e aquele pé de grama ali no canto do seu jardim? Ou aquele elefante trombeteando do outro lado da terra? Eles também são fatores na equação do Mestre.

Como, então, consideraremos aquilo que o vulgo chama de “magia negra” e de “feitiçaria”? Simplesmente em termos daquele axioma de antropologia a que já nos referimos. As considerações históricas que faremos a seguir estão quase exclusivamente circunscritas à “magia negra” e à “feitiçaria” assim como são definidas por culturas onde o cristianismo predomina; mas considerações análogas poderiam ser feitas quanto a outras religiões e outras culturas. O processo é sempre o mesmo.

Desde que a humanidade começou a se organizar em tribos, dois tipos diversos de culturas têm existido: os agricultores, adoradores do Sol, e os caçadores, adoradores da Lua. Os agricultores plantam, ou criam gado; os caçadores vivem dentro do processo ecológico natural, limitando-se a modifica-lo apenas para se alimentar ou se vestir.

Muitos antropólogos são de opinião que as tribos caçadoras representam a mais antiga forma de associação humana, e que a agricultura é uma invenção relativamente moderna de nossa espécie. Seja como for, a história da Europa está ligada à conquista das tribos caçadoras e nomádicas pelas tribos agricultoras que emigraram da Ásia para o ocidente; ou, em outras palavras, ao triunfo dos adoradores do Sol sobre os adoradores da Lua.

As tribos européias e das ilhas britânicas que adoravam a Lua usavam os cornos lunares como símbolos de chefia ou de nobreza; estiam-se de peles de animais, eram menores em estatura que os adoradores do Sol, e desconheciam o ferro. Viviam nas florestas ou nas montanhas. Os gregos chamavam-nos de faunos, ou romanos de sátiros, os anglo-saxões, chamavam-nos de “anõezinhos” ou de “povo das fadas”.

A religião dessa gente consistia na adoração da Lua em seus três aspectos: Jovem (ou Virgem), Mãe, e Avó. Sua forma de governo era matriarcal, e sacerdotisas administravam sua religião. Não praticavam sacrifícios humanos, mas praticavam liberdade sexual, chegando mesmo a convidar estranhos a partilhar do leito familiar como um gesto de homenagem ou cortesia. Celebravam rituais orgiásticos na época dos equinócios e dos solstícios. A homossexualidade (tanto feminina quanto masculina) fazia parte dos seus ritos. O parceiro da Grã-Sacerdotiza também usava os cornos lunares sobre a testa como um diadema, e pro isto era popularmente chamado de “Chifrudo”, ou “Cornudo”.

Com a chegada das tribos agricultoras, as quais começaram a invadir a Europa em grandes levadas há aproximadamente três mil anos, o conflito entre a cultura dos adoradores da Lua e dos adoradores do Sol tornou-se inevitável. Os agricultores destruíam as florestas para plantar; tendiam ao patriarcado, e consideravam as mulheres como propriedade dos homens; sacrificavam representantes humanos de deus tribal durante os Ritos da Primavera, para assegurar abundantes colheitas ou crias; um sucessor era imediatamente nomeado, e por isto dizia-se que o Deus encarnado, ou vigário, morria e ressuscitava todo ano, exatamente como o Sol “fazia” todo dia.

O contato entre as duas culturas, por hostil que fosse, causou necessariamente uma assimilação de traços mútuos. O patriarcado começou a ser praticado entre os caçadores, e o matriarcado entre os agricultores; lendas explicando o conflito entre os dois tipos de sociedades foram incorporadas em seus ritos religiosos. Eventualmente, um certo nível de coexistência foi alcançado. A multiplicidade de deuses entre as tribos européias na época dos gregos e romanos simplesmente indica a tolerância mútua praticada entre essas diversas culturas. O intercâmbio entre as classes sacerdotais levou à formação de um panteão de deuses, os quais estavam associados com um dos “sete planetas sagrados”: Sol, Lua, Marte, Mercúrio, Júpiter, Vênus e Saturno. Não importava qual o deus, ou deusa, adorado localmente; se a divindade pudesse ser atribuída a um dos “sete planetas”, os seguidores se reconheciam entre si, e confraternizavam, a despeito das aparentes diferenças entre seus cultos respectivos.

O advento do cristianismo mudou tudo isto. Os cristãos herdaram dos judeus todos os vícios do dogma israelita sem nenhuma das virtudes. Os cristãos eram patriarcais, “monoteístas” e intolerantes com outras fés, que nem os judeus, mas não trouxeram nem a cabala hebraica, nem a concepção altamente refinada que os judeus tinham de Jeová e sua relação com seus profetas, ou vates. Em consequência, a história

da “catequização” das tribos européias pelos cristãos (embora tenha sido adulterada, censurada e até inventada pelos patriarcas romano-alexandrinos) é uma lameira de sangue e um amontoado de infâmias. (1)

As perseguições e as matanças religiosas perduraram através dos séculos: há cento e cinquenta anos atrás, os “meigos” cristãos ainda estavam queimando vivos os poucos remanescentes da religião do “Chifrudo” em quem podiam botar as mãos. Que não se tratava na realidade de um “Chifrudo”, e sim de uma “Chifruda”, é apenas um aspecto da incompreensão e do exagero dos padres inquisidores, infeccionados pela histeria, os recalques e as deformações morais de uma religião malsã.

Os leitores devem compreender que existiam, e existem ainda, diversos ritos religiosos relacionados com a Tradição Mãe, a Lua. Seguidores desses ritos, escondendo-se nos locais mais remotos, ou jurando entre si o máximo segredo, preservaram as suas tradições apesar de todas as calúnias, e os desatinos a que eram submetidos quando os cristãos conseguiam botar as mãos neles. Ou nelas.

As feiticeiras e feiticeros eram curandeiros, gente ciente dos poderes curativos de plantas e minerais. A maior parte das descobertas científicas da Renascença teve origem no conhecimento perpetuado por essa gente tão temida e tão misteriosa. Sabemos que Paracelso, por exemplo, considerado por muitos como o pai da medicina moderna, declarou francamente por escrito que aprendera mais das curandeiras dos campos do que nas escolas de medicina das diversas universidades européias.

Aliás, Paracelso morreu envenenado após ter escrito diversas obras denunciando o charlatanismo e a cobiça de seus colegas.

Compreenda-se que legítimos feiticeros e feiticeiras nunca adoraram “Satanás”, o qual era uma invenção da teologia cristã. Mas não importa que nome dessem à *sua* divindade: para os padres, ela era sempre uma forma assumida pelo “Príncipe das Trevas”. Esta tendência intolerante perdura até hoje no catolicismo romano e no cristianismo em geral; mas é cuidadosamente disfarçada em público.

Joana d’Arc foi realmente uma feiticeira, isto é, pertencia ao culto proscrito, assim como Giles de Retz (o qual, aliás, ocupou o cargo de “Chifrudo” em sua comarca). Joana foi queimada viva, e reabilitada depois de morta como “santa” – os mortos não falam! Quanto a Giles de Retz, o famigerado “Barba Azul”, foi acusado de sacrificar várias centenas de criancinhas indefesas nas masmorras de seu castelo. Seus juízes foram padres e nobres que ambicionavam suas terras, e após sua morte suas propriedades e fortuna foram distribuídas entre esses “juízes”. Nenhum esqueleto de criança foi exibido durante o processo: a evidência contra Giles de Retz partiu de dois empregados que ele despedira por desonestidade, e limitou-se ao testemunho deles.

Estes dois casos são mencionados por se tratar de pessoas muito conhecidas. Mas centenas de milhares de casos semelhantes se repetiram durante séculos.

É verdade que dos autos dos processos contra os feiticeros consta a confissão, feita por esses mesmos feiticeros, das maiores enormidades. Os autos não mencionam, entretanto, que tais confissões eram arrancadas através de pavorosas torturas: as vítimas eram torturadas até responderem um “Sim”; os “Nãos” eram

encarados apenas como relutância da parte dos infames hereges em confessarem os seus “pecados” contra “Jesus Cristo”.

Caso os leitores ainda não tenham percebido bem o mecanismo dos processos, daremos um exemplo concreto.

Cenário: sala de torturas.

Inquisitor (confortavelmente sentado num camarote com seus colegas e um escriba): - Mulher, confessa que beijaste o ânus de um bode preto na noite tal do mês tal, e que esse bode era Satanás disfarçado, e que no dia seguinte beijaste Fulana de Tal na face, e como consequência ela morreu de varíola no verão?

Prisioneira (tendo a carne dos seios aos poucos arrancada com pinças de ferro em brasa): - Não!

Inquisitor: - O poder de Satanás ainda impede a boca dessa pobre infeliz. Continuai a tortura até que confesse.

Eventualmente, a prisioneira berrava um “Sim”, ou gemia um protesto tão indistinto que o inquisitor podia interpretar sua resposta como afirmativa.

Inquisitor: - Louvado seja o poder de Nosso Senhor Jesus Cristo! Escriba, registre nos autos que a prisioneira confessa que beijou o ânus de um bode preto na noite tal, etc. etc.

Que oportunidade para desabafar uma ferocidade recalcada ou uma imaginação mórbida estimulada por uma sexualidade reprimida! É de espantar qualquer pessoa com a mínima noção de psicologia que o sado-masiquismo fosse uma constante na equação do cristianismo?

A leitura dos processos contra os feiticeiros, ou dos gordos tratados sobre feitiçaria escritos pelos inquisidores (2), dá uma idéia dos abismos de perversidade de que é capaz o ser humano; mas para uma mente sadia, a perversidade está nos juizes, e não nas vítimas.

Não queremos dizer, absolutamente, que não houvesse casos esporádicos de legítimo abuso de conhecimento ocultos por parte dos “feiticeiros”; mas a espantosa crueldade dos inquisidores ultrapassa mesmo os piores crimes que suas infelizes vítimas possam ter praticado.

Quanto aos muitos “feiticeiros” que *eram*, realmente, adoradores do Satanás teológico, tratava-se, é claro, de doentes mentais. Que método era usado para a sua cura!

Estabeleçamos, portanto, que quando falarmos em “feitiçaria” ou “magia negra” neste capítulo estaremos nos referindo a tipos de prática mágica ou mística que iniciados consideram prejudiciais à evolução da nossa espécie, e não a “satanismo” ou “feitiçaria” tais como são definidos por qualquer ramificação do cristianismo. De fato, como já mencionamos, o caso de missas rezadas pela alma de pessoas que não

concordam com os nossos preconceitos cai dentro de nossa classificação de práticas prejudiciais.

Trataremos do “satanismo”, e de outros aspectos ainda mais daninhos do cristianismo, no capítulo sobre as correntes mortas. Observaremos aqui apenas que o “satanismo” não deixava de ser uma revolta contra os aspectos restritivos e autistas da teologia e prática cristãs; e como tal, era um passo em direção ao ar livre, embora formulado em termos da própria crença doentia que se desejava abandonar.

Tendo definido os nossos termos, podemos declarar que está claro que feitiçaria e magia negra são praticados diariamente em todas as partes do mundo. Quando, por exemplo, na União Soviética um dissidente é colocado num hospital psiquiátrico para “tratamento”, essa pessoa está sendo vítima de um ataque mágico, o qual é tanto pior quanto maior é a sua eficiência. Drogas deformadoras da personalidade são combinadas com sugestão e hipnose no “tratamento” desses infelizes. É de espantar que muitos deles reapareçam, alguns meses ou anos depois, para declarar publicamente que são adeptos pelo Partido Comunista Soviético?

Torna-se muito mais surpreendente que alguns resistam durante anos, e continuem afirmando que há algo errado no sistema mesmo após décadas como internos em tais hospitais!

Talvez o leitor estranhe darmos um tal exemplo aqui. Que tem o caso dessas pessoas a ver com “feitiçaria” ou “magia negra”? Mas, simplesmente, queremos enfatizar que a definição iniciática da feitiçaria e magia negra inclui casos como esses. O processo, além do mais, não é exclusividade dos soviéticos: é regularmente utilizado nos assim-chamados “países livres” há mais de meio século. Não só pessoas ricas são declaradas insanas, e internadas, enquanto seus parentes “administram” suas posses, como também letrados ou cientistas que ofendem os padrões vigentes são constantemente colocados em asilos. Três exemplos recentes num dos países mais progressistas do mundo, os Estados Unidos da América, foram o escritor Ezra Pound, o psicólogo Wilhelm Reich, e (há pouco tempo) o Professor Timothy Leary.

Ezra Pound foi posto num manicômio por ter se declarado a favor dos fascistas na Segunda Grande Guerra. Era um dos maiores poetas americanos, e foi libertado alguns anos. Se alguém entre nossos leitores acha que Pound não merece a nossa simpatia porque era um fascista, este leitor corre bastante perigo de simpatizar com a posição dos inquisidores medievais: a de que o fato de estarmos “certos”, e os outros “errados”, nos dá o direito de restringir-lhes a liberdade, ou de tentar mudar a opinião deles através de métodos punitivos. Esta, aliás, é uma posição que os fascistas aprovariam calorosamente!...

A diferença entre os pelourinhos da Inquisição e a lavagem cerebral dos modernos hospitais “psiquiátricos” políticos (sejam de esquerda ou de direita) é uma diferença de grau, e não de espécie. A opressão não é menos intolerável porque deixa de torturar o corpo para se concentrar no espírito.

Wilhelm Reich foi posto num manicômio por insistir que deve ser permitido às crianças, desde a mais tenra idade, observar a atividade sexual dos adultos. O choque de ser internado desequilibrou-lhe a mente, reconhecida internacionalmente como

brilhante, e morreu doente (o que não era antes de ser internado). O professor Timothy Leary foi posto num manicômio por defender o uso do LSD, e ensinar gratuitamente a sua fabricação caseira. Recentemente foi libertado, e tem feito conferências contra o uso de psicodélicos, programadas por autoridades governamentais...

Esses homens são apenas alguns entre muitos. Do ponto de vista iniciático, “feitiçaria” e “magia negra” são apenas casos especiais de Restrição – que é o único Pecado admitido por verdadeiros sábios.

Se conseguimos tornar bem claro este ponto, poderemos agora tratar daqueles casos especiais de restrição da vontade alheia em que os meios de restrição utilizados funcionam através dos planos sutis e de fículdades menos conhecidas entre as que compõem a estrutura psicossomática do ser humano.

Para enfeitiçar, é necessário possuir um laço mágico com a pessoa que tencionamos influenciar. Este laço mágico deve ser algo que exista, pelo menos em parte, como substância material (pois estamos tentando usar forças sutis para produzir um feito sobre o plano físico), e que esteja magneticamente sintonizado com a vítima: um objeto de seu uso constante, ou impregnado por uma das secreções naturais do seu organismo: lágrimas, suor, sangue, sêmen, secreções vaginais. Também servem mechas de cabelo, aparas de unhas, e até fezes. Entretanto, o sangue menstrual (ao contrário do que dizem alguns autores menos avisados) não pode ser utilizado, porque não contém traços pessoais. Em parlança mística, está “livre de carma”. Pode servir de alimento mágico, mas não formará automaticamente um elo com a mulher que o emitiu. É sabido que o sangue menstrual é tão estéril quanto água destilada. Por motivos análogos, o sangue ou o sêmen (ou as secreções vaginais, se for o caso) de iniciados acima de um certo grau também são estéreis magicamente. Se estas substâncias forem utilizadas como laços mágicos para feitiçeiros, o feitiço recairá inevitavelmente sobre o feitiçeiro.

Estando de posse de seu laço, o feitiçeiro (ou feitiçeira) procura criar uma corrente astral utilizando-o como foco. Em teoria, a afinidade da gama vibratória do laço com a pessoa que se deseja atingir fará com que a corrente astral se transmita em direção a essa pessoa, e a golpeie.

Este é a teoria. Na prática, muitos obstáculos podem se apresentar. Primeiro, a capacidade do feitiçeiro de produzir uma corrente suficientemente forte; segundo, as circunstâncias magnéticas em volta da proposta vítima; terceiro, a constituição psicossomática da mesma.

Se o feitiçeiro não tiver desenvolvimento mágico, será incapaz de produzir uma corrente suficientemente forte para se irradiar em direção à vítima.

Se a vítima estiver geograficamente longe do feitiçeiro, ou do outro lado do oceano, ou numa ilha, ou rodeada de pessoas saudáveis que a estimam, novamente será extremamente difícil (na maioria dos casos até mesmo impossível) que ela seja alcançada pela corrente. (Certas exceções a esta regra serão mencionadas no capítulo sobre as correntes mortas).

Se a suposta vítima for o que se costuma chamar um “espírito forte”, isto é, uma pessoa de saúde robusta, temperamento alegre, e pouca imaginação, será

extremamente difícil que seus veículos sutis possam ser impressionados por uma corrente hostil emitida por uma só pessoa, não importa quão habilidosa seja esta pessoa.

Infelizmente, na maioria dos casos em que ataques mágicos deste tipo ocorrem, a vítima também está interessada em magia ou ocultismo, e tenderá a possuir uma imaginação ativa e um temperamento sensível. Em tais casos, ela poderá se tornar vulnerável à influência do enfeitiçamento.

Há várias maneiras recomendadas por ocultistas para neutralizar o feitiço. A primeira, naturalmente, é destruir o laço mágico. Mas freqüentemente isto não é possível, por se ignorar o seu paradeiro. Outras aqui seguem:

1. Se a corrente hostil é mais intensa à noite, coloque pontas afiadas de aço no quarto da vítima. Elas agem como pára-raios, dissipando a corrente. (Papus, isto é, Dr. Gérald Encausse, que representou a O.T.O. na França, aconselhava que em casos extremos a pessoa dormisse com uma coroa de ferro com pontas na cabeça. Pessoalmente, duvidamos que qualquer pessoa pudesse dormir confortavelmente em tais condições).

2. Coloque um pires contendo algum ácido de evaporação rápida, como o nítrico por exemplo, puro ou diluído, no quarto do paciente. A evaporação do ácido provoca uma reação atmosférica em que a condutividade eletromagnética aumenta a tal ponto que a concentração de forças no plano etérico se torna extremamente difícil.

3. convença o paciente a morar numa ilha, ou a dormir numa casa construída sobre uma corrente de água subterrânea. (Mesmo uma rede de esgotos serve para este fim).

4. Sele astralmente a residência do paciente, e como precaução adicional faça-o dormir rodeado por um círculo mágico. Não é difícil formar um círculo mágico no Astral: basta, por exemplo, traçar com um gesto um círculo em volta da cama do paciente, e imaginar que uma barreira de fogo se ergue à medida que nossa mão se move, projetada por nós. O próprio paciente pode fazer isto, lembrando-se, porém, de que ao nascer ou ao pôr do sol a força se dissipará; e também de que, se ele deixar o leito por algum motivo durante a noite, será necessário refazer o círculo em volta deste quando regressar.

Em casos extremos, pode ser necessário manter a vítima sob a guarda de um iniciado, ou até mesmo identificar o atacante astralmente e anular o seu esforço.

Como os veículos sutis do paciente estão sob ataque, será necessário compensar a necessidade fisiológica de certas substâncias que são gastas em maior quantidade por um organismo submetido a tensões nervosas, desgaste emocional, ou perturbação mental. Entre estas, as vitaminas do complexo B são as mais importantes, principalmente o ácido nicotínico, o qual deverá preferivelmente ser absorvido sob a forma de nicotinamida, em doses maciças de até mesmo três gramas ao dia. (Tais doses são desaconselháveis a não ser sob irritações gástricas). Também a vitamina C deverá ser tomada, digamos três gramas ao dia; mas em doses máximas de 500mg a cada quatro horas, pois mais do que isto de cada vez não é absorvido pelo organismo.

A alimentação deverá ser leve, mas altamente nutritiva; e é conveniente que a vítima se mantenha ocupada com seus afazeres normais, mas que evite magia, misticismo, e principalmente espiritismo, enquanto durar o ataque.

Caso um receio de morrer se apresente, a pessoa deverá ser encorajada a cultivar um esporte que envolva um certo perigo físico; pois não há nada melhor para combater um perigo imaginário do que o desenvolvimento da coragem em nosso caráter.

A fase da lua deve ser levada em consideração: correntes astrais são mais facilmente formadas durante o crescente, e à medida que a lua cheia se aproxima a intensidade delas aumenta. Com a lua nova, a energia se dissipa, e o feiticeiro tem que “recarregar” sua corrente para voltar ao ataque. Ora, mesmo o mais poderoso dos feiticeiros acabará por desistir se você resistir ao seu ataque durante três luas novas seguidas: ele terá que passar pelo menos um período equivalente se recuperando antes de tentar novamente.

Além da simples formação de uma corrente astral, o feiticeiro pode trabalhar sobre sua vítima de formas mais diretas: ele pode enviar um elemental artificial para efetuar o ataque, ou um elemental legítimo sobre o qual conseguiu obter domínio, ou um demônio, ou mesmo o seu próprio corpo astral.

Como já dissemos, o envio de um elemental artificial envolve um certo risco para a pessoa do feiticeiro: se o elemental artificial for identificado e absorvido pela vítima ou por um iniciado, a força do feiticeiro ficará bastante diminuída, e a corrente hostil repercutirá sobre ele.

Um elemental legítimo deverá ser encarado como um simples instrumento: ele raramente possui capacidade moral para perceber que está cometendo um ato reprovável. São elementais, em via de regra, que produzem os fenômenos associados com movimento de objetos, estalidos, que da de água e outros líquidos, odores desagradáveis, incêndios espontâneos. Elementais podem ser afugentados pela queima de perfumes que lhes são indesejáveis, isto é, que pertençam à força elemental “contrária”.

Uma neófita da A.'A.'. em certa ocasião convenceu uma amiga a se desligar de um centro espírita. Pouco depois, pequenos incêndios inexplicáveis começaram a ocorrer na residência da neófita. A princípio ela pensou que se tratava de defeitos na instalação elétrica, ou descuidos de seus filhos ao brincarem com fósforos; mas a repetição dos incidentes levou-a à conclusão de que uma salamandra era responsável. A neófita recorreu ao seu superior imediato, que a aconselhou a queimar diariamente benjoim, rosa, ou mirra, ou uma mistura dos três em partes iguais, na direção dos quatro pontos cardeais em cada aposento, logo após o nascer e o pôr do sol. A neófita fez isto até a fase seguinte da lua. Os incêndios pararam e nunca mais se repetiram.

Há raízes que são repugnantes aos elementais mais grosseiros de qualquer elemento: as mais fáceis de conseguir são o alho e a cebola. Pendurar alho cortado nos aposentos, deixa-lo ali durante um dia e uma noite, e queima-lo no dia seguinte, freqüentemente afugenta definitivamente elementais traquinas ou maliciosos. Gente do campo na Europa segue uma receita obtida dos antigos “feiticeiros” adoradores da Lua:

quando estão para receber a visita de alguma pessoa que consideram ligada a influências suspeitas, colocam cebolas cortadas na sala de visitas ou em qualquer outro aposento da casa em que calculem que a pessoa suspeita entrará, e queimam essas cebolas no fogão da cozinha assim que o visitante se vai.

É bem provável que modernos desodorizadores de ambientes tenham um efeito semelhante em muitos casos; mas a evidência neste sentido ainda não é suficiente para que a incluamos aqui.

Se o atacante emprega demônios, a situação se torna um pouco mais séria, pois é evidente que ele possui conhecimentos ocultos; de outra forma não poderia influenciar tal tipo de entidade. Feiticeiros que usam demônios são magistas, e só podem ser combatidos por magistas. A utilização de uma entidade demoníaca na obtenção de ambições puramente pessoais é muito perigosa, pois a afinidade contraída com a entidade estimulará, no psicossoma do feiticeiro, o desenvolvimento exagerado de qualidades demoníacas.

Alguns magistas são extremamente imprudentes, diremos até irresponsáveis, em tais assuntos. Em certa ocasião, um indivíduo prestou um favor a certo dervixe, o qual, em sinal de agradecimento, colocou um dos seus “familiares” a serviço do benfeitor. A entidade era capaz de fazer objetos aparecerem ou desaparecerem, ou serem transportados invisivelmente através de uma curta distância; e o benfeitor, que era um homem de mentalidade bastante simples, se propôs fazer carreira como prestidigitador de esquina.

- Muito bem, mas tome cuidado – disse-lhe o dervixe, - pois ele (o demônio) tentará você a roubar.

Durante algum tempo o benfeitor do dervixe obteve grande sucesso realizando truques inexplicáveis de ilusionismo; mas eventualmente começou a subtrair o dinheiro de carteiras que fazia desaparecer durante o espetáculo, e acabou sendo colocado na cadeia. O demônio voltou para o dervixe.

Não podemos acusar o dervixe dos roubos cometidos pelo “prestidigitador” sob a influência da entidade; mas achamos que ele deveria ter ponderado ser pouco provável que uma mentalidade simples como a do seu benfeitor pudesse resistir à influência insidiosa da entidade, e deveria ter evitado colocar os dois em contato. Consideramos até que esta imprudência da parte do dervixe indica que ele estava mais influenciado pela companhia dos espíritos sob seu comando do que é desejável para qualquer magista equilibrado.

Muitos “milagres” podem ser executados através de demônios; tais milagres sempre têm um preço. Nenhuma pessoa que ainda não tenha alcançado o Conhecimento e a Conversação do Sagrado Anjo Guardião está em condições de lidar eficientemente com entidades demoníacas, e feiticeiros que utilizam tais entidades para atacar ou prejudicar seus semelhantes estão iniciando um tipo de conduta que pode levar à dissociação total entre a personalidade (ou Ente Mágico) e aquela Trindade Espiritual sem a qual nenhum tipo de entidade pode ser chamada humana.

Ora, o propósito da evolução de nossa raça é nos tornarmos deuses, não demônios; e o propósito dos demônios que prestam serviço a um ser humano é se tornarem, eles mesmos, parte de um microcosmo; eventualmente, alcançarem a ser microcosmos eles mesmos; *não* transformar as pessoas a quem servem em demônios!

É preciso que se perceba que os demônios não agem destrutivamente sobre a personalidade de feiticeiro por malícia deliberada. Um demônio é uma entidade que exerce um certo tipo de força, que vive numa certa gama vibratória. O contato com essa entidade sempre tende a produzir um excesso na natureza humana, na direção da força que ela emite.

Aa “penalidade” que pagamos para sermos microcosmos é que contemos em nós todas as tendências a que entidades demoníacas podem estar inclinadas; e se estas tendências são estimuladas por contato com os demônios além do ponto de equilíbrio, nós não mais controlamos os demônios; tornamo-nos como que demônios, nós mesmos.

Nisto está o mistério da perversidade humana. Os demônios não são culpados, porque *eles não são perversos*. A perversidade só é possível a uma entidade capaz de contrariar sua tendência natural de conduta. Só um microcosmo está em condições de ser perverso, pois só um microcosmo é uma entidade suficientemente complexa para ter, a qualquer momento, diversas alternativas de ação em seus planos de existência.

É preciso compreender que os demônios não são “maus”. Eles são simplesmente entidades com certas formas de manifestação. Quando crianças torturam animais ou insetos, e se deleitam neste tipo de ação, estão sob a influência de entidades demoníacas; mas as entidades demoníacas não encaram a tortura do animal ou do inseto como nós. Para elas, está havendo uma dissociação de energias, uma dispersão de forças até então coaguladas. Que estas forças se manifestam sob a forma de matéria viva organizada e (relativamente) consciente, é uma percepção do *nosso* plano de existência, não do plano de existência dos demônios.

Quando um caçador mata um animal para lhe comer a carne (e os verdadeiros caçadores têm respeito e até afeição pela caça!), ele está utilizando energias demoníacas em seu ato; mas o propósito deste ato está dentro dos limites ecológicos do universo. Os animais também matam para comer.

Quando um caçador mata um animal pelo simples prazer de causar dor a um ser vivo (e estes freqüentemente matam o animal aos poucos, intencionalmente), este caçador está permitindo que energias psicossomáticas suas, estimuladas por entidades demoníacas, assumam uma importância excessiva em seus processos de vivência. Se ele deixar que tal prazer inecológico se desenvolva e aumente, ele corre o perigo de se tornar eventualmente um sádico e um assassino. Mesmo que isto não ocorra, ele influenciará telepaticamente os seus semelhantes na direção do desregramento dos seus apetites.

As assim chamadas “tentações dos santos” estão relacionadas com este problema da perversidade. Em determinadas fases do desenvolvimento iniciático, seja qual for o sistema que praticamos, nós nos atunamos forçosamente com influências nos planos sutis que existem naquela mesma onda de energia na qual, na ocasião, estamos

atuando. Ora, ao avançarmos até um certo ponto, percebemos que o “bem” e o “mal” só existem para microcosmos: a todo e cada momento, é necessário que decidamos, por nossa própria conta e risco, que ato nosso será “mau” e que ato nosso será “bom”. Esta percepção de que “bem” e “mal” são relativos derruba sobre nós o peso inteiro de nossa conduta. As mais ínfimas coisas nos perturbam, porque estamos sob o embate de forças que poderão se desequilibrar fatalmente ao nosso mínimo descuido. Chegamos a ter medo de agir – e este é o pior medo que podemos ter. Estas fases em nosso desenvolvimento psíquico são análogas a acessos de loucura, e podem acabar em alienação mental se não conseguirmos manter auto-controle. Nem deve ser pensado que só podemos nos tornar alienados na direção do “Mal”. Podemos nos desequilibrar tanto por excesso de nossos “vícios” quanto por excesso de nossas “virtudes”. As misérias presentes da humanidade não resultam de obsessão demoníaca, e sim de mil anos de excessiva dedicação ao lado “angélico” de nossas personalidades.

Torquemada, que foi um monstro muito pior que Nero (se é que Nero foi um monstro!), era obcecado por “anjos”, e não por “demônios”.

O primeiro passo em direção à sabedoria consiste numa franca e objetiva avaliação da relatividade de todos os nossos valores. A hipocrisia é o pior inimigo da iniciação. Podemos esperar mais de um feiticeiro que desavergonhadamente admite a sua maldade, e se vangloria dela, do que de um “cristão” que justifica sua crueldade e mesquinhez em termos da necessidade do dogma (seja este protestante ou católico romano), isto é, de uma definição absoluta e fixa de “bem” e “mal”...

Que Messias poderá dar visão a um cego que não quer ver?

Para combater um ataque efetuado por um feiticeiro através de um demônio é preciso, pois, controlar o mínimo acesso de cólera, a mínima tentação de conduta inecológica, o mínimo arroubo de ciúme ou inveja, e a mínima manifestação de medo – inclusive o medo de termos medo! Por outro lado, é necessário controlar a nossa vaidade, o nosso orgulho de nossas “virtudes”, o nosso senso de “superioridade” moral sobre o demônio ou o feiticeiro. Em suma, é essencial buscarmos o equilíbrio psicossomático em todas as direções – *por que nós, como microcosmos, existimos em todas as direções.*

Está escrito em um dos Livros Santos de Télema:

“33. Eu vos revelo um grande mistério. Vós estais de pé entre o abismo da altura e o abismo da profundidade.

“34. Em cada um espera-vos um Companheiro ou Companheira; e aquele Companheiro ou Companheira é Vós Mesmos.

“35. Vós não podeis ter outro Companheiro ou Companheira.

“36. Muitos têm-se erguido, sendo sábios. Eles têm dito: ‘Procura a Brillante Imagem no lugar sempre dourado, e une-te com Aquilo’.

“37. Muitos têm-se erguido, sendo loucos. Eles têm dito: ‘Desce ao mundo de escuridão esplêndida e une-te àquela Criatura Cega da Lama Viscosa’.

“38. Eu, que estou além da Sabedoria e da Loucura, ergo-me e vos digo: Realizai ambas essas bodas! Uni-vos a ambos Companheiros!

“39. Cuidado, cuidado, digo Eu, não procureis um deles para perder o outro!

“40. Meus adeptos estão retamente erguidos; suas cabeças acima dos céus, seus pés abaixo dos infernos”. (3)

Sob o ataque de entidades demoníacas é necessário que a vítima mantenha absoluto controle de si mesma. Isto é devido ao fato de que um demônio só pode agir sobre nós através de nossas afinidades anímicas com ele. Não é tão difícil manter auto controle: o importante é não negligenciar os pequenos detalhes. Como diz Lao-Tse, se fizermos as grandes coisas enquanto elas são fáceis e pequeninas, eventualmente estaremos fazendo coisas difíceis e importantes sem necessidade de exercermos um esforço extraordinário para tal fim. E se negligenciarmos pequenas irregularidades de conduta, pelo simples fato de que são pequenas, eventualmente poderemos nos perceber cometendo enormes falhas de conduta, que nos exigirão um imenso esforço para que as possamos neutralizar.

Se temos um módico de auto-controle, podemos identificar quais tendências em nós são exacerbadas durante um ataque, e manter uma rédea firme sobre elas. É possível, inclusive (e tem acontecido) que nosso auto-domínio desperte a admiração e o respeito do demônio a tal ponto que este se prontifique a nos servir. Isto é tanto mais possível porquanto o demônio, via de regra, despreza o feiticeiro que o enviou: para executar um ataque mágico através de um demônio é necessário que o feiticeiro se atune de tal modo com a influência demoníaca que ele se torna um demônio, ele mesmo. Demônios mais desenvolvidos sentem instintivamente que o feiticeiro decai de sua dignidade humana para se tornar um fantoche das influências que eles representam. (Mas entidades demoníacas muito baixas não serão suficientemente perceptivas para fazer tal escolha).

Por estranho que pareça, ataques perpetrados através de entidades demoníacas podem ser um meio precioso de auto-aperfeiçoamento para a vítima, se esta conseguir manter domínio de si mesma. As influências demoníacas limparam as faculdades sutis do atacado de todos os excessos, impurezas e resíduos. Sendo forças dispersivas, elas só deixam permanecer aquelas energias cuja coesão não conseguem destruir. Em alquimia, o simbolismo deste tipo de operação é dado no aforisma: “É preciso ter ouro para se fazer mais ouro”. O ouro em estado bruto, combinado com outros metais, era obtido em estado puro através do processo de coloca-lo numa solução de vitríolo (ácido sulfúrico). Os metais mais “baixos” eram dissolvidos pelo ácido, e só o ouro permanecia.

A alquimia sempre existiu em diversos planos simultaneamente. No plano material, o vitríolo era simplesmente ácido sulfúrico; mas em outro plano simbolizava essa energia demoníaca de dissolução através da qual todas as escórias eram removidas, deixando apenas o puro espírito, simbolizado pelo ouro. A palavra *vitríolo*, em si, é um “notariqon”, isto é, as letras são as iniciais de outras palavras, as quais em seu conjunto formam uma frase latina com significado místico que pode ser traduzida em português por: “Visita as profundezas da terra; assim obterás a pedra oculta”: Nisto está (também)

o simbolismo da “descida do Cristo aos infernos”, sem a qual a “redenção” é impossível.

Existia apenas uma solução capaz de dissolver o ouro, e esta era por isto chamada de “aqua regia”, ou água soberana. Esta “água” simbolizava aquela água negra e insidiosa, o Mar Amargo, o Mar Morto, o Oceano de Binah; também, as Águas do Esquecimento em que a alma dos mortos se banhava nos Mistérios de Eleusis. Quimicamente, a “água régia” era uma mistura de uma parte de ácido nítrico com três a quatro partes de ácido clorídrico.

Em qualquer contato com demônios é preciso manter uma atitude calma e firme. É necessário não insultarmos essas criaturas, a despeito de todas as provocações que elas nos farão a fim de perturbar nosso auto-controle: elas têm tanto direito à existência quanto nós. O que elas *não* tem direito de fazer é nos restringir na execução de nossa Verdadeira Vontade, e neste ponto nós podemos interpela-las com todo vigor. Mas não devemos jamais nos encolerizar com elas ou teme-las. Também não devemos discutir com elas. Silêncio, concentração e economia de gestos e palavras, quando estes são necessários: esta é a maneira de lidar com demônios.

Não devemos jamais esquecer que essas criaturas fazem parte da ecologia universal. Comemos carne de boi. Isto faz parte da economia da natureza sobre a terra. Mas seremos muito estúpidos e egocêntricos se julgarmos que o touro e a vaca “foram criados” apenas para nos prover com bifes! Toda espécie viva luta pelo seu auto-aperfeiçoamento. Sem dúvida, a ingestão de carne bovina introduz certas vibrações de ordem mais pesada em nossa psique. Mas isto nos permite viver e atuar em ambientes onde o vegetarianismo só conduziria à intolerância ou à impotência. Por outro lado, a nossa ingestão de carne bovina provê um elo magnético entre uma espécie mais evoluída (a nossa) e uma menos evoluída, o que introduz nossa gama vibratória na atmosfera psíquica da espécie cuja carne ingerimos. Esta interação beneficia a evolução da espécie de que nos alimentamos.

É por este motivo (entre outros) que pessoas vegetarianas por “motivos morais”, e não apenas por necessidade dietéticas, são tolas e egoístas.

Devemos frisar novamente, para terminar, que os demônios não atacam um ser humano deliberadamente. Em caso de ataque, algum interesse de outro plano estará incitando as entidades utilizadas. Às vezes a influência atrás dos demônios não é maligna; alguns Mestres utilizam as falanges demoníacas para testar seus discípulos ou auxilia-los (sem que eles saibam!...) na purificação dos seus veículos. Quando se trata de um ataque de um feiticeiro, se o demônio utilizado cair sob o controle da pessoa atacada, a destruição anímica do feiticeiro é inevitável. Para executar um ataque mágico através de um demônio é necessário que o atacante se atune por tal forma com a influência demoníaca que ele se torna um demônio, ele mesmo.

Podemos falar agora dos feiticeiros que utilizam seu próprio corpo astral em ataques mágicos. Como já observamos anteriormente, eles correm um risco bastante grande; conseqüentemente, poucos feiticeiros ousam fazer isto a não ser que tenham um corpo astral bastante desenvolvido. Isto não só é possível, como alguns feiticeiros são muito fortes astralmente, principalmente no plano etérico ou prânico. Poderes mágicos não são uma garantia de elevação moral ou progresso espiritual da parte daqueles que os

possuem e os usam. Muitos seres humanos de baixa evolução podem executar feitos assombrosos no astral.

Milagres – autênticos ou falsos – nunca provam coisa alguma. A principal utilidade dos milagres descritos nos “evangelhos” falsificados pelos romano-alexandrinos (por exemplo) consistia em desviar a atenção dos leitores da banalidade filosófica ou superficialidade ética da “mensagem” do “Cristo”.

Há apenas uma vantagem (mas esta é considerável) na utilização de nosso próprio corpo astral em um ataque: uma entidade humana, sendo um microcosmo, não pode ser impedida de penetrar num círculo de selos e defesas que normalmente o manteriam inexpugnável contra entidades de qualquer outro tipo. (Isto, aliás, se aplica a qualquer entidade que atingiu a dignidade de microcosmo, não apenas à espécie humana).

Mesmo esta vantagem, entretanto, apresenta certos riscos. Em 1964 e.v., quando as forças sinistras da reação católico-romana estavam em um auge, nós executávamos um ritual de banição quando sentimos a entrada em nossa aura do corpo astral de um padre romano que, ousando, mas ao mesmo tempo assustado por sua própria temeridade, pronunciou estas palavras: “Jesus! Maria!” enquanto buscava incorporar seu corpo astral ao nosso. No plano em que ele estava fazendo isto, a operação provavelmente lhe parecia muito fácil, desde que o nosso corpo astral não só estava pouco desenvolvido, como também tinha sido profundamente ferido por um anterior ataque mágico por parte de um padre (que pode ter sido ele mesmo, ou outro; não chegamos a identificar-lhe a forma física, apenas a vibração astral).

Embora nos sentíssemos ligeiramente ofendidos pelo receio do nosso visitante em entrar em contato conosco, e bastante insultados pela invocação de forças ilusórias em nossa aura, o nosso grau nos exigia dar plena liberdade a essa consciência para – por assim dizer – “estar em sua casa”, e entrar ou sair como lhe aprouvesse. Mesmo que, num plano mais baixo, tivéssemos desejado expulsá-lo de nossa aura, não nos teria sido possível: astralmente ele era mais forte do que nós, e comparado com a solidez do seu corpo astral o nosso era como névoa em volta de uma rocha.

Mas, como bem disse Fernando Pessoa em seu *Ultimatum*, profetizando sobre a Nova Era, o super-homem será, não o mais forte, mas o mais completo. Alguns dias após sua invasão de nosso círculo esse padre, que havia publicado um livro sobre a “Eterna Aliança” prometida por “Jesus” a seus “discípulos”, estava em uma livraria assinando autógrafos quando foi acometido por um ataque cardíaco e caiu morto.

Não levantáramos um dedo contra esse indivíduo. Sua morte adveio de sua percepção íntima, após contato conosco, de que sua existência inteira estivera baseada em falsidade e erro. O anahatta é o centro coordenador das energias psíquicas abaixo do Abismo.

(1) Para maiores detalhes quanto a este assunto, que foge dos limites deste livro, leia-se *Carta a um Maçom. Pedidos diretamente à O.T.O.*

(2) *Vários desses tratados foram recentemente traduzidos do latim e publicados por um padre jesuíta como estudos “sérios” e evidências da necessidade de usar os mesmos métodos para combater o “satanismo” no mundo moderno!*

(3) *Líber Tizaddi vel Hamvs Hermeticvs, que será publicado como apêndice a Livro Quatro Parte III.*

Capítulo VII

AS CORRENTES MORTAS

Está escrito no Livro da Lei: “Ab-rogados estão todos os rituais, todas as ordálias, todas as palavras e sinais”.

Isto significa que TODAS as correntes religiosas do aeon passado perderam contato com os planos espirituais. Aqueles grandes iniciados que lhe deram origem retiraram-se ao Silêncio, aliando suas forças à gama vibratória do Novo Aeon.

Telemitas devem fazer um gesto de exorcismo ao passar por qualquer pessoa envergando o hábito de qualquer religião do aeon morto. Isto é por dois motivos: primeiro, porque a aura dessas pessoas é um foco de força estagnada; segundo, porque muitos membros desses cleros são, literalmente demônios encarnados. (1)

As tendências morais e emocionais que tornaram possíveis as espantosas perseguições e matanças religiosas do passado ainda existem na psique coletiva; não se manifestam abertamente apenas porque as forças construtivas da raça as mantêm sob controle. Mesmo assim, ocasionalmente elas se desenfream: os massacres no Vietnam servem de contraponto aos purgos comunistas na Ucrânia, Polônia, Hungria, Checoslováquia e outros países do bloco marxista; o recente genocídio de Hitler pode ser contrastado com as matanças (cuidadosamente censuradas nos jornais!) de ingleses e palestinos, perpetradas por judeus a fim de fundar o Estado de Israel. Biafra, Uganda, o Congo, Angola, as Filipinas e o Camboja são mais recentes ainda; alguns continuam fonte de infames (e sempre censurados, dos dois lados) cabeçalhos.

Somente um leitor muito ingênuo pensará que o simples ato de retirar a força espiritual de uma corrente destrói instantaneamente as manifestações dessa corrente no plano físico. A inércia do mundo material exige um grande esforço para encetarmos nele qualquer movimento; mas pelo mesmo motivo, uma vez o movimento encetado, será necessário um esforço também grande para imobiliza-lo. Em teoria, um esforço igual e contrário.

Ora, os iniciados não perdem tempo nem desperdiçam energia de tal maneira. Quando a fonte espiritual de uma corrente cessa, a força dinamizadora é aplicada a outros afazeres, inclusive a uma nova corrente; e o impulso anterior segue o seu curso natural de automatismo até que seu “embalo” se esgote por completo.

Existe nisto uma analogia perfeita com um cadáver humano. A força espiritual responsável pela coesão da massa celular que se manifestou como um corpo vivo retira-se com a morte; mas o casão material não se dissolve imediatamente com isto: vai se decompondo aos poucos em grupos celulares diversos, os quais vão sendo absorvidos por outros processos vivos em sua volta, contanto que (como já observamos anteriormente) esta ecologia não seja interrompida e desrespeitada por embalsamamento ou outras medidas igualmente ilógicas.

Dessa mesma forma, o cristianismo, o bramanismo, o islamismo, o budismo - que são as quatro grandes correntes religiosas especialmente amaldiçoadas no Livro da Lei, Capítulo III, versos 49-56 - não desapareceram instantaneamente em abril de 1904; apenas perderam a fonte sutil de origem. Essas correntes estão se desintegrando lentamente, decompondo-se em seitas e grupos litigiosos. Os membros mais adiantados de seus cleros respectivos estão se sintonizando com a Lei de Télema, e desta forma dão, aparentemente, um novo impulso aos grupos que chefiam. Mas como a estrutura da Lei de Télema é totalmente diversa da teologia dessas religiões, gradualmente estas sub-correntes de “reação” estimulam a desintegração mais rápida do corpus teológico ortodoxo de origem.

O Zen Budismo, por exemplo, tal como praticado por Suzuki, o excelente místico japonês, nada tem a ver com o budismo supersticioso e preconceituoso que infestou a Ásia durante séculos. O Sufismo, tal como alardeado pelo sutil Gurdjieff, difere totalmente do islamismo que bradava morte aos “infiéis”. A doutrina de Vivekananda, inspirada por seu mestre Ramakrishna, em nada se parece com o hinduísmo que sufocou a Índia durante séculos de passividade supersticiosa e estúpida; o nobre misticismo de Martin Buber, o filósofo judeu, em nada se parece com a sangüissedenta estreiteza cultural e o elitismo tribal da ortodoxia mosaica.

Esses homens, sentindo-se atunados com as vibrações espirituais da nova era, buscaram interpretar suas correntes em termos da Lei de Télema, e têm sido bem sucedidos, pois, como está escrito, a Lei é para todos: mais ainda, a finalidade da Lei é cumprir e fazer cumprir a tendência espiritual de todas as leis que a precederam. Mas assim fazendo, é inevitável que ela destrua a *forma* assumida por aquelas correntes de origem no aeon passado. A ortodoxia das correntes religiosas do velho aeon está fadada a desaparecer.

Há somente uma corrente religiosa do velho aeon que não tem exibido, desde abril de 1904 e.v., quaisquer líderes renovadores. Essa corrente é o cristianismo. Todas as tentativas de renovação dessa filosofia têm sido reacionárias; não é uma evolução que os cristãos têm buscado, mas uma regressão. Eles não aspiram ao progresso, mas sim ao regresso. (2)

Isto é devido ao fato de que o cristianismo foi uma falsa fé desde a sua origem. Com a oficialização do Credo de Nicéia, os patriarcas romano-alexandrinos se alhearam por completo da corrente espiritual do Grande Iniciado que pregou o gnosticismo através do oriente Médio, e que ficou conhecido como Dioniso. Este foi o verdadeiro iniciador da Corrente Cristã, incorporado no Novo Testamento à figura composta de “Jesus” com o Mestre de Retidão dos essênios, com o Profeta Ionas (“João Batista”) e outros. (3)

Ora, quando a nossa vida está baseada sobre uma mentira, nós só temos duas alternativas: reconhecer que a base da nossa existência é falsa, e mudar radicalmente a nossa conduta e o nosso ponto de vista, ou persistir em nossa falsidade a qualquer preço.

As tentativas confusas e desajeitadas da Igreja Romana de adaptar a sua liturgia à nova gama vibratória vigente, e os remendos ansiosos que os cristãos em geral estão procurando efetuar nos farrapos do seu dogma, seriam patéticos se os cristãos merecessem qualquer simpatia de mentes esclarecidas. Mas eles não merecem.

O cristianismo foi, sempre que pode, o assassino da ciência, da arte, da filosofia, e da liberdade individual - especialmente a liberdade de pensamento - em todos os países em que assumiu poderio econômico e político. Quando uma crença é falsa, basicamente falsa, ela é inecológica; e seu efeito social é inecológico.

O marxismo, por sinal, está começando a exibir exatamente os mesmos sintomas nos países onde se tornou dogma. Só as atitudes, iniciativas, maneiras de pensar, e até mesmo as descobertas científicas que não contradizem a “religião oficial” são permitidas ao cidadão soviético ou chinês. Mais: quando o dogma, por algum motivo, sofre uma reviravolta, espera-se que os cidadãos, também, dêem uma cambalhota e passem, freqüentemente, a contradizer e a contrafazer suas palavras e seus atos de um dia atrás.

Qual a raiz desta loucura? Muito simples: é o medo de morrer, não fisicamente: mas moralmente e intelectualmente.

Se os padres admitissem por um momento que o Credo de Nicéia foi uma enormidade e um disparate, teriam que abandonar a roupeta e trabalhar como gente honesta; as ramificações internacionais do Vaticano teriam que abandonar a máscara de religião, e pagar imposto como qualquer outro negócio.

Se os dirigentes soviéticos e chineses admitissem que Marx não só exagerou e errou em suas formulações filosóficas e políticas como, também, está ultrapassado pelas descobertas da psicanálise, da genética e da sociologia, (4) eles perderiam imediatamente a sua autoridade e as regalias decorrentes desta.

Uma classe sacerdotal tem que manter seu dogma a qualquer preço, ou resignar-se a morrer como classe e como dogma!

Mas o preço de todo progresso é uma mudança; e uma mudança é uma espécie de morte.

Aqueles que temem perder sua vida nunca se tornarão iniciados; e aqueles que temem a dor e o desconforto decorrentes da admissão de nossos erros e da tentativa (pelo menos!) de reformular nossos valores nunca aceitarão uma idéia nova.

O *ódio* de tais pessoas por quaisquer circunstâncias, ou quaisquer outras pessoas, que lhes tragam à mente a necessidade de mudança, a inevitabilidade de mudança, é tanto maior quanto maior for o seu medo de morrer. E se estes covardes morais e intelectuais estiverem em posições nodais na estrutura sócio-cultural, eles buscarão por todos os meios, mesmo os mais indefensáveis, destruir quer as circunstâncias, quer as pessoas, que buscarem trazer a realidade à baila.

Elifas Levi escreveu, a propósito de correntes mágicas: "O mago deve isolar-se no começo, e mostrar-se muito difícil em relações, para concentrar em si a sua força e escolher os pontos de contato; mas quanto mais for selvagem e inacessível nos primeiros tempos, tanto mais vê-lo-ão, mais tarde, rodeado e popular, quando tiver imantado a sua cadeia e escolhido o seu lugar numa corrente de idéias e luz. (5)

Até ai tudo bem; mas suponhamos que, em vez de "escolher o seu lugar numa corrente de idéias e de luz", o mago deseje *criar uma nova corrente* de idéias e de luz?

Em tal caso ele pode esperar as mais tremendas provações, e a mais implacável perseguição por parte de todos aqueles que sentem que a criação de uma nova corrente obrará em detrimento da corrente de que já fazem parte.

Que é um "herege", a não ser alguém cujas idéias nós não aprovamos, e por cuja existência nos sentimos ameaçados?

Quando Aleister Crowley morreu, uma revista católica romana de circulação eclesiástica publicou em latim o seguinte texto sobre as circunstâncias de sua morte: “No dia dois de dezembro de 1947 a imprensa inglesa anunciou a morte de Aleister Crowley, descrito por um juiz como a pessoa mais perversa da Inglaterra. Ao lhe ser perguntado, em certa ocasião, sobre a sua identidade, Crowley replicara: ‘Antes que Hitler fosse, EU SOU’ – uma deliberada blasfêmia contra as escrituras. Antes de deixar este mundo, o feiticeiro de setenta anos de idade amaldiçoou seu médico, o qual, muito corretamente, lhe havia recusado morfina porque Crowley a estava distribuindo entre menores. ‘Já eu vou morrer sem morfina, você morrerá logo depois de mim’. E isto aconteceu. O jornal *Daily Express* do dia 2 de abril de 1948 relatou que o funeral do mago negro provocara protestos do Conselho Municipal da cidade de Brighton. O Conselheiro J. C. Sherrot declarou que, de acordo com relatórios que ele recebera, o funeral de Crowley fora celebrado com o ritual completo da magia negra. Seus discípulos haviam recitado invocações infernais, o “Hino a Pã” composto pelo próprio Crowley, o “Hino a Satã”, escrito por Carducci e as Coletas da Missa Gnóstica, composta por Crowley para seu templo satânico em Londres.

Nesse interessante documento há diversos erros, para não dizermos calúnias, que passamos a detalhar:

Crowley nunca, em sua vida inteira, “distribuiu drogas entre menores”.

O médico de Crowley não lhe recusou morfina, não foi amaldiçoado por Crowley, nem morreu pouco após este.

Os “relatórios” recebidos pelo Conselheiro Sherrot foram fornecidos de segunda mão – exatamente como o artigo citado acima. O “Hino a Satã”, de Corbucci, não foi recitado, pois esse é um poema de “satanismo”, isto é, de catolicismo romano às avessas. Quanto ao “Hino a Pã”, poderá ser lido, na brilhante tradução de Fernando Pessoa, por qualquer leitor interessado. As Coletas da Santa Igreja Católica Gnóstica serão oportunamente publicadas nesta série, assim como o texto integral da Missa. Não fazem qualquer referência ao “cristianismo” baseado no Credo de Nicéia.

Além destas falsidades surpreendentes, há ainda no documento em questão certas deturpações deliberadas dos fatos, a saber:

Crowley foi chamado “o pior homem do mundo” por um juiz inglês que acabara de ouvir a leitura de alguns poemas pornográficos que Crowley escrevera e publicara em sua juventude. Estes poemas haviam sido deliberadamente baseados nas alucinações sexuais descritas em relatos canônicos das “Vidas dos Santos”.

(A finalidade, claro, fora demonstrar a sexualidade recalcada que resulta do celibato forçado. Em outra ocasião, o genial magista escreveu uma série de poemas em louvor à Deusa Isis, baseados em textos egípcios, e maliciosamente publicou-os como sendo para a “Virgem Maria”. Isto resultou em críticas elogiosas por parte de publicações católico-romanas. Logo em seguida, Crowley publicou nova edição dos poemas, em sua forma original, e adicionou as críticas laudatórias dos teólogos católico-romanos como apêndice. A finalidade, claro, fora indicar que a “Virgem Maria” é uma mera imitação da Isis egípcia. Infelizmente, em vez de compreenderem a lição que lhes estava sendo dada, os padres romanos se encolerizaram ainda mais contra o Magus do Aeon, e redobram suas calúnias e perseguições contra ele).

Crowley disse “Antes que Hitler fosse, EU SOU” na ocasião em que declarou publicamente que Hitler tinha ido longe demais, e que a destruição do nazismo se tornara necessária. Acabara de lhe ser participado que os nazistas tinham queimado a edição em alemão do Livro da Lei, assim como as traduções de suas obras para o alemão; tinham declarado a O.T.O. ilegal, e posto Karl Johannes Germer, Rei Alemão da Ordo Templi Orientis na época (mais tarde sucessor de Crowley como Cabeça Externa da Ordem, e nosso Instrutor), num campo de concentração.

Pouca gente sabe que o V da Vitória e o sinal do polegar para cima, usados justamente na época em que a reação contra o nazismo começou, foram lançados por Crowley nessa ocasião. Veja-se *Liber AL*, Capítulo III, verso 26.

Se fossemos corrigir aqui todos os exageros, e denunciar todas as falsidades e calúnias perpetradas pelo catolicismo romano contra Crowley, teríamos que escrever uma série de alentados volumes, e para que? Conhece-los-eis pelos seus frutos.

Mencionamos a publicação acima apenas para trazer à consciência de nossos leitores que é muito fácil mentir a respeito dos nossos adversários, quando o fazemos numa língua que só é falada correntemente pela nossa patota, e numa publicação que só circula entre ela.

Há decênios que se publica no Brasil as mais despudoradas calúnias, não só contra Crowley, mas contra muitos outros homens talentosos e justos, sem que esses homens tenham qualquer oportunidade de explicar mal entendidos ou se defender contra libelos. No entanto, as consequências sociais de ostracismo e até perseguição decorrem de tais publicações inescrupulosas. É a famosa “lista negra”. Trataremos desses casos mais a fundo no capítulo sobre *O Ocultismo e a Política*. Aqui nos interessam mais especialmente os aspectos mágicos e magnéticos da hostilidade das cadeias mortas.

A morte espiritual de uma cadeia mágica não exime as pessoas que são alvo da hostilidade dessa cadeia dos danos que a cadeia lhes pode causar enquanto o impulso mágico perdure. E se estas pessoas estão tentando criar uma *nova* cadeia para eventualmente substituir a cadeia morta, a hostilidade se torna indescritível.

Quando uma cadeia “morre espiritualmente”, isto significa simplesmente que o Iniciado que lhe deu origem se retira ao Silêncio, ou enceta outra obra. É como um exército que subitamente perdesse o seu comandante-em-chefe, com uma sutil

diferença: o exército sempre pode nomear outro comandante-em-chefe, mas em magia é o Comandante quem nomeia o exército!

A dissolução de uma corrente espiritual equivale a uma ordem de debandar. Esta ordem é sentida pelas mentes mais avançadas que pertencem à cadeia como um vazio, um desnorreamento. O Santo dos Santos perdeu a Presença: o profeta chama o seu Senhor, e este não responde.

Membros da cadeia, em tais casos, têm só duas alternativas:

1. Procurar uma cadeia nova, ou fundar uma de moto próprio. Para isto é necessário, no primeiro caso, dor, sofrimento, e uma total revolução psíquica; adicione-se uma determinação, paciência e coragem moral a toda prova no segundo!

2. Fazer das tripas coração (6), e continuar nossas atividades como se nada tivesse acontecido. Buscar até, se somos suficientemente ambiciosos, ocupar o trono do Mestre, que agora sabemos está vazio.

Deve-se notar que a sucessão hierárquica da representação de uma corrente no plano físico é sempre desta última forma. O Rei está morto; viva o Rei! Mas não se passa o mesmo quando a *corrente* morre. A fonte espiritual de uma corrente não é um homem. Não é sequer um “rei”: é um Deus. (7) Ora, um Deus não morre; se um Deus se retira, é porque decidiu mudar a forma de Seu trabalho. Neste caso, aqueles que persistem em manter a forma abandonada pelo Deus estão contrariando o evidente propósito d’Ele. Estão indo contra o Movimento Universal; estão procurando regredir, e não evoluir.

Portanto, aqueles que tentam manter intacta uma corrente morta exercem uma influência prejudicial sobre seus semelhantes. Frequentemente, suas intenções são as melhores possíveis. Mas as leis da natureza são inexoráveis. As leis naturais são as *únicas* leis divinas: se damos veneno a um sedento, crendo que lhe estamos dando água, a sinceridade de nossa crença não impedirá nossa vítima de morrer envenenada.

Se tal é o caso com correntes legítimas, quanto mais no caso de uma corrente como o cristianismo, que foi falsa desde o seu início! Seu “sucesso” deveu-se ao fato de que a gama vibratória do aeon passado tornava possíveis as atividades anímicas praticadas por cristãos. Um método de Teurgia libera; mas toda religião restringe. Os dogmas centrais do cristianismo eram restritores: a idéia de que o rei deve morrer pelos seus súditos eliminava a possibilidade de indivíduos excepcionais sobreviverem e fecundarem a massa social; esperava-se deles o “sacrifício”, e não o sucesso! (8) A idéia da “virgindade” impedia o intercâmbio anímico sadio; a promessa de “céu” e a ameaça de “inferno” mantinham as pessoas moralmente imaturas, servis psiquicamente a uma Imagem Paterna “premiadora” ou “punidora”; e a doutrina básica implícita nisto tudo, de “bem” e “mal” como conceitos absolutos e opostos, não passava de um maniqueísmo disfarçado: produz até hoje a notória disparidade entre as palavras dos cristãos e os seus atos. Todo cristão é um esquizotímico.

É mais fácil morrer do que viver honrosamente; é mais fácil ceder que lutar; é mais fácil se abster do que agir. As atividades preconizadas pelos originadores do Credo de Nicéia eram mais fáceis que as verdadeiras atividades cristãs, preconizadas por

Dioniso (9): estas exigem uma abertura do ego, uma expansão da nossa perspectiva, uma adaptação ecológica ao nosso meio-ambiente, com os conseqüentes riscos e desconfortos. É fácil amares o teu próximo quando ele é apenas uma réplica de ti mesmo; não é tão fácil amá-lo, quanto mais respeita-lo, quando ele não só defende uma teoria do universo totalmente diversa da tua, mas ainda por cima parece mais feliz e mais bem sucedido com ela!...

“Ama a teu próximo como a ti mesmo”, aliás, não tem o significado piegas que lhe é dado por cristãos. Significa dar o mesmo valor ao ego alheio que damos ao nosso próprio ego; compreender que a ampliação de nossa perspectiva (isto é, o aumento de nossa sabedoria) depende da assimilação de uma pluralidade de valores, ou pontos de vista. Isto não significa absolutamente que devamos abandonar nosso ponto de vista para adotar o de outra pessoa: a idéia consiste em *unir* os dois pontos de vista diversos, e através deste ato atingir um *novo* ponto de vista que, por ser uma combinação de ambos, forçosamente será mais amplo do que ambos. O verdadeiro crescimento espiritual exige, portanto, uma modificação constante, um progresso e uma expansão constante da natureza anímica.

Aquilo que é desconhecido é temível: o ego de outra pessoa é uma ameaça para o nosso autismo. Mas, como disse o poeta latino, “Conta teus anos pelas tuas feridas”. E como disse o próprio Crowley em uma de suas epístolas a seus discípulos: “Conquista toda aversão em ti mesmo, controla toda repulsa. Assimila tudo o que te parecer veneno, pois apenas nisso terás lucro. Aqueles que evitam o sofrimento, seja mental ou físico, permanecem sempre homens insignificantes, e não há virtude neles. Porém, cuidado para não cáíres naquela heresia que considera o sofrimento e o auto-sacrifício qual subornos oferecidos a um Deus corrupto como pagamento de algum imaginário prazer em alguma vida imaginária após a morte. Nem, por outro lado, temas destruir teus complexos, julgando que assim perderás o poder de criar alegria através do contraste entre a tua perspectiva e a de outras pessoas, Mas em cada Boda (10) sê corajoso e afirma e ardor espiritual do Orgasmo, fixando-o em algum talismã, seja este uma obra de Arte, de Magia, ou te Teurgia”. (11)

Esta *abertura egóica*, este estado de permanente empatia com o nosso meio-ambiente (do qual, de nosso ponto de vista, os egos de nossos semelhantes são parte), necessita de uma disposição constante de experimentar Mudança, isto é, modificação em nossa constituição anímica. (Esta é, aliás, a atitude normal de crianças sadias: uma constante maravilhosa para com o mundo). Necessita, além disto, de muita coragem moral e muita energia física, pois como toda alma pura sabe, existem experiências desagradáveis, e até mesmo mortais, que podem nos atingir; principalmente se entramos em contato com mentes fechadas pelo medo ou pelo ódio.

Recentemente uma moça se tornou uma Probacionista da A.’A.’.. Esta moça, tentando executar o Ritual do Rubi Estrela, (12) sofria constantemente as maiores dificuldades: no momento culminante da invocação ela ficava completamente tonta, e mais de uma vez perdeu os sentidos.

A invocação do Rubi Estrela reúne todas as forças astrais que cercam o executante, e as concentra em torno do centro de energia chamado Ajna pelos hindus. Quando o caso desta jovem chegou ao nosso conhecimento, concluímos que ela estava sob o ataque permanente de alguma corrente de força hostil; alguém estava tentando

impedi-la de adquirir controle do seu Ajna etérico. (13) Um interrogatório sobre os antecedentes da moça elucidou o seguinte: aos nove anos de idade ela fora retirada, por insistência do pai (14), de um colégio leigo e colocada num colégio de freiras. Este colégio, cujo nome não mencionaremos aqui, possuía na época um método didático bastante curioso. Por exemplo, se uma aluna era chamada ao quadro-negro para escrever, e cometia um erro, a freira professora agarrava a criança pelos cabelos e forçava-a a esfregar a cara no quadro para apagar o erro. Uma falta disciplinar era punida da seguinte maneira: a culpada era forçada a se ajoelhar sobre o milho, e as outras alunas, organizadas em fila, tinham que desfilar à sua frente e dar-lhe, cada qual, um tapa. (15)

Estas duas formas de punição eram as mais comuns, mas em certa ocasião algo mais grave se passou com a menina que mais tarde se tornaria uma Probacionista nossa: ela foi exorcizada.

O motivo do exorcismo foi o seguinte: na aula de ginástica, as crianças vestiam um macacão especial, de calças curtas e sem mangas. Como as freiras consideravam este uniforme demasiado ousado para ser usado sobre a pele, era ordem geral que sob o macacão, durante a ginástica, todas deveriam usar a “combinação”, que era uma espécie de camisola fechada até o pescoço, e *ainda por cima* a blusa normal do uniforme.

Infelizmente para a criança, na primeira vez em que foi à ginástica ela ignorava esta ordem: muito serenamente tirou saia, blusa, combinação, e estava colocando o macacão de ginástica sobre as suas calcinhas quando uma das freiras (bebel e mestra de português) entrou no vestuário e a viu. A menina foi arrastada para a capela do colégio, onde um padre, após ouvir o relato do seu nefando crime, exorcisou-a formalmente, na presença da freira, de acordo com o ritual romano.

Isto ocorreu em 1960 e.v. justamente um ano antes de regressarmos ao Brasil. O local foi o Rio de Janeiro, presumivelmente uma cidade civilizada.

Após este incidente, a menina de nove anos de idade ainda ficou três meses no colégio, mas chorava copiosamente todas as manhãs antes de ser levada para ele. Finalmente sua avó materna, numa visita à família, observou esta conduta e disse à mãe que absolutamente não era normal que sua neta, até então uma criança alegre, expansiva e saudável, reagisse desta forma á hora de ir para o colégio; principalmente quando, na escola leiga que cursara anteriormente, ela nunca reagira assim. A menina foi então retirada do colégio; mas por exigência formal do pai (16) foi colocada em outro colégio de freiras.

Dois meses depois de sair do colégio onde fora exorcizada, a criança, cuja saúde até então tinha sido de ferro, caiu vítima de febre tifóide. Desde então, até entrar em contato conosco, sua saúde se tornou precária: ela sofria de asma, tinha dores de cabeça periódicas intensas que foram diagnosticadas por uma psiquiatra como “disritmia” (17), e sua força nervosa se desgastava facilmente, forçando-a a descansos prolongados.

Não foi fácil elucidar os fatos acima: a própria moça os havia esquecido, como ocorre frequentemente conosco quando temos uma experiência penosa na

infância. (18) Mas, tendo nos familiarizado com as circunstâncias, explicamos à jovem que ela estava sob ataque mágico constante da corrente malsã do catolicismo romano; (19) que o exorcismo fora uma forma de enfeitiçamento, tanto mais cruel por ter sido perpetrado contra uma criança inocente; e que sua aspiração de se tornar uma Telemita, isto é, uma mulher do Novo Aeon, exacerbava contra ela a hostilidade das correntes mortas.

- Você só tem duas alternativas – dissemos-lhe. – Ou abandonar Télema por completo, ou persistir nos seus rituais a despeito do que possa acontecer.

- Eu tenho medo de enlouquecer – ela confessou.

- Todos nós temos – lhe replicamos. – Em ocultismo, o preço da sanidade mental, como o preço da liberdade, é uma eterna vigilância. Os escravos possuem uma falsa segurança, mas os homens e as mulheres livres têm a cada momento que decidir sua conduta por *si mesmos*. Esta responsabilidade é um peso. A autonomia moral é rara porque contraria a tendência à inércia, que é enorme no mundo físico. Você nasceu com a vibração anímica do Novo Aeon; foi isto que os cascões que infestavam aquele colégio pressentiram, e foi isto que eles tentaram destruir. Compete a você decidir.

A Probacionista decidiu persistir. Sua luta para controlar as forças hostis que atacavam durante a execução do Ritual do Rubi Estrela levou um ano; mas eventualmente os desmaios forma perdendo sua intensidade, e finalmente desapareceram por completo. Atualmente ela é uma Neófito da A.'A.', e seus sintomas de “disritmia” desapareceram totalmente, também.(20)

Ainda no assunto das correntes mágicas, Levi tem, no mesmo livro, o seguinte a dizer: “Todo entusiasmo propagado numa sociedade por uma continuidade de comunicações e práticas firmes produz uma corrente magnética, e se conserva ou aumenta pela corrente. A ação da corrente é arrastar e, muitas vezes, exaltar fora da medida as pessoas impressionáveis e fracas, as personalidades nervosas, os temperamentos dispostos ao histerismo ou às alucinações. Estas pessoas logo se tornam poderosos veículos da força mágica, e projetam com força a luz astral na própria direção da corrente; opor-se, então, às manifestações de força seria, de um certo modo, combater a fatalidade”.

Quando a corrente tem uma origem espiritual legítima, esta influência descrita por Levi é ecológica, isto é: biologicamente construtiva tanto para o indivíduo quanto para o meio ambiente. Exemplo deste tipo de corrente foi aquela iniciada pelos “rosa-cruzes” medievais, (21) a qual floresceu na Renascença, e na incrementação do espírito científico que resultou nas três grandes revoluções sociais da nossa época: a Americana, a Francesa, e a Russa.

Quando a corrente não tem origem espiritual, mas é uma deturpação, desvirtuamento, ou um reflexo qliphótico da corrente original (como é o caso do cristianismo convencional, e especialmente do catolicismo romano), ela tende a restringir a liberdade individual e a padronizar a massa social. Então as pessoas de mentalidade fraca, sentimentais, ou com tendências ao histerismo, se tornam como que demônios: focos venenosos da influência magnética malsã da corrente. São mortos que

julgamos vivos,e que nos falam a falsa linguagem e os falsos pensamentos da legião a que pertencem. (22)

Em 1961 e.v. nós nos prontificamos a imprimir, aqui no Brasil, a primeira edição mundial de *Líber Aleph*, uma das mais brilhantes obras do Mestre THERION. Nessa ocasião recebemos a seguinte carta de aviso de nosso Frater Superior, SATURNUS Xº O.T.O. (23)

“Imprimir e publicar este livro é um grande Ato mágico. SE for bem sucedido, você terá passado em um alto teste iniciático. Você ofereceu isto voluntariamente, portanto não duvido que seja parte de sua Verdadeira Vontade. Mas não subestime por um momento os obstáculos que serão levantados contra o livro e contra você: você descobrirá que forças das mais hostis utilizarão truques bobos, truques sutis, truques injustos e mesquinhos, para criar impedimentos ao seu Trabalho: estranhas insinuações lhe desviarão, ou farão com que você duvide de tudo. Estou escrevendo esta para o seu novo endereço, na esperança de que seja seguro. (24) Nada mais direi a respeito de assuntos pessoais, a não ser declarar que você será muito sábio ao não confiar em QUALQUER pessoa fora do seu círculo”.

Esta carta nos teria sido utilíssima se tivesse chegado às nossas mãos na época em que foi escrita; mas ela foi enviada, por um inexplicável extravio do correio (...) para a Bolívia, e só nos chegou às mãos três meses depois, quando já havíamos atravessado a ordália a que se referia.

Toda pessoa que enfrentar o impulso cego, automático, de uma corrente morta, experimentará o mesmo tipo de dificuldade e empecilho. Ainda como diz Elifas Levi: “As obsessões diabólicas e a maior parte das doenças nervosas que afetam o cérebro são fermentos feitos no aparelho nervoso pela luz astral pervertida, isto é, absorvida ou projetada em condições doentias. Todas as tensões extranaturais da vontade predispõe às obsessões e doenças nervosas: o celibato forçado, o ascetismo, o ódio, a inveja, o despeito, são princípios geradores de formas e influências infernais. A alma aspira e respira, exatamente como o corpo. Ela aspira o que crê ser felicidade, e expira idéias que são produto de suas sensações íntimas. As almas doentes têm mau hálito, e viciam a sua atmosfera moral, isto é: misturam seus reflexos impuros com a luz astral que penetra em suas auras, e nela estabelecem correntes deletérias. Muitas vezes ficamos admirados de sermos assaltados, em nossa vida diária, por pensamentos maus de que nos julgávamos incapazes; e não percebemos que isto é devido a alguma vizinhança mórbida. A sístole e diástole magnéticas produzem em redor de cada alma uma irradiação de que a alma é o centro, e ela rodeia-se do reflexo de suas criações, que lhe fazem um céu ou um inferno. Não há atos solitários, e não poderia haver atos ocultos: tudo o que realmente queremos, isto é, tudo o que confirmamos pelos nossos atos, fica escrito na luz astral, onde se conservam os nossos reflexos: estes reflexos influem continuamente sobre o nosso pensamento através do nosso corpo astral.

“A luz astral dirige os instintos animais (25) e dá combate à inteligência do homem, que tende a perverter pelo luxo de seus reflexos e a mentira das suas imagens; (26) ação falta e necessária, que os espíritos elementares e as almas sem desenvolvimento dirigem e tornam mais funesta ainda, com suas vontades imperfeitas que procuram simpatias em nossas fraquezas e nos tentam, menos para nos perder do que para adquirir amigos!

“As pessoas que renunciam ao império da razão e gostam de desviar sua vontade em perseguição de reflexos da luz astral, estão sujeitas a alternativas de furor e tristeza que fizeram imaginar todas as maravilhas da possessão do demônio. A Igreja Romana, em seus exorcismos, consagrou a sua crença em todas estas coisas, e pode-se dizer que a magia negra e o seu príncipe tenebroso são uma criação real, viva, terrível do catolicismo romano; até, que são a sua obra especial e característica, porque os padres não inventaram Deus.” (27)

Recentemente, como já mencionamos, o Papa Paulo VI declarou publicamente a necessidade dos “cristãos” (isto é, dos membros da *sua* heresia) defendem a existência do Diabo, sem a qual, é claro, não há justificativa teológica para a existência da Igreja de Roma. Transcrevemos a seguir um trecho de um exorcismo executado recentemente num convento de freiras franciscanas nos Estados Unidos da América:

Exorcista: Em nome de Jesus e Sua Bendita Mãe, Maria a Imaculada, que esmagou a cabeça da serpente, diga-me a verdade: quem é o chefe, ou príncipe, entre vocês? Qual é o teu nome?

Exorcizada: (latindo como o cão do inferno(28)) Beelzebud.

Exorcista: Você se chama a si mesmo de Beelzebud. (29) Não é você Lúcifer, o príncipe dos demônios?

Exorcizada: Não o príncipe, o chefe; mas um dos líderes. (30)

Exorcista: Portanto, você não foi jamais um ser humano, mas é um dos anjos caídos, os quais com orgulho egoísta quiseram ser iguais a Deus? (31)

Demônio: (com dentes sorridentes) (32) Sim, é isso mesmo. Ah, como nós O detestamos!

Exorcista: Por que você é chamado de Beelzebud, se você não é o príncipe dos demônios?

Demônio: Basta; meu nome é Beelzebud. (33)

Exorcista: Do ponto de vista de influência e dignidade, você deve ter uma posição próxima de Lúcifer; ou você provém do coro mais baixo dos anjos? (34)

Demônio: No passado, eu pertenci ao coro dos Serafins. (35)

Exorcista: Que faria você, se Deus lhe tornasse possível expiar a injustiça que você cometeu contra Ele?

Demônio: (Com zombaria demoníaca) Você é um teólogo competente? (36)

Exorcista: Há quanto tempo você está torturando esta pobre mulher? (37)

Demônio: Desde que ela chegou aos quatorze anos de idade. (38)

Exorcista: Como foi que você ousou entrar nessa pobre menina e tortura-la de tal forma? (39)

Demônio: (desdenhoso) Pois não sou o próprio pai dela que nos introduziu nela ao amaldiçoa-la? (40)

Exorcista: Mas por que você, Beelzebud, tomou posse dela? Quem deu essa permissão a você? (41)

Demônio: Não diga bobagens. Então eu não tenho que obedecer a Satã?

Exorcista: Então, você está aqui sob a orientação, e por ordem, de Lúcifer?

Demônio: Ora, e poderia ser de outra maneira? (42)

Seria inútil continuarmos a relatar este caso de exorcismo, pois se assemelha a dezenas de outros. Após muitos fenômenos aparentemente miraculosos, após muitos “diálogos” e muitos xingamentos mútuos por parte de “demônio” e “exorcista”, a “eficácia” dos rituais crististas se tornou “suficiente” para “curar” a doente. Posteriormente, esse panfleto do qual traduzimos um trecho foi publicado para “provar” a existência de demônios, e a glória e autoridade da Igreja de Roma...

O que os teólogos católicos romanos convenientemente esquecem é que casos de “posseção”, e o “exorcismo” desta, abundam em todas as religiões, todas as seitas, em todas as partes do mundo. A seqüência dos acontecimentos é sempre a mesma: os “demônios” se manifestam, tornam-se suficientemente incômodos para atrair a atenção dos líderes religiosos da comunidade, e após um período de escarcéu que pode variar entre horas e meses se retiram, “derrotados” pela eficácia dos ritos de exorcismo do credo a que a “vítima” pertence.

Não existe, no mundo inteiro, um caso documentado de exorcismo em que o “posseço” pertencesse a outra religião que não a dos exorcistas, ou em que o “posseço” fosse uma teu convicto desde o berço.

Não fosse a ocorrência de “posseção” em outros sistemas religiosos, os teólogos católicos romanos poderiam alegar que só podem ser salvas pela “intercessão de Jesus Cristo” as pessoas que aceitam o Credo de Nicéia. Mas parece-nos que, se Jesus Cristo tivesse, realmente, vindo ao mundo, e isto com a intenção de salvar a humanidade inteira, como declaram os crististas, uma entidade tão poderosa teria domínio mesmo sobre os demônios que obcecaram os infelizes “pagãos”!...

Mas, talvez “Jesus Cristo” seja tão intolerante com membros de outras crenças quanto os seus propagandistas de roupeta?... Mesmo assim, os sacerdotes das outras crenças conseguem “expulsar os demônios” dos corpos dos seus correligionários – fato que os teólogos católicos romanos procuram não mencionar.

Não vale a pena nos alongarmos aqui quanto aos sofismas inerentes na teologia cristista: afinal de contas, não diferem tanto dos sofismas inerentes em qualquer outra teologia, inclusive o marxismo-leninismo. A fé cega é invocada como virtude para cobrir os absurdos de um falso raciocínio, e a evidência dos fatos é sempre menos

importante para o fanático que os remendos do seu dogma. Um humorista norte-americano recentemente publicou uma piada em que uma pessoa se achega a um gordo prelado e lhe pergunta:

- Quantas religiões existem no mundo?
- Uma apenas – responde o gordinho.
- Então, por que existem tantas denominações diversas?
- Para quebrar a monotonia.

Quiséramos que os ilustres sacerdotes dos mais diversos credos tivessem suficiente sabedoria para perceber o bom senso contido nesta resposta!

Terminando, desejamos observar que este capítulo deve ser lido e estudado em estrita conexão com o capítulo que segue, “Ocultismo e Política”. Os leitores devem se lembrar de que as estruturas sócio-econômicas (isto é, políticas) de qualquer nação sempre resultam do código de moralidade praticado por essa nação; e de que a esmagadora maioria dos códigos de moralidade no mundo atual tiveram a sua origem em alguma religião do aeon passado; portanto, estão sempre relacionados com alguma das correntes mortas. A presente confusão e desorientação ética mundial resulta da Passagem dos Aeons.

(1) *O gesto consiste em mover um dos braços em arco diagonalmente em frente do corpo e para trás, desviando ao mesmo tempo a vista e dizendo claramente, mesmo se em voz baixa, as palavras: Apo pantos kakodaimonos, que em grego significam “Para trás de mim todos os espíritos de discórdia”. O mesmo gesto e as mesmas palavras devem ser feito e pronunciadas ao entrar em qualquer edificação em que essas religiões são celebradas, ou que contenham habitualmente membros dos seus cleros.*

(2) *Esta tendência é reveladoramente duplicada no sionismo fanático dos ortodoxos de direita, que foram reprovados por Martin Buber, o último pensador israelita a ser tão respeitado pelos árabes palestinos como pelos seus próprios correligionários.*

(3) *Veja-se Carta a um Maçom. Pedidos diretamente à O.T.O.*

(4) *Veja-se Dos Propósitos Políticos da Ordem. Pedidos diretamente à O.T.O.*

(5) *Dogma e Ritual de Alta Magia, traduzido por Lourenço Prado.*

(6) *Esta curiosa expressão da sabedoria popular significa a operação eletromagnética de fazer com que o Manipura Cakkram funcione no lugar do Anahatta.*

(7) *Iniciados que cruzaram o Abismo são chamados de “Deuses”. O Fundador de uma corrente é sempre um Magus, isto é, um Iniciado da Segunda Sephira acima do Abismo. Veja-se os diagramas em O EQUINÓCIO DOS DEUSES.*

(8) *Veja-se Lîber AL, ii, 21 (página 11 em O EQUINÓCIO DOS DEUSES).*

(9) *Veja-se Carta a um Maçom para um estudo mais detalhado disto tudo. Pedidos diretamente à O.T.O.*

(10) *“Boda alquímica”, na nomenclatura dos místicos medievais. Equivale à palavra Samadhi na nomenclatura hindu. “Adhi”, entretanto, pressupõe que*

“samadhi” é apenas com o “Senhor” – Adni, ou Adonai, em hebraico: note-se a semelhança. A palavra hebraica é derivada da raiz sânscrita, através do contato dos semitas com os adoradores de Adonis no Oriente Médio. Mas os maiores iogues (Ramakrishna, por exemplo) sempre expandiram o conceito: Samadhi devia ser praticado com todos os seres e todas as coisas. Compare-se com o Livro da Lei, I, 26: “a onipresença do meu corpo”.

(11) A palavra “Orgasmo” é, novamente, um sinônimo de Boda Alquímica, ou Samadhi. O leitor condicionado pela hipocrisia cristã não deve pensar que a finalidade desta nota é excluir o orgasmo sexual da categoria de êxtase místico. Pelo contrário, o orgasmo sexual é a única forma de Samadhi disponível a qualquer ser humano no presente estágio evolutivo da nossa espécie. Qualquer um pode obtê-lo, por mais destreinado que seja o misticismo.

(12) Uma versão aperfeiçoada do Ritual Menor do Pentagrama. Veja-se Livro Quatro, Parte III, Apêndice, que será publicado nesta série.

(13) O Ajna etérico controla as energias nervosas que equilibram os dois hemisférios cerebrais. Por isto, entre outros motivos, a lobotomia é uma operação absolutamente reprovável. Note-se que recentemente um livro pseudo-ocultista, escrito por um charlatão de certa habilidade literária, recomenda precisamente essa mutilação como meio de ativar o “Terceiro Olho”!

(14) O pai, de ascendência nordestina, fora educado em um seminário católico, enquanto a mãe fora educada como livre-pensadora.

(15) Isto ocorreu na década dos sessenta da era vulgar, e não, conforme pode ser pensado, na Idade Média! É uma variação do famoso “corredor polonês”, que era a diversão favorita dos veteranos no pátio de recreio na época em que ingressamos no Colégio Militar do Rio de Janeiro. Mais tarde este, e outros tipos de “trote” violento, foram proibidos pelo (então) Coronel Jair Dantas Ribeiro, a quem devemos gratidão, não só por isto como por nos ter, a nosso pedido, dispensado das aulas de catecismo, que abominávamos.

(16) Embora os pais se tivessem desquitado, nessa época era o progenitor quem pagava o ensino da filha.

(17) Esta “psiquiatra”, que era católica romana, disse à mãe da menina que ela se tornaria esquizofrênica antes dos vinte anos de idade. Note-se que este tipo de predição é clinicamente impossível.

(18) É o chamado “bloqueio psicológico”, que Freud descreveu com tanto brilho. Trata-se de um processo de auto-defesa: a experiência é tão penosa que, lembrada por uma criatura de pouca vivência (como é uma criança), pode deformar por completo o desenvolvimento da personalidade. Portanto é relegada a um esquecimento forçado, da mesma forma como as células físicas rodeiam e bloqueiam um foco de infecção orgânica. Porém, é necessário que o trauma aflore à consciência na idade adulta, para que a personalidade possa examiná-lo, julgá-lo, e coordenar a experiência que ele representa com o resto de seu psicossoma. Se assim não for feito, a personalidade nunca será completamente adulta, isto é, integrada. Um dos meios usados para este re-exame é a psicanálise. Pelo uso cauteloso e controlado de certas drogas (o LSD, entre outras, por exemplo), o processo de psicanálise, que às vezes leva anos, pode ser realizado em poucos dias – o que não deixa de ser um dos motivos por que certos psicanalistas, que cobram uma fortuna por uma sessão de análise, reprovam indignados o uso de psicodélicos para qualquer fim! Outro meio foi o que utilizamos aqui.

(19) Além de ter sido colocada em outro colégio de freiras, a moça estava, na época, completando seus estudos na “Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro”, onde ingressara, ainda, por insistência do Pai!

(20) A disritmia resulta de um desequilíbrio energético entre os dois hemisférios cerebrais, e é muito comum em épocas em que temos que decidir entre dois cursos de ação, principalmente quando um dos cursos nos atrai em termos de nossa individualidade, mas contraria o condicionamento cultural do nosso meio-ambiente.

(21) É preciso frisar de maneira categórica que o único documento legítimo sobre esta fraternidade foi a Fama Fraternitatis, publicada no século dezessete por Johann Valentin Andréa. Uma das condições a que os membros estavam jurados era a de nunca se identificarem publicamente como ‘rosa-cruzes’. Conseqüentemente, todo grupo ou movimento que utiliza o nome “rosa-cruz”, ou afirma representar aquela antiga organização, está enganado ou está enganando. Mais: qualquer afirmativa de que alguma figura histórica, seja falecida ou contemporânea, foi ou é “membra da Ordem” é ipso facto falsa; pois um “rosacruz” só poderia ser conhecido como tal por outro “rosacruz”, e em tal caso nenhum dos dois afirmaria publicamente a legitimidade do outro, uma vez que isto equivaleria a afirmar a sua própria. Andrés, por exemplo, publicou a Fama anonimamente, e jamais afirmou ser membro da sociedade por ele descrita.

Certos pseudo-ocultistas chegam ao ponto de declarar que a fraternidade teve sua origem no antigo Egito, o que denota a sua ignorância. É claro, da leitura da Fama Fraternitatis, que o simbolismo teve sua origem na Europa e no Oriente Médio, e que a organização tinha como propósito defender e propagar a doutrina de Dioniso, isto é, a verdadeira corrente cristã. O movimento “rosacruz” pode ser responsabilizado magicamente pela organização, pela Reforma, pela Renascença que seguiu a Reforma, e pelo cultivo do espírito científico, com suas conseqüentes revoluções sociais. Assim, os “rosacruzes” foram os mais encarniçados e os mais bem sucedidos inimigos do catolicismo romano.

(22) Fernando Pessoa, o grande iniciado telêmico português, a fim de diferenciar o falso cristianismo do Dogma de Nicéia do verdadeiro cristianismo gnóstico, criou um neologismo e chamava o pensamento teológico romano-alexandrino de “cristismo”. Se os leitores tiverem dificuldade em encarar como mortos o pseudo-cristianismo dos católicos romanos e suas diversas variações, as seitas protestantes, então considerem o marxismo-leninismo, outra corrente malsã, um desvirtuamento da Lei de Télema, que está começando a apresentar exatamente os mesmos sintomas.

(23) Karl Johannes Germer, o discípulo favorito e sucessor de Crowley na chefia mundial da O.T.O. e da Ordem de Télema.

(24) Resolvêramos alugar uma caixa postal, porque nosso pai carnal, que era um espírita da linha kardecista e odiava télema, fiscalizava nossa correspondência, influenciado pelos cascões que infestavam a sua aura. Infelizmente, saímos da vigilância domiciliar apenas para a vigilância dos múltiplos serviços secretos que vasculhavam, e continuam a vasculhar, a correspondência de telemitas.

(25) A luz astral é inerte, e tende sempre na direção do menos esforço; ora, é mais fácil ser animal que ser humano. Levi dá aqui (talvez involuntariamente) uma tendência “fatal” à luz astral que ela não possui. O agente magnético simplesmente tende ao equilíbrio, isto é, à quietude. Mas esta “quietude” é a existência na base dos instintos e reflexos. A perversidade é o risco que o homem corre na busca por se tornar humano; ou, nas palavras irônicas de um sábio, “o homem é um macaco que enlouqueceu, e resolveu descer do galho”.

(26) É errôneo dizer que a luz astral “dá combate” à inteligência do homem: ela é o perfeito agente-reagente. É a multiplicidade de escolha, decorrente da nossa existência como microcosmos, que pode produzir confusão ou desvio em nossa conduta. Este é o preço que toda entidade paga pela liberdade:: a necessidade de escolher, a cada momento, a melhor conduta, incorrendo sempre no risco de errar. Os nossos acertos e sucessos estão erigidos sobre a base dos erros e dos fracassos daqueles pioneiros que foram os nossos antecessores. Como bem disse Crowley: “Ninguém pode agir sem errar; antes errar do que não agir!” Onde estaríamos agora se Galileu, Lutero, Darwin, Einstein, e incontáveis outros tivessem temido agir?

(27) Dogma e Ritual da Alta Magia, diversos trechos.

(28) Esta, e outras pitorescas descrições, não devem ser imputadas ao nosso estilo. Estão no original, de autoria de um padre chamado Carl Vogl.

(29) Note-se que, embora o exorcista estivesse falando com uma mulher, uma pessoa com uma identidade e um nome, ele coopera para exacerbar a ilusão de que ela sofre, dirigindo-se ao “demônio” em vez de à doente, e assim conduz telepaticamente a intenção do diálogo na direção das influências mórbidas da corrente morta à qual tanto ele quanto a exorcizada estão ligados.

(30) Esta resposta segue a demonologia tradicional do catolicismo romano. A empatia telepática entre o padre e a sua vítima produz um diálogo em que esta (ou os cascões que infestavam a sua aura) adivinhava intuitivamente a resposta desejada pelo exorcista.

Este tipo de empatia existe também na psicanálise, onde é chamado de *rapport*. A principal fraqueza do método psicanalítico é que, a não ser que o psicanalista seja uma pessoa totalmente equilibrada, ele tenderá a ler as suas próprias psicoses e recalques nas respostas ou nos problemas psíquicos do paciente, ou(o que é pior ainda) tenderá a buscar uma comprovação das teorias da determinada escola a que pertença, em detrimento das necessidades do doente. É por isto que o uso de psicodélicos, ou então, a auto-análise provida pelas técnicas de magia ou misticismo, são preferíveis, apesar de seus riscos especiais, aos métodos ortodoxos de análise. O perigo do mau analista (e este constitui a norma!) é evitado, sem falar no custo abusivo da sessão de análise.

(31) Esta forma de pergunta não é permitida nos tribunais em países civilizados (não nos referimos ao Brasil), porque o interrogado está procurando obter uma resposta preconcebida da boca da interrogada. Note-se a ênfase dada ao fato do “demônio” não ter sido nunca um ser humano encarnado: o exorcista está se defendendo antecipadamente contra a possibilidade de que a “possessa” seja uma médium, e de que a entidade que fala através dela seja a “alma de um morto”, o que seria espiritismo, uma teoria que a Igreja de Roma não admite.

(32) O autor deste relato, ao transcrever (?) o diálogo, nunca se referiu à exorcizada, mas sim ao “demônio”, desde o início; fomos nós que não o imitamos, por motivos de clareza, até agora. Note-se o esplêndido estilo: “dentes sorridentes”. As notas descritivas que acompanham este relato são tão sintomáticas do nível mental e moral dos padres participantes quanto o “diálogo” em si.

(33) Esta é a primeira resposta que indica que a mulher obcecada poderia estar em contato com uma legítima entidade demoníaca: há Quatro Grandes Príncipes do Mal do Mundo, como está descrito em A Sagrada Magia de Abramelin o Mago, e Beelzebud não é um deles. O desdém da entidade em explicar isto ao exorcista advém do fato que a entidade estava presente a fim de incrementar a fé dos circunstantes na falsa teologia do catolicismo romano; e a tragicomédia do exorcismo era uma pura representação teatral com este fim. Repetimos que entidades demoníacas não podem

ser controladas a não ser por pessoas que estejam em contato com o seu Sagrado Anjo Guardião, e sejam obedientes a Ele.

(34) *Esta pergunta dá uma penosa indicação da atitude moral do exorcista. AS palavras “influência” e “dignidade” são extremamente sugestivas, assim como a preocupação com posição hierárquica.*

(35) *Isto, está claro, é uma deslavada mentira. A entidade está se divertindo à custa do esnobismo inconsciente do exorcista.*

O que é difícil para teólogos compreenderem é que a “Queda” é uma invenção teológica. Nunca houve uma “Queda”. O processo é evolutivo, exatamente de acordo com as premissas estabelecidas por Darwin. Quando os místicos hebreus pressentiram a existência do Abismo, isto é, daquele hiato que separa o homem do Deus que existe dentro de cada ser humano (veja-se o Livro da Lei, Capítulo I, vv. 1-4; Capítulo II, v.6), eles poderiam ter tomado duas atitudes diversas para expressarem este fato intelectual: 1) poderiam ter admitido que o homem é uma criatura imperfeita em vias de aperfeiçoamento; 2) poderiam declarar que o homem fora uma criatura perfeita (Adão no “Paraíso”) que se perdera por descuido. Por pura vaidade egóica, eles escolheram a segunda explicação: é mais romântico ser um “nobre no exílio” do que ser um plebeu em vias de se tornar um novo rico! Entretanto, nós nos lembramos da célebre resposta de um plebeu enriquecido a um “nobre” que lhe lembrou a sua origem humilde: “A minha nobreza começa comigo; a sua acabou com o senhor”.

(36) *Nota-se agora o desdém, merecido, que a entidade tem pelo exorcista.*

(37) *Mais prudente que outros, o exorcista encaminha a conversação para assuntos mais úteis.*

(38) *Isto é, desde quando ela atingiu a puberdade, e as restrições antinaturais impostas pela falsa moralidade “cristista” a forçarem a reprimir uma libido provavelmente bem acima da média – o que é sinal de boa saúde física. Note-se a pronta e franca resposta da entidade. Se o exorcista tivesse mantido suas perguntas num clima de objetividade e interesse sadio, é provável que tivesse angariado o respeito da entidade. Infelizmente, ele não pode escapar aos seus preconceitos arraigados.*

(39) *Note-se novamente a preocupação do exorcista em estabelecer uma explicação teológica para a situação. A pergunta mais cogente no caso, sem dúvida, deveria ter sido: “O que será necessário para você deixar de atormenta-la?” “O próprio uso do verbo ousar é uma provocação para uma entidade demoníaca.*

(40) *Este ponto muito importante escapou por completo à compreensão do exorcista, como era de se esperar de um teólogo. A entidade estava lhe explicando que foram as condições anormais de vida impostas pelo pai da menina que produziram a perturbação psíquica em que ela se encontra agora, trinta anos depois.*

(41) *Nota-se novamente a preocupação teológica. A situação da enferma é secundária; o que é importante para o exorcista é a esquizotimia própria da concepção católica romana de “bem e de “mal”.*

(42) *Note-se que a entidade evadiu as duas perguntas do exorcista, respondendo com perguntas que soam como respostas, mas não são. A entidade havia tentado dar ao exorcista uma indicação da situação psíquica da “possessa”, e da causa dessa situação: a má orientação paterna na adolescência. Mas a preocupação do exorcista com teologismos, e seu (evidente) total descaso pela pessoa humana da moça sendo exorcizada, despertaram o desprezo da entidade, que passou a mentir sutilmente e a zombar dele. O exorcista não estava preocupado em curar a moça: estava preocupado em provar a existência de possessão demoníaca, e (principalmente) a*

existência de um comandante demoníaco principal; isto é, a existência do “Diabo”, no sentido cristista.

Esta sua preocupação fez dele um brinquedo nas mãos da entidade. Por exemplo: é evidente que o exorcista confunde Satã com Lúcifer, e isto diverte a entidade. Na realidade, há quatro Príncipes do Mal do Mundo (assim-chamados): Satã, Lúcifer, Leviatã e Belial; e Beelzebud está sob o comando de Belial, não de Lúcifer ou Satã ou Leviatã.

Nem se deve acreditar que a entidade a se manifestar através da doente fosse Beelzebud: casos de “possessão” são manifestações qliphóticas, e a aura do médium (pois todo “possesso” é simplesmente um médium, isto é, uma pessoa sensível a influências sutis, cuja aura está em estado de desequilíbrio e descontrole) se torna um lamaçal de larvas, cascões, baixos elementais e influências demoníacas grosseiras. As correntes mortas se concentram em torno de tais infelizes, que se tornam focos para elas. O termo para este estado de coisas é “Muitos”. Chamo-me Legião – diz uma entidade obsessora numa fábula evangélica – porque somos muitos.

É preciso distinguir cuidadosamente a influência psíquica de “Muitos” daquela influência psíquica que é chamada de “Todos”, ou Pã. “Todos” é uma influência equilibrada, enquanto “Muitos” é necessariamente desequilibrada. A situação pode ser visualizada em termos de um campo de forças da física: se formos calcular a gravitação de um sistema de forças com base apenas em “muitos” dos focos de força, nosso resultado será errôneo, pois não incluirá todos os fatores. Mas se nossos cálculos incluírem todos os componentes do sistema, o nosso resultado será correto.

A Verdadeira Vontade de uma pessoa pode ser definida como a resultante (ou função) da posição no tempo e no espaço (em todos os planos de existência) da pessoa com relação ao resto da humanidade. No cálculo, “Todos” é tão importante quanto o “Um”, isto é, a pessoa ela mesma. A analogia com o cálculo da órbita estelar ou planetária em astronomia é flagrante: “Queda Livre” no espaço resulta do equilíbrio do sistema de forças do qual qualquer objeto no espaço faça parte. Satélites “caem livremente” em torno de planetas, estes “caem livremente” em torno de estrelas, estas movem-se dentro do sistema da galáxia a que pertencem, e as galáxias mesmas movem-se em relação a outras galáxias. Como disse Crowley: “A colisão é o único crime no Cosmos.” E mesmo a colisão, quando ocorre, é acidental e efêmera.

Capítulo VIII

OCULTISMO E POLÍTICA

Invariavelmente, organizações pseudo-esotéricas (principalmente as múltiplas “ordens rosacruz” e “templárias” que infestam o mundo moderno, cada qual se declarando a única legítima representante da corrente original!) em sua propaganda para com o público, declaram que não têm finalidades religiosas ou políticas. Tais declarações seriam idiotas se fossem sinceras.

É evidente que *qualquer* sistema de pensamento ou de conduta que seja apresentado como válido à sociedade tenderá a angariar seguidores; e é evidente que quanto mais seguidores tiver, mais influência terá sobre a sociedade em que se manifesta. Esta influência (também evidentemente) só poderá ser medida em termos políticos.

Em todas as épocas e em todos os países, as novas correntes de pensamento têm sido examinadas com suspeita pelos governos, os quais, naturalmente, representam o pensamento da “ordem estabelecida”; e frequentemente inovadores têm sido encarcerados, perseguidos, boicotados, ou até assassinados, quando a “ordem estabelecida” chega à conclusão de que essas novas correntes ameaçam a sua hegemonia.

A “ordem estabelecida” é aquela das correntes de pensamento populares ou “oficiais” no país em que a nova corrente se manifesta; e as pessoas em cujas mãos está o poder político ou financeiro (1) sempre se preocupam com o aparecimento de alguma nova corrente, que representa um perigo potencial para a sua hegemonia.

Diferenciar religião de política é tarefa para os sofistas; é óbvio que a religião vigente numa determinada cultura moldará as leis dessa cultura; conseqüentemente controlará, mesmo que dos bastidores, as manifestações de ordem política e social da cultura em que impera.

Portanto, as afirmativas de organizações pseudo-esotéricas de que não têm finalidade religiosa ou política devem ser interpretadas apenas como um mecanismo de defesa. Através dos tempos, os sistemas de inteligência das mais diversas nações têm vigiado atentamente o desenvolvimento de quaisquer movimentos religiosos; e frequentemente têm intervindo em tais movimentos.

Sócrates (por exemplo) foi condenado a beber cicuta porque os aristocratas atenienses temiam a grande influência que ele estava adquirindo sobre os jovens de boa família da cidade-estado. Mas a execução de Sócrates foi seguida em poucos anos pela derrota total de Atenas às mãos de Esparta, o que indica (“sucesso é tua prova”) que os nobres atenienses cometeram um grande erro ao eliminarem o grande iniciado que aquele filósofo foi.

O governo de Constantino procurou aliança com as igrejas romano-alexandrinas porque pressentiu que o cristianismo estava superando a antiga religião.

Tendo estabelecido a sua aliança com o imperador, os romano-alexandrinos usaram o poder temporal assim adquirido para destruírem todas as seitas cristãs legítimas e independentes; e dentro de uma década apenas começaram as invasões dos bárbaros, que eventualmente demoliram por completo o poder político dos Césares. O fracasso também prova alguma coisa!

A aliança que a igreja romano-alexandrina, mas tarde dividida em católico-romana e ortodoxa, (2) sempre formou com os dirigentes de países europeus, invariavelmente provou ser destrutiva para o poder político, e benéfica (relativamente, claro!) para o poder religioso. Como diz o Mestre THERION:

“Através do crescimento de nações em comunidades organizadas veio pouco a pouco uma certa segurança coletiva contra os perigos mais grosseiros que assaltam qualquer sociedade, de forma que uns poucos homens puderam eventualmente se abster do trabalho braçal para cultivar a sabedoria. NO princípio, isto foi feito através da seleção de uma Casta Sacerdotal. Daí proveio a aliança de Rei e Padre – Força e Esperteza se auxiliando mutuamente através da divisão do trabalho. Aos poucos, meu Filho, essa estrutura social primitiva dos homens, através de um processo análogo àquele da diferenciação do protoplasma em biologia, tornou cada Estado competente para investigar e controlar o meio-ambiente natural em que existia. Todo lucro deste tipo liberou mais energia, e ampliou a Classe dos Sábios, até que, como é hoje em dia, apenas uma pequena proporção do trabalho comum de prover abrigo, comida, e proteção a todos. Como resultado, vês também muitas Mulheres liberadas para viverem como querem, para admiração e deleite do Sábio cujos olhos riem ao contemplar exceções. Assim, o dever de cada unidade para com o todo é gradualmente diminuído, e também a necessidade de nos conformarmos com essas leis mais estreitas que preservavam as tribos primitivas em sua luta contra o meio-ambiente. Hoje em dia, pois, o Estado necessita suprimir apenas aquelas heresias que ameaçam diretamente a sua estabilidade política; apenas as condutas pessoais que provocam prejuízo evidente e legalmente comprovável a outras pessoas, ou que causaram desordem geral na comunidade por seu escândalo. Portanto, a não ser que assim eles interfiram com as Leis Estruturais do Bem Estar Comum, os seres humanos têm liberdade para se desenvolverem como quiserem, de acordo com suas Verdadeiras Vontades”. (3)

Até aí, tudo bem; mas suponhamos que uma “heresia” seja, na realidade, uma inovação social necessária? Ainda quanto a isto diz o Mestre:

“Saibas que qualquer mente pode perceber apenas as coisas com as quais já está familiarizada, pelo menos em parte. Além disto, interpretará qualquer mensagem sempre em termos da distorção intrínseca em sua própria estrutura. Assim numa grande guerra, tudo que é dito por der interpretado como uma referência ao conflito; também, uma pessoa culpada de algum crime, ou um paranóico, pode ver em qualquer estranho um policial disfarçado, ou algum da sua legião de inimigos ocultos (conforme o caso). Pondera, além do mais, que aquilo que é misterioso é sempre terrível para as mentes vulgares. Que acontece, então, quando uma Palavra Nova é pronunciada? Ou não é ouvida, ou é mal compreendida; e ela evoca Medo, e Ódio, que é uma reação contra aquele Medo. Então, os homens pegam o inovador, e levam-no para crucifica-lo; e no terceiro dia ele se ergue de entre os mortos, e sobe aos céus, e senta-se à mão direita de Deus, e vem julgar os mortos e os vivos. Esta, meu Filho, é a história de todo homem a quem é dada a Palavra”.

O sucesso final de um Mago é inevitável, porque a Palavra que ele pronuncia representa a Vontade Inconsciente da humanidade inteira (outrossim, ele não seria um Mago); mas no decorrer das peripécias necessárias ao seu estabelecimento, a pessoa humana do Mago pode sofrer, e até morrer.

Como diz o Livro da Lei, Capítulo I, verso 53: “Também, ó escriba e profeta, se bem que tu és dos príncipes, isto não te redimirá nem te absolverá”.

Ou, nas palavras do Mestre THERION: “Então tu vêes como os homens tomam o filho da Ciência, e o queimam, chamando-o de feiticeiro ou de herege; tomam o poeta, e o expulsam como um réprobo; o pintor, e acusam-no de deformar a natureza; o músico, e acusam-no de negar a harmonia; e assim com toda outra palavra nova. Quanto mais então se a Palavra for de importância universal, uma Palavra de Revolução, e de Revelação no mais profundo santuário da Alma? Uma nova estrela: isto é para os astrônomos, e talvez os ponha em reboliço. Mas um novo Sol! Isto seria para todos os homens, e uma semente de tumulto e levante em todas as Nações”.

Quando grande filósofo inglês Bertrand Russell esteve nos Estados Unidos, a hierarquia católica romana naquele país ergueu-se em peso contra ele, e finalmente conseguiu que seu contrato com a Universidade de Nova Iorque fosse cancelado porque Russell era um “imoral”. (4) Até o regresso do filósofo ao seu país natal, a imprensa marrom americana, especialmente a financiada por organizações jesuíticas, foi unânime em calúnias e anedotas desmoralizadoras (em sua maioria falsas ou deturpadas) contra ele. (5)

A perseguição concentrada que a hierarquia romana armou contra Wilhelm Reich enquanto este clinicava nos Estados Unidos resultou, eventualmente, no abalo mental do grande psicólogo, que terminou seus dias num asilo de loucos.

Crowley foi expulso de Cefalú, na Sicília (onde a primeira Abadia de Télema no mundo fora estabelecida), devido a representações sigilosas feitas pelo Vaticano perante o governo de Mussolini; assim que a ordem oficial de deportação foi entregue, a imprensa marrom do mundo inteiro foi unânime em imprimir absurdos e calúnias *exatamente do mesmo tipo* que, décadas mais tarde, foram impressos contra Russell.

Leitores mais ingênuos podem perguntar como funciona o mecanismo pelo qual este tipo de manobra é executado pela Igreja de Roma. É relativamente simples. As diversas organizações religiosas da Igreja Romana têm publicações especializadas, que frequentemente circulam apenas em latim (como aquela a que já nos referimos e que deu uma descrição tão falsa e caluniosa das circunstâncias da morte do Mestre THERION). Centenas de milhares de membros do clero romano em diversos países se familiarizam com este tipo de “informação” (a qual aceitam com fé tanto mais cega quanto é impossível ser católico romano sem ter renunciado à razão e ao bom senso). Ora, em todo país onde o Vaticano funciona há sempre uma certa quantidade de leigos mais estreitamente ligados ao clero católico, quer por motivos de fé religiosa, quer por laços financeiros. (6) Estas pessoas são informadas, ou antes, desinformadas, através dessas publicações especializadas, cujos “fatos” elas acatam, quer por boa fé, quer por

interesse econômico; e passam a usar sua influência política ou financeira para infernizar a vida dos caluniados.

Talvez um exemplo concreto, tirado de nossa própria experiência, esclareça o processo. Em 1960 e.v., quando vivíamos nos Estados Unidos da América, a polícia americana local veio bater à nossa porta; segundo ela, havia recebido uma carta anônima que nos acusava de homossexualidade, vício de drogas, sedução e aliciação de menores para fins de tráfico de entorpecentes.

(Note-se a total analogia com as acusações feitas contra Crowley após a morte deste, na publicação católica romana em latim a que já nos referimos, e um trecho da qual traduzimos).

Normalmente, a polícia americana não age ao receber uma carta anônima; mas, sendo telemitas, já estávamos sendo vítimas da atenção do F.B.I.. Poucos anos antes, um caso típico ocorrera em Nova Iorque com nosso Instrutor. O sr. Germer fora colocado num campo de concentração pelos nazistas, mas a entrada dos Aliados na Alemanha possibilitou a sua libertação, e ele viera para os Estados Unidos, juntar-se à sua esposa judia. Em Nova Iorque, dedicara-se à correspondência com seus discípulos e à coordenação do movimento telêmico em diversos países, enquanto a Sra. Germer trabalhava como professora particular de piano para sustentar a ambos. Agentes do F.B.I. foram enviados à residência de *todos* os alunos dela, para “fazer um inquérito” sobre a sua pessoa. (7) Como consequência, ela perdeu a maioria dos alunos, e assim a maior parte da sua modesta renda mensal; ela e o Sr. Germer foram forçados a se mudarem para uma cidade do interior, onde sua correspondência continuou a ser examinada, e a sua vida pessoal devassada.

No nosso caso, a polícia local tomou uma precaução adicional para nos comprometer: um sargento de detetives trouxe um cigarro de maconha e “encontrou-o” (8) debaixo de um móvel no quarto que alugávamos. Fomos detidos durante quarenta e oito horas enquanto especialistas examinavam nosso quarto e nossa roupa, na esperança, talvez, de encontrar algumas toneladas de heroína, cocaína, LSD, etc. Infelizmente para ela, nada encontrou, e no fim das quarenta e oito horas fomos postos em liberdade. Mas, entretanto, a finalidade principal da manobra fora conseguida: fomos *fichados criminalmente* num presídio ao qual fomos conduzidos. (9) Tínhamos agora um registro criminal nos Estados Unidos, embora não tivéssemos sequer sido processados, quanto mais condenados, por nenhum crime.

Ao sermos libertados, escrevemos ao Sr. Germer imediatamente, informando-o do acontecimento. Ele nos respondeu explicando que a finalidade da operação toda tinha sido nos desacreditar e obter algum tipo de registro criminal contra a nossa pessoa; mas como pouco depois regressamos ao Brasil, passado o primeiro choque, esquecemos essa experiência.

Nossa volta ao Brasil, entretanto, não nos aliviou em coisa alguma, pois onde quer que fôssemos trabalhar as pessoas eram informadas da nossa homossexualidade, (10) do nosso vício em drogas, e do nosso mórbido interesse por aquele “infame mago negro”, Aleister Crowley. Ex-colegas nossos do Colégio Militar foram enviados para nos sondar; nossa correspondência era vasculhada e, mais de uma vez, foi roubada (entre outras coisas, uma Carta Patente da O.T.O., que nos fora enviada

pelo Sr. Germer, jamais nos chegou às mãos); e a nossa pessoa era sempre tratada com suspeita, desdém, e até inimizade aberta.

Deve-se observar, a bem da verdade, que a nossa atitude não tendia a produzir conduta mais tolerante por parte dos nossos adversários. A época era a que precedeu o golpe militar de 1964 e.v., em que o país se dividira em duas facções básicas: os comunistas (de linha dura ou linha “festiva”), e os “reacionários”, ou católicos romanos(11). Ora, nós éramos articuladamente tanto anti-comunistas quanto anti-católicos; nestas circunstâncias, onde encontraríamos simpatia nessa época? Nosso Instrutor escreveu-nos uma carta, que ainda guardamos, dizendo que a nossa atitude era suicida. Replicamos-lhe: “Eu ficarei de pé ao lado de Heru-ra-ha(12) contra o mundo inteiro; e se Ele quiser, o mundo tremerá sob meus pés”.

Não sabemos se o mundo tremeu sob os nossos pés; mas aqui estamos, vivos, moderadamente senhores de nossas faculdades, trabalhando em prol daquilo que consideramos objetividade e bom senso.

Entretanto, não foi fácil sobreviver aos anos que precederam e seguiram 1964 e.v.. As forças que se concentraram sobre este país eram extremas em sua exigência. O Brasil correu perigo de descambar para a extrema esquerda, com todos os seus horrores de tirania e mediocridade, ou para a extrema direita, com todos os seus horrores de tirania, e privilégio. O povo brasileiro, em que pese aos esquerdistas, escolheu seu caminho em abril de 1964 e.v.. Pode muito bem ser que enveredemos eventualmente pelo socialismo (13); mas nem o totalitarismo de direita nem o de esquerda devem nos preocupar.

Realizamos, portanto, nossa tarefa de Iniciado: fôramos chamados de volta ao Brasil pelas forças espirituais responsáveis pela integridade desta nação, pois não havia aqui ninguém qualificado para resistir ao embate das correntes demoníacas, isto é, dispersivas, que estavam tentando empolgar o povo brasileiro. Mas, se como Iniciado realizamos nossa tarefa, pagamos o seu preço em nossa pessoa humana. Os comunistas nos detestavam, porque sentiam instintivamente que participáramos em sua derrota, embora não soubessem como; e os direitistas nos detestavam porque, tendo eles conseguido a sua “vitória” com o nosso auxílio mágico, nós nem os aplaudimos nem nos aliamos a eles. (14)

Sobrevivemos, sim; mas apenas sobrevivemos. A mera regalia de uma atividade profissional decente nos foi negada. Onde quer que procurássemos um emprego que pudesse nos colocar numa posição de influência direta sobre o público, havia sempre vozes nos bastidores insinuando suspeitas ou calúnias sobre a nossa pessoa. Os esquerdistas nos chamavam de fascista; os católicos nos chamavam de satanista; os ultra-reacionários nos chamavam de marxista disfarçado; as forças de segurança, quando mais generosas, nos consideravam um inocente útil! Como nossos interesses profissionais qual pessoa humana sempre se concentraram nos meios de comunicação em massa (especificamente, o cinema e a televisão), é evidente que o nosso sucesso mundano nessas atividades teria desagradado tanto aos derrotados quanto aos vencedores (15).

Portanto, passamos fome, e atravessamos ordálias. Ainda com diz Levi: “As pessoas de dinheiro procuram, então, humilhar o príncipe da ciência, obstruindo,

desapreciando, ou explorando miseravelmente o seu trabalho; partem em dez pedaços, para que estenda a mão dez vezes, o naco de pão que ele tem necessidade. O mago nem mesmo se digna sorrir desta inépcia, e prossegue sua obra com calma”.

Nós não atreveríamos a dizer que sorrimos ou permanecemos calmos. Pelo contrário, ficamos bastante perturbados com a evidência de hostilidade, e até de perseguição, que sentíamos em nossa volta. De fato, chegamos a suspeitar (inocente que éramos!) que as ordálias iniciáticas por que estávamos passando na época nos haviam desequilibrado mentalmente, e que estávamos nos tornando paranóicos. Mencionamos a situação em carta ao nosso Instrutor, que nos respondeu:

“Todo Iniciado que executa um trabalho em prol da humanidade (16) é crucificado. Então, após três dias (“Jesus”), mais corretamente trinta anos (17) ou mais, ele será ressuscitado.

Isto é parte de sua Verdadeira Vontade. O Deus (18) sabe disto o tempo todo, enquanto Ele executa o Seu Trabalho (auto-destrutivo). Isto me parece tão óbvio, e tão parte da natureza, que eu não consigo compreender a sua surpresa. Se você executa algum trabalho em prol do Novo Aeon que se inicia, você despertará a inimizade, o antagonismo, o ódio de todos aqueles que estão ligados ao passado. Se você for bem sucedido em seu trabalho, uma onda de cólera cobrirá você. No fim das contas, provavelmente ela não destruirá você (devido ao equilíbrio das forças); mas, como um guerreiro que vai à batalha, você poderá sofrer alguns ferimentos e cicatrizes, os quais são marcas de honra e glória. A.C. (Aleister Crowley) estava sempre bem cômico do fato de que, toda vez que publicava alguma de suas obras mais importantes, ele tinha de ‘entrar na toca’, para dizermos o mínimo”.

Depois de uma carta destas, não nos restava alternativa senão morrer ou agüentar o rojão. Nosso Instrutor nos proibiu terminantemente de morrer, dizendo que não tínhamos o direito, uma vez que a Ordem precisava de nós; portanto, agüentamos. Os anos se passaram (não felizmente, ou docemente); chegamos ao grau iniciático necessário para substituímos nosso Instrutor, o qual prontamente tirou férias e nos deixou em seu lugar; e aqui estamos. Não detalharemos esses anos, uma vez que não estamos escrevendo a nossa biografia. É bastante dizer que nos foi totalmente impossível trabalhar em nossa atividade profissional de escolha, e fomos reduzidos a lecionar inglês em cursos livres.

O ano passado, conseguimos publicar *O Equinócio dos Deuses* em português. (Esta publicação foi feita com o generoso auxílio de vários cidadãos e uma cidadã brasileiros, cujos nomes não menciono apenas porque desejo poupar-lhes o tipo de “atenções” que tenho recebido da “ordem democrática estabelecida” nos últimos dezesseis anos). Alguns meses após a distribuição do livro, a polícia – desta vez, a brasileira – veio bater à nossa porta. Havia recebido uma denúncia (cuja procedência, foi-nos bastante declarado, eram os “serviços de segurança”) de que éramos homossexual, viciado em drogas, aliciador de menores para o tráfico, etc., etc., etc.

Devemos observar, em honra da polícia brasileira, que desta vez ninguém teve a “gentileza” de “encontrar” cigarros de maconha, ou qualquer outro tipo de tóxico, em nossa residência; mas em consequência dessa visita perdemos nosso emprego num dos cursos de inglês que lecionávamos.

Mesmo para pessoas ignorantes quanto a este tipo de manobra, a coincidência entre a acusação da polícia americana e a da polícia brasileira, com dezesseis anos de intervalo, deverá ser marcante. O interrogatório a que fomos submetidos tornou claro que a nossa “ficha criminal” americana havia sido colocada à disposição dos “serviços de segurança” brasileiros. Ora, para as pessoas que não entendem destes assuntos: o prazo legal para crimes (com exceção do assassinato, que não se proscree nunca) nos Estados Unidos da América é de sete anos, após o que eles se proscreevem, e os registros são eliminados. Mas alguém conservou a nossa “ficha criminal” (ilegalmente e incorretamente) durante *dezesseis anos*; e tem sido, estes anos todos, a gentileza de “informar” toda organização para que trabalhamos da nossa periculosidade.

Note-se que essa “gentileza” foi sempre exercida à nossa revelia, isto é: a informação foi sempre *confidencial*. Nunca nos foi dada a oportunidade de explicar, de esclarecer, ou de sequer nos defendermos; e a anonimidade dos autores das calúnias sempre os deixou em completa segurança para denegrir nosso caráter sem qualquer perigo para o seu. Mesmo o delegado que invadiu nossa residência de cidadão brasileiro para vasculhar nossos pertences, nossa pessoa, e nossa vida particular, recusou-se a nos mostrar o documento oficial que o levava a tal iniciativa, sem dúvida porque incluía a identidade dos “informantes”, para não dizer a dos mandantes.

Nesta mais recente ocasião em que estivemos às voltas com a polícia, o delegado pediu-nos que lhe descrevêssemos nossas experiências com o LSD, e ficou extremamente surpreso quando lhe declaramos que nunca em nossas vidas havíamos ingerido essa droga. É claro que lhe havia sido insinuado que as nossas experiências místicas haviam sido produzidas sob a influência do ácido lisérgico.

Devemos declara aqui, sem dúvida para surpresa de muita gente, que nenhuma das profundas experiências místicas de Aleister Crowley, ou de qualquer outro iniciado legítimo, inclusive nós mesmos, foi jamais obtida através da influência de psicodélicos. Essas substâncias são de imenso valor no processo de auto-análise, e na obtenção de um conhecimento mais profundo dos diversos níveis de consciência de que somos capazes; mas são totalmente inúteis na obtenção de transes iniciáticos, pois *estas* experiências sempre pressupõem Dois, isto é, o Ego e o Não-Ego, ou – se preferirdes esta linguagem – o Adorante e o seu Deus. Não há avanço espiritual sem contato com outra Entidade que não nós mesmos. Ou até, que não Nós Mesmos!

Isto absolutamente não diminui o valor de “drogas estranhas” para aqueles cujo psicossoma está tão ossificado pela dogma, pela rotina, ou pelo condicionamento cultural que eles são incapazes de perceber o mistério e a beleza da vida sem algum auxílio químico. (Isto sem mencionarmos o inegável valor delas todas como estimulante ou relaxantes, no que não totalmente inócuas e utilíssimas, se usadas com a necessária cautela e auto-controle). Lembramo-nos de certa ocasião em que uma senhora de idade, funcionária do “Serviço de Censura” (esse patético rebento do totalitarismo que o Brasil herdou do catolicismo romano), defendeu ardentemente, em nossa presença, a repressão aos psicodélicos, dizendo: “Mas eu acho que é possível adquirir experiências místicas sem usar drogas!” Esta senhora havia fumado cinco cigarros em quinze minutos enquanto conversamos. De tabaco, claro!

Nada dissemos, na ocasião; mas gostaríamos de observar aqui que, sem dúvida, nós pessoalmente nunca necessitamos de qualquer droga para ver Deus (ou aquilo que julgávamos ser Deus); mas isto não obsta a que uma grande quantidade de nossos semelhantes necessitem de algum auxílio para sacudir o barro da terra de que são formados os seus corpos; e nem obsta a que todo ser humano tenha direito irretorquível, sem qualquer interferência alheia, de escolher aquilo que quer comer e beber (para não falarmos do direito de ganhar o suficiente para ter absoluta liberdade de escolha de alimentos, enquanto viver numa sociedade decente).

Deve-se também observar que através da história (e mesmo no presente) existem grupos culturais sobre a superfície da terra cuja experiência religiosa inclui o uso de psicodélicos. Por exemplo, os índios mexicanos, seitas sufis do Oriente Médio, diversas ramificações do bramanismo na Índia. E o registro histórico de tais grupos culturais tem exibido mais tolerância e mais calor humano que a história do catolicismo romano em particular, ou do cristismo em geral.

É interessante que a campanha contra o álcool e outros psicodélicos nos países capitalistas foi primariamente atizada por organizações católicas romanas. Essa campanha data de após 1904, quando o Livro da Lei foi dado ao mundo.

O problema do tráfico de drogas, assim como o da repressão dos hábitos de minorias sociais através de estatutos restritivos, são assuntos que fogem aos limites deste livro. Podemos apenas declarar (uma vez mais!) que nenhum país pode se chamar a si mesmo de civilizado enquanto tenta intervir na vida particular dos seus padrões (isto é, os cidadãos, os quais, de uma forma ou de outra, pagam os salários dos administradores públicos) Verdadeiros iniciados reprovam a censura ou a restrição de qualquer tipo tanto quanto a perseguição doutrinária ou a maledicência vazia.

Deve-se observar, também, que a hierarquia católica romana não pode nunca, em qualquer caso de maledicência, difamação, ou perseguição policial, ser formalmente indiciada como responsável por tais abusos. Primeiro, porque ela faz uso dos órgãos de repressão em que tem influência (19), na base única de informações confidenciais; segundo, porque a hierarquia católica romana nunca publica críticas *oficiais* diretas contra os seus inimigos; tais críticas, quando explícitas, são sempre para circulação interna, e frequentemente (como já mencionamos) em latim.

Na época em que escrevemos *Carta a um Maçom*(20), só tomamos conhecimento de que ela era famosa com a hierarquia romana porque um agente de segurança que morava no mesmo hotelzinho que nós, e que era católico romano (aliás, redundante: se não forem católicos romanos, não são admitidos aos serviços de “segurança” brasileiros), nos disse que o Palácio Episcopal do Rio de Janeiro estava bastante agitado por nossa causa.

- Por que motivo? Perguntamos-lhe.

- Por causa daquela carta que você escreveu e está distribuindo por ai.

Ele era uma das pessoas a quem tínhamos dado uma cópia, e foi ele quem nos apontou a locação do Palácio Episcopal da Igreja Romana (que aliás, era bem

próximo), cujo endereço até então havíamos ignorado. Passamos a fazer o gesto ritual de banição toda vez que passávamos à sua porta.

Para um ocultista, a hostilidade da Igreja Romana é sempre sinal de que ele é um ocultista sério, e de que o trabalho que está fazendo é útil e legítimo. Já mencionamos que quando qualquer organização oculta cresce além de um certo ponto, ela começa a preocupar governos, e conseqüentemente recebe as “atenções” de serviços de segurança. O que não mencionamos é que, se a organização demonstra (após um exame preliminar, uma perseguição preliminar, e uma tentativa preliminar de restrição), ter suficiente vitalidade para continuar se desenvolvendo e adquirir maior influência na sociedade, então ela quase invariavelmente recebe uma proposta de aliança política por parte do poder temporal. Isto, para grande indignação da religião oficial, que fica na posição de uma mulher “casta” que foi “fiel” ao marido durante a sua juventude, e é abandonada por outra ais jovem em sua velhice.

Se a organização oculta aceita este tipo de pacto, ela morre espiritualmente: verdadeiro misticismo é incompatível com interesses puramente mundanos. Legítimos iniciados podem amar o seu país natal (como Crowley amou a Inglaterra, Fernando Pessoa amou Portugal, e nós amamos o Brasil) profundamente; mas acima deste sentimento eles devem colocar seu amor à humanidade, que é a sua verdadeira comunidade, e ao universo, que é a sua verdadeira esfera geopolítica! Na parlança vulgar, se nosso amor a “Deus” não transcende o nosso amor a tudo mais, inclusive o nosso amor próprio, não amamos verdadeiramente a “Deus”.

Através da história, muitas organizações concentradas em volta de um método teúrgico têm caído na armadilha fatal de pactuar com a ordem constituída por motivos financeiros ou políticos. Em conseqüência, essas organizações não só perderam contato com sua corrente de origem como perderam contato com sua corrente de origem como causaram imenso dano à humanidade. O caso do cristianismo, repetimos, é um entre muitos: só damos ênfase ao seu fracasso por causa da sua excessiva e deletéria influência na sociedade brasileira. Mas até mesmo organizações que foram, no passado, legítimas e sérias durante muito mais tempo que o cristianismo (como, por exemplo, o judaísmo), deterioraram-se à Passagem dos Aeons. Outro exemplo, que nos fere de perto, é a maçonaria osiriana. Nós conhecemos pessoalmente indivíduos ligados a esse movimento (que nos foi tão caro, e do qual fomos um dos fundadores) que são simultaneamente agentes de serviços de segurança de vários países e agentes financeiros de cartéis. Um deles, “maçom” de alto grau, que se dizia formado em psicanálise, (21) e era agente sionista (22), confessou-nos em certa ocasião, num rompante de loquacidade imprudente, que ele era a reencarnação do “Conde de Saint-Germain”!...

Realmente, se aquele iniciado tivesse sido, em qualquer momento de sua vida, o charlatão inescrupuloso que é descrito nas obras de teosofistas, é possível que esse “psicanalista”, espião internacional, agente financeiro de interesses escusos, intrigantes e caluniador, fosse aquele intrujão reencarnado.

Mas se o “Conde “ foi, como Cagliostro, um verdadeiro representante das verdadeiras fraternidades iniciáticas, ele poderia ter usado governantes para os propósitos da evolução humana; mas jamais teria sido usado por eles. Iniciados podem ser trucidados, perseguidos, aprisionados, difamados, deportados, despedidos, mas não podem ser comprados.

Todos os inovadores do pensamento humano são, necessariamente, influências perturbadoras da ordem vigente. A humanidade precisa de tais inovadores para progredir; ao mesmo tempo, ela os teme. Quaisquer sistemas econômicos ou políticos tendem a procurar manter sua estrutura através de gerações humanas sucessivas. Esta tendência não é necessariamente um crime; ela é um fato. Só pode ser classificada como desejável ou indesejável em termos do interesse comum.

Qual é – pro exemplo – o interesse comum da nação brasileira? Duvidamos que o atual governo saiba. Em 1964 e.v. o Brasil optou, inegavelmente, por um caminho diverso do comunismo. Dizemos “inegavelmente” porque os humildes, quando finalmente se revoltam, são uma força irresistível, devido ao seu número. A massa popular brasileira não se deixou comover pelos sofismas do marxismo. Se tivesse, a situação atual seria bem outra.

Isto não obsta a que a “democracia” – principalmente como é interpretada pela oligarquia pluto-buro-eclesiástica que atualmente prepondera e domina – não seja também um conjunto de sofismas. Sistemas de governo são sempre empíricos; tentar transforma-los em Decálogos Sagrados é a tendência normal dos preguiçosos e dos oportunistas.

Toda idéia nova é uma ameaça para um governo que teme pela real segurança; e todo governo que não crê que espelha realmente a tendência; e todo governo que não crê que espelha realmente a tendência e aspiração da maioria é um governo inseguro. A mais bem-sucedida nação sobre a face da terra, relativamente às outras, é sem dúvida alguma os Estados Unidos da América do Norte, pois é a nação onde a restrição oficial é menor, e mais amenável à crítica do cidadão individual, que em qualquer outra.

Não queremos dizer com isto que o Brasil deva imitar o sistema americano: nossa realidade histórica e geográfica é outra. Somos uma nação híbrida: o verdadeiro brasileiro possui em suas veias o sangue de três raças que compõem a espécie humana, a branca, a negra, e a amarela (da qual os “índios” das Américas são apenas uma variação).

Faz dois anos, escrevemos a letra e compusemos a música de uma canção baseada neste conceito, e a Censura foi pressurosa em abafa-la; não porque fosse subversiva, mas porque era nossa, e era franca. Deste então, várias propagandas governamentais têm ecoado o nosso conceito, e recentemente canções tais como usaram a nossa idéia sem emular nossa franqueza. Não ressentimos tais manobras por motivos “morais”; afinal de contas, o plágio é o único recurso dos mediócrs. Mas ressentimos o afluxo financeiro que nos foi cortado pela Censura, não só nesta, mas em várias outras iniciativas musicais nossas.

Ora, a Censura, é apenas uma das armas de um Sistema que é *moralmente* tão fraco – e tem tanta consciência de sua fraqueza – que interpreta a mínima crítica como uma ameaça. Estabilidade psíquica produz tolerância, e até mesmo vontade de progredir, isto é, de mudar. Estabilidade política produz liberdade de expressão, respeito pelo cidadão (que, afinal de contas, em qualquer país, é o padrão ultimal de qualquer

funcionário, desde o mais ínfimo varredor de ruas até o mais empertigado marechal) e defesa constante dos direitos humanos(23).

A única maneira do Brasil descobrir realmente em que direção deseja ir seria o governo permitir a livre expressão de todas as facções políticas existentes na nação – inclusive a legalização do Partido Comunista, ou quaisquer outras tendências extremistas. Isto necessitaria, igualmente, livre acesso à informação, e até mesmo à propaganda, venha esta de onde vier. Portanto, a Censura não só deveria morrer, como até não deveria ressuscitar nunca.

Não tencionamos aqui sugerir, nem por um segundo, que a intenção de qualquer governo – inclusive o presente governo brasileiro – seja maliciosa ou perversa ao instituir medidas restritivas da liberdade individual. Especialmente num país como o Brasil, colonizado por crististas, Censura e leis restritivas podem parecer muito naturais. Afinal de contas, o Credo de Nicéia foi o primeiro passo em direção ao autismo tomado pela Igreja Romana; a doença psíquica do catolicismo não data de hoje, e tem deturpado a formação moral de todos aqueles que foram submetidos desde a infância à sua orientação.

A intenção dos governos ao estabelecerem medidas restritivas sempre é a manutenção da “ordem vigente”, que eles sinceramente crêem ser a melhor possível; mas a idéia de que *ordem* é sinônimo de restrição é uma perigosa falácia para um país que também incluía a idéia de *progresso* em seu lema. Suponhamos, por um momento, que o Sistema Ideal dos sonhos, quer dos marxistas, quer dos católicos romanos, pudesse ser imposto sobre qualquer país; e suponhamos que esse Sistema fosse tão excelente quanto é alardeado por Comitês Centrais ou pela Cúria: ainda assim, eventualmente um tal Sistema se tornaria sufocante e restritivo. Nunca é demais repetir: o progresso é fruto da Lei de Mudança. A evolução, quer individual, quer de uma espécie, quer de uma nação, depende da aceitação e integração de fatos novos, mesmo quando “desagradáveis”, na nossa idéia do continuum.

A manutenção ou evolução de uma espécie não depende jamais de valores fixos, mas sim da assimilação de mudanças ambientais e de adaptação biológica a tais mudanças. Seres vivos mudam de forma, de natureza, e até de função, embora façam isto com a mesma lentidão com que as idades geológicas se sucedem. O importante é não resistir ao que é novo, e sim integrá-lo em nossa vivência. Este é o método científico, e o método do verdadeiro misticismo; este deve ser também o método da religião, portanto da filosofia, portanto da moral e do civismo.

É nosso dever, portanto, encorajar, e não combater, toda pessoa que sente ter uma idéia nova. Que cada qual expresse a sua idéia, e lute por ela; mas que nenhum busque impor suas convicções sobre os outros através do dogmatismo ou da força. Aquilo que tem real valor para a nação demonstrará seu valor pela aceitação espontânea, por lenta que seja, dos nossos compatriotas; está escrito: Sucesso é vossa prova. E aquilo que tem valor somente para o indivíduo, sendo demasiadamente limitado e especializado para ser útil a todos, ainda assim faz parte do direito alienável do indivíduo.

Quer vossa idéia seja de valor para todos, quer ela seja de valor apenas para nós, se ela for expressada em uma sociedade viciada pela incerteza ou pelo medo

podereis esperar perseguição, espionagem, ostracismo, calúnias, e até violência contra a vossa integridade física. Isto é um resultado da loucura egóica colocada em posições de autoridade: quanto mais profunda for a vossa idéia, mais ela será temida pelos dinossauros morais que pululam em vosso país, estejam eles fantasiados de “comissários do povo”, de “sacerdotes do Deus Verdadeiro e Único”, ou de “defensores da Pátria”.

As técnicas utilizadas para vos espionar são atualmente tão sofisticadas que será praticamente impossível evitar que vos espionem. Por exemplo: existe um aparelho, à venda em países civilizados, que podeis adaptar ao vosso telefone. Discando qualquer número no catálogo, vosso aparelho entrará em contato com o telefone que corresponde àquele número, o qual funcionará um transmissor. Através deste processo, podereis escutar não só qualquer conversação telefônica conduzida através daquele telefone, como também quaisquer conversações entre pessoas que se encontrem dentro de um raio de três metros de distância do aparelho. Isto, sem qualquer necessidade de estabelecer uma linha de contato clandestina.

Recentemente, pessoas ligadas ao governo brasileiro expressaram admiração pela profundidade e extensão do conhecimento que os serviços de inteligência norte-americanos tinham, em 1964 e.v., de todas as iniciativas tomadas, quer pelo governo oficial, quer pelo movimento da “revolução”. Mas naquela época, o aparelho descrito acima era um segredo de estado norte-americano. Não foi que houvesse muitos brasileiros vendidos à C.I.A., informando aquela organização dos movimentos dos seus conterrâneos (embora houvesse alguns assim fazendo, claro). A C.I.A. não precisava de muitos espões: bastava-lhe esses aparelhos para adaptar aos seus telefones. A natural loquacidade brasileira fez o resto.

O fato de que este tipo de instrumento eletrônico esteja agora liberado, e seja livremente vendido, indica simplesmente que algo ainda mais sofisticado ocupou o seu lugar no arsenal de espionagem dos países desenvolvidos. Como o sistema de ligações internacionais através de satélites está cada vez mais encorajado, é provável que certos governos possam escutar a conversação privada de seres humanos em qualquer parte do mundo onde haja um telefone ligado à rede telefônica internacional.

O mesmo processo pode, evidentemente, ser aplicado aos grandes computadores eletrônicos. Tanto os exércitos quanto os governos em geral estão utilizando cada vez mais esses instrumentos de cálculo, os quais são vendidos por algumas poucas companhias. Não duvidamos de que os atos mais secretos dos governos dos países que comprem computadores dos países mais desenvolvidos sejam do conhecimento de agências de espionagem destes países no momento em que são programados para exame. Quereis saber o que faz uma republiqueta latino-americana? Vendei um computador aos seus burocratas!

Este é apenas *um* exemplo da aparelhagem ao dispor dos invasores da privacidade alheia. Em nossa época, sociedades “ocultas” só podem ser secretas na medida em que seja necessário ter *vivência* para compreender os ensinamentos apregoados por essas sociedades. Palavras de passe e sinais maçônicos? Isto é brinquedo de criança para os infiltradores.

Bem disse Crowley: o mistério é o inimigo da verdade. Os verdadeiros segredos são invioláveis porque necessitam de anos de aplicação paciente e de maturação interna. É por isto que a A.'.A.', cujas práticas estão abertamente publicadas, continua sendo um mistério para todos os espões que dela se aproximam. Não é que desejemos ocultar a verdade dessa gente; pelo contrário, nada nos agradaria mais do que vê-los compreender o que tentamos explicar-lhes. Mas como pode um estudante que mal aprendeu a tabuada compreender explicações sobre o cálculo tensorial?

Portanto, não vos irriteis demasiado com a curiosidade do vosso Sistema a vosso respeito. Procurai, antes, medir o sucesso das vossas idéias novas, a essencial profundidade delas, e acima de tudo a sua real *novidade*, pela irritação dos defensores da ordem estabelecida em não vos poderem entender, mesmo quando vos esmerais por falar-lhes na linguagem mais simples e mais franca.

E, se por acaso o enunciado de vossa pretensa idéia nova é seguido por calorosas congratulações dos vossos governantes, cuidado! Lembrai-vos do caso do famoso orador ateniense que, dirigindo-se à turba, foi subitamente interrompido por aplausos e virando-se, perplexo, para seus amigos, cochichou-lhes ansioso: “Será que eu disse alguma asneira?”.

(1) Nas nações capitalistas, o poder político é uma função do poder financeiro; mas o problema das minorias inovadoras se apresenta o mesmo, ou até pior, nas nações “socialistas”, embora lá a “ordem estabelecida” seja representada apenas pelos altos burocratas.

(2) Veja-se “Carta a um Maçom”, pedidos diretamente à O.T.O.

(3) Líber Aleph, Capítulos 124 e 125.

(4) Russell advogava o casamento de experiência para jovens, com validade de três meses e condenava o cristismo.

(5) Um relato destes acontecimentos existe como apêndice a uma das obras de Russell. “Por que não sou cristão”, redigido por um dos muitos professores norte-americanos cujo respeito e admiração ele angariou e sempre conservou.

(6) O Vaticano é um imenso império financeiro cuidadosamente administrado. Só nos Estados Unidos da América do Norte a Igreja Romana tem, investidos, mais de cem bilhões de dólares. (Ninguém ainda ousou pesquisar o quanto ela tem investido no Brasil; mas é sabido, pelo menos, que ela é o principal proprietário de imóveis da nação).

(7) Este tipo de manobra foi muito usado pelo F.B.I. na década dos cinqüenta, para desmoralizar profissionalmente as pessoas que, por um motivo ou por outro, despertavam as suspeitas do seu megalomaniaco – e católico – diretor. J. Edgar Hoover.

(8) Esta técnica é sempre usada quando o que se quer é comprometer definitivamente um indesejável, em todos os países. Foi muito empregada nos Estados Unidos durante o macartismo.

(9) Isto é, fôramos fotografados como criminosos, e nossas impressões digitais haviam sido tomadas, embora não tivéssemos sido formalmente acusados ou condenados por qualquer crime. Nossa condução a um presídio fora também ilegal: deveríamos ter passado nosso período de detenção na estação de polícia local, até sermos postos em liberdade ou sermos formalmente acusados: neste último caso, e somente então, poderíamos ter sido fichados. Abusos deste tipo são agora muito menos

freqüentes nos Estados Unidos: uma decisão do Supremo Tribunal Federal exige que a polícia informe os detentos dos direitos constitucionais destes.

(10) É interessante que as pessoas não refletem que acusações de homossexualidade só podem ser feitas com real conhecimento de causa por participantes nos atos de que o pretensu homossexual é acusado.

(11) É claro que o catolicismo romano foi, para muitos ricos, apenas um pretexto para defenderem suas posses. É claro, também, que o catolicismo romano estava cômico deste fato, e descontou-o em face às vantagens de uma aliança firme com o poder político.

(12) A grande Entidade Espiritual que é o Senhor da Nova Era. Veja-se O Equinócio dos Deuses para maiores detalhes.

(13) As tendências do presente governo militar são, consciente ou inconscientemente, nessa direção, a qual desaprovamos por motivos estritamente científicos. Veja-se “Dos Propósitos Políticos da Ordem”, pedidos diretamente à O.T.O.

(14) Sem a nossa presença aqui, a história do Brasil, e conseqüentemente a história da América Latina, teria sido bem diversa a partir de 1964 e.v.

(15) Em 1964, alguns meses depois do golpe, o USIS (United States Information Service) resolveu estabelecer programas de televisão informativos. Em nossa qualidade de roteirista bilíngüe, fomos oferecer-lhes nossos serviços. O encarregado da programação, ao lhe sugerirmos uma série de quadros cômicos alertando a população contra os sofismas do marxismo, disse-nos: “Ótimo! Mas escreva de forma a fazer o povo odiar os marxistas”. Replicamos-lhe: “O senhor esquece que os marxistas também são cidadãos brasileiros; eu não estou a fim de estimular ódio entre irmãos”. É claro que não conseguimos o emprego, e nossa ficha de indesejável aumentou, não só na C.I.A. como no S.N.I.

(16) Na ocasião, estávamos imprimindo, aqui mesmo no Brasil, a primeira edição mundial de Liber Aleph, em inglês, para o nosso Instrutor.

(17) Porque trinta anos é o Ciclo de Saturno, e o grau iniciático a que ele estava se referindo era o de Mestre do Templo, que corresponde à Esfera de Saturno, Binah.

(18) O “Deus” porque, como já dissemos, Iniciados que cruzaram o Abismo são chamados de “Deuses”. São Entidades Espirituais.

(19) A maior parte dos membros das forças policiais norte-americanas são descendentes de irlandeses, e católicos romanos. As forças de segurança brasileiras são totalmente crististas – quem não for cristista não pode ser membro.

(20) Este documento havia sido redigido poucos meses antes do primeiro de abril de 1964 e.v., e fora enviado a um médico em Petrópolis, “maçom”, o qual, em vez de mostrá-lo a seus “irmãos maçons”, como lhe fora solicitado, destruiu sua cópia. Este “maçom”, diga-se de passagem, tinha uma imagem de “Jesus Cristo” em seu consultório, e tentou convencer-nos a ir visitar um padre romano em Petrópolis com o qual estava em contato. É claro que recusamos.

(21) Devemos comentar aqui que obter diplomas é tão fácil e tão pouco significativo quanto obter comendas de governos ou patentes da maçonaria osiriana. Um psicanalista não pode ser encarado com respeito se ele não tiver, previamente, se formado em medicina ou psiquiatria – e preferivelmente em ambas.

(22) O sionismo começou como um legítimo fermento emocional, espontâneo, entre os judeus: sua justificativa era a inegável perseguição e ostracismo que eles sofriam em todos os países onde o cristianismo tinha poder político. Mas, desde a fundação do Estado de Israel, o poder financeiro internacional judeu (o qual se

manteve cuidadosamente alheio enquanto a Palestina não fora ocupada) tem se infiltrado na nova nação por motivos puramente materiais, deturpando a aspiração original.

(23) Dissemos que o plágio é o recurso dos medíocres; e gostaríamos de apontar aqui que a tão discutida Declaração dos Direitos Humanos da ONU é um plágio descarado de Líber OZ, feito por gente que nem sequer se atreveu a mencionar o original ou o seu autor.

Capítulo IX

OCULTISMO E O PSICOSSOMA

A palavra *psicossoma*, ainda pouco usada em português, define o conjunto de processos vivos de qualquer organismo: inclui tanto os fenômenos psicológicos quanto os fenômenos fisiológicos. Na realidade, é impossível separá-los, pois a consciência normal, isto é, egóica, é puramente subjetiva; nós só sabemos, normalmente, do nosso meio ambiente através das modificações que ele provoca em nossa mente e em nossas emoções. Para conhecermos o Universo tal qual ele realmente é, torna-se necessário desenvolver faculdades além dos cinco (assim-chamados) sentidos. A mente do homem normal (assim-chamado) é incrivelmente confusa, e a repercussão de contato com o meio-ambiente pode provocar tanto distúrbios mentais que se manifestam como doenças do organismo físico quanto distúrbios do organismo físico que se manifestam como doenças mentais.

Faz algum tempo, fomos procurados por um jovem casal que obtivera nosso endereço de um conhecido mútuo, o qual fora suficientemente indiscreto para lhes dizer que éramos um grande conhecedor de ocultismo. Embora não gostemos de conversar sobre tais assuntos com profanos, em atenção ao nosso conhecido (1) ouvimos o problema do casal. O marido tinha uma irmã que estava acometida de um mal inexplicável, o qual periodicamente causava um excesso de pressão no fluido espinal, provocando convulsões semelhantes à epilepsia.

Preparamos uma adivinhação do Taro, a fim de ver se poderíamos ser de auxílio a essas pessoas, e o resultado da primeira manipulação das cartas indicou que o problema era de ordem financeira. Ao declararmos isto ao casal, o marido negou veementemente que assim fosse.

Quando isto ocorre, o operador é aconselhado a abandonar a questão por completo, pois não existe afinidade entre ele e os consulentes; conseqüentemente, não poderá lhes ser de auxílio.

Neste particular caso havia afinidade, mas não havia boa fé: conforme pudemos averiguar mais tarde, o problema era, realmente, financeiro. A doença da irmã estava causando despesas extras à família, e o irmão, ambicionando viajar à Europa com a esposa, estava procurando uma solução rápida e barata para o problema consultando um bruxo – no caso, nós! Quer porque não estivesse conscientemente ao par dos seus motivos, quer por vergonha de nós, negou que sua preocupação primordial fosse o dinheiro. Ainda em tais casos, convém afastar imediatamente o consulente, a quem não poderemos ser de qualquer auxílio, devido à sua hipocrisia ou à sua falta de percepção de seus próprios motivos.

Infelizmente não somos perfeitos, e por isto nem sempre fazemos o que devemos: ficamos com pena do casal, e não tivemos coragem de mandá-los embora! O amor deve ser *sob vontade*: o relacionamento todo foi pura perda de tempo e desperdício de energia que poderia ter sido mais eficientemente aplicada alhures.

Contrariando as regras, prosseguimos a um interrogatório do casal, e obtivemos os seguintes dados: a irmã, até recentemente, fora casada com um oficial pára-quedista, o qual, segundo ele próprio confessara à família, estivera envolvido em atividades violentas após 1964 e.v.: pertencia a um dos “aparelhos” clandestinos da extrema-direita responsáveis por torturas e matanças de prisioneiros políticos. Um ano antes, ele se separara da esposa e estava agora vivendo com uma mulata que pertencia a um “terreiro” de macumba. Embora vivendo com outra, ele não se dispunha a se afastar por completo da esposa, a quem visitava regularmente, e a quem tentava conciliar e fazer aceitar a situação de bigamia.

Recentemente, à instância dele, a mulata viera visitar a esposa, a qual se recusara a recebê-la em casa. A partir dessa data haviam começado os misteriosos ataques periódicos em que a esposa caía e se esportava convulsivamente.

O irmão confiou-me que a doente acreditava firmemente que havia sido enfeitiçada pela amante do marido, e perguntou-me o que fazer para se certificar do fato. Explicamos-lhe os métodos de defesa que já detalhamos neste livro, e sugerimos consultar um umbandista sobre o assunto, já que havia a possibilidade de um ataque por alguém daquela linha. Também lhe ponderamos que havia uma possibilidade do problema ter causas naturais, e lhe demos uma lista de vitaminas e complementos dietéticos para a doente, recomendando-lhe que descobrisse se havia alguma relação entre as fases da lua e os ataques misteriosos da irmã.

Não esperávamos mais vê-lo; mas um mês depois voltou a nos procurar, com a esposa. Segundo ele, haviam feito uso dos métodos de defesa recomendados, e haviam consultado uma “mãe-de-santo”; mas os problemas continuavam. Pediu-nos que fôssemos ver a sua irmã.

Isto recusamo-nos fazer. A irmã era católico-romana, assim como ele e a esposa, aliás; e aceitara sem qualquer reprovação a atividade clandestina do marido como torturador e assassino: sua indignação moral contra este datava unicamente do início da infidelidade conjugal! Não era o tipo de pessoa por quem nos abalaríamos a fazer qualquer gasto de energia mágica que poderia ser mais ecologicamente aplicada em outras direções. Entretanto, após fazer diversas perguntas ao irmão, chegamos à conclusão de que não se tratava de um caso de ataque astral.

- Existe tensão mágica em volta de sua irmã – dissemos –lhe. – O marido está sofrendo pressão telepática por parte das pessoas que foram magoadas pelas atividades dele, e a tensão repercutiu sobre sua irmã, porque ela é mais sensível do que ele (2). Como se isto não bastasse, ela se deixou afetar por sentimentos de rancor contra a outra mulher. Seu estado de tensão nervosa é muito grande, e se exacerba periodicamente sob a influência da fase lunar. Isto causa o aumento de pressão no fluido espinal, o que por sua vez causa as convulsões.

- Que é que aconselha? – ele perguntou.

- Continue a administrar-lhe os complementos dietéticos em altas doses, e convença-a a perdoar e a esquecer; se possível, a receber a amante do marido, e a tratá-la, já não digo com amizade, mas pelo menos com dignidade e decência.

Novamente ele insistiu conosco para que fôssemos ver a sua irmã.

- Olhe – dissemos-lhe – para ser franco consigo, o problema de sua irmã não nos atinge. Nossa energia não é infinita, e somos obrigados a conserva-la e a economiza-la. Iniciados não são super-homens, são apenas homens e mulheres com certos conhecimentos. Se vocês pertencessem ao movimento telêmico, então a situação seria outra. Aí eu me sentiria obrigado a intervir mesmo.

Neste momento vimos passar pela face desse rapaz uma expressão de repulsa e de desprezo. Percebemos que ele julgava que estávamos sugerindo que ele se “convertesse” à nossa “religião” como “pagamento” por tratarmos sua irmã. As suas visitas tinham sido tentativas de se aproveitar de nós, isto é, de conseguir boa pechinha, pois ele sabia que não cobramos por tais consultas; mas ele nos desprezava.

É interessante, a grandeza de alma dos cristãos! Perseguem-nos, apupam-nos, caluniam-nos, e ainda esperam que lhes sejamos ocasionalmente úteis de graça. Em verdade, dar é mais santo que receber – quando são os outros quem está dando, e um cristão quem está recebendo.

Somos demasiado corteses para mostrar a porta às pessoas, mas finalmente esse moço se deu conta de que havia esgotado o seu crédito conosco, e retirou-se para não mais voltar.

Eventualmente soubemos, através do nosso conhecido mútuo (a quem solicitamos que fosse mais discreto no futuro quanto ao nosso endereço e à nossa disposição para curandeiro), que esse casal partira enfim para a Europa, e que a irmã estava internada numa casa de saúde.

Problemas emocionais são frequentemente causa de repercussão o organismo físico. (O câncer, por exemplo, na maioria dos casos é de origem psicossomática). Os sintomas dessa infeliz senhora pareciam ser os de um ataque oculto; mas tanto quanto pudemos averiguar, a origem do seu problema era um conflito interno.

Tais casos são comuníssimos, e haverão de se tornar cada vez mais comuns à medida que as vibrações do Novo Aeon se intensificam. As pessoas estão se tornando cada vez mais cômicas do seu contato telepático e empático (3) umas com as outras. Vivemos dentro de um oceano de energia, do qual somos parte; e à medida que nossos veículos se aprimoram e se refinam, maior se torna a necessidade de harmoniza-los e integrá-los, não só em relação a nós mesmos, como em relação à sociedade em geral.

Por outro lado, é muito comum o reverso do caso acima, e lesões de origem puramente orgânica podem repercutir nos corpos sutis assumindo todos os sintomas de um ataque oculto. Em certa ocasião, uma senhora da “alta sociedade” foi admitida a uma comunidade oculta. Essa senhora vinha recomendada por um dos membros, mas com uma ressalva: seu marido, um homem bem conhecido nos meios políticos, recusava-se a viver com ela, e ameaçava interna-la num asilo de loucos. Aparentemente, ela sofria de obsessão, o que causava ataques periódicos de conduta escandalosa que estava pondo em perigo a carreira pública do marido.

Essa paciente foi mantido sob observação pelos membros da comunidade, e durante um mês e meio sua permanência entre eles esteve completamente isenta de fenômenos anormais: ela demonstrou ser alegre, encantadora e prestativa. Na sétima semana, entretanto, seu comportamento se alterou. Ela ficou intensamente agitada, e subitamente acusou o administrador da comunidade de fazê-la passar fome e de agredi-la fisicamente. Estas graves acusações foram verificadas pela pessoa responsável pelo movimento de que a comunidade fazia parte, e chegou-se à conclusão de que eram totalmente infundadas. Poucos dias após, a própria paciente se esqueceu do que havia feito, acalmou-se, e voltou a ser a pessoa alegre e companheira que fora antes.

Sete semanas depois, entretanto, sintomas de desassossego reapareceram. Ela declarou que influências malignas a estavam atacando, e que provinham de um armário em seu quarto; deu para caminhar semi-nua pela residência e tentar seduzir sexualmente os outros membros, tanto homens quanto mulheres, reagindo com palavrões e agressão física quando repelida, por mais gentil que fosse a recusa. Estes sintomas, também, desapareceram após alguns dias.

Como a comunidade estava sempre cuidadosamente selada magicamente, e a paciente, em particular, estava sob guarda mágica, foi concluído que um ataque astral não podia ser a causa da doença. A periodicidade dos sintomas sugeriu uma causa orgânica relacionada com a fisiologia feminina. A paciente foi levada a uma clínica e submetida a um rigoroso exame ginecológico. Foi estabelecido que um dos seus ovários estava infeccionado, assim como o seu apêndice. Os sintomas maníaco-depressivos estavam ligados ao seu ciclo menstrual, que era extremamente irregular e doloroso. A paciente foi operada de apendicite e tratada com antibióticos até que a infecção ovariana desapareceu. Com a regularização do seu ciclo menstrual, os sintomas de “obsessão” sumiram permanentemente. A situação foi explicada ao marido, que recebeu a esposa de volta com regozijo. Até a presente data, não houve ressurgência do problema.

Deveria ser evidente a qualquer pessoa dotada de um mínimo de bom senso que uma doença altera, e pode até deformar, a personalidade das pessoas; e isto mesmo quando a sua causa é puramente orgânica. O mau funcionamento do fígado está relacionado há séculos com a idéia de irritabilidade e depressão; a palavra “histeria” vem de *hister*, útero em grego, e durante séculos julgou-se que fosse uma doença exclusivamente feminina.

A moderna pesquisa científica indica que a maioria das assim-chamadas doenças mentais, a não ser que uma lesão orgânica seja patente no sistema nervoso central, são causadas por distúrbios metabólicos. Um fisiologista norte-americano vem há anos fazendo experiências sistemáticas no tratamento de esquizofrênicos pela aplicação de doses maciças de nicotinamida, e tem curado uma grande quantidade de “doentes mentais”, para indignação de psicanalistas, os quais vêm suas teorias de doença puramente “mental”, assim como os seus gordos honorários, ameaçados!

Note-se que a esquizofrenia é considerada uma doença mental normalmente irreversível. No entanto, esse fisiologista tem conseguido reabilitar pacientes que já se encontravam internados como residentes em asilos. Note-se, também, que o paciente tem que continuar a tomar as doses maciças de nicotinamida diariamente, para o resto da vida, ou em poucos meses os sintomas de insanidade mental reaparecem. Isto indica

que se trata, definitivamente, de uma deficiência metabólica cuja causa ainda não foi identificada. As pesquisas continuam.

Isto absolutamente não obsta a que muitos casos de esquizofrenia possam ter outra origem: não é todo esquizofrênico que reage ao tratamento químico-terapêutico. Entretanto, torna-se evidente que o primeiro passo, em qualquer caso de “esquizofrenia”, é tentar a aplicação da nicotinamida, a qual já era conhecida entre ocultistas como um coadjuvante na defesa contra ataques ocultos.

Outro aspecto que tem sido pouco explorado (e muito menos comentado!) no Brasil, é a influência de deficiências dietéticas em distúrbios da personalidade. Os proletários brasileiros são acusados de burrice, teimosia, irracionalidade, pieguice, e principalmente, os favelados – até mesmo de desonestidade. Mas não se leva em conta que o proletário brasileiro ganha tão pouco, e vive em um meio-ambiente tão retardado em matéria de dietética, que não se pode esperar que sua personalidade funcione com eficiência, mesmo no caso de uma alta inteligência (e talvez principalmente num tal caso!). Por exemplo, comida de pobre é basicamente arroz, farinha de mandioca e (quando o havia) feijão preto. Se pelo menos o arroz fosse *integral*, isto já evitaria inúmeras doenças. Os chineses se conservavam vivos (e demonstraram sua inteligência e capacidade) durante séculos em que se alimentaram quase exclusivamente de arroz; mas este arroz era, e é, integral.

Se a farinha de trigo que compõe o pão do pobre, o arroz que ele come, e o leite que ele (às vezes) bebe fossem *integrais*, é provável que o proletário brasileiro fosse mais inteligente e mais ativo. Agora, quanto a ser tão dócil, isto já seria outro caso bem diverso!

Não há grande diferença entre os princípios de nutrição para o ocultista e os princípios de nutrição para o atleta profissional: o trabalho oculto gasta tanto, ou mais, energia nervosa quanto um grande esforço físico. Os princípios fundamentais são os seguintes:

1. Não comer alimentos “refinados”. Isto quer dizer, não comer farinha de trigo branca, ou fubá fino, ou açúcar, ou qualquer outro produto que não esteja tão próximo do estado natural quanto possível. Não comer arroz polido, nem pão branco, nem doces feitos com farinha branca, nem sobremesas que contenham açúcar branco. Por outro lado, ingerir farinha de trigo integral, centeio integral, melado, rapadura, mel, frutas, vegetais (preferivelmente crus ou cozidos na casca e ingeridos com a casca) e legumes (idem) à vontade. Comer arroz integral e farinha de mandioca grosseira. Misturar, sempre que possível, o assim-chamado “farelo” de trigo (normalmente reservado para a alimentação de quadrúpedes) com sopas, ensopados, molhos, etc. Como substituídos do açúcar natural em casos de regime, utilizar os ciclamatos cálcicos, nunca os sódicos.

2. Comer carne de acordo com a nossa conveniência física, e não os nossos princípios “morais” (se é que são nossos, e não incutidos por terceiros!). Em outras palavras, se a carne te dá dor de barriga, não a comas; mas se te dá dor de consciência, remodela a tua consciência de acordo com o bom senso. Em nossa experiência, nada se pode esperar do vegetariano que é vegetariano por “princípios morais” a não ser hipocrisia, falsidade, e uma sutil perversidade que, a seu modo, é tão assustadora quanto

a crueldade grosseira dos antigos inquisidores e dos modernos torturadores da polícia política. Não há qualquer crime moral em consumirmos a substância de outros seres vivos; eventualmente a nossa carne, também, serve de alimento a outros; e é sublime impertinência por parte de vegetarianos afirmar que as plantas ressentem menos ao serem ingeridas por nós do que os animais. Como é que *eles* sabem? A crueldade e o descaso humano dos hindus vegetarianos tem sido proverbial através dos tempos: até hoje, a Índia dos “maharishis” é um dos poucos países do mundo onde se aleija deliberadamente um recém-nascido para que cresça um mendigo.

3. Durante o treino mágico (ou atlético), ingerir nicotinamida, ácido ascórbico, levedura de cerveja e óleo de germe de trigo (Rico nas vitaminas E) em quantidades moderadas mas constantes.

4. Não forças o cérebro nem o corpo a esforços bruscos e irregulares; buscar um desenvolvimento gradativo, metódico, persistente e paciente das nossas faculdades sutis, exatamente da mesma forma como o atleta sensato se esmera por desenvolver gradualmente a sua musculatura física.

Existe um tipo mais de distúrbio psicossomático que devemos mencionar, pois é um dos mais comuns, e mais difíceis de curar: aquele que resulta de um sentimento íntimo de culpa.

Talvez um exemplo concreto seja de auxílio em esclarecer o mecanismo. Faz algum tempo, uma senhora de temperamento decidido veio nos solicitar iniciação na O.T.O.. Como ela vinha a instância de terceiros, tratamo-la com ainda mais precaução do que é usual, submetendo-a a diversas provas. Eventualmente tornou-se claro que ela tencionava fazer um “negócio” conosco: ela entraria para a O.T.O., contanto que nós a curássemos de um enfeitiçamento a que fora submetida e que a impedira de se tornar uma cantora lírica.

É claro que na O.T.O., como em qualquer Ordem séria, tais “negócios” são impossíveis; mas, sem quaisquer interesses ulteriores, e por pura curiosidade, indagamos quanto às circunstâncias do feitiço. Averiguamos o seguinte: essa senhora fora realmente, em sua juventude, uma cantora lírica de fôlego (com perdão do trocadilho); mas entregara-se à orientação de um professor de canto que era ocultista, e em certa ocasião, desentendendo-se com ele, o havia desafiado. O professor, encolerizado, lançara sobre ela a maldição de que ela perderia a voz. E ela, efetivamente, a perdera.

Nosso contato com esta senhora nos trouxe à conclusão de que, embora uma pessoa boníssima em seu caráter essencial, ela era realmente geniosa e respondona. O professor lançara sobre ela uma sugestão hipnótica criminosa; infelizmente, como já esclarecemos ao longo desse volume, muito comum num ramo de pensamento onde o desregramento egóico impera. Mas a sugestão se firmara, e se mantinha, porque subconscientemente a vítima admitia que ofendera o agressor; e além disto fixara todos os seus rompantes de cólera neste particular incidente. Em suma: essa senhora perdera a voz para se punir a si mesma pelo seu mau gênio.

Tivesse a sua afasia lírica como origem apenas a sugestão inescrupulosa do professor, uma simples palavra nossa – talvez até a participação do problema – teria

sido suficiente para “cura-la”. Mas essa senhora condenara a si mesma, e estava cumprindo a “pena” que se impusera, embora usando a “maldição” do professor como pretexto; poderíamos “perdoa-la”, em cujo caso assumiríamos em nossa aura responsabilidade por ela. Mas iniciados telêmicos não fazem isto. Não estamos aqui para escravizar psiquicamente os nossos semelhantes, e sim para conduzi-los àquela libertação interna que resulta da verdadeira maturidade anímica.

Demos a perceber a essa senhora que não poderíamos pactuar com ela: ingresso na O.T.O. não é assunto para regateio. Encolerizou-se conosco, como era próprio do seu temperamento, e afastou-se. No entanto, somos-lhe reconhecidos pela sua inegável generosidade (muito comum, aliás, em pessoas de temperamento colérico): ela foi uma das muitas fontes que contribuíram para a publicação de *O Equinócio dos Deuses*.

Casos como o dessa senhora abundam: os “Salvadores” se aproveitam de tais infelizes para produzirem “milagres”. Lembremo-nos aqui de uma anedota verídica, relatada por um respeitado diretor teatral norte-americano. Numa conferência a estudantes de arte dramática, um jovem perguntou-lhe:

- O senhor já teve alguma vez um fracasso em teatro?

- Várias – respondeu o diretor. – Às vezes você faz o melhor que pode, e trabalha o melhor que pode, e acredita firmemente no que faz; e apesar de tudo isto, o resultado é um fracasso de bilheteria que o público não aceita.

- E que faz o senhor quando isto ocorre?

- Eu me perdôo a mim mesmo – respondeu o diretor.

As pessoas que se punem a si mesmas pelos seus fracassos estão, embora não percebam, sendo vaidosas. Auto-punição é um sintoma de vaidade egóica (e é por isto que foi tão comum entre os “santos” crististas!). Não somos perfeitos: somos criaturas que evoluem e aspiram a uma perfeição que teremos que abandonar (se quisermos continuar progredindo!) no momento em que a atingirmos. Devemos, para nossa própria proteção, conservar sempre nosso senso de humor e nosso senso de perspectiva. Qualquer reles “santo” cristista é capaz de chorar seus “pecados”, verdadeiros ou imaginários. Feliz daquele raro místico ou magista que é capaz de rir de si mesmo!...

(1) Um probacionista que eventualmente se desligou da Ordem.

(2) Isto ocorre frequentemente: uma pessoa é envolvida por uma nuvem de ódio telepático, mas em vez dela ser afetada, é um dos seus familiares, mas sensível, quem se torna a vítima. É claro que isto não é “justo”; mas não há “justiça” no Universo, há apenas causa e efeito. O Carma não é uma lei “moral”, é uma manifestação da lei inexorável de seleção natural. O progresso humano deve-se apenas ao fato de que cooperação inteligente é mais produtiva para a nossa espécie do que um egotismo desenfreado e estúpido. (Veja-se *Dos Propósitos Políticos da Ordem*). Mas a “nobreza” da cooperação entre indivíduos é apenas uma projeção psicológica dos sentimentais. O Universo exige compensação de forças, e não “justiça”. É por isto que a Deusa da Justiça era representada como cega entre os romanos. Também é por isto

que nenhuma lei humana que contradiga os fatos da natureza pode ser realmente ecológica – isto é, realmente “justa”.

(3) O contato telepático é essencialmente mental, e ocorre no nível do Manas (ou Ruach); o contato empático é essencialmente emocional, e ocorre no nível do Kama-Rupa (ou Nephesch). Certas pessoas têm mais capacidade para um do que para o outro.

Capítulo X

OS “MILAGRES” E AS ALUCINAÇÕES

Na época em que Aleister Crowley já era chamado de “pior homem do mundo” pela imprensa marrom do seu país e por publicações católicas romanas em latim, havia em Londres um livreiro a quem ele muito estimava pela sua honestidade e devoção à literatura especializada em ocultismo, a quem encomendava livros raros, e cuja loja visitava regularmente. Numa dessas ocasiões, o livreiro queixou-se, brincando mas meio a sério, de que, apesar da reputação de Crowley como #feiticeiro” e “mago negro”, ele nunca vira o magista praticar nenhum portento.

Crowley ponderou. – Em atenção à sua pessoa – ele disse – e somente por isto, vou fazer algo que raramente faço. Feche os olhos.

O livreiro fechou seus olhos alacremenente.

- Abra-os – disse Crowley.

O livreiro abriu os olhos. Suas estantes, poucos segundos antes abarrotadas de primeiras edições preciosas e caríssimas, estavam completamente vazias.

Imagine-se a ansiedade do proprietário! Mas após um momento Crowley disse-lhe que fechasse os olhos novamente, e quando os reabriu seu estoque tinha voltado ao normal.

Deve ser inútil acrescentar que nunca mais o livreiro exigiu “milagres” do seu estranho cliente!... (1)

Em ainda outra ocasião, o famigerado “satanista” foi convidado a uma reunião social por uma anfitriã londrina que gostava de colecionar intelectuais entre seus hóspedes. Era noite, inverno, e a lareira estava apagada. Em tom de pilhéria, os “intelectuais” presentes sugeriram a Crowley que usasse seus poderes mágicos para atear fogo à lareira.

- Ó, pois não – disse o magista.

Ele fez um gesto e pronunciou uma palavra: a lenha na lareira imediatamente explodiu em chamas.

Não se falou mais em magia durante o resto da noite. (2)

Estes milagrezinhos eram bastante raros, e sem dúvida medíocres se comparados com os absurdos fenômenos atribuídos a Crowley por gente sem consciência nem escrúpulos; o que há de importante quanto a eles é que nunca foram negados pelo autor, e foram relatados por pessoas de relativa probidade e isenção.

Nada há de fantástico em tais fenômenos; não são “maiores” nem “melhores” do que os atribuídos a diversos taumaturgos através dos tempos – entre outros, o lendário “Jesus” dos crististas. Mas verdadeiros iniciados raramente executam façanhas que pareçam contrariar as leis naturais, e detestam “milagres” do tipo que produz alucinação coletiva: primeiro, porque fenômenos não são prova, quer da probidade moral dos seus autores, quer da validade das doutrinas por eles defendidas; segundo, porque quaisquer “milagres” representam um desperdício de energia que pode ser mais eficientemente aplicada em outros projetos – como, por exemplo, a evolução espiritual da espécie humana.

Nosso caso chega a ser embaraçoso: aspirantes vêm à nossa presença com olhos suplicantes, e notamos que esperam de nós, pelo menos, a tradicional auréola; aspiram à ressurreição dos mortos (eles, é claro), e ficam bastante aborrecidos quando percebem que não estamos dispostos a emular a teatralidade dos ilusionistas, a verborrêia dos charlatões, ou a desonestidade dos políticos.

Nunca ambicionamos sequer os “poderes” tradicionais de Patanjali: a única faculdade que nos foi permitida é aquela de ajudar as pessoas que assim desejarem na busca e descoberta de suas Verdadeiras Vontades. Nem podemos fazer mais que orientar e aconselhar. Nessa procura, cada aspirante tem que dar o primeiro passo.

Não nos surpreende, portanto, que a maioria dos nossos pretensos “discípulos” nos abandone a meio caminho, assim que percebem que longe de estarmos dispostos a nos sacrificarmos por eles, esperamos pacientemente (3) que *eles* se disponham a trabalhar, e se necessário a se sacrificar, não só por Eles Mesmos, mas pela Ordem, e até por nós!...

Mas o nosso é um caso à parte: Crowley certamente possuía poderes mágicos; mas com a mesma certeza, raramente os usava. Como todo verdadeiro Mestre, ele se abstinha de misturar os planos.

Fenômenos realizados por iniciados podem ser executados de duas maneiras principais: ou através de projeção telepática por parte de uma mente treinada, ou através de entidades dos planos sutis que, por um motivo ou por outro, estão dispostas a obedecer ao magista.

No caso dos livros do Sr. Atkins, Crowley pode ter visualizado as estantes vazias, e projetado esta visualização no cérebro do seu conhecido, produzindo uma alucinação momentânea exatamente análoga àquela produzida por uma sugestão hipnótica; ou pode ter comandado um dos seus “familiares” a que estimulasse diretamente no cérebro do Sr. Atkins a falsa percepção.

No caso da lenha que “pegou fogo sozinha”, foi um fenômeno de telecinésia. Certos iniciados têm, por constituição, facilidade para a produção de algum tipo particular de fenômeno elemental. Crowley simplesmente demonstrou sua afinidade com o Elemento Fogo. (4)

Tais fenômenos seriam patéticos se fossem encarados com seriedade, quer pelo magista, quer pelos seus seguidores. Muito mais importante que os “milagres” de

Crowley tem sido a inegável revolução psíquica que data de abril de 1904 e.v., quando ele recebeu o Livro da Lei. Está escrito: “Conhecê-los-eis pelos seus frutos”.

Dizem que o “Cristo” evangélico ressuscitou os mortos, inclusive a si mesmo. É pena que, em mil e seiscentos anos do cristismo, não tenha conseguido ressuscitar honra ou caridade entre os cristãos.

Mesmo quando fenômenos mágicos são legítimos, raramente são eficientes: o autor da *Magia Sagrada de Abramelin*, por exemplo, se gaba de ter ressuscitado um morto e animado o cadáver com um demônio (5) apenas para garantir a sucessão dinástica de uma família nobre da Alemanha medieval; mas o sucessor do morto (que ainda era menor de idade na época em que este falecera realmente, e teria sido então preterido por um tio) perdeu, em poucos anos, por pura incompetência, a herança que lhe fora tão carinhosamente – e “milagrosamente” – garantida pelo magista.

Ele se gaba, também, de ter levantado dois mil soldados ilusórios (6) para auxiliar um seu amigo nobre numa batalha em que este, de outra forma, teria sofrido inferioridade numérica; e a história da época comprova efetivamente, que uma quantidade de soldados inesperados e desconhecidos vieram reforçar as fileiras daquele aristocrata; mas, se bem que o protegido do magista tenha ganhado a batalha, ele terminou por perder a guerra.

Em época mais recente, o assim-chamado “Mestre” Philippe, um iniciado francês que chegou ao grau de Adepto, mas que enveredou por uma linha inecológica de ação mágica, protegeu com seus poderes a família imperial dos Romanov, a quem devia favores, e profetizou-lhes que enquanto ele fosse vivo nada teriam a temer dos Bolcheviques; mas à morte do magista, a família dos Czares foi totalmente dizimada, e a Rússia ingressou no exagero que é o comunismo.

O Carma, isto é, a Lei de Compensação, é infalível. Sábios são aqueles iniciados que a levam sempre em conta em seu trabalho! O Universo está entretecido em um continuum; não há ação sem reação possível. Como diz o *Clássico de Pureza*:

Ah! Contato com tudo,
Plástico toque, e exato,
De tudo o manto, livre no entanto,
Fora de cada Ato!

Quem tiver isto, chega
Pouco a pouco, um suspiro,
Ao ancestral Mistério do Tao
E some em seu Retiro.

Homens o chamam Mestre;
Mas, ele manda em quem?
Raiz-Motivo de tudo vivo,
Ele não manda em ninguém!

Lao Kun (7) o Mestre disse:
O Adepto que é perito

Nunca tem meta, enquanto o pateta
Sempre persegue um fito.

Quem mais possui o Teh
Oculta o seu poder.
Quem menos tem o exhibe, porém:
Tem sempre algo a fazer.

Quem exhibe Poderes,
Quem qual tesouro os vê,
Gente é sem arte, sem sequer parte
De Tao, e até de Teh.

A utilização de entidades demoníacas é sempre perigosa para o equilíbrio ecológico entre os planos. Estas entidades exacerbam e fortificam os movimentos egóicos. É possível que Crowley tenha utilizado tais entidades na livraria de John Watkins; se assim foi, note-se que o magista escolheu cuidadosamente o tipo de fenômeno a ser produzido com duas finalidades básicas: 1) Satisfazer o ingênuo desejo de Watkins, a quem Crowley estimava por sua probidade e caráter; 2) Desencorajar o livreiro de qualquer pedido de repetição de fenômenos no futuro, ao ameaçá-lo subliminarmente com a possibilidade de um enorme prejuízo financeiro.

Quanta sutileza e sabedoria contida no planejamento e execução de um fenômeno tão banal! E mesmo que Crowley não tivesse diretamente utilizado entidades demoníacas em sua produção, ainda assim ele teria exercido a mesma precaução; pois como o ser humano existe em todos os planos, o ser humano partilha da substância de todos os planos; e é perigoso perturbar o relacionamento normal entre eles. Isto ocorre toda vez que um “milagre” é produzido.

Em dezembro de 1929 e.v. uma respeitadíssima revista especializada inglesa, *The Occult Review*, publicou uma carta ao editor, assinada H. Campbell, no seguinte teor:

“Desejando certa informação que eu não podia obter de nenhuma maneira usual, recorri ao Sistema de Abramelin, e para isto preparei uma cópia do talismã apropriado, aperfeiçoando-a com a minha melhor habilidade e de acordo com o meu parco conhecimento e experiência. (8) Após executar o ritual, eu passei ao processo de limpar o meu local de trabalho astralmente. A prática baseada em pouco conhecimento é sempre perigosa: meu ritual era imperfeito, (9) e tudo o que consegui foi inutilizar o talismã, sem em nada impedir as atividades da entidade invocada. Isto parece nada ser senão um grosseiro descuido de minha parte, e até certo ponto assim é; mas o que desejo tornar claro é que meu conhecimento desse particular sistema, e portanto o meu ritual, eram imperfeitos. De qualquer maneira, não me havia sido demonstrado nenhum método de combater essa particular entidade, uma vez provocada. (10)

“Agora, notem os resultados. Infelizmente não sei ao certo em que data os fenômenos começaram, mas o primeiro indício de que havia um problema deve ter aparecido por volta de 3 de março de 1927. Posso calcular a data porque, como pude verificar posteriormente, as manifestações eram sempre mais fortes pro volta da lua nova, e após eu ter ido para a cama dormir. Nessa ocasião eu me lembro de ter

despertado subitamente, com um vago sentimento de horror me oprimindo. Não se tratava do horror que acompanha um pesadelo: era como se fosse uma emoção que estava sendo provocada em mim de alguma fonte externa a mim mesmo, a qual podia ser repelida por um esforço da vontade. Isto passou quase que no momento em que me levantei, e não pensei mais no assunto.

“Novamente, no dia 2 de abril, ou em data aproximada, (11) eu fui acometido pela mesma sensação; mas considerei-a não mais que um severo pesadelo, embora o fato de que meu sono estava sendo perturbado perto da lua nova me tivesse ocorrido. Ao aproximar-se a lua cheia, as noites eram novamente pacíficas.

“A lua nova de 1 de maio trouxe uma repetição do problema. Desta vez a sensação de horror foi muito mais forte, e necessitou um esforço de vontade quase intolerável para dissipá-la. Também, foi por volta desta ocasião que eu vi pela primeira vez a entidade que estava rapidamente me obcecando. Não era propriamente feia de aspecto: seus olhos estavam fechados, e era barbada, com longos cabelos em sua volta. Pareceu-me como uma força cega pouco a pouco despertando-se para a atividade. (12)

“Agora, há três pontos que devo tornar bem claros antes de prosseguir este relato: em primeiro lugar, nunca fui atacado duas vezes na mesma noite. Em segundo lugar, quando falo de fenômenos físicos experimentados por mim, tais como vidros se espatifando, ou vozes, eles nunca (com uma exceção única e absolutamente inexplicável) foram realmente fenômenos materiais, mas apenas alucinações. Isto me leva ao terceiro ponto: nenhum destes incidentes ocorreu enquanto eu estava dormindo. Sempre, eu me senti acordar com o terror me envolvendo como uma nuvem, e lutando para dispersá-lo. Eu já tive pesadelos; mas nenhum pesadelo que já tive prendeu a minha mente durante minutos a fio, como fez esta coisa, nem me levou a pular de uma janela de mais de três metros de altura.

“A primeira indicação que tive de que estas visitas eram absolutamente fora do normal veio no dia 30 de maio. Por volta da meia-noite eu fui subitamente acordado por uma voz gritando: ‘Cuidado!’ Imediatamente me tornei cômico de uma serpente rubra coleando e se enroscando e se estendendo debaixo da minha cama, e esticando sua cabeça para fora ao longo do assoalho. Ela estava a ponto de me dar um bote quando pulei para minha janela, e caí no jardim, num canteiro de rosas debaixo do meu quarto. Felizmente, meu único ferimento foi um braço machucado.

“Depois disto houve paz absolutamente até 30 de junho, quando o verdadeiro clímax veio. Eu vi a coisa novamente na noite da lua nova, e notara consideráveis mudanças em sua aparência. Especialmente, ela parecia muito mais ativa, e seus longos cabelos tinham se transformado em cabeças de serpentes. Na noite seguinte eu fui acordado por violento barulho, e pulei da cama. Vi então que o barulho fora causado por um grande obelisco vermelho que atravessara a parede ocidental do meu quarto e agora estava apoiado contra a parede leste. Ele tinha arrebentado tanto esta parede quanto a janela, mas não tinha atingido a minha cama, a qual estava em um nicho para a esquerda da sua trajetória. Em seu trânsito o obelisco despedaçara todos os espelhos, e tanto o assoalho quanto o topo da minha cama estavam cobertos de estilhaços e farpas. Desta vez, a alucinação deve ter durado alguns minutos: eu não me atrevia a mover-me por medo de me cortar, e para alcançar os fósforos – nos quais, eu sabia, estava a salvação (13) – eu teria que me estender por sobre a cama, e novamente

arriscar cortar-me nos estilhaços. No entanto, em meu íntimo, eu sabia que tudo isso era falso, mas não tinha poder para me mover. Eu podia apenas ficar de pé ali, incapaz, olhando o quarto arrebitado, num estado de terror impotente.

“E agora vem a parte mais extraordinária de tudo isto. Quando eu finalmente dominei a obsessão e voltei à cama, completamente exausto, sei que o único som que fiz aquela noite foi ao pular do leito para o assoalho. Além disto, meu quarto fica pelo menos a cem metros de distância do resto da casa; no entanto, na manhã seguinte, na hora do café, minha família me perguntou por que houvera um ruído tão grande no meu quarto durante a noite. (14)

“Depois disto, eu percebi que acabara a brincadeira. Eu não havia aturado essas ocorrências sem fazer nada; mas percebi que me era impossível tentar controlar a força que eu pusera em movimento. Em desespero, recorri a uma boa amiga, a qual, eu sabia, tinha muita experiência dessas coisas. Ela não hesitou, e veio imediatamente em meu auxílio; daquele dia até hoje nunca mais experimentei coisa alguma desse tipo. (15)

“Este é o caso, espero que sirva de aviso àqueles que lerem esta confissão da minha asneira, para que tratem com o máximo cuidado todos os sistemas de magia impressos em livros, e não os usem de forma alguma, a não ser que tenham o mais completo controle das entidades invocadas”.

Nem sempre “milagres” necessitam o uso de uma mente treinada projetando telepaticamente, ou a obediência de uma entidade de outra linha evolutiva. O magista que treinou seu corpo astral, por exemplo, dispõe de “poderes” fora do normal – no sentido estatístico desta palavra.

Em certa ocasião Allan Bennett (conhecido na A.'.A.'. como Iehi Aour) estava descendo uma rua londrina quando foi grosseiramente abordado por um indivíduo que lhe disse não acreditar em magia e que desafiou o pacato místico a dar uma prova de que ela existia. Bennett tocou no incrédulo com um dedo: ele caiu como se fulminado, e passou vários dias em estado de coma.

Esta façanha não pode ser duplicada por qualquer um: ela indica um grande desenvolvimento do corpo astral, e alto controle deste. O magista simplesmente golpeou seu interlocutor astralmente, e a desorganização produzida no corpo astral deste repercutiu no corpo físico. Não cremos nem por um instante que fosse a intenção de Bennett matar o grosseirão, pois ele poderia ter feito isto se quisesse. Ainda em outra ocasião, Crowley (que aprendeu os rudimentos de magia e ioga com Bennett) estava em um ambiente vulgar, entre vários desconhecidos, com um gramofone tocando música barata a todo volume; exasperado, o magista bradou:

- Abaixem essa coisa ou eu mato todo mundo aqui dentro!

O gramofone foi abaixado imediatamente.

Note-se que as pessoas presentes não conheciam a identidade de Crowley em suas consciências puramente mundanas; mas o Magus representa a nossa espécie inteira, e em certos níveis do Buddhi Manas (ou “Corpo Moral”) ele é imediatamente reconhecido quando irradia naquele nível. (16)

Algum leitor poderá perguntar aqui o que teria acontecido se o gramofone não tivesse sido abaixado. Em nossa opinião, Crowley teria fulminado astralmente todas as pessoas presentes. Isto, sem dúvida, não é um gesto digno de um “Mestre” no sentido lacrimogêneo que os teosofistas de Besant e Leadbeater dão a esta palavra; mas o Mestre, enquanto encarnado, é um ser humano como qualquer outro em sua base física, e tem seus momentos de impaciência e de cólera. Um dos poucos incidentes do Novo Testamento que consideramos genuíno, e atribuível a algum verdadeiro místico judaico, é aquele que descreve o chicoteamento dos vendilhões do Templo. Provê, em nossa opinião, uma lição moral que nunca foi aproveitada pela Igreja Romana; uma lição bem mais elevada que qualquer outra que possa ser extraída dos ridículos “milagres”, ou da sadomasoquista “crucifixão”.

Nunca é demais repetir que o corpo astral realmente *existe*, e pode ser desenvolvido, sistematicamente e cuidadosamente, por qualquer ser humano. Infelizmente para os apressados, seu desenvolvimento exige mais paciência e mais persistência ainda do que o desenvolvimento atlético do corpo físico, porque o corpo astral é uma aquisição *recente* (em termos de centenas de milhares de anos) da nossa espécie. A herança genética nos permite um desenvolvimento físico relativamente rápido, porque há centenas de milhares de anos que nossa espécie desenvolve rapidamente o corpo físico para enfrentar os problemas do meio ambiente material. O corpo astral é um desenvolvimento recente, uma especialização; ou, se quiserem um luxo. Seu desenvolvimento ainda é tão raro que o código genético necessário para isto ainda não está automaticamente programado; ou se está, isto é apenas numa minoria de indivíduos em cada geração.

Os fenômenos astrais, conseqüentemente, são pouco conhecidos, e cercados de lendas, exageros, boatos, e mentiras. Mas eles existem. O que é ainda mais interessante, eles parecem contradizer as leis do contínuo material em certas direções. Por exemplo: sabemos que no espaço físico dois corpos não podem ocupar o mesmo lugar ao mesmo tempo; mas tal não ocorre no astral, onde interpenetração “espacial” pode se processar no mesmo instante de “tempo”. (17)

Outro fenômeno muito curioso é a defasagem temporal. Em sua autobiografia, Aleister Crowley relata uma série de experimentos conduzidos com uma Irmã da Ordem, em que ele a visitava astralmente, embora separados por milhares de quilômetros no espaço físico. Ambos registravam pormenorizadamente os incidentes de tais visitas, e foi possível constatar que as descrições coincidiam de maneira a eliminar qualquer possibilidade de imaginação ou sonho. Mas uma circunstância se tornou clara: frequentemente, as visitas de Crowley haviam terminado para Crowley antes de começarem para a Irmã.

Essa experiência de Crowley e da Irmã não é única: outros investigadores têm comprovado que o tempo – tal como o compreendemos – é uma dimensão que sofre alteração em fenômenos astrais. Esta alteração ainda não foi matematicamente determinada. Cientistas estão começando a se interessar pelo estudo de radiações eletromagnéticas de origem biológicas, e é possível que uma pesquisa cuidadosa por parte de futuros investigadores venha a estabelecer as variantes desta equação.

Pesquisadores de fenômenos ocultos devem antes de mais nada estudar os rudimentos da matemática e do método científico (tal como este é explicado, por

exemplo, nas obras do brilhante físico e matemático francês Poincaré). Sabemos já que não somos a única espécie inteligente habitando este planeta: os cetáceos, entre outros, nos igualam em complexidade e amplitude de raciocínio, e recentes experiências com os antropóides parecem indicar que eles são muito mais inteligentes do que os nossos antepassados suspeitavam.

Devemos levar em conta, também, que a evolução de todas as espécies vivas está interligada; quanto mais uma aumentar em inteligência e percepção, tanto mais as outras parecerão aumentar, ou realmente aumentarão, em sabedoria e perspectiva. O ditado anglo-saxão “A beleza está nos olhos de quem a vê” pode ser aplicado igualmente à inteligência. Não é verdade que as pessoas estúpidas percebam a inferioridade da sua inteligência; se assim fosse, teriam em si pelo menos a semente do progresso. Para o estúpido, todos são estúpidos, e até mais do que ele: pois ele não consegue perceber a motivação que impele intelectos melhores. Mas para a pessoa inteligente, a vida é uma descoberta contínua cujo interesse se expande e se amplia.

(1) *Este livreiro era o Sr. John Watkins, cuja loja ainda existe em Londres, homem respeitadíssimo no seu círculo de atividades. Esta história foi contada por ele mesmo, e nunca por Crowley.*

(2) *Esta anedota vem relatada numa reminiscência sobre o “por homem do mundo” publicada pela famosa revista humorista Punch, na Inglaterra.*

(3) *Bom, nem sempre.*

(4) *Nem é necessário sermos um iniciado para termos capacidade de produzir este tipo de fenômeno. As manifestações do tipo chamado “poltergeist” são invariavelmente ativadas, ou pela proximidade de adolescentes sexualmente frustrados, ou de histéricos.*

(5) *Note-se a estrita semelhança com as lendas dos “zumbis” do Haiti.*

(6) *Isto é, entidades demoníacas materializadas sob aspecto humano.*

(7) *Lao-Tse. O autor do Clássico de Pureza, Ko Yuen, foi uma das encarnações de Aleister Crowley, que na época era discípulo do autor do Livro do Tao. Tanto o Livro do Tao quanto o clássico de Pureza serão eventualmente publicados nesta série, com notas do próprio Crowley.*

(8) *H. Campbell era um probacionista sob a orientação da Sra. Firth, “Dion Fortune”. O Sistema de Abramelin só deve ser utilizado por pessoas que alcançaram o Grau de Adepto Menor da A.'.A.'. ou seu equivalente em outros sistemas. Os talismãs são acionados por entidades demoníacas sobre as quais ninguém que não tenha alcançado o Conhecimento e a Conversação do Sagrado Anjo Guardião – isto é, a harmonização total de suas faculdades – poderá esperar obter controle.*

(9) *O ritual não era imperfeito; apenas, não era suficiente para banir o demônio encarregado de dinamizar o talismã. De qualquer forma, seria tolice da parte de H. Campbell banir uma entidade que ele acabara de invocar para executar um certo trabalho! Ele pegara um tigre pela cauda...*

(10) *Note-se o ego do aspirante, e sua total incompreensão do que é a legítima autoridade espiritual. O conhecimento o que ele tinha do Sistema de Abramelin era tão perfeito quanto pode ser o de um profano: o Sistema está aberta e claramente descrito.. O ritual utilizado não era imperfeito: era o utilizador do ritual que não tinha desenvolvimento suficiente para manter sob controle a força invocada. A palavra “combater”, empregada em relação ao demônio que estava encarregado de dinamizar o talismã, é particularmente tola. A atitude que ela sugere equivale a*

chamarmos um especialista para executar um determinado trabalho, e então desejarmos que o trabalho seja realizado sem que o especialista se apresente!

Esta cegueira, infelizmente, é bastante comum em pessoas que se interessam por ocultismo: elas pensam que o trabalho mágico depende exclusivamente de quaisquer rituais. Tentar mandar nos espíritos sem termos envergadura moral para tanto, ou sem estarmos sob a fiscalização de alguém que a tenha, é – para dizer o mínimo – completa tolice. H. Campbell resolvera utilizar o Sistema de Abramelin sem o conhecimento nem o consentimento de sua instrutora, a qual sabia perfeitamente – sendo apenas Zeladora – que nem ela mesma estava em condições de utiliza-lo!

(11) Isto é, na Lua Nova seguinte.

(12) Os leitores não devem julgar que esta visão representava realmente a “aparência” do demônio encarregado de dinamizar o talismã. O imprudente aprendiz de feiticeiro formara um contato mágico com uma entidade de um certo plano, com a intenção de fazê-la trabalhar para ele; mas como não tinha suficiente maturidade psíquica para controlar a força evocada, a energia desta impingira-se sobre ele, em vez de sobre o talismã, e começara a ativar as energias harmônicas consigo mesma dentro dos veículos do ser humano que a chamara. A visão foi uma formulação em termos inteligíveis do que estava acontecendo: uma parte das forças subconscientes (ou “subterrâneas”) do aspirante, até então entrelaçadas com outras nele mesmo apenas como receptoras-transmissoras, e portanto inócuas, estava se ativando de uma maneira anormal. O processo, se estiver sem controle central, é totalmente análogo à formação de um câncer no organismo físico.

Como quaisquer outras entidades dos planos sutis, os “demônios” não têm uma forma particular no senso em que nós, seres humanos encarnados, concebemos a idéia de “forma” (Rupa). Eles podem aparecer nas formas mais diversas, inclusive na de “anjos de luz”.

(13) Note-se a situação psicológica: o aspirante sentia que se acendesse um fósforo a ilusão se dissiparia (sinal de que associava, como é o caso de tantas pessoas ainda, a idéia de escuridão com a idéia de “mal”); mas não se atrevia a se mover, com medo de se cortar em estilhaços de vidro que ele sabia serem pura ilusão. É por isto que as práticas preliminares da A.’A.’. (por exemplo) incluem cuidadoso treino nas técnicas de ioga, que conferem controle da mente.

(14) Nada havia de extraordinário nisto, mas era um sintoma perigoso: significava que a obsessão estava começando a se transmitir telepaticamente às pessoas relacionadas com ele. É assim que os “milagres” começam e se alastram.

(15) A “boa amiga” a quem ele se refere era a Sra. Firth, a qual também não estava qualificada para usar o Sistema de Abramelin, mas recorreu a George Cecil Jones em favor do seu aprendiz. O Adepto tomou sobre si a carga de força demoníaca que o discípulo da sua discípula ativara. A punição do imprudente consistiu em fazer essa confissão pública da sua estripulia.

(16) Esta faculdade do Magus se estende mesmo aos seus representantes e discípulos. Em certa ocasião, no antigo Largo da Carioca no Rio de Janeiro, entramos em conversa com um perfeito desconhecido sobre a situação política, pouco após a “revolução” de abril de 1964 e.v.. De repente ele nos olhou com uma expressão inteiramente nova no rosto e disse-nos, rindo: “Ah! Agora estou lhe reconhecendo!” Referia-se, é claro, ao nosso grau iniciático e à nossa função no país.

(17) Existe, definitivamente, uma relação entre os planos: a intensidade de energia física parece ser proporcional, dentro de certos limites, à energia astral, e vice-versa; mas qualquer sistema de mensuração astral variará em relação aos fenômenos

físicos. Em que proporção, e de que maneira, só poderá ser estabelecido por futuros pesquisadores que apliquem os métodos da Ciência ao propósito da Religião.

Capítulo XI

SEXO E OCULTISMO

Nosso interesse em ocultismo data da nossa puberdade, ou melhor, dos nossos onze anos de idade. Aos dezessete, estávamos numa livraria (que naquela época era excelente, e tinha uma seção de ocultismo bastante farta) pesquisando os volumes em busca de algo novo, quando fomos abordados por outro leitor, que encetou conversa conosco. Era um rapaz bastante mais velho que nós, talvez com uns vinte e cinco anos de idade, de aspecto saudável, que nos confessou:

- Este assunto de ocultismo me fascina, mas eu tenho um tremendo problema: meu apetite sexual. Todos os livros que eu leio dizem que a gente tem que controlar o sexo, mas eu não consigo: estou sempre necessitando de uma mulher. Será que não há outra maneira de encarar o assunto?

Sabemos, agora, que esse rapaz sentira instintivamente que pertencíamos a uma “linha” que poderia lhe dar uma resposta para o seu problema (se é que saúde é problema); mas infelizmente para ele, a sociedade que então freqüentávamos, pretensamente “rosacruz”, tinha sido adulterada pela fraqueza moral dos seus dirigentes, e não dava instrução suficiente ou franca sobre o assunto. (1) Eventualmente estabelecemos contato com a legítima “linha”, e recebemos instrução sobre o sexo; mas nosso infeliz interlocutor era então apenas uma memória, que nos tem ocorrido através dos anos, e nos ocorre agora enquanto escrevemos: terá ele conseguido se libertar da ficção de que abstinência é sinal de santidade?...

Em um dos seus livros sobre o Tibet a Sra. Alexandra David-Neel (2) relata uma anedota bastante sábia: uma jovem tibetana caminhava por um lugar ermo quando foi acostada por um eremita conhecido em sua aldeia, que o alimentava e venerava. O eremita tentou violentar a jovem, que reagiu e acabou por fugir. Chegando em casa, a infeliz virgem contou o incidente à sua família, que a reprovou redondamente.

- Mas então você recusa o uso do seu corpo a um Samyasi?! Que melhor carma poderia ter você que perder sua virgindade nas mãos de um homem santo? Volte imediatamente lá, peça perdão ao eremita, e ofereça-se a ele!

A obediente jovem assim fez; mas tendo descoberto o santo, que meditava junto a um riacho gelado, e se oferecido candidamente a ele, este recusou, dizendo:

- Eu lhe agradeço, mas não tenho necessidade dessas coisas. Acontece que o rajah que governava esta comarca estava morrendo no momento em que você passou; e no mesmo momento havia um asno copulando com uma égua num campo vizinho. Eu devia um favor ao rajah, e tentei prover-lhe um corpo evoluído para sua encarnação seguinte, mas você se recusou, e agora é tarde demais: o rajah foi para o jumento e a égua, e vai se reencarnar no corpo de um burro.

É claro que isto é apenas uma anedota, e bastante mordaz; mas ilustra um fato que poucas pessoas compreendem, o qual é: os motivos de um iniciado, quando

este pratica quaisquer dos atos que são praticados por profanos, diferem bastante dos motivos dos profanos.

O ato sexual, como já dissemos, é uma das poucas formas de samadhi que estão ao dispor de qualquer ser humano, não importa qual seja o grau de evolução deste; e é pois um instrumento precioso para aqueles de nossa espécie que compreendem que tudo que existe é santo.

Abstinência sexual, se encarada como regra absoluta, não é uma prova de virtude, e sim de covardia. Abster-se de um ato porque somos capazes de profaná-lo é, ocasionalmente, uma medida de prudência; mas adotada como regra de vida, evidencia fraqueza moral e falta de disciplina em nossos veículos. A lei da física que é enunciada como “Na natureza nada se cria, nada se perde – tudo se transforma” aplica-se à biologia como a qualquer outro aspecto do contínuo espaço-tempo. Aqueles que se absterem da atividade sexual acumulam a energia nervosa que normalmente se gastaria na cópula. Como resultado, ou ela se esvai durante o sono em emissões involuntárias, ou provoca uma hipertensão magnética que eventualmente se torna um foco de força mágica. Mas esta força raramente é sadia, pois é produto de um processo artificial de conservação. Os celibatas, quando não são culpados de maiores desvarios, provocam perturbações nervosas ou excessos sexuais em seu meio ambiente, através de repercussão telepática. É notório, por exemplo, que casos de “possessão diabólica” registrados pelo catolicismo romano sempre ocorrem nas imediações de mosteiros ou conventos.

Circunstâncias exatamente paralelas cercam tais manifestações em outras seitas que praticam o celibato forçado.

Lembramo-nos de certa ocasião quando, ainda meros discípulos, penetramos com nosso Instrutor num mosteiro americano e lhe observamos que a aura de um certo monge por quem passáramos estava muito tensa com força magnética. Nosso Instrutor riu e disse, “Claro! Ele se masturba”. Mas nosso Instrutor estava enganado: o indivíduo em questão tinha um temperamento ardente, porém se abstinha de atividade sexual. Isto carregava a sua aura força; mas esta força era malsã. Somente a força mágica que desenvolvemos em nós mesmos através da expansão de todas as nossas faculdades em todos os planos possíveis é uma força *ecológica* – isto é, em harmonia com o Corpo de Nuit. Os Torquemadas, os Savonarolas e os Hítleres são todos produtos da pressão magnética de uma sexualidade reprimida e doentia; quando não em seus próprios corpos, no corpo de pessoas com quem têm afinidades cármicas ou ambientais.

Para o puro, todas as coisas são puras. Para o santo, todas as coisas são santas. Para o verdadeiro iniciado, a atividade sexual é, como tudo mais em sua vida, “um trato particular entre Deus e a sua alma”. Já que o ato sexual envolve todos os nossos veículos simultaneamente, ele pode e deve ser utilizado como uma forma de oração. Diz Líber VII: (3)

21. *Eu Te amo, eu Te amo.*

22. *Todo alento, toda palavra, todo pensamento, todo ato é um gesto de amor Contigo.*

“Não sabeis que sois o templo do Deus vivo?” Disse um grande iniciado a quem a Igreja de Roma roubou e traiu.

É uma vil mentira que só possamos encontrar Deus além e a despeito do corpo e dos apetites do corpo. Pelo contrário: é preciso descer ao inferno que existe dentro de nossa herança genética animal, e domesticar suas feras, atrelando-as ao Carro do Guardião do Santo Cálice – aquele Guardião cuja armadura brilha de luz negra, e que não tem nome nem rosto; cujo manto é a colcha de retalhos multicores do Arco-Íris, mencionada pelos alquimistas medievais.

Não é repressão sexual que é necessária, e sim Direção – aquele símbolo da Vontade que no Taro é representado por uma Flecha. (4)

Para Iniciados, portanto, todo tipo de atividade pode ser tornado *santo*: basta para isto que todos os nossos atos sejam canalizados em direção àquele Fito que ainda pode (devido à insuficiência de nossa linguagem, e à imaturidade de nossas faculdades) ser simbolizado pelas palavras *União com Deus*. Assim, o ato sexual – seja ele heterossexual, homossexual, auto-sexual, ou inter-espécie – não só é uma forma natural e sadia de auto-expressão como também pode ser utilizado como oração, como ritual mágico de invocação ou evocação, e para o aperfeiçoamento dos veículos sutis que existem, potencialmente, em todo ser humano.

Quanto à forma auto-sexual do ato, há uma ressalva a fazer: é uma atividade que deve ser evitada tanto quanto for possível. Sabemos que psicologistas e sexólogos mundanos alegam que a masturbação é inofensiva. Negamos que isto seja verdade. Ela produz, na maioria dos casos, uma perspectiva egóica que pode levar ao autismo, e que diminui sensivelmente a capacidade de intercâmbio anímico sadio com outros egos.

A teoria mágica da atividade sexual é profundamente estudada na O.T.O., e as salvaguardas necessárias estão estabelecidas no tratado por Frater PARZIVAL XIº, “A Teoria Eletromagnética do Sexo”, que pode ser pedido diretamente à Ordem por interessados.

Restrições dogmáticas ao instinto sexual são extremamente prejudiciais ao progresso racial. Nada impede que os católicos romanos, por exemplo, considerem o ato da cópula como “pecado” se realizado por seu clero, ou por leigos não casados; mas eles não têm qualquer direito de tentar impor suas opiniões através de leis e estatutos (como fizeram durante séculos) sobre aqueles dos seus semelhantes que encontram alegria, e até santidade, nesse ato “libidinoso”. Se os católicos acham que copular é pecado, que provem suas intenções por seus atos, e se abstenham da cópula por completo; assim eles desaparecerão mais rapidamente da superfície da terra, que ficará menos poluída.

A síndrome restritiva do catolicismo romano originou-se do culto de Átis (uma das formas do Deus Sacrificado), o qual era popular no Oriente Médio. Os sacerdotes de Átis castravam-se ritualmente. A maioria dos “patriarcas” do catolicismo romano (entre outros, Orígenes, que perseguiu e massacrrou os gnósticos acerbamente) foram automutilados. Esta forma de loucura decorre de uma exacerbação do orgulho egóico, e denota um medo doentio do Universo, ou Não-Ego. É, evidentemente, uma forma de autismo. Esta doença está sendo aos poucos eliminada da espécie: lendas como a “Queda” e o “Pecado Original” decorrem dela. A síndrome inclui o complexo

de culpa, isto é, de inferioridade, o qual é uma forma daquele Medo-Ódio essencial que é um dos aspectos da atividade do Antakharana. Seu exagero deteriora o Buddhi-Manas, desordem característica dos “Irmãos Negros”.

Atitudes sociais intolerantes, apliquem-se elas a qualquer forma de atividade ou corrente de opinião, tornam-se extremamente deletérias se transformadas em estatutos restritivos. Estudemos o efeito psicológico da moralidade católica-romana sobre a cultura brasileira. O “machismo” pátrio é tão exagerado que sugere imediatamente, a qualquer pessoa com um mínimo de conhecimento de psicologia, uma grande dúvida subconsciente quanto à virilidade. Pesquisas científicas em países mais civilizados que o Brasil levaram os sexólogos à conclusão (perturbadora para os “supermachos” brasileiros!) de que a homossexualidade, longe de ser um “vício” raro e excepcional, é uma das fases normais do desenvolvimento sexual na adolescência. Nos Estados Unidos da América, por exemplo, ficou constatado que em cada cinco homens da população três haviam tido experiências homossexuais entre a infância e a idade adulta.

Talvez haja algum homem brasileiro (provavelmente um “professor” de “moral e cívica”, ou um torturador profissional da polícia política) que esteja disposto a alegar que isto prova que o Brasil é um país melhor que os Estados Unidos. Mas a verdade é que a homossexualidade é ainda mais comum no Brasil que no país irmão – ou talvez, patrão. Isto é um fato que já havia sido constatado no Século XIX por Sir Richard Burton, o famoso antropólogo inglês, que inclui o Brasil, país que visitara, entre as nações de maior índice de homossexualidade sobre a terra!

Note-se que embora três em cada cinco homens americanos tenham tido (ou admitido) relações homossexuais durante a adolescência, o que equivale a sessenta por cento da população masculina, a percentagem de homens adultos praticantes da homossexualidade continua relativamente mínima. Isto indica, talvez, que a homossexualidade é simplesmente um fenômeno de imaturidade emocional – pelo menos, se praticada com exclusão de outras formas de relacionamento. Mesmo em tal caso, não seria um fenômeno que afetasse tanto o bem estar social quanto a violência da polícia, a prepotência dos militares, ou a corrupção desenfreada dos políticos.

O homem brasileiro de nossa geração tinha um curioso padrão de moral dupla, que lhe permitia ser tão promíscuo quanto quisesse, mas que proibia as mulheres – principalmente a “dele” – de fazerem o mesmo. Esta mesma moral dupla era aplicada às relações homossexuais: o parceiro “ativo” era considerado “normal”; mas o parceiro “passivo” era chamado de “veado”, e era escarnecido e apupado mesmo pelos “normais” – quando estes não o estavam utilizando, em via de regra.

No entanto, se a norma sexual consiste em relações com o sexo oposto, que opinião podemos ter de um homem que é capaz de experimentar uma ereção à vista do corpo de outro homem, ou através das carícias de um irmão de sexo?...

A realidade biológica é bem diversa. A homossexualidade (tanto masculina quanto feminina) impera em quaisquer ambientes em que os sexos sejam segregados, como, por exemplo, penitenciárias, internatos e casernas.

O título de “veado” remonta à cultura daquelas tribos pré-históricas caçadoras e adoradoras da Lua a que já nos referimos, onde o parceiro da Grã-Sacerdotiza era chamado de “Chifrudo”. Lembramos aos leitores que essa religião incluía completa liberdade de expressão sexual em seus ritos. Os cultos de Baco, Pã, Príapo e Diôniso foram seus remanescentes em épocas históricas: estes cultos eram detestados e perseguidos pelos patriarcas castrados romano-alexandrinos.

Um dos fatores principais que incremental a homossexualidade brasileira é o hábito católico romano de separar os sexos chegada a puberdade. É bem sabido que colégios de freiras e colégios de padres abundam em homossexualidade. Esta idiosincrasia católica romana não está limitada ao Brasil: numa conversação com psicólogos, publicada em inglês, uma mulher comenta que num colégio de freiras, nos Estados Unidos da América, as freiras recomendavam às alunas que não usassem sapatos envernizado em festas, por que os rapazes, contemplando o reflexo no bico dos sapatos, poderiam divisar as suas pares pudendas!!! Isto nos lembra da história da história da velhinha que foi se queixar ao comandante de um acampamento militar da indecência dos soldados que tomavam banho nus no Rio.

- Mas minha senhora – disse o comandante – o rio onde eles tomam banho está a dez quilômetros da cidade onde a senhora vive.

- Sim – disse a velhinha – mas eu uso binóculo!

A repressão sexual tem as piores conseqüências. Como já dissemos, a maioria dos psicólogos é atualmente da opinião de que a homossexualidade é uma fase normal da adolescência. Se não prestarmos atenção indevida a ela, se não condenarmos as suas manifestações, e se não permitirmos os insultos e humilhações por que passam seus praticantes, é provável que a quantidade de homossexuais adultos tenda a diminuir.

A situação atual chega a ser ridícula: na ocasião em que a polícia brasileira invadiu nossa residência sob a acusação de que éramos homossexual e traficante, o curso onde as acusações se originaram (e do qual eventualmente fomos despedidos em conseqüência das calúnias) possuía diretores homossexuais e uma esmagadora maioria de professores homossexuais do sexo masculino: o próprio supervisor da filial em que trabalhávamos era homossexual, e mais de uma vez o surpreendemos gabando-se, a um colega das mesmas preferências, das suas conquistas amorosas entre os alunos.

Recentemente o movimento “gay power” nos Estados Unidos sofreu um revés às mãos de uma cristista de certa popularidade como cantora, a qual impediu, no estado em que morava, a aprovação de uma lei proibindo discriminação contra homossexuais nos empregos. A pedra-chave da campanha dessa mulher contra os homossexuais foi a pergunta: “Você quer que seu filho seja submetido às propostas de um professor homossexual”?

Mas acontece (como toda gente de bom senso está cansada de saber) que as propostas homossexuais abundam, principalmente nas escolas e nos colégios, embora os homossexuais declarados sejam apupados ou perseguidos. Se fosse possível aos homossexuais serem conhecidos como tais sem sofrerem perseguição ou preconceito, não só é provável que o número de tais propostas diminuísse, como que aqueles que as

aceitam, uma vez dissipada a atração do que é “proibido” ou diferente, chegassem à conclusão de que suas tendências normais eram para outro tipo de atividade.

Telemítas afirmam que o “normal” é uma quantidade estatística, e não um absoluto dogmático. Em palavras mais simples: telemítas acreditam que homens e mulheres normais copulam, na maior parte das vezes, com o sexo oposto; mas podem, ocasionalmente, demonstrar uma conduta sexual anômala, sem por isto deixarem de ser “normais”. Do ponto de vista telêmico, o que é importante é que qualquer ato praticado (seja ele homossexual, inter-espécie, misto, ou heterossexual) seja *espontâneo* por parte de todos os praticantes. Violentar o corpo alheio – mesmo o corpo de um animal – contra a vontade do seu habitante, é uma forma flagrante de Restrição, que é o único Pecado que nós admitimos e condenamos sem reservas.

Nossa defesa constante dos direitos das minorias em qualquer nível de atividade – político, econômico, religioso, social ou sexual – sempre desperta suspeitas quanto à nossa “masculinidade” por parte de todos os temperamentos sexualmente recalcados com quem entramos em contato. (No Brasil, infelizmente, isto ainda representa uma maioria estatística da população!) Somos seguidores daquele infame “mago negro”, Aleister Crowley, o qual não só praticava a homossexualidade como a heterossexualidade, e ainda por cima afirmava que tais atividades têm valor espiritual e mágico! Já que defendemos suas doutrinas, e já que defendemos os homossexuais, isto é sinal de que somos homossexuais. Ora, também defendemos o direito dos católicos romanos de serem católicos romanos, mas nem por isto fomos jamais tachados de crististas!

As poucas experiências homossexuais que tivemos (e das quais não nos envergonhamos a não ser na medida em que exibimos pouco calor humano, ou pouca técnica, ou pouco tato nelas) ocorreram em nossa adolescência anormalmente frustrada por um progenitor carnal criado num seminário católico romano mineiro, ou em nossa juventude ainda condicionada por recalques de educação. Há anos que não praticamos a homossexualidade, nem sequer como operação mágica. É irônico que naquela ocasião em que a nossa polícia invadiu nossa casa, sob denúncia anônima (...) de que éramos, entre outras coisas, homossexual, o único fato que puderam descobrir sobre a nossa vida sexual era que copulávamos ocasionalmente com uma das nossas alunas, a qual era (podemos testemunhar) bastante adulta em matéria de libido.

Foi essa mesma aluna e parceira sexual que nos relatou que, no colégio de freiras que cursava, era costumário um exame ginecológico semestral das alunas, para verificar se o hímen delas ainda se encontrava intacto!!! Esse exame era feito com o consentimento dos pais, e as alunas formavam fila para tal fim em frente a um consultório médico, enquanto os alunos do sexo masculino se congregavam para zombar delas e, ocasionalmente, vaiar as “reprovadas”.

Esse colégio nos foi apontado pela própria moça, em local da Baixada Fluminense. Não mencionamos o seu nome porque o consideramos típico de muitas outras instituições de ensino católicas romanas através do Brasil, principalmente no interior e em cidades pequenas.

Tem-nos sido dito, por rapazes adolescentes, que há certos colégios de padres no Brasil onde os alunos internos tomam banho de chuveiro de *camisola*.

Aparentemente, a vista do corpo humano desnudo poderá ser ofensiva aos olhos de homens dedicados a Deus. (Embora, se Deus existe, tenha sido o dito-cujo quem criou o corpo humano!) Esta dicotomia moral do catolicismo se reflete na campanha incessante dos crististas contra qualquer elevação da sexualidade humana acima do nível dos quadrúpedes. Para os padres romanos, a única finalidade legítima do ato sexual é a procriação. O controle da natalidade, o divórcio, o amor livre, a experimentação sexual, a técnica sexual, sutileza no sexo – todas estas preocupações, que elevam uma atividade obviamente brutal acima do nível dos brutos, e a enriquecem com estética e até com religiosidade, são aparentemente odiosas para os auto-apregoados representantes de um homem cuja única recomendação (se pudermos confiar nos registros oficiais do cristismo!) foi *Amai-vos uns aos outros*.

Atrás dessas restrições, desses recalques, dessas fobias, há mais que um pressentimento da potencialidade mágica e mística do sexual: há um ódio surdo e letal contra a existência de outras percepções do Universo que não a dos teólogos. Amar a Deus não é difícil para eles; “Deus”, afinal de contas, é apenas um reflexo de sua própria vaidade e orgulho. Mas amar ao próximo – literalmente, e em todo os planos – esta, a coragem final da verdadeira humildade e da verdadeira caridade, lhes é difícilíssima. Nem sequer o ódio franco e leal (o qual, do ponto de vista espiritual, é uma forma de amor) lhes é possível: a arma deles é sempre a dissimulação, a insinuação, e a calúnia. Hoje, como em Nicéia, o cristismo afaga pela frente, e apunhala pelas costas, todos aqueles que não se deixam envolver pela sua estagnação moral, seu dogmatismo intelectual, e seu sado-masiquismo emocional.

O sado-masiquismo cristista em geral (e o católico romano em particular!) é visível em qualquer imagem da “Paixão”, com seus requintes de sangue e de lágrimas. Mas procuremos por um momento usar nossa razão e nosso bom-senso: é-nos pedido que nos enchamos de admiração pelos sofrimentos de um homem que, se tivesse existido de acordo com os sofismas imbecis decretados no Concílio de Nicéia, teria tido sobre os seus semelhantes a imensa vantagem de ser um homem só em aparência, e na realidade um deus. No entanto, durante séculos, milhões de seres humanos sofreram, às mãos dos adoradores desse homem, torturas muito piores do que a dele; e isto se gozarem da vantagem de uma pseudodivindade! Lembramo-nos de que assim que o Colégio Militar (que então cursávamos no Rio) aceitou entre o seu corpo docente um capelão, o primeiro ato deste foi examinar em segredo os livros da Sociedade Literária do Colégio. Como resultado, várias obras magníficas e sérias desapareceram “milagrosamente” do catálogo, entre elas uma *História da Inquisição* em dois volumes, onde não só as torturas favoritas eram descritas, como também eram ilustradas com gravuras da época. O “Jesus” evangélico, se tivesse existido, não teria sofrido às mãos dos pagãos nem sequer uma parte dos requintes tormentos, produtos de uma diabólica crueldade, que os seus “meigos” seguidores infligiram durante centenas de anos sobre homens e mulheres cujo único crime foi terem a dignidade humana de recusar aceitar um credo crapuloso.

O sado-masiquismo é sempre o resultado de uma sexualidade reprimida. Padres que, sendo dotados de energia nervosa e vitalidade animal, cumprem os preceitos de sua crença e praticam a abstinência, tornam-se doentes psíquicos; e os muitos (cada vez mais numerosos) que fingem ser abstinentes em público, mas que em privado se aliviam de uma maneira ou de outra, tornam-se hipócritas. Como o ato sexual é uma das mais profundas formas de expressão da consciência (em todos os planos em que

esta existe), sua restrição indevida não pode deixar de criar as mais variadas enfermidades morais nos abstinentes. A falsa e perversa concepção de “castidade” inculcada pelos padres doentes e pelos padres hipócritas reflete-se nas leis e nos costumes da nação brasileira; não é de admirar que estejamos tão atrasados em progresso econômico e político em comparação com o resto do mundo civilizado, pois progresso econômico e político são simplesmente reflexos do progresso intelectual e moral.

Não se deve pensar que a influência daninha do cristismo sobre a sociedade humana é o profundo de uma deliberada malícia. Em teoria, a finalidade de qualquer sistema de misticismo é União com Deus (qualquer que seja a nossa definição de “Deus”); mas na prática, à nossa mínima debilidade orgânica ou negligência no controle dos nossos veículos, a finalidade pode se tornar a defesa do Ahamkara (ou Ego) contra toda possibilidade de mudança. Ora, União pressupõe Amor, e Amor pressupõe Mudança: nós crescemos espiritualmente na medida em que o nosso Ego se modifica e amplia ao incluir a vivência daqueles outros Egos com os quais entramos em contato. A União dos Opostos é essencial à ida do espírito e outro Ego que não o nosso é sempre uma forma do “Oposto” – o “Adversário”. Isto é natural. É a relutância normal do Antakharana (a faculdade que compõe e mantém o nosso Ego) em aceitar Mudança que produz em nós aquele ódio surdo e íntimo que sempre acompanha mesmo o verdadeiro Amor, e só se dissolve (por algum tempo!) no momento do Êxtase, ou Orgasmo.

Místicos que permitem a essa tendência repulsora do Antakharana anular a tendência contrária, tornam-se como aqueles macaquinhos da imagem oriental: ou recusam ver, ou recusam ouvir, ou recusam falar. Submetem-se aos embates da Realidade é-lhes tão doloroso que, se não causassem tanto mal ao mundo pela sua covardia, poderíamos sentir compaixão por eles. O medo do “Mal”, da “Danação Eterna” e do “Pecado” é sincero nessa gente: a estrutura da sua teologia tem sempre sido doentia desde aquela malfadada ocasião e Nicéia quando eles salvaram o seu “Jesus” – o símbolo de suas próprias aspirações egóicas – da necessidade de Mudança ao fazerem dele “divino”, isto é, “imutável”. (5)

Para tais místicos mal treinados ou doentes, a mera existência de homens e mulheres que, sem aceitarem os seus dogmas ou acatarem os seus preconceitos, conseguem rir, amar, e serem felizes, é uma provocação indizível, um insulto intolerável, e (o que é o pior para eles!) uma ameaça contra aquela teia de sofismas, vícios de conduta, e sentimentos doentios através da qual eles procuram manter intactos os seus Super-Egos. Os desatinos dos Inquisidores há duzentos anos, ou os desatinos da Censura no momento atual, têm a mesma origem psicológica. O Fausto de Goethe exigiu que o momento parasse, porque era Belo; mas a verdadeira Beleza consiste na sucessão dos momentos, quer eles sejam “belos” (isto é, agradáveis ao Ego que os percebe, tal como este está estruturado no momento em que eles ocorrem), quer sejam “feios” (isto é, sugiram ao Ego que existe algo no Universo além da sua falsa estabilidade presente). Não é possível progredir sem mudar; e se o fato de que também não é possível regredir sem mudar nos parece motivo suficiente para evitar mudança, então somos como aqueles “soldados profissionais” a que o Livro da Lei se refere, os quais não se atrevem a lutar. (6)

Não vemos melhor maneira de terminar este capítulo do que citando as palavras de um grande poeta e místico inglês, William Blake, (7) o qual as escreveu faz

mais de duzentos anos e que, como tinha a felicidade de viver num país semi-civilizado, não foi queimado na fogueira, nem atirado em masmorras, nem cortado pela censura:

“Tal como a lagarta escolhe as folhas mais viçosas para depositar seus ovos, assim o padre deposita a sua maldição sobre as mais belas alegrias.

“prisões são construídas com tijolos de Lei; bordéis, com tijolos de Religião.

“O fraco em coragem é forte em astúcia.

“Tu nunca saberás o que é bastante se não souberes o que é demasiado.

“Nenhuma ave voa demasiado alto, contanto que voe com suas próprias asas.

“Que os negros roupetas da opressão deixem de manchar o mundo com a baba dos seus preconceitos; nem lhes seja mais permitido perseguir os profetas da alvorada!

“Pois tudo quanto vive é Santo.

(1) *Repetimos categoricamente que qualquer organização que use abertamente esse nome não pode, por definição, ter qualquer ligação espiritual ou histórica com o movimento original dos “rosacruzes” medievais. A decadência da organização que freqüentávamos foi sem dúvida um produto da sua pretensão. O fundador pertencera à O.T.O., e estivera, inclusive, em contato pessoal com o nosso Instrutor (que então ainda não havíamos encontrado) e com Crowley; mas desvirtuara seus conhecimentos com finalidades puramente pessoais. No entanto, sua conexão cármica com legítimos iniciados possibilitou-nos um eventual contato com a corrente telêmica; mas isto só ocorreu na medida em que reprovávamos e nos afastávamos das atividades daquela particular “ordem” a que nos havíamos afiliado.*

(2) *Que conseguiu durante anos se passar por ocultista e iniciada entre os incultos – em terra de cegos, um caolho é rei, contanto que finja que também é cego.*

(3) *Um dos livros Santos de Télema. Descreve a Iniciação de um Mestre do Templo.*

(4) *Sagittarius. Veja-se os Diagramas em O Equinócio dos Deuses, e a carta Temperança, ou Arte, no Taro.*

(5) *Note-se que isso foi apenas um reflexo do “atmã” hindu. Esse tipo de erro não é exclusivo de qualquer sistema; todos nós corremos perigo de cair nesse mundéu a qualquer momento. Veja-se Líber AL, Capítulo ii, vv, 24-27, em EQUINÓCIO DOS DEUSES.*

(6) *Veja-se Líber AL, iii, 57, em O EQUINÓCIO DOS DEUSES.*

(7) *A encarnação da Besta 666 posterior à sua encarnação como Cagliostro, e anterior à sua encarnação como Elifas Levi.*

Capítulo XII

A FAMÍLIA E OUTRAS SUPERSTIÇÕES

Em 1963 e.v. publicamos um livro intitulado “Chamando os Filhos do Sol”, o qual foi a primeira publicação telêmica em português desde os escritos de Fernando Pessoa, o grande poeta e iniciado. Nesse livro anunciávamos a A.’A.’ e a O.T.O., e criticávamos duramente o comunismo, que era então a filosofia da moda entre os liberais e ameaçava dominar politicamente o governo. (Em 1964 e.v. mandamos destruir a edição, pois não queríamos ser identificados com o reacionarismo ultra-direitista que sabíamos iria resultar da assim-chamada “Revolução”).

Entretanto, o livro havia vendido uma razoável quantidade de exemplares e tinha nos angariado uma pequena quantidade de correspondentes e candidatos à iniciação. Em 1965 e.v. encontrávamo-nos como hóspedes na residência de um desses discípulos, e pilheriando com sua filhinha de oito anos dissemos-lhe: “Por enquanto você ainda é muito criança para flertar comigo. Daqui a dez anos eu passo você na cara”.

A criança não deveria ter entendido a expressão; ela estava flertando conosco, realmente, mas este flerte era a atividade espontânea e inocente do desenvolvimento genético. Porém, ao lhe dizermos isto, notamos que havíamos nos enganado quanto ao seu estágio de desenvolvimento intelectual: ela nos olhou com uma expressão de tal malícia que fomos impelidos a recolher-nos ao Silêncio e retiramo-nos da sala. (1)

Alguns dias depois o pai (que estivera presente, assim como a mãe, à nossa conversação com a filha) interpelou-nos duramente em particular, acusando-nos de tentar hipnotizar a menina para “uso” futuro.

- Você está sendo ridículo – dissemos-lhe. – Será que não percebe que é o seu ciúme sexual de sua filha que lhe leva a me falar assim?

- Eu não tenho ciúme sexual de minha filha! – ele esbravejou. – Esse insulto é prova da sua obsessão com o sexo! Eu só quero proteger a inocência dela!

Não podíamos lhe dizer que inocência era coisa que a filha dele não tinha, aos oito anos de idade; isto apenas iria aumentar o ciúme doentio do pai, e prejudicar o desenvolvimento da criança durante a puberdade e a adolescência. Decidimos, pois, que o mais conveniente nas circunstâncias era sairmos de sua casa, e assim fizemos, para nunca mais voltar. (2)

Trocamos correspondência com este discípulo ainda durante alguns meses após esse incidente; finalmente, sua insubordinação e desrespeito nos levaram a cortar contato com ele.

Doze anos mais tarde esse mesmo indivíduo entrou novamente em contato conosco. Submetemo-lo a um teste preliminar de obediência, no qual ele passou; e

aceitamo-lo como discípulo uma vez mais. Logo, porém, pressentimos que não mudara em nada: seus recalques, e seu ódio surdo por nós, (3) continuavam os mesmos. Hávamos ensinado a esse homem uma fórmula mágica de grande poder. (4) Ao entrar ele em contato conosco novamente, solicitamos-lhe que nos enviasse um Relatório Mágico dos doze anos decorridos. Assim fez. Averiguamos que, com o auxílio da fórmula de poder que lhe fornecêramos, tinha melhorado bastante o nível de vida de sua família; mas averiguamos igualmente que era perigoso contrariá-lo em alguma coisa. Entre outros casos, citava um militar de alta patente que o prejudicara indiretamente num negócio; pouco após, a filha desse militar falecera de um mal súbito. Um negociante tentara passa-lo para trás numa empreitada; este comerciante caíra seriamente doente, e um filho seu morrera num acidente de automóvel. O Relatório indicava que nosso discípulo associava as desventuras desses opositores com a interferência deles em suas atividades.

Escrevemos-lhe, reprovando-o duramente. Você se chama de telemita, dissemos-lhe, mas a sua psicologia parece aquela de qualquer feiticeira da Idade Média.

Replicou-nos, furioso, dizendo que não tínhamos moral para acusa-lo, pois tentáramos hipnotizar a sua filha para que nos servisse de concubina. “Ou você acha que é atitude de um Iniciado decretar a uma menina de oito anos que vai *passa-la na cara* daí a dez anos? E a Vontade da menina, não entra em conta?”

Lemos esta carta com profundo espanto: pensávamos que a estupidez e a obstinação de pretensos candidatos à Iniciação não poderiam nos surpreender mais; e aqui estava um desmentido. É claro que esquecêramos, tanto o incidente, quanto a menina; mas a insistência do pai trouxe-nos a cena de volta à memória. Poderíamos ter tentado explicar que nunca nos passara pela mente forçar a menina a se submeter a nós (!); mas a explicação era tão óbvia que oferece-la a um pretense candidato à iniciação telêmica seria uma farsa. Além disto, tínhamos certeza de que este homem não nos acreditaria se nos desculpássemos; ele pensaria que estávamos mentindo. Ele renovara contato conosco simplesmente para nos “provar” que não tínhamos mais “poder” do que ele sobre a sua filha; para provar que era mais poderoso do que nós.

Enviamos-lhe, pois, as seguintes linhas:

“Sinto muito que você se sinta tão inferiorizado em relação a mim, e morreria com prazer para evitar que minha existência lhe oprimisse tanto; mas infelizmente tenho compromissos prévios que considero de maior importância que o conforto do seu ego puramente mundano.

“Quanto a sua filha, eu tinha esquecido a existência da menina, mas lembro-me agora de que percebi nela uma certa grosseria do sensorium (kama-rupa), que sem dúvida ela herdou do pai. Ela terá que procurar outro parceiro ou parceiros para este fim. Faço votos sinceros, em benefício do progresso dela nesta encarnação, que encontre alguém um pouco mais refinado do que ela, e bastante mais refinado do que o pai”.

A finalidade desta carta era testar o controle egóico do discípulo; como já esperávamos, ele fracassou na ordália, o que nos possibilitou cortar contato com ele pro completo. (5)

Pode parecer incrível que, nos dias de hoje, uma pessoa interessada (ou que se diz interessada) em parapsicologia possa ignorar o trabalho de pioneiros como Freud, Adler, Jung, Stekel e Reich. Mas no Brasil tudo é possível, até mesmo censura e “liberdade dirigida”. Afinal de contas, o que se pode esperar de um país que permite que se diga dele que é o país mais católico romano sobre a face da terra?

Esperamos que nossos leitores, pelo menos, já tenham ouvido falar no Complexo de Édipo e no Complexo de Electra; mas é possível que não tenham refletido sobre a existência do Complexo de Jocasta e do Complexo de Agamenon!

Tanto o amor materno quanto o amor paterno, no que têm de normal e sadio, são instintos puramente animais. Não há por que celebrar como “divinos” ou “inigualáveis” sentimentos que a humanidade, frequentemente, exhibe com menos perfeição que outros membros da classe dos mamíferos (ou até mesmo membros de outras classes do seu filo!).

Quando o sentimento que uma mãe, ou um pai, tem por seu filho, ou sua filha, sai do nível do instinto, entra, inevitavelmente, no nível da libido.

Todo sentimento de afeição humano é basicamente sexual em sua origem, como disse Freud; e é por isto que homens que zombam de homossexuais, ou os humilham enquanto os usam, são suspeitos de gostos parecidos. Tais homens, em geral, têm um “amigo do peito”, ou pertencem a uma patota favorita, ou têm reuniões anuais com colegas de universidade ou de colégio.

Eça de Queiroz definiu a família, em certa ocasião, como “um grupo de egoísmos que janta de chinelas”. No que concerne ao egoísmo, este fino epigrama se aplica a qualquer grupo humano; o problema consiste em que o egoísmo pode se tornar demasiado, como no caso do pai (tipicamente um super-pai brasileiro) acima referido. Este assunto da possessividade genitora (ou talvez devêssemos dizer *genital*!) foi delicadamente tratado por Gibran em um dos seus poemas:

“Vossos filhos não são vossos filhos.

“Eles vêm através de vós, mas não de vós.

“E embora vivam conosco, não vos pertencem.

“Podeis dar-lhes vosso amor, mas não vossos pensamentos.

“Porque eles têm seus pensamentos próprios.

“Podeis abrigar-lhes o corpo, mas não o espírito.

“Podeis esforçar-vos em ser como eles, mas não busqueis fazê-los como vós.

“Pois a vida não anda para trás.

Por nossa vez, em “*Chamando os Filhos do Sol*” publicamos as seguintes linhas:

“Quereis educar bem os vossos filhos? Tratai-os como frescas encarnações da divindade, deuses recém-descidos ao mundo, verdes mensageiros das alturas, emissários do mundo misterioso do além-túmulo a que ireis dar um dia. Proporcionai-lhes todas as oportunidades de adquirir conhecimento e experiência, e deixar que eles escolham livremente entre todas as oportunidades que lhes proporcionais. Não os limiteis nunca a não ser nas coisas que o bom senso manda, isto é, na conservação da saúde e na disciplina da inteligência. Está bem comandar a uma criança que não ponha a mão no fogo; mas é melhor ainda explicar-lhe que o fogo queima os descuidados, e dar-lhe uma demonstração. Quando vosso filho ou vossa filha atinge a idade da responsabilidade, isto é, a puberdade, momento em que o Fogo se manifesta pela primeira vez através da inteira carne, ou a Água jorra pelos portais da vida com sua doçura e alegria, não tenteis apagar o fogo, nem tenteis represar a água. Ensinai antes ao menino ou à menina tudo que sabeis a respeito da reprodução dos sexos, o que não é muito; ensinai-lhes como evitar a concepção involuntária, tendência natural do ser instintivo; ensinai-lhes as regras de higiene que conservam o aparelho criador livre das chamadas doenças venéreas; e assim, cumprindo o vosso dever, deixai que corram os vossos filhos livremente o largo mundo. Se tivestes o cuidado de respeitar o julgamento de vossos filhos desde o berço, se cultivastes com desvelo a vossa essência interna, ressoando assim na virtude interna de vossos filhos, se, enfim, habituastes os vossos filhos ao destemor e à liberdade, eles amarão sem prejudicar e sem serem prejudicados, e voarão mais alto e mais longe do que jamais alcançastes.

“Que maior fonte de orgulho podem ter os pais, do que ver como os seus filhos os ultrapassaram em tudo? E há nisto simples e saudável egoísmo, que se fazeis de vossos filhos homens e mulheres mais livres e mais fortes do que sois, eles, por sua vez, farão de vós homens e mulheres mais livres e mais fortes ainda, quando reencarnardes no meio deles.

“Cada criança que nasce e cresce saudável e livre é a esperança da humanidade. Portanto, regai as flores, ó homens, se quereis um dia colher os frutos!”

Estes ideais podem ser considerados nobres, ou estúpidos, pelos leitores; o problema é que eles não são, realmente, *idéias*: são conclusões baseadas em fatos.

Este capítulo leva como título *A família e outras superstições*. Que é uma superstição? Os dicionários definem a palavra como significando apego exagerado a alguma crença ou dogma sem base nos fatos. Mas embora a humanidade, como bem disse Fernando Pessoa, tenda a ser estúpida, ela não é estúpida a ponto de se apegar espontaneamente ao que não é prático. Uma superstição, portanto, é um apego exagerado a algum fato, ou conjunto de fatos, que já foi prático e adequado ao bem-estar humano; mas que deixou de assim ser, por algum motivo.

Ora, o mais comum motivo pelo qual atitudes deixam de ser práticas é o processo evolutivo, isto é: a Lei de Mudança.

Em épocas pré-históricas a família era fonte de união e de força para um grupo de seres humanos; juntos eles eram mais eficientes contra outros grupos, ou contra os grandes perigos que os cercavam.

Em épocas históricas, antes da idade industrial, ainda a família era útil – mas principalmente útil aos pais, cujo principal motivo para terem filhos era a obtenção de trabalhadores na lavoura ou no artesanato a quem não precisavam pagar salários.

Na época moderna, com a industrialização das cidades e a mecanização da agricultura, a família deixou de ter sentido econômico. Filhos, a não ser para os muitos pobres ou para os muito ricos, são um peso e uma desvantagem.

Note-se que nunca houve, na formação da família, qualquer verdadeiro sentido de “amor” ou “amizade”. A lenda do “amor fraterno” é desmentida pela lenda de Júpiter matando Saturno para lhe herdar o trono; a lenda do “amor paterno” é desmentida pela lenda de Jeová expulsando Adão e Eva do Paraíso; a lenda do “amor materno” é desmentida por Cibele, emasculando seu filho Átis para conserva-lo preso.

A realidade é bem outra: a família não apenas é um grupo de egoísmos que janta de chinelas, como é um círculo telepático de conformismo e inércia.

Como escreveu o Mestre THERION: “Em todo sistema de treino mágico ou místico, a primeira condição que os Aspirantes devem cumprir é colocar a família de uma vez por todas, fora do seu círculo.

“Mesmo os Evangelhos insistem claramente e persistentemente nisto.

“O próprio Cristo (isto é, quem quer que seja designado por este título na passagem) renega a sua mãe e os seus irmãos (Lucas, viii, 19). E repetidamente ele condiciona o discipulado à renúncia total de todos os laços familiares. Ele nem sequer queria permitir a um homem que comparecesse ao enterro do pai! (6)

“Eu creio que a definição do problema deveria incluir qualquer conjunto de pessoas as quais têm interesses em comum dos quais elas esperam que você compartilhe. A nossa velha turma, o nosso clube, a nossa firma, o nosso partido, o nosso país: qualquer um desses poderá se irritar bastante se você se interessar por assuntos que nada têm a ver com eles. Mas a família é o tipo clássico, porque a sua atração é tão potente e persistente. O condicionamento começou quando você nasceu; a sua personalidade é deliberadamente repuxada e contorcida para se adaptar ao código dos seus parentes; e o conhecimento que eles têm da zoologia é tão imperfeito que estão sempre certos de que o Patinho Feio deles é na realidade uma Ovelha Negra.

“A força toda da família está no fato de que ela só se preocupa com a família; sua fórmula mágica, portanto, é necessariamente hostil a um fito tão exclusivamente individual quanto é a Iniciação.

A renúncia à liberdade individual em prol de um grupo, por penosa que seja, possibilitou a sobrevivência de nossa espécie na pré-história; mas nos tempos modernos não é necessário mantermos uma concepção grupal que só foi realmente útil aos trogloditas.

Nós todos sabemos que a “revolução” de 1964 e.v. foi feita por católicos romanos e teve como grupo tático a “família”. O pretexto desta empreitada financeira por parte de interesses escusos era precisamente que o “materialismo ateu” iria “destruir a família e os valores cristãos”.

Quanto aos valores “cristãos”, já os discutimos suficientemente em *Carta a um Maçom*, e não desejamos repetir o que lá dissemos há quinze anos. Quanto à família, talvez seja uma surpresa para os ingênuos, mas ninguém defende a família, e o conformismo e a apatia moral que ela representa, como o totalitarismo soviético ou o totalitarismo chinês.

A existência da família diminui a possibilidade de revolta contra o Sistema – qualquer que seja o Sistema – porque diminui a iniciativa e o espírito de aventura do cidadão individual.

Lembramo-nos de que, quando os Estados Unidos entraram na Guerra da Coréia, discutiu-se a possibilidade de que o Brasil enviaria uma força expedicionária – como fez o Canadá, por exemplo. Estávamos no círculo familiar nesta ocasião quando o assunto veio à baila.

- Se o Brasil enviar uma força expedicionária eu irei – dissemos.

Nossa mãe olhou-nos com assombro.

- Irá por que?

- Porque eu sou reservista e fui aluno do Colégio Militar. Além disto, detesto o comunismo.

- Você não irá não! – nossa mãe gritou. – Se for preciso, eu corto o seu dedo indicador para você não ir!

Bom, pelo menos era apenas o nosso dedo indicador que ela queria cortar. Mas embora, na época, não soubéssemos da história de Átis, achamos que seria prudentes sairmos da vizinhança de uma pessoa que considerava qualquer parte de nosso corpo sua propriedade particular; e assim fizemos tão logo atingimos a maioridade. Fomos morar nos Estados Unidos, e só regressamos ao Brasil depois da morte de Jocasta.

O que nos traz a considerações de outra superstição muito popular, o “amor materno”. Quanto a este, tem a dizer o Mestre THERION:

Você declara entusiasticamente que o amor da mãe pela prole é algo que homem nenhum pode entender; (7) e você parece achar que este argumento é irrespondível!

Bem, alguns homens, pelo menos, tentaram entendê-lo; entre outros, entra Émile Zola, com seu romance *La Terre* debaixo do braço.

Irá ele bancar o poeta romântico e nos falar de rosas perfumosas e do brilho do orvalho na noite enluarada?

De jeito nenhum.

A *Terra*, para ele, é realmente a mãe de todos os seres humanos: fonte única do nosso alimento essencial; à terra estamos todos acorrentados pelos nossos inexoráveis corpos, nossa necessidade irresistível de viver – e de morrer.

Não é sublime a tese? E como Zola a demonstra? Simples: uma vaca está parindo uma cria num estábulo; ao mesmo tempo, a dona da vaca está parindo uma criança na casa da fazenda. O escritor descreve os dois acontecimentos simultaneamente; pula de um para o outro de tal forma que breve o leitor perde o fio e não sabe se é a vaca que está “dando à luz” ou se é a mulher quem está tendo cria.

O mingau ralo acumulado de um bilhão de sentimentalistas estala em vão contra este feio penhasco de verdade nua.

Mas – dirá você – está bem, Zola está descrevendo o parto de uma mulher do campo, uma pessoa rústica e de sentimentos grosseiros.

Esta desculpa não serve, Ó tu Aspirante à Sabedoria Secreta! Sob o efeito de anestésicos, as mais refinadas senhoras das mais altas posições sociais e com as melhores reputações religiosas são capazes de dizer torrentes de sujeiras que envergonhariam as mais grosseiras megeras das favelas.

Daí concluímos que enquanto nossa existência estiver ligada aos reinos animal e vegetal, de maneira a permanecermos escravos natos dos hábitos totalmente inevitáveis da matéria, continuaremos sendo arrastados de volta de qualquer vôo do ideal ou da imaginação que tente quebrar as cadeias que nos ancoram à lama.

Mas há outro aspecto do “amor materno” que é urgente, prático, e independe de considerações filosóficas.

O que encontramos, na prática, como consequência deste instinto “sublime” e “sagrado” ?

A fórmula mágica do homem é atirar-se para fora; a da mulher é encerrar dentro de si mesma. (8)

Portanto, como até Jung percebeu em seu primeiro livro, e declarou explicitamente, a primeira tarefa da hombridade – do “herói” – é escapar da mãe. Ora, no caso do filho, com sua fórmula masculina, é fácil “cuspir no prato que comeu”; mas a filha não tem porrete (9) nem espada (10); sua única esperança é arranjar um homem como fez a mãe: a ameba, que nasce por fissão, nutre-se estendendo seus pseudópodes para desenvolver quaisquer partículas que cheguem ao seu alcance; ela é um parasita de sua própria genitora até que a fissão se complete.

A fórmula da mulher normalmente se manifesta como o instinto possessivo; frequentemente se mascara em “instinto protetor”, mas a verdade essencial é que seu

impulso é devorar. Daí a idéia mortal do “lar”, onde ela pode digerir suas vítimas em segurança e tão devagar lhe aprouver. (11)

Portanto, quando a gente ouve dizer que uma mãe é “tão boa”, “tão dedicada à filha” – coitada da filha!

Não lhe permitem nunca decidir por si mesma, nem sequer nas coisas mais mínimas; está acorrentada pé e mão ao seu “decente lar cristão”; é uma criada doméstica sem férias nem salário. Nem poderá escapar, a não ser que o vampirismo da mãe se manifeste na forma de vende-la em leilão ao “melhor partido”.

Será preciso acrescentar que a “boa mãe” usualmente não está consciente de tudo isto, e que lerá esta simples descrição dos fatos com revolta e indignação?

Mas a verdade é esta: a fórmula feminina é a Morte: o “retorno à Grande Mãe” é a catástrofe do herói nas lendas.

Deveria ser desnecessário acrescentar a conclusão; portanto, talvez seja melhor que eu a acrescente: Quem quer que não tenha destruído totalmente e para sempre qualquer vestígio deste instinto em si mesmo ou si mesma, arrancando toda raiz e torrando-a com Fogo, não está em condições de dar o primeiro passo no Caminho dos Sábios.

Não é com estas poucas mas bem escolhidas palavras que eu me proponho a aumentar minha popularidade nos clubes de senhoras nos Estados Unidos. (12)

Faz aproximadamente dez anos um conhecido nosso, judeu e sionista, levou-nos a visitar parentes seus em Niterói. Era o primeiro contato que tínhamos com uma família ortodoxa israelita, e tivemos oportunidade de constatar que os complexos e recalques relacionados com a família não são exclusividade dos católicos romanos (13)

Entre os membros da família havia uma moça de uns vinte e cinco anos, inteligente e atraente, que trabalhava em posição de responsabilidade numa firma comercial; e em dado momento seus parentes começaram a insistir com ela sobre as grandes vantagens de se casar e constituir família; eventualmente, sobre as doçuras de ser mãe e ter filhos.

Observando a expressão fisionômica da moça enquanto seus parentes falavam, fomos levados a fazer o seguinte comentário:

- Pessoalmente, eu não gosto de ver uma mulher grávida. Acho feio, grotesco, e animal. Lembra-me uma vaca a ponto de dar cria.

Enquanto os parentes constrangidos (e talvez chocados) pararam um momento de falar, a moça nos lançou um olhar de compreensão e gratidão. Quando a conversa recomeçou, os familiares passaram a outro assunto.

Ao sairmos da residência, nosso conhecido nos exclamou:

- Você não tem um pingão de tato! Aquela menina não quer casar, e você ainda via e diz uma coisa daquelas na frente dela!

Não replicamos a este comentário; mas o que ocorrera é que tínhamos sentido a relutância da moça, e tínhamos sentido que sua origem era precisamente uma repulsa pelo embrutecimento do espírito que a gravidez representa. Nossa intenção fora trazer-lhe seus próprios motivos à consciência, e provar-lhe que não estava só no mundo, nem era anormal por suas reações.

Em nossa opinião, não diminuimos as possibilidades da moça se tornar esposa e constituir família pela produção dessa catarse: pelo contrário. Decisões no nível humano só devem ser tomadas em sã consciência. As mulheres que reconhecem e admitem que a gravidez, o parto, e a maternidade são atividades puramente animais, quase sempre são as melhores mães: são as que menos tentam aprisionar e escravizar seus filhos.

A lenda da “Virgem Maria” – isto é, de uma mulher que concebe sem cópula e pare sem dor – é uma tentativa patética do falso misticismo cristista de evitar a percepção, por parte da humanidade, de que a “Família” – longe de ser santa – é um dinossauro cultural em vias de extinção. Reproduzimos aqui um trecho de uma carta publicada num jornal brasileiro de grande circulação durante a “Semana Santa” de 1978 e.v. por um padre romano:

“... nada nos impede admitir que o próprio Jesus, nascendo para sofrer, quisesse poupar à sua Mãe as dores do parto.

Não consta que o parto de Maria tenha sido doloroso. O que consta é que ela se dirigiu para ele com um entusiasmo radioso e a animação do amor (comum em quase todas as mães) de que o canto do *Magnificat* é uma manifestação calorosa. Consta também que no estábulo, com o seu filho recém-nascido, ela estava serena e silenciosa.

É claro que para os católicos o parto de Nossa Senhora foi em tudo e por tudo diferente de todos os outros partos. É natural que não gostemos e que, até, nos sintamos feridos e machucados com qualquer coisa que se diga em detrimento da grandeza humana e divina da mãe que amamos e reverenciamos e que tomemos como ingênua qualquer tentativa de pôr em dúvida a sua nobreza.

“... Seja-nos lícito introduzir uma apreciação terminal. A tolice talvez não chegue a ser uma ofensa à Virgem, mas é, sem dúvida, um desserviço à maternidade. Expor a maior das mães dando um espetáculo de descontrole e de medo não ajuda as futuras mães a viver jubilosamente, com radiosa expectativa, à espera de seus filhos e a alegria de vê-los nascer. O filme, assistido por gente jovem, por moças que esperam ser mãe (sic), oferecerá uma falsa imagem do parto, irá semear insegurança e apreensão e, consequentemente, (sic) fará um grande mal”.

É realmente afortunado que os tempos progrediram, e os católicos romanos não podem desabafar seus “ferimentos” e “machucaduras” teológicos da forma como faziam na época da Inquisição. O mais interessante é que a carta acima foi escrita em protesto a um pseudo-documentário sobre “as condições políticas que levaram à

execução de Jesus”, exibido em horário nobre pela TV Globo, a mais católico-romana das cadeias de TV brasileiras!

Note-se a dicotomia característica do dogma cristista, e particularmente do dogma católico romano: o padre protesta porque o “documentário” exhibe a “maior das mães” sentindo dores do parto; a seguir, alega que esta exibição irá desencorajar futuras genitoras de aumentar a superpopulação mundial; mas enfatiza, simultaneamente, que a única mulher que foi isentada pelo Sistema das dores, e desconfortos decorrentes do parto foi a “mãe de Deus”.

Como de costume, a Igreja Romana nada dá, e tudo quer tomar, à raça humana. Seria o caso de sugerir a esse padre, que não quer que as mulheres exibam descontrole nem medo, que ache um meio de engravidar e parir, ele mesmo, a fim de ver como é bom.

O complexo de culpa e o desejo de ser punido é incutido no cristista praticamente desde o berço: a religião inteira celebra a apoteose da dor e do sofrimento. Sofrer é expiar; expiar é ser salvo; ser salvo é não ir para o inferno, onde seguramente irão parar todos que não pertençam a essa “santa religião”.

Digamos, alto e bom tom, algumas verdades: a gravidez é um peso inestético e incômodo; o parto é um acontecimento desagradável e bestial; os filhos, no mundo atual, representam um tal peso financeiro que só uma minoria de seres humanos está emocionalmente capacitada para agüentar a carga de tensão nervosa que decorre da criação de uma família.

Essa minoria inclui pouquíssimos crististas. O próprio treino religioso que eles recebem desprepara-os para as realidades da vida.

Lembramo-nos de que, numa classe mais adiantada daquele mesmo curso de onde fomos despedidos, trouxemos à baila numa conversação em inglês o assunto de bebês de proveta. Sugerimos que dentro em breve serão poupados às mulheres o peso da gravidez e o sofrimento do parto: uma vez constatado que o óvulo foi fertilizado, ele poderá ser facilmente extraído, sem dor nem dano, e colocado num útero artificial onde as necessárias substâncias nutrientes poderão ser cuidadosamente dosadas de acordo com o desenvolvimento do feto. (Isto não é nem sonho nem ficção-científica: a experiência já foi feita, debaixo de enorme sigilo, em muitas partes do mundo).

Uma das moças presentes protestou calorosamente contra a idéia.

- Eu quero sofrer a dor do parto do meu filho!

Note-se que disse *filho*. Algumas perguntas elucidaram os seguintes fatos: essa moça recentemente fizera uma operação plástica para corrigir um nariz demasiado grande; estava noiva, e era extremamente ciumenta e possessiva; e era aluna de cursinho...

Para aqueles de nossos leitores cujo conhecimento de psicologia é rudimentar: pessoas de ambos os sexos que são naturalmente dotadas de grande beleza física tendem a ser menos ciumentas e possessivas que aquelas (a grande maioria) que,

por algum motivo, têm dúvidas sobre a sua capacidade de atrair o sexo oposto (ou o seu próprio!). Não fosse o condicionamento provocado por mil e seiscentos anos de cristismo, é provável que a atitude dos belos, de ambos os sexos, para com a “infidelidade” sexual, fosse tão adulta e equilibrada quanto aquela que os nativos dos arquipélagos dos Mares do Sul tinham antes da invasão dos missionários crististas (14). Juntando-se aos recalques dessa moça o seu condicionamento como aluna de cursilho, não é de admirar que expressasse desejo de sofrer sem necessidade!

A idéia de que aquilo que nos causa dor e sofrimento para obter tem mais valor do que as coisas que conseguimos sem dificuldade é, evidentemente, irracional: provém da concepção do Deus Sacrificado, que tanto influenciou as culturas indo-européias, principalmente os judeus e os crististas. *Sacrificar* significa, simplesmente, *consagrar*; a associação desta idéia com sensações e situações dolorosas é um condicionamento masoquista que (como é inevitável) inclui uma corrente subconsciente de sadismo.

A origem deste condicionamento foi brilhantemente estudada em “*O Ramo Dourado*” pelo grande antropologista inglês Sir James Frazer. Este livro, que por óbvios motivos nunca ainda foi publicado em português, traça as analogias entre os vários cultos do Deus Sacrificado no continente europeu, e suas origens na pré-história da Europa e da Ásia. Esta obra monumental está dividida em vários volumes, cada um cobrindo um deus que morre e ressuscita. “Jesus” ocupa um dos volumes apenas.

Do ponto de vista científico – isto é, do bom-senso organizado – a dor é um sintoma de erro ou ineficiência. A dor fisiológica (que é a origem de *qualquer* concepção emocional ou mental do sofrimento) foi estabelecida para nos servir de aviso de que há algo errado na relação do nosso psicossoma com o nosso meio-ambiente. A idéia de que há um valor moral especial em sofrer é uma característica cultural e adquirida; não é uma tendência normal (isto é, sadia) em qualquer espécie viva; principalmente não na espécie-humana.

O grande Fernando Pessoa, em certa ocasião, escreveu estas linhas lapidares:

“O amor é que é essencial.
O sexo é só um acidente
Pode ser igual
Ou diferente
O homem não é um animal:
É uma carne inteligente,
Embora às vezes doente”.

Os animais raramente experimentam dor durante o parto; e é sabido que em certas tribos primitivas as mulheres simplesmente escolhem um lugar solitário e se agacham quando chega a hora de parir; e o fazem sem gritar, sem gemer, e sem necessidade de parteira ou obstetra.

O fato de que o parto está se tornando progressivamente mais doloroso para a mulher civilizada indica que a humanidade está se distanciando cada vez mais das suas origens puramente animais; a “carne” está se tornando mais “inteligente”,

consequentemente mais complexa e mais sensível. Ora, é preciso usar a inteligência se quisermos aliviar a carne!

Os cursilhos são tentativas de adaptar a teologia católica-romana às condições sócio-político-econômicas do fim do Século Vinte (15). Estas tentativas estão fadadas ao fracasso enquanto o Credo de Nicéia continuar sendo o Decálogo oficial do romanismo. Entrementes, o condicionamento sadomasoquista do brasileiro médio aparece das formas mais inesperadas e surpreendentes. Veja-se, por exemplo, a seguinte anedota, extraída do jornal “*O Pasquim*”, que é sem dúvida alguma o porta-voz presente da “vanguarda” cursilhista:

“... Esta se passa na América Central ou no Caribe, por ali. Estavam dizendo que o padre era comunista, agitador, subversivo. Aí, no domingo, todo mundo foi à sua missa pra ver o que o padre ia dizer. E ele começou:

- Meus caros irmãos, vamos hoje falar de nosso querido Generalíssimo, nosso bem amado Jefe Supremo.

O pessoal do Serviço Secreto logo se arrumou nos bancos da igreja. E o padre continuou:

- Como todos nós sabemos, ele é nuestro amado mestre, el hijo boníssimo de la pátria, el hombre que sufre para que seamos todos felices, el major hombre de toda la tierra, el santificado conductor de nuestro pueblo eleito; el é justo e magnânimo, de una bondad incomparable...

O pessoal todo assustado, ouvindo as palavras do padre, os agentes acalmados, afinal o padre estava dizendo tudo conforme as ordens do figurino. Nisso o padre dá uma pausa. E continua:

- Pois, meus irmãos, yo estoy seguro que podemos comparar nuestro amado jefe a el hombre mas perfecto que já hubo sobre la tierra. Podemos?

E os fiéis gritaram:

- Podemos!

- Esto quer decir – falou o padre – que nuestro Jefe és exactamente como Jesus Cristo?

- És! Gritaram os fiéis.

- Entonces – disse o padre – se ele é como Jesus Cristo, por que é que a gente não sai daqui e não crucifica logo esse desgraçado?

Ao leitor médio, condicionado não só pela sua educação num meio-ambiente cristista, como geneticamente (e artificialmente) selecionado por mil anos de perseguições, torturas e genocídios, esta anedota pode parecer engraçada. Mas ela é tétrica para todos os Cristos – entre os quais podemos contar Sócrates, Giordano Bruno,

Michel Servet, Galileo, Henrique IV de França, o Almirante Coligny, Sir Francis Bacon, e uma infindável quantidade de outros.

As condições sócio-econômicas-políticas brasileiras são tais que os disparates mais absurdos ocorrem sem que ninguém se revolte. Por exemplo, recentemente um costureiro brasileiro homossexual apareceu repetidamente num programa de televisão; à medida que sua popularidade com o público se firmava, ele começou a trazer sua estimadíssima mamã para assistir ao programa, e a enche-la de agradinhos e presentes, para gáudio das matronas cibelistas. Eventualmente esse Átis moderno conseguiu um gordo contrato comercial com a cadeia em que aparecera – a mais católica romana de todas – e após isso deu entrevistas a jornais e revistas defendendo a concepção católica-romana da “família”!!!

Isto nos recorda uma observação ferina da escritora norte-americana Dorothy Parker: numa reunião de amigas, todas elas lésbicas, as amigas começaram a contar a ela seus casos de amor, e a se queixarem dos problemas de relacionamento: ciúmes, infidelidade, ajustamento emocional, etc. Dorothy Parker foi arregalando os olhos, arregalando os olhos, e finalmente não se conteve:

- E isto tudo de que vocês estão se queixando ainda não é nada!

Foi a vez das outras arregalarem os olhos.

- Não é nada?! Você acha que ainda pode ser pior?

- Se pode! – exclamou a maliciosa Dorothy. – Pensem só: e quando começarem a chegar os filhos ?!...

As feministas (que são surdamente combatidas no Brasil, e cujo movimento é constantemente desvirtuado por falsas representantes do feminismo, todas elas crististas!) nunca conseguirão a igualdade que tanto ambicionam, e que tanto merecem, enquanto as desvantagens representadas pela gravidez e a maternidade permanecerem. É verdade que a mulher vem sendo explorada há milênios; mas isto não ocorre porque os homens sejam *mais* egoístas ou maldosos do que as mulheres: é o resultado simples e direto de suas desvantagens puramente animais de fêmeas.

É aconselhável que as feministas percebam que o homem não é o vilão dessa tragicomédia que a família troglodita representa: o vilão é a própria existência animal, que a inteligência procura (e pode) transcender. A única maneira de sermos verdadeiras mulheres (ou sermos verdadeiros homens!) é nos lembrarmos de que, antes de pertencermos a um determinado sexo, pertencemos à espécie humana. Fossem os homens a parirem, e as mulheres a saírem para “sustentar o lar”, as variáveis da equação trocariam de lugar; mas os termos permaneceriam exatamente os mesmos.

Não há vilões tradicionais e absolutos na natureza; não caímos do céu, nem pecamos no “paraíso”, quer por conta própria ou conta alheia: somos apenas mais uma espécie viva em evolução dentro do Universo. Recentemente, desenvolvemos instrumentos de percepção que nos causam problemas de que a maioria dos outros animais está a salvo (pelo menos por enquanto). Neste livro, procuramos tratar de alguns tipos desses problemas. Não deve ser lamentado (pelo menos em nossa opinião)

que tais problemas existam: são o preço que a “carne” paga para ser “inteligente”; e não são nem permanentes, nem decretados por qualquer divindade (!). Quem aspira a escalar os cimos deve se lembrar de que os raios só atingem as montanhas. “Quem não arrisca não petisca”, diz o ditado popular; e, novamente como disse o genial Pessoa:

“Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena”.

(1) *A precocidade sexual era devida à vivência do pai, o qual, antes de se casar e se tornar burguês respeitável, havia, conforme nos confiou, trabalhado como proxeneta e sido sustentado por mulheres.*

(2) *Estávamos hospedados em casa desse discípulo a seu convite, e a contragosto: sabíamos que as vibrações da aura de um iniciado do grau que então tínhamos podiam exacerbar o ego de principiantes, e o preveníamos desta possibilidade quando de seu convite. Ele insistira, e cedêramos. É escusado dizer que este foi um erro que não tornamos a repetir.*

(3) *O discípulo sempre odeia o mestre, num certo plano de consciência: é a dor do Ego ao perceber a presença do Não-Ego. O progresso iniciático depende da capacidade do discípulo de manter esta repulsa (produto da reação do Antakharana) sob controle, e obedecer ao Instrutor.*

(4) *Para o qual ele ainda não estava preparado. Este foi outro erro que não voltamos a cometer.*

(5) *Um membro da A.'A.' está obrigado para com seus discípulos enquanto estes não desobedecerem a uma ordem dada em nome da Ordem. Nunca antes déramos uma ordem formal a esse homem, o que nos obrigou a recebe-lo de volta quando veio à nossa procura após doze anos de silêncio. A ordem que lhe demos, neste caso, foi simplesmente que cumprisse os compromissos que ele mesmo estabelecera conosco.*

(6) *“Deixa que os mortos enterrem os seus mortos”.*

(7) *Carta a uma discípula americana, escrita poucos anos antes de morrer.*

(8) *Note-se que as duas fórmulas são complementares; Crowley está aqui condenando a fixação sentimental da discípula num aspecto único da polaridade dos veículos.*

(9) *A Baqueta.*

(10) *Veja-se AL iii 11, em O EQUINÓCIO DOS DEUSES.*

(11) *lembramos aos leitores novamente (e principalmente às leitoras) que esta carta foi escrita a uma mulher, à qual Crowley em outra carta sugerida que adotasse, como Moto Mágico de Probacionista, as palavras “Fiat Yod”, isto é: “Que o Poder Criador Espiritual Masculino se manifeste em mim”.*

(12) *A discípula Jane Wolfe, era uma cidadã americana.*

(13) *Aliás, a concepção da família usada por crististas é herança direta das recomendações do Velho Testamento. Entre os judeus primitivos, vivendo em regiões inóspitas e ainda por cima invasores de terras alheias, era conveniente manter o espírito grupal tão aceso quanto possível; e isto os profetas fizeram, sempre falando, é claro, em nome de “Jeová”. Não há qualquer sistema religioso em que a concepção da família no estilo troglodita seja tão incentivada quanto no sistema israelita; e a quantidade de supermães e superpais judeus, em consequência, supera até hoje, tanto em número quanto em intensidade de atavismo, o número de supermães e superpais crististas. Isto, é claro, foi em grande parte devido às perseguições que os judeus sofreram às mãos dos meigos seguidores de “Jesus”: os judeus foram talvez o único povo da terra forçado a manter intacta a síndrome emocional da família troglodita por*

circunstâncias externas às suas aspirações. Isto serviu, também, para refinar este grupo cultural: durante mil anos os judeus burros ou incapazes foram sumariamente eliminados da corrente genética do grupo. Como resultado, os judeus formam hoje um dos mais eficientes e inteligentes grupos culturais sobre a face da terra, e as gerações mais recentes estão sempre na vanguarda dos inovadores das artes ou das ciências.

(14) O grande Mark Twain fez uma vez a observação ferina de que realmente era lamentável que os nativos dos mares do sul não tivessem tido a mínima concepção do que é o inferno antes da invasão dos missionários.

(15) Sabemos aliás, que grande parte do material ensinado em cursilhos foi inspirado pelas críticas feitas por nós ao catolicismo romano, em mais de quatrocentas cartas a espiões e informantes (disfarçados em candidatos à Iniciação) escritas entre 1964 e.v. e o presente.

SOCIEDADE
ORDO TEMPLIS ORIENTIS
NO BRASIL

MANIFESTO

Faze o que tu queres há de ser tudo da Lei.

O mundo necessita de religião. O ser humano é constituído de tal maneira que aspira às alturas mais nobres de seu próprio ser.

O pior inimigo da religião é o dogma. Aqueles que chegam a um planalto em suas próprias consciências frequentemente procuram evitar que seus semelhantes os ultrapassem. Uns fazem isto com boa intenção, convencidos de que a verdade parcial que alcançaram é suficiente para todos. Outros fazem isto porque, obcecados de orgulho, não querem admitir, nem sequer a si mesmos, que seus semelhantes possam ter mais fôlego ou visão do que eles.

A Ordo Templi Orientis, ou Ordem do Templo do Oriente (o nome tem um sentido simbólico que só é revelado a iniciados do IIº O.T.O.), foi organizada com a finalidade de auxiliar seus membros a cultivar suas aspirações mais elevadas sem perigo de dogmatismo. Ela é representada internacionalmente pelo Mui Venerável Irmão PARZIVAL XIº, Supervisor Geral, cidadão brasileiro, cujos representantes imediatos para o mundo profano são os Diretores da Sociedade Ordo Templis Orientis. Estes apresentam, sempre que isto lhes é solicitado, Cartas Patentes sob a forma de contratos, devidamente registradas e notarizadas.

A Sociedade Ordo Templi Orientis funciona em base análogas às de clubes e associações para fins não lucrativos.

O propósito da organização é treinar seus membros a aplicarem, em suas vidas diárias, os conhecimentos adquiridos através de rituais iniciáticos, e a comprovarem assim, para sua própria satisfação, a verdade ou a mentira desses conhecimentos.

Não há qualquer mistificação ou falso esoterismo no funcionamento da O.T.O.. Rituais iniciáticos são psicodramas, e seu valor principal está na catarse que eles proporcionam. Os rituais da O.T.O. buscam incutir nos participantes a percepção fundamental da Lei de Télema: a de que todo homem e toda mulher é uma entidade psiquicamente autônoma, e que qualquer sociedade sadia não pode ser nem mais nem menos que uma função dos seus membros.

Intelectualmente, a O.T.O. busca demonstrar que o progresso do pensamento religioso só pode ser efetuado através do método da ciência.

Moralmente, a O.T.O. busca encorajar todos os seres humanos a encontrarem e a executarem suas verdadeiras vontades.

Politicamente, a O.T.O. busca provar que a autoridade absoluta do Estado só pode existir realmente como função da absoluta liberdade individual de cada cidadão ou cidadã.

No plano individual, a Grande Obra dos Iniciados de todas as épocas e de todas as nações sempre consistiu no conhecimento e no controle de nós mesmos. No

plano social, sempre consistiu em garantir a cada um de nossos semelhantes a possibilidade de conhecerem e controlarem a si mesmos.

Os propósitos da O.T.O. são simples, e estão sucintamente descritos em Líber OZ. Maior conhecimento da necessidade desses propósitos, assim como maior eficiência no esforço por estabelecê-los, necessita no entanto de aplicação e estudo. Consequentemente, um Currículo de Leitura foi estabelecido a fim de satisfazer as necessidades básicas dos interessados.

A O.T.O. está intimamente ligada à Santa Igreja Católica Gnóstica, da qual pode ser considerada um campo de treinamento; mas os propósitos da Ordem não são em si religiosos, e sim sociais. A vocação de pertencer à hierarquia da Santa Igreja Católica Gnóstica não é um requisito de admissão à O.T.O.. Em verdade, a Ordem aceita membros de quaisquer religiões ou correntes de pensamento filosófico ou político, contanto que seus dogmas fundamentais respeitem os preceitos de Líber OZ, ou contanto que candidatos se comprometam, sob juramento, a procurar reformar tais dogmas para que se coadunem com os princípios de Líber OZ.

CURRÍCULO DE LEITURA

Aspirantes à iniciação no Iº O.T.O. devem conhecer pelo menos Líber OZ, e concordar integralmente com os Direitos do Ser Humano ali expressos. Mas o estudo do Currículo abaixo, que é matéria requerida para passagem ao IIº, ampliará sua aspiração, dando-lhe bases intelectuais e fundamentação concreta.

O EQUINÓCIO DOS DEUSES, publicado pela O.T.O. . Essencial ao progresso em todos os Graus. À venda nas melhores livrarias, ou pedidos diretamente à O.T.O.

MORAL E CÍVICA TELÊMICAS, por frater PARZIVAL XIº. Um estudo elementar mas essencial do que a O.T.O. considera um verdadeiro civismo. Pedidos diretamente à O.T.O.

SUPERNATUREZA, *A História Natural do Sobrenatural*, pelo Dr. Lyall Watson. Um estudo científico brilhante e amplo das modernas conclusões da parapsicologia sobre os fenômenos chamados de “miraculosos”. Edições Melhoramentos.

DOS PROPÓSITOS POLÍTICOS DA ORDEM, por frater PARZIVAL XIº. Uma análise preliminar da possível influência da O.T.O. nos diversos tipos de sociedades humanas. Essencial a candidatos e a interessados na Ordem. Pedidos diretamente à O.T.O.

VIVA E MORRA A ORGANIZAÇÃO, por Robert Townsend. Essencial a uma melhor compreensão de administração de empresas numa sociedade telêmica.

CARTA A UM MAÇOM BRASILEIRO, por Frater PARZIVAL XIº. Um estudo histórico das verdadeiras origens da maçonaria e do cristianismo, com farta

bibliografia Essencial a interessados na Santa Igreja Católica Gnóstica, cujo último representante legítimo em Portugal foi o poeta Fernando Pessoa. Pedidos diretamente à O.T.O.

A DIALÉTICA DO SEXO, por Shulamith Firestone. Essencial a uma compreensão melhor do papel da mulher numa sociedade telêmica, especialmente na O.T.O.

A TEORIA ELETROMAGNÉTICA DO SEXO, por Frater PARZIVAL XI°. Um estudo da atividade sexual do ponto de vista mágico e místico. Contém um apêndice sobre *Controle Sexual do Orgasmo Masculino*. Pedidos diretamente à O.T.O.

CONDUTA SEXUAL HUMANA, por Masters & Johnson. Essencial a uma compreensão básica da capacidade sexual em ambos os sexos.

ESTRUTURA DA O.T.O.

A ordo Templi Orientis está organizada em Lojas às quais podem pertencer tanto homens quanto mulheres de todas as raças e níveis sociais. A finalidade dessas Lojas é estimular a sociedade em que elas existem a estabelecer e a manter os princípios de Líber OZ no plano cultural, social, ou político, e treinar vocações para o sacerdócio da Santa Igreja Católica Gnóstica. A Ordem considera que verdadeira religião é o mesmo que verdadeira civilização, e não vê qualquer disparidade entre seus propósitos espirituais e seus propósitos mundanos.

Embora não possamos, num Manifesto destinado ao grande público, revelar abertamente a natureza do Trabalho dos Graus da O.T.O., principalmente nos Círculos Interno e Secreto, uma descrição breve dos Títulos (que indicam a atividade central) de cada um dos Graus talvez seja de auxílio a temperamentos instintivos.

A O.T.O. está dividida em três Círculos: Externo, Interno, e Secreto. O Círculo seguinte só pode ser feita por recomendação de um Diretor ou Diretora ao Supervisor Geral. A Iniciação ao Círculo Interno implica em desligamento das Lojas do Círculo Externo, as quais só funcionam até o III° inclusive.

I° : Atração ao Sistema Solar (Nascimento).

II° : Conduta Telêmica na Terra (Vida).

III° : Senhoria da Terra (Morte).

O Círculo Interno abrange do IV° ao VI° Graus. Neste Círculo, os membros começam a ser treinados no Segredo Central da O.T.O.. Passagem ao Círculo seguinte só pode ser feita por convite direto do Supervisor Geral, ou de Membros do X° O.T.O..

IV° : Cidadão ou Cidadã Livre. Pajem (ambos os sexos).

V° : Cidadão ou Cidadã Livre. Escudeiro ou Donzela.

VI° : Cidadão ou Cidadã Livre. Cavaleiro ou Dama do Graal.

O Círculo Secreto abrange do VIIº ao IXº Admissão a este Círculo só pode ser feita por convite direto de Membros do Xº O.T.O., ou do Supervisor Geral.

Líber LXXVII

“A lei do forte: esta é a nossa lei e a alegria do mundo”. AL ii 21

“Faze o que tu queres há de ser tudo da Lei”. AL i 40

“tu não tens direito a não ser fazer a tua vontade. Faze aquilo, e nenhum outro dirá não”. AL i 42-3

“Todo homem e toda mulher é um aestrela”. AL i 3

Não existe deus senão o ser humano.

1. O ser humano tem o direito de viver por sua própria lei

de viver da maneira como quiser viver;
de trabalhar como quiser;
de brincar como quiser;
de descansar como quiser;
de morrer quando e como quiser.

2. O ser humano tem o direito de comer o que quiser;

de beber o que quiser;
de morar onde quiser;
de se mover como quiser sobre a face da terra.

3. O ser humano tem o direito de pensar o que quiser;

de falar o que quiser;
de escrever o que quiser;
desenhar, pintar, lavrar, estampar, moldar, construir como quiser;
de se vestir como quiser.

4. O ser humano tem o direito de amar como quiser;

“tomai vossa fartura e vontade do amor como quiserdes, quando, onde e com quem quiserdes”.

5. O ser humano tem o direito de matar esses que queiram contrariar estes direitos.

“os escravos servirão”. AL ii 58

“Amor é a lei, amor sob vontade”. AL i 57